

VERA LÚCIA MORIS

PRECISO TE CONTAR? - paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
2008**

VERA LÚCIA MORIS

PRECISO TE CONTAR? - paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica, sob orientação da Profª Drª Rosane Mantilla de Souza.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
2008**

BANCA EXAMINADORA

A todos os pais, em especial aos que participaram desta tese, ao meu filho Guilherme, um corajoso aprendiz de pai e para o grande homem que foi meu pai Pedro.

AGRADECIMENTOS

À orientadora, professora e amiga Rosane pela sempre carinhosa e dedicada atenção, sem a qual não chegaria aqui.

Aos meus amigos queridos Plínio, Orlando, João, Daniel, Silvio e Léo pelo inestimável auxílio na revisão, tradução e formatação. Sou privilegiada por tê-los perto de mim.

Às diversas tribos, para todas as horas: à turma da pizza da academia; aos amigos do *happy hour* da PUC; aos nossos saraus com os homens do grupo de pais no Chafi. Vocês me propiciam aqueles proveitosos e necessários momentos festivos.

A todos que me deram insumos ao me escutar, incentivar e apoiar nas horas difíceis. Obrigada Sueli, Rosa, Lúcia, Regina Aparecida, Beth, Lélia, Norma, Bethânia, Flávia, Mara, Euníciana, Lusimar, Edson, Hélio, Plínio, Márcio, Léo, Evelina, Ivone e Edson Defendi.

Aos filhos, noras e netos: Cássio, Sylvia, Guilherme, Luciana, Mariana, Pedro Henrique, Lorenzo e Lara. Vocês são meu orgulho e um grande incentivo para minha luta.

Aos Moris e aos Montanari, minha grande e alegre família, em especial meus irmãos Pedro, Luiz, João e cunhadas Beth e Cinira.

Aos meus amados e saudosos pais cujo estímulo e exemplo ficarão para sempre em meu coração.

Aos homens e pais que com sua história de vida tornaram possível esta pesquisa: muito obrigada e minhas desculpas prévias, por eventualmente não conseguir reportar tudo que protagonizei durante este ano.

Meus agradecimentos especiais ao apoio financeiro do CNPQ.

RESUMO

Realizamos um estudo qualitativo por meio de entrevistas individuais e em grupo com dezessete homens, pais que têm envolvimento homoafetivo. Nosso aporte teórico clínico remonta aos estudos críticos sobre homens e homoafetividade. Buscamos compreender os *processos subjacentes à manutenção de segredo e à revelação para os filhos do relacionamento homoafetivo por parte do pai*. Tratou-se de um grupo diversificado com profissão e faixa etária ampla. São homens em sua maioria provenientes de camadas sociais privilegiadas, tendo tomado consciência da homoafetividade já adultos e pais. São pais modernos atuais, envolvidos com a rotina diária e cuidados próximo de seus filhos; muitos estão vivenciando conflitos associados ao divórcio e distanciamento dos filhos, que podem ser acirrados pelos temores homofóbicos internalizados e por sentirem-se ameaçados de perder os privilégios que como homens de grupos hegemônicos desfrutam. Os resultados além de mostrar que se posicionam de formas distintas diante da revelação de sua homoafetividade para os filhos, também desvelam o contínuo confronto com o ideário heteronormativo, que engendra uma necessidade de re-significar sua concepção de masculinidade e parentalidade, pautada na heterossexualidade. Os encontros continuados associados a esse confronto, à necessária busca de outros vetores ideológicos que os contemplem marcam sua vida afetiva emocional de forma implacável. Sua orientação homoafetiva foi um aspecto pessoal a qual resistiram, sofreram para integrar em sua personalidade, à medida que se percebiam diferentes do que era prescrito para os homens e pais em seu grupo, em sua família e mesmo internamente. A manutenção de segredos para os filhos em torno da homoafetividade do pai, como expressão dessa resistência pode ser instrumental, como um recurso, ou pode ter caráter de repressão gerando sofrimento psíquico. Esses homens pais estão sós para enfrentar suas incertezas e proceder às necessárias transformações. A superação tanto desse movimento interno – recurso instrumental ou de resistência – como a integração de aspectos de sua nova concepção como homem e pai despontam como demanda por suporte para a psicologia clínica.

Palavras-chave: Psicologia Clínica, homoafetividade, paternidade, masculinidade, revelação e segredo

ABSTRACT

We conducted a qualitative study based on individual and group interviews with seventeen men, who are fathers involved in homoaffective relationships. Our clinical-theoretical approach was supported by critical studies on men and masculinities and homoaffectivity. We sought to understand the *processes underlying the secrecy and disclosure of these fathers' homoaffective relationships to their children*. The group was quite heterogeneous and had different ages and professions. Most of these men come from privileged social backgrounds, and became aware of their homoaffectivity when they were already adults and fathers. These are modern fathers engaged in their children's daily routine and care; many of them are experiencing conflicts associated with divorce and separation from their children. Such conflicts can be heightened by inner homophobia and by their feeling threatened of losing privileges that they enjoy as hegemonic men. The results not only show that they take a distinct stand upon the disclosure of their homoaffectivity to their children, but also reveal their continuous clash with mainstream heteronormative ideas, which engenders a need for resignifying their concept of masculinity and paternity ruled by heterosexuality. The continuous confrontation associated with their need to seek other ideological vectors mark their personal emotional life inexorably. Their homoaffective orientation was a personal aspect which they resisted, while experiencing great difficulties to integrate it into their personality as they perceived themselves to be different from what is ascribed to men and fathers in their family, peer group and even internally. The practice of maintaining secrecy about their homosexuality towards their children, as an expression of their own resistance, may be an instrumental resource or may function as a repression domain that causes great psychic suffering and pain. These fathers are alone, and find it difficult to equip themselves, and to bring about the inner transformation necessary to assume their homosexuality and come out to their children. Overcoming these inner aspects – coping instrumental resource or resistance – or integrating aspects related to their new self-concept as man and father are demands that imply the need for clinical psychological support.

Key words: Clinical Psychology, homoaffectivity, paternity, masculinity, disclosure and secrecy.

RÉSUMÉ

Notre travail porte sur la compréhension des *processus sous-jacents au maintien du secret et à la révélation aux enfants du lien homo-affectif du père*. Nos fondements théoriques cliniques remontent aux études critiques sur les hommes et sur homo-affectivité. Nous avons réalisé une étude qualitative à partir des entretiens individuels ou en groupe. La méthode de l'entretien a été utilisée auprès de dix-sept hommes, à savoir des pères ayant un lien homo-affectif. Il s'agissait d'un groupe très diversifié par rapport à la profession et à l'âge. Dans la plupart des cas, ce sont des hommes provenant des couches sociales privilégiées, qui ont pris conscience de leur homo-affectivité à l'âge adulte et étant déjà des pères. Ce sont des pères modernes actuels, qui participent de la vie quotidienne et de l'entretien de leurs enfants, qui subissent des conflits liés au divorce et à la séparation des enfants. Ces conflits peuvent être accrus par des craintes homophobiques internalisées ou parce qu'ils se sentent menacés de perdre les privilèges qu'ils ont en tant qu'hommes des groupes hégémoniques. Les résultats montrent qu'ils ont des opinions distinctes sur la révélation de leur homo-affectivité aux enfants et, en plus, dévoilent une confrontation permanente avec l'ordre dit hétéronormatif, ce qui provoque un besoin de resignification de leur conception de masculinité et de parentalité, assujettie à l'hétérosexualité. Les affrontements constants liés à cette confrontation et au besoin de recherche d'autres vecteurs idéologiques qui les intègrent marquent leur vie affective et émotionnelle d'une façon implacable. Leur orientation homo-affective a constitué un aspect personnel auquel ils ont résisté, ces hommes ont souffert pour intégrer leur personnalité, au fur et à mesure qu'ils s'apercevaient différents de ce qui était prescrit aux hommes et aux pères dans leurs groupes, dans leurs familles, voire même dans sois-mêmes. Le maintien du secret de l'homo-affectivité du père par rapport aux enfants, en tant qu'expression de cette résistance, peut être instrumental, comme moyen efficace, ou peut avoir un caractère de répression qui provoque une souffrance psychique. Ces hommes pères sont seuls, ne savent pas comment s'instrumentaliser pour qu'ils puissent procéder aux transformations internes nécessaires, transformations concernant le processus de s'accepter d'un point de vue homo-affectif et de révéler leur homo-affectivité aux enfants, ce qui engendre angoisse et souffrance. Le surpassement soit de ce mouvement interne, instrumental ou de résistance, soit de l'intégration des aspects de leur nouvelle conception d'homme et père apparaît comme une demande de support à la psychologie clinique.

Mots-clés: Psychologie clinique, homo-affectivité, paternité, masculinité, révélation et secret.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	
PATERNIDADE	19
Masculinidade e gênero	21
Masculinidades: hegemônica e subordinadas	22
Heteronormatividade	27
Como os pais são pais	30
Paternidade em Transformação	33
CAPÍTULO II	
HOMOAFETIVIDADE	
PATERNIDADE E REVELAÇÃO	41
Homoafetividade e práticas socioculturais	43
Homofobia e heterossexismo	45
Aspectos sociais	50
Homoparentalidade e paternidade homoafetiva	54
Tipos de paternidade homoafetiva	58
Relações familiares na paternidade homoafetiva	60
Revelar um segredo ou manter a privacidade	63
Alguns sabem outros não	65
Do se assumir ao se revelar	67
Como os pais lidam com a revelação de sua homoafetividade	70
Sobre assumir a identidade homoafetiva	74
Revelação para os filhos	78
CAPÍTULO III	
MÉTODO	86
O Problema	86
Método	86
Participantes	88
Procedimento	91
Análise de resultados	95
CAPÍTULO IV	
RESULTADOS E DISCUSSÃO	97
Paternidade	100
O casamento	100
O pai que tiveram	103
Concepção de paternidade	106
O novo “pai moderno”?	110

Segredo	114
Vergonha.....	118
Privacidade.....	120
Manter segredos para os filhos	122
Preparando-se para se revelar aos filhos.....	126
Segredo como processo de defesa ou como recurso.....	130
Revelação.....	134
Revelação seletiva e privacidade	134
Motivos para revelar	135
Benefícios da revelação	138
O que impede a revelação.....	144
Estratégias.....	146
Relacionamentos.....	155
Família de Origem	156
Ex-esposa.....	171
Relacionamentos hoje: companheiros e filhos.....	180
O “respeito” de um pai: omitindo o afeto em suas relações homoafetivas.....	191
CONSIDERAÇÕES FINAIS	197

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

INTRODUÇÃO

Estou confortável com minha homossexualidade, feliz de ser quem eu sou, entretanto, ...o pai que existe dentro de mim quer muito proteger meus filhos de serem machucados porque outras pessoas têm sentimentos negativos a respeito de gays (BARRET & ROBINSON, 2000:20).

Diferentes tipos de família proliferaram nas diversas culturas existentes ao longo do tempo, mas o modelo nuclear reinou soberanamente até os meados do século XX em grande parte do Ocidente, sendo, até hoje, o modelo tradicional de referência. No Brasil sempre houve enorme variedade de arranjos familiares: as famílias nucleares; as matrilineares; as famílias extensas constituídas por vários núcleos. No entanto, independentemente do arranjo familiar existente, sempre se fez dominante a ordem patriarcal, com o predomínio do poder masculino (SAMARA, 2004).

A ideologia prevalecente nesse modelo tradicional confina a mulher ao domínio doméstico, distante do trabalho extradomiciliar remunerado, delimitando a função masculina e a feminina. Essa delimitação, evidentemente, repercutiu nas relações parentais, culminando no fortalecimento do modelo nuclear que estabelece os papéis complementares da mãe, que cuida da casa e dos filhos, e do pai, que trabalha externamente, sendo o responsável pelo sustento da família. Os homens mantinham-se distantes das atividades da casa e do cuidado com os filhos.

A tradicional família nuclear sempre foi o modelo dominante para as políticas de relações, estruturando as normas legais e sociais em nossa cultura ocidental até recentemente (KIMMEL & MESSNER, 2004). A partir da década de 1970 vimos assistindo a mudanças associadas sobretudo às conquistas feministas, à liberação gay, além de a uma série de outros fatos sociais, econômicos e políticos, que contribuíram para o enfraquecimento da nuclearização da família e da tradicional ordem de gênero, que até então reinou de forma soberana.

Tais mudanças promovem novos arranjos familiares, de modelos não convencionais, diferentes daquele tradicional, nuclear, com o pai-marido-provedor e a

mãe-esposa-cuidadora, numa dinâmica hierárquica de gêneros. Hoje podemos observar arranjos monoparentais, multinucleares e homoparentais se sobrepondo ao modelo nuclear heterossexual que, por sua vez, vem paulatinamente perdendo seu lugar prioritário. Entretanto, apesar do mencionado enfraquecimento, as relações, tanto pessoais como públicas, ainda estão sedimentadas em rígidas regras de gênero e a emergência desses novos modelos demanda um rearranjo do aparato social e legal, que dá sustentação às novas famílias.

Essas transformações afetam muitas organizações, como as empresas de seguro, órgãos do governo, instituições religiosas, empresas privadas, que ainda funcionam baseadas num modelo ideológico antigo e convencional. Temos assistido, por exemplo, tanto no Brasil como em outros países, um significativo aumento das discussões no âmbito do *Advocacy*¹, pela busca de igualdade de direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais (LGBTT)², que vem sendo o foco de estudos de alguns autores como Luiz Mello (2005).

A ampliação do estudo de novos arranjos conjugais e os diferentes modelos de relações que compõem esses arranjos têm levantado interessantes discussões, que além de subsidiar políticas, vêm ampliando nosso conhecimento e compreensão. Tais transformações nos instigam a pesquisar para conhecer mais profundamente alguns aspectos desse fenômeno, em especial o homem que é pai e que mantém relacionamento homoafetivo.

Jurandir Freire Costa alerta-nos para o emaranhado de conceitos que os estudos relacionados à homoafetividade nos lançam (COSTA, 1995). É importante ressaltarmos nossa posição com relação à imensa gama de terminologia encontrada na literatura existente para denominar esse homem. Não existe um critério preciso na utilização dos diferentes termos. Os termos homossexual, bissexual ou gay são objetos de muita controvérsia para quase todos os homens com quem conversamos, que são pais e que mantêm relacionamento homoafetivo. Alguns deles não se definem como tal, ou não compartilham das categorizações heterossexual e homossexual; tentaremos, portanto, evitar possíveis conotações tendenciosas que a palavra homossexual remete a nossos participantes.

¹ Utilizado sem tradução, como orientado pelo Ministério da Saúde quando atendemos em consultoria, e implica uma conceituação para política pública, na busca de direitos.

² LGBTT – ver também os sites <http://www.lambdalegal> ou <http://thetaskforce.org/> sobre os direitos LGBTT nos Estados Unidos e outros autores brasileiros como Luiz Mott, 2006, e Kelly Kotlinski, 2007.

Demos preferência, neste trabalho, para o termo homoafetivo. Procuraremos apenas não afrontar as citações exatas daquele autor que estamos discutindo em determinado momento. O emaranhado de conceitos para denominar nosso participante se aloca em diferentes disciplinas e tem vieses em relação ao objetivo que são distintos; como nosso tema de investigação aborda relacionamentos, que envolvem parcerias, afetividade, apego, família, nossa escolha é por um termo mais psicológico. Embora não se fale que um heterossexual mantém relacionamentos heteroafetivos, quando se trata de relações amorosas é necessária alguma especificidade para dar coerência ao texto; assim, ao invés de falar de homens que fazem sexo com homens, já que não estamos falando de sexo, preferimos falar de homens que mantêm relacionamento homoafetivo.

O estudo desse homem que é pai e que mantém relacionamento homoafetivo desponta hoje como um campo vasto e pouco explorado na Psicologia Clínica no Brasil. Ele é em parte um produto das mudanças que estamos observando na família, em especial das masculinidades emergentes nas novas configurações familiares.

Há poucos estudos no Brasil cujo foco é o pai que mantém relacionamento homoafetivo, sobretudo na perspectiva da família, ou mais precisamente que envolva a dinâmica de sua relação com filhos. Sob o enfoque da Psicologia Clínica encontramos o trabalho de dissertação de mestrado de Márcio Stefanini Sant'Anna (2002), que investigou as relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo (masculino), entretanto não há referência a filhos ou constituição de família.

A emergência de famílias homoafetivas, de pessoas que mantêm relacionamento homoafetivo e também são pais é uma realidade cada vez mais presente em nossa sociedade e se torna inegável a necessidade de a psicologia se debruçar sobre esse modelo. Segundo a *American Psychological Association (APA)*³ há uma numerosa produção de artigos com essa temática, mas poucos de teor acadêmico que investiguem as vicissitudes do convívio intrafamiliar.

Pessoas que se envolvem homoafetivamente são vistas de forma negativa por grande parcela da sociedade, sendo questionadas quanto à sua capacidade de encontrar amor, retribuir esse amor, criar filhos e se relacionar satisfatoriamente (ERIBON, 2000; PASSOS, 2004). Elas, freqüente e principalmente as de sexo masculino, são retratadas como predadoras, volúveis, superficiais e incapazes de relacionamentos comprometidos

³ APA -- American Psychological Association – Division 44 – Society for the Scientific Studies of Lesbian and Gay Issues. Task Force on sexual orientation. Consulta site <http://www.apa.org/databases/> 15/5/2006.

(BARRET & ROBSON, 2000). Essa crítica mais severa para o sexo masculino reflete o que é comumente atribuído ao gênero, ou seja, a naturalização de tendências predatórias associadas ao homem. Para Luiz Mott e Marcelo Cerqueira, o preconceito e a homofobia estão subjacentes a esse imaginário negativo que cerca as relações homoafetivas (MOTT & CERQUEIRA, 2001).

Não é nossa proposta neste trabalho discutir o que vem a ser homossexualidade, como não se discute o que é heterossexualidade. Há um consenso, compartilhado por estudiosos das áreas da sociologia, Biologia, Psicologia e Antropologia, entre outros, de que a homossexualidade é uma condição humana que se desenvolve, como a maioria dos fenômenos comportamentais complexos, por meio de uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais (FOUCAULT, 1983; VEYNE, 1983; COSTA, 1995; TREVISAN, 2002). E naturalmente qualquer explicação que se restrinja a apenas uma dessas áreas é incompleta e simplista. De nossa parte, não estamos habilitados para discutir o tema de outro prisma que não seja o psicológico, mas, como tal, levamos em conta os demais fatores, já que entendemos o indivíduo como um sistema complexo e integrado.

O pai que mantém relacionamento homoafetivo desponta como mais um aspecto das masculinidades emergentes. Esse homem busca ser um pai. Em algumas situações ele adota; já em outras, ele foi casado e sua revelação como um homem que mantém relacionamento homoafetivo aconteceu após ter concretizado essa paternidade, muitas vezes seguida de um divórcio e de uma nova relação, desta vez com um companheiro. Muitas vezes ele busca a guarda, briga por seus direitos e sofre por uma não aceitação social e legal, presentes na maioria dos países. A luta pela igualdade de direitos e pelas causas LGBTTT vem sendo alvo de diversos embates. Em alguns países as conquistas são maiores, já em outros, os debates ainda são incipientes.

É comum alguns estudos terem como objeto a família homoparental, entretanto a grande maioria se atém aos filhos, raramente estuda-se o parental; e quando este é o objeto dos estudos geralmente é a mãe.

Elizabeth Zambrano afirma que “o aumento do número de famílias formadas por pais/mães homossexuais, travestis e transexuais, tem se tornado não apenas um fato social, como também um fato socioantropológico, requerendo uma revisão das nossas convicções tradicionais”. A autora propõe que os teóricos, os estudiosos das diversas áreas de conhecimento, incluindo os psicólogos, se debrucem mais vigorosamente sobre suas próprias premissas que tendem a considerar o modelo tradicional de família como esperado

e normal. A mesma autora prossegue afirmando que a maioria dos estudos sobre homoparentalidade têm como proposta demonstrar que “homens e mulheres homossexuais podem ser ou não bons pais/mães, da mesma forma que homens e mulheres heterossexuais” (ZAMBRANO, 2005:122-123).

O cuidado de filhos que vivem com casais homossexuais, sejam eles biológicos – de um dos pares, anterior ou posterior ao relacionamento homossexual – ou adotados, vem sendo alvo de estudos e pesquisas desde os anos 1980 até a atualidade, embora não tenha sido encontrada nenhuma contra-indicação para as crianças, como assinalam as grandes revisões de Charlotte Patterson (1995; 1999; 2001), nos Estados Unidos e de Anne-Marie Ambert (2005), no Canadá.

Maria Del Mar Gonzáles (2003 e 2005), que desenvolve pesquisas com jovens e crianças de famílias homoafetivas na Espanha, também assinala que não existem processos nesse modelo de família que prejudiquem o desenvolvimento dos filhos; há, sim, aspectos próprios que devem ser considerados nos cuidados e na atenção da rede de apoio que as cerca.

As revisões que são repetidamente corroboradas por estudos ulteriores, e de certa forma até mesmo por este que estamos desenvolvendo, acabam por desvelar a continuada estereotipia que acompanha o olhar heteronormativo e homofóbico, visceralmente atrelado à rejeição social – subliminar às vezes, mas outras vezes violentamente frontal – da família homoafetiva.

Nos poucos estudos brasileiros há uma tendência (PASSOS, 2003; SOUZA, 2005; NODA, 2005; ZAMBRANO, 2006), a olhar o casal que mantém relacionamento homoafetivo como uma possibilidade no cuidado e educação de filhos⁴. Recentemente, numa cidade do interior de São Paulo, em Catanduva, uma juíza concedeu a adoção legal para um casal de homossexuais masculinos que a requisitaram, com ampla inserção nas mídias escrita e eletrônica. Temos assistido ainda a abordagem dessa temática em novelas, propagandas e reportagens. Tais pautas vêm contribuindo para ampliar a visibilidade e auxiliar na promoção da aceitação pública, apesar de indiretamente reforçar de forma estereotipada sua condição de grupo minoritário estigmatizado, já que não abordam de modo realista seus enfrentamentos típicos, tampouco a homofobia.

Observamos um farto material na Internet que discute leis e os direitos nas uniões de pessoas do mesmo sexo, tanto para os casais como para a prole, além de oferecer-lhes

⁴ Embora, em sua maioria, investigue casais de lésbicas.

uma rede de suporte. Basta uma busca por palavras-chave, como *família homoafetiva*, *pai gay*, *coming out*, *gay dads*, *same-sex couples families*, *gay fathers* que inúmeros sites, blogs, homepages, além de artigos aparecem, principalmente em inglês (MORIS; DEFENDI; ROSSI, 2007). Em nosso entendimento, existem algumas características nessas relações, permeadas por uma visão heteronormativa tradicionalista, que compõem o sistema onde as relações parentais acontecem e certamente sugerem particularidades interessantes que merecem nossa investigação e um aprimoramento de nossas ações, já que o homem-pai que mantém relacionamento homoafetivo, assim como seus filhos, estão inseridos nessa realidade.

A APA aponta que a principal dificuldade que os indivíduos que mantêm relacionamento homoafetivo e querem ser pais/mães encontram está associada a uma concepção mais tradicional do que é entendido como papel parental pela família e que é reforçado pela sociedade. Existem estigmas associados à homossexualidade e à bissexualidade. É uma discriminação institucional, que atinge todo o sistema legal, educacional, econômico, social, religioso, além do familiar. Devido à sua orientação sexual os pais que mantêm relacionamento homoafetivo podem correr o risco de não obter a guarda de seus filhos, serem proibidos de conviver com filhos de parceiros, além de restrições nas visitas (ZAMBRANO, 2006; SILVA JR., 2007).

Há um mito que cerca o relacionamento homoafetivo, mais especificamente o casal masculino com filhos, de que um dos parceiros tem de exercer o papel ativo-masculino e outro o passivo-feminino. Entretanto, as identificações que a criança processa no decorrer de sua vida podem ocorrer indistintamente com as figuras de apego – homens e mulheres – de seu meio e que ofereçam os cuidados básicos necessários para seu crescimento e desenvolvimento, o que independe do gênero. As famílias homoafetivas vêm sendo estudadas e não há uma relação prejudicial entre a orientação sexual, nem quanto ao comportamento de gênero que expressam e a criação de filhos (STACEY & BIBLARZ, 2001).

Sabemos que o gênero é categoria social, mutável, flexível, variando conforme regras próprias de cada sociedade, de cada cultura, em cada momento histórico. Independentemente da orientação do desejo, as expectativas e o comportamento social de gênero, tanto masculino quanto feminino, variam; devemos, portanto, refletir e questionar a manutenção da rigidez de nossas concepções na compreensão da parentalidade, naturalizada como heterossexual apenas.

Desde Fredrich Bozett (1981) a paternidade gay vem sendo estudada, sem contra-indicação para a criação de filhos. Os pais homossexuais participam tanto da realidade do mundo gay como de atividades do exercício da função paterna, e acabam por desenvolver uma identidade nessas duas vertentes, o que por vezes é conflitivo, já que envolve a homofobia internalizada. Outros estudos (GONSIOREK, 1991; BARRET & ROBINSON, 2000; TARNOVISKI, 2004; PERELSON, 2006) também investigam e confirmam esses e outros aspectos próprios da experiência do pai-gay, sendo que o momento da revelação é um complicador, um estressor a mais, que envolve tanto o desafio de revelar que é um homossexual-pai no mundo gay como o de ser um pai-homossexual no universo dos pais. Essa revelação, entretanto, é apontada como crucial para a própria auto-aceitação.

Como um homem que é homossexual acaba por se envolver em uma atividade e num papel social tipicamente heterossexual e se torna um pai, questionam alguns autores (GREEN; BETTINGER; ZACKS, 1996)? Seriam inúmeras as razões e a resposta não é simples ou objetiva, pois tem a ver com a própria história, com os avanços e as conquistas, com os novos arranjos e configurações familiares. Os homens pais e homossexuais são sensíveis ao processo de se revelar, temerosos do impacto social do “sair do armário”⁵, sendo que essa especificidade tem relação direta com sua condição parental. Outros estudos revisados buscam encontrar formas de orientar os pais homossexuais a se revelarem a seus filhos, auxiliando-os a lidar com as possíveis situações que surgem (DUNE, 1987; HOWEY & SAMUELS, 2000).

Segundo a literatura, os padrões de masculinidade desse pai que é gay seriam próximos aos tradicionais de gênero, portanto heterossexual (BOZETT, 1981; BARRET & ROBINSON, 2000). Nossa proposta é contribuir para a pesquisa nessa direção, buscando compreender as relações parentais do homem que mantém relacionamento homoafetivo, os desafios diante da revelação para seu filho e o enfrentamento da homofobia.

O momento de revelar ou não sua homoafetividade é uma importante e difícil decisão para um homem, porque deve lidar com sua relação pregressa com seus familiares, deve confrontar prescrições heteronormativas que norteiam nosso comportamento social e, ainda, continuamente rever sua relação, seu papel na família e a função parental com seus filhos. A literatura (CORLEY, 1990; SNOW, 2004; GARNER, 2005) tem apontado para a delicadeza e a importância da revelação na vida dos homossexuais.

⁵ Termo popular, já apropriado pela academia, que indica se revelar (SEDGWICK, 1990).

Não temos a precisa dimensão da constituição dessas famílias e do exercício da paternidade homoafetiva para a realidade brasileira. Sabemos que apesar de o Brasil ser um dos países com alto grau de homofobia⁶, é também um país que oferece abertura e liberdade, apesar de suas peculiaridades (MOTT & CERQUEIRA, 2001; NUNAN & JABLONSKY, 2002; KOTLINSKI, 2007). Não se sabe como esse homem estabelece um contraponto entre as duas principais vertentes na constituição de sua identidade: homossexual e pai. Não se conhece também como ele lida com a revelação ou a manutenção do segredo, como um homem, pai, que mantém relacionamento homoafetivo e o que pode estar implicado nessa decisão.

Enquanto a paternidade é óbvia ser pai e ser homossexual implica manter algo que precisa ser escondido. Por quê? Por causa da homofobia. Então o que investigamos e discutimos é a necessidade desse pai revelar algo ou esconder esse algo. Porque ele tem de revelar ou esconder, qual o conflito?

A homofobia é um processo social, que reflete e reforça a ordem patriarcal, hegemônica, entretanto os processos que estão implicados na revelação ou não, que trataremos como segredos, são de ordem dinâmica e interpessoal, sendo fundamental compreendê-los quando pensamos em atendimento, orientação e promoção de saúde, nossa perspectiva como psicóloga clínica.

Assumindo uma visão sistêmica que compreende o mundo nas suas relações de forma contextualizada, com sua diversidade, o objetivo deste trabalho é compreender os *processos subjacentes à manutenção de segredo e à revelação para os filhos do relacionamento homoafetivo por parte do pai*. Para tanto este trabalho se propõe, nos dois capítulos seguintes, a dar um panorama geral teórico fazendo primeiro uma discussão sobre masculinidade e paternidade para então aprofundar os tópicos a respeito de paternidade homoafetiva e sobre o segredo e revelação. No terceiro capítulo apresentamos nosso método de investigação, nossa pesquisa propriamente dita, que consiste nas entrevistas individuais, entrevista de grupo e nos relatos espontâneos do *e-group*, criado na internet após a entrevista de grupo. Apresentamos a seguir um quarto capítulo com os resultados e a discussão e, finalmente, as considerações finais.

⁶ Ver Programa Brasil sem homofobia - CONSELHO nacional de combate à discriminação. Brasil sem homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra LGBTT e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CAPÍTULO I

PATERNIDADE

A forma como um homem se relaciona com sua prole está ligada de modo intrínseco aos elementos culturais, econômicos, sociais, de raça, gênero e etnia que dizem o que é ser um homem, qual sua função e papel. A paternidade é uma função masculina, coisa de homem, que carrega um sentido subjetivo de que se esse homem é pai ele é de fato homem, como se fosse seu atestado de masculinidade.

A paternidade afirma e confirma a masculinidade, sendo este um dos caminhos mais comuns para conduzir o homem ao universo masculino adulto. Na mulher, a condição feminina é reafirmada pela maternidade, sendo constatável com facilidade. Já no homem, esse caminho de mostrar ao mundo que se é homem e garantir a paternidade é mais complexo.

Jacques Dupuis (1989) explorou a idéia de que a paternidade é menos óbvia que a maternidade, mas é, em essência, realçada e valorizada com outros códigos que lhe conferem destaque. Um desses códigos é o aspecto jurídico de transmissão patrimonial, que é uma forma de ficar reconhecida e evidenciada a paternidade para os filhos. Segundo a linhagem parental paterna, os filhos são herdeiros de seus bens.

Enquanto na mulher a feminilidade é percebida com facilidade desde menina, pela potencial capacidade de gerar e ter bebês, nos homens essa possibilidade de gerar bebês não se manifesta com tanta clareza e tampouco é enaltecida. Quando se observam os costumes, em diferentes culturas, constata-se que a função reprodutora do pai não é muito referida ou celebrada, nem mesmo nos rituais de iniciação dos jovens, que, embora celebrem a maioridade representada pelo espírito beligerante e másculo do jovem, não fazem alusão à possibilidade de vir a ser pai.

Recentemente, tivemos oportunidade de ter contato com a cultura africana, por ocasião de nossa participação como colaboradora na pesquisa de doutorado de Leonardo Guirao Junior em Moçambique, e observamos alguns rituais presentes nos costumes das relações familiares cotidianas e/ou na arte. A adolescência dos meninos é comemorada com danças e jogos carregados de simbologia associada ao processo de aquisição de características de masculinidade, como força física, agressividade, luta, além da alusão explícita ao início da atividade sexual. Mas não há nesses rituais qualquer menção à

possibilidade de gerar bebês, ou de que esses meninos já estão aptos a serem pais, o que nos sugere que isso tem pouco peso ou não é valorizado. As meninas, grupo excluído e culturalmente desprestigiado enquanto mulher, ficam mais fragilizadas na adolescência, pois estando sós têm dificuldade de se proteger para não contrair doenças sexualmente transmissíveis, dentre elas a Aids, quando um dos maiores valores familiares é ter filhos (GUIRAO JR., 2007).

Na menina, a possibilidade da maternidade sinaliza a necessidade de maior vigilância social para que não ocorra uma gravidez sem planejamento, o que por si só evidencia as desigualdades relativas a gênero, com desvantagens visíveis no que diz respeito aos atributos femininos mas que, por outro lado, está associado ao maior valor e visibilidade dos aspectos da maternidade. E conseqüentemente os meninos moçambicanos experimentam a paternidade e a confirmação de seu pertencimento ao universo masculino adulto pela gravidez bem vinda e enaltecida de sua parceira.

Se esses aspectos que mencionamos – da paternidade ser realçada, embora não haja responsabilidade na função reprodutora masculina – ainda estão fortemente presentes em algumas culturas, também se observa, em contrapartida, um movimento de aproximação com relação à responsabilidade no exercício da parentalidade. Verificamos crescente apropriação, por parte do homem contemporâneo, de outros papéis no universo doméstico e na relação com os filhos. O homem vem deparando com novas demandas que o fazem rever e repensar seu papel de homem, de marido, companheiro e, conseqüentemente, o de pai.

Observam-se hoje significativas mudanças na família, transformações associadas principalmente às conquistas feministas, à inclusão da mulher no mercado de trabalho e na carreira, aos movimentos libertários a partir dos anos 1970, que estão pressionando o homem para uma necessária ressignificação dos símbolos ancestrais do masculino e, em conseqüência, do seu lugar na família. Emerge assim um homem produto das transformações que vêm acontecendo na família contemporânea.

São os desejos, as fantasias, os projetos idealizados que preparam o homem para o exercício da função de pai. A paternidade desponta como função interativa, o que implica uma relação que se estabelece antes da procriação, na decisão da concepção, que no homem não é direta, porque não ocorre em seu corpo físico, como acontece para a mulher. O cuidado é a expressão da função parental, cuidado este que, em determinado contexto e época e numa dada cultura, pode ser realizado por terceiros, sendo o pai o progenitor

responsável pela perpetuação da espécie e da família. É a relação pai e filho que permite ao indivíduo experimentar sua continuidade, transcender.

Compreender a paternidade investigando o homem contemporâneo, ocidental e urbano é discuti-lo inserido no que é o masculino hoje, na relação com a história que o masculino vem construindo ao longo dos tempos. As prerrogativas do gênero masculino, ou seja, aquilo que no contexto em que o homem vive é o esperado e aceito, e que determina que ele é um homem, repercute nas relações familiares e na forma como ele desempenha a paternidade. Diversos autores contemporâneos (KIMMEL, 1991; CONNELL, 1995; KIMMEL & MESSNER, 2004; MACIEL JÚNIOR, 2006), têm feito estudos e pesquisas segundo uma perspectiva de gênero, abordando de forma ampla e profunda as questões masculinas. Esses estudos apontam tanto uma transição da masculinidade quanto as conseqüências de uma hegemonia do modelo hierárquico tradicional.

Masculinidade e gênero

Os novos modelos de masculinidade que emergem hoje se articulam com o processo de paternidade. As funções masculinas que resultam de construções de gênero engendram um novo pai. E certamente esse novo pai pensa seu trabalho e sua inserção na família com outros meandros, embora ainda seja visível a manutenção da hegemonia e dos privilégios.

Quando observamos as tendências de crise na ordem do gênero fica visível o caminho que as masculinidades contemporâneas vêm percorrendo ao longo dos tempos, e parece-nos evidente a conexão entre estudos de masculinidades e estratégias de mudança. Assim, observa-se que a emancipação feminina, desafiando as relações de poder com sua participação no mercado de trabalho, também teria contribuído para a derrocada do patriarcado. A maior estabilização das relações homossexuais atualmente, isto é, o aumento da visibilidade das relações gay e lésbica, questiona a tradicional ordem de gênero focada nos dois sexos. Outra evidência desse questionamento da ordem binária dos gêneros é certamente o homem pai que se aproximou mais da prole – desafiando a tradicional prescrição – e está mais inserido no contexto privado, doméstico.

Segundo Richard Connell (1995), gênero é o resultado das práticas sociais, sendo engendrado no contínuo entrelaçamento entre a estrutura social, a vida pessoal, além dos

processos biológicos, históricos e relacionais. Para o autor, é importante ressaltar que o gênero é mais do que uma marca individual vinculada a uma diferença corporal, e se faz necessário entender que as pessoas enfrentam uma prática social ordenada, categórica e com poder, através da qual a vida cotidiana está organizada em relação à possibilidade de reprodução, de procriação, ou seja, da generatividade.

Raça, gênero, cultura e classe se imbricam, num contínuo escrutínio, operando relações entre si, forjando diferentes masculinidades. Não existem tipificações, nem um caráter exclusivo em cada uma delas. O que existe é a masculinidade que está num lugar de poder incontestável, à qual as demais, bem como as feminilidades, sempre estão relacionadas. O foco é nas relações, o que traz a vantagem de se reconhecer múltiplas masculinidades em determinada cultura, com determinados estilos de vida e de consumo. As configurações de gênero se formam sob um olhar relacional, tudo é uma experiência de gênero. Na sociedade ocidental da atualidade, segundo o mesmo autor, são visíveis alguns padrões de masculinidades, como a hegemônica e as subordinadas, que detalharemos a seguir.

Masculinidades: hegemônica e subordinadas

Segundo Richard Connell, o conceito de hegemonia foi inicialmente utilizado por Antônio Gramsci para compreender a análise de relações de classe e referia-se à dinâmica cultural entre diferentes grupos, no qual um reivindica e sustenta a posição de liderança na vida social. O conceito é dinâmico e a cada situação, momento, processo social específico de cada grupo, uma forma de masculinidade pode ser culturalmente mais exaltada do que outra. Masculinidade hegemônica é definida como “uma configuração de prática de gênero que engendra a atitude e o comportamento esperados como o correto, mantendo e legitimando o patriarcado, o que garante – ou tem a finalidade de garantir – a posição dominante do homem e a subordinação da mulher” (CONNELL, 1995a:77).

As relações homem-mulher não são combates entre blocos homogêneos; a construção da hegemonia faz parte de uma ampla luta social: “... a hegemonia é questão de como grupos específicos de homens habitam posições de poder, riqueza e como eles legitimam e reproduzem as relações sociais que geram sua dominação” (CONNELL, 1995a:79). O conceito-chave de *masculinidade hegemônica* pode nos ajudar a entender o patriarcado não somente como um poder dos homens sobre as mulheres, mas de

hierarquias de poder entre distintos grupos de homens e também entre *diferentes masculinidades*, o que consideramos fundamental compreender, à medida que a paternidade homoafetiva traz um desafio social e individual explícito às definições de masculinidades.

O conceito de masculinidade hegemônica foi elaborado em substituição ao de papel masculino e faz alusão à tomada e à manutenção de uma posição de liderança de um grupo social sobre outros (CONNELL, 2005). A masculinidade hegemônica é aquela que ocupa a posição de liderança na vida social, é a mais valorizada em dada cultura, é a que legitima o patriarcado, garante a posição dominante do homem e a de subordinação da mulher. A hegemonia se estabelece a partir de determinada correspondência entre o ideal cultural, o poder institucional e o indivíduo.

A hegemonia pressupõe uma relação de poder e é historicamente móvel. Como conceito, envolve o entendimento de que em determinado momento do tempo uma forma de masculinidade é mais exaltada do que outras. O conceito permite entender as masculinidades de forma não estática, mas sustentadas por estruturas e normas sociais, sendo que o “heterossexismo” – sexualidade heterossexual como referencial – é a essência da hegemonia.

Há uma estreita relação entre homossexualidade e masculinidade. Tim Edwards salienta que os homens gays com frequência são vistos como fazendo parte de um tipo “errado de masculinidade” porque são muito fálicos, exagerados em sua masculinidade, ou efeminados, pouco homens, enfim. Sob esse estigma os homens que se relacionam homoafetivamente perdem o privilégio da hegemonia e se comparam às mulheres (EDWARDS, 2004:55).

Compreender o que é hegemônico implica compreender o que é tido como “normal”, aquilo que é visto como normativo para a maioria das pessoas, ao considerar um valor ou um padrão moral. Uma política heterocentrada e homofóbica, produzida sob a definição da superioridade masculina e daquilo que deve ser sua performance sexual, indica o que é um homem “normal”, “verdadeiro”: ele deve ser viril na aparência e em suas práticas, não-afeminado, ativo e dominante. Diante disso, todos os homens que se diferenciarem dessa norma passam a pertencer ao grupo dos “outros”, dominados, subordinados, o que inclui as mulheres, as crianças e qualquer outro que não seja um “homem hegemônico normal” (CONNELL, 2005).

É importante entender que a masculinidade hegemônica não corresponde de modo necessário às características dos homens concretamente mais poderosos. Ela diz respeito àquilo que sustenta seu poder e àquilo que muitos homens são motivados a apoiar, é uma ideologia. Ainda de acordo com o mesmo autor, há diferentes masculinidades e relações sociais definidas entre elas. Mais ainda, há relações hierárquicas, nas quais algumas masculinidades são dominantes ao passo que outras são cúmplices, subordinadas ou marginalizadas, co-existem ou são produto de relações internas à dinâmica do gênero, visível nos grupos oprimidos, explorados, como os grupos étnicos minoritários.

A masculinidade hegemônica também inclui a possibilidade de escapar dela, e é nessa dinâmica que reside a transformação. As masculinidades subordinadas podem se opor a ela. Os grupos potenciais que desafiam a hegemonia são os homens negros, os gays e os anti-sexistas. As normas hegemônicas são, contudo, uma fronteira para muitos homens. O homem ideal (que ocupa o lugar hegemônico) é forte fisicamente, vistoso, bem-sucedido na sociedade, economicamente estável e capaz de defender a si próprio e à sua comunidade; além de um excelente amante, heterossexual (CONNELL, 1995a).

A masculinidade para Tim Edwards (2005) ajuda a determinar e foi influenciada pelo que se considera ser o padrão normativo da moral e do comportamento – ações e atitudes esperadas e aceitáveis na sociedade para o homem. Representa a classe média, mas também são padrões da aristocracia e da classe trabalhadora. Os estereótipos masculinos resultantes da evolução social culminam com o padrão normativo, não se fala de um determinado tipo de masculinidade mas dos estereótipos do masculino. Os estereótipos masculinos se fortalecem à medida que o estereótipo do que é negativo para o masculino projeta o que é o oposto ao masculino: os desafios dos grupos sociais marginalizados, dentre eles os homossexuais.

A construção do masculino atualmente está relacionada à nova burguesia, no final do século XIX. Os estereótipos que emergem nessa ocasião são válidos até hoje; muitas de suas regras e valores têm por base a honra da aristocracia e os ideais do cavaleiro da Idade Média, seus códigos morais e de comportamento: padrões de beleza e força masculina que são estabelecidos a partir desses códigos, além de outros aspectos como o enaltecimento das atividades físicas e competições.. Manter esses padrões, assim como outros, como coragem e determinação, pode ser bastante impossível atualmente. Apesar das mudanças aceleradas que têm ocorrido desde meados do século XX e dos agravamentos das inquietações devido à insatisfação de homens e mulheres contra a ordem estabelecida

que podem sugerir um iminente caos nesses antigos estereótipos, ainda assim permanecem esses mesmos padrões (EDWARDS, 2005).

Ser homem é, portanto, se submeter a essa ordem perversa do masculino e, como podemos observar, bastante antiquada e ultrapassada; é buscar esse ideal; é ter de provar sua masculinidade de diferentes modos, pois falhar nessas tentativas pode ser uma ameaça à sua masculinidade, o que o relega a uma posição de grupo minoritário de masculinidade subordinada. O mesmo autor também sustenta que não existe o homem hegemônico em sua concretude como maioria, que esse é um ideal, um mito desejado. Esse conceito foi introduzido nas discussões da masculinidade para tratar de assuntos relacionais e, o mais importante, das conexões entre as diferenças e as hierarquias entre homens, e das relações entre homens e mulheres (CONNELL, 2005).

Plínio de Almeida Maciel Júnior (2006) ressalta em sua tese de doutorado “Tornar-se Homem: O projeto masculino na perspectiva de gênero” alguns aspectos interessantes das discussões levadas a cabo por Richard Connell (1995), indicando como esse conceito de masculinidade hegemônica é central para a compreensão do processo de “tornar-se homem”. Os padrões de gênero prescritos atribuídos ao masculino hegemônico são heterossexuais, ou seja, o masculino se constrói, se sedimenta sob constructos heteronormativos.

Para Richard Connell (2005b) há muitas práticas que subvertem a ordem de gênero, como no caso de transgêneros – e destacamos também a homoafetividade –, que demanda um tratamento mais sofisticado, mais ativo, dada sua intrínseca relação e envolvimento com os processos sociais. Uma discussão que Plínio de Almeida Maciel Júnior (2006) destaca na obra de Richard Connell, ainda referente à masculinidade hegemônica, diz respeito a corpos e corporalização. Ele salienta que “existem negociações que o homem faz consigo mesmo para não ter que abrir mão das prerrogativas de um masculino hegemônico e seus privilégios – nesse seu estudo um dos participantes mantém-se no casamento com esposa e filhos, e também num relacionamento homoafetivo –, conciliando dessa forma os relacionamentos”, tanto no âmbito pessoal como social e familiar (MACIEL JÚNIOR, 2006: 151).

Pensamos neste nosso trabalho sobre homoafetividade segredo e revelação, o quanto essa conciliação entre o pessoal, o social e o familiar, à primeira vista uma solução simples, uma omissão da informação sobre a homoafetividade – parecendo uma saída dos pouco corajosos, que não “se assumem” – pode não demandar de fato um árduo trabalho

interno. Sendo que manter o segredo sobre a homoafetividade poderia ser uma opção viável, momentânea, uma alternativa estratégica para quem é pai e tem esposa. Revelar essa orientação pode significar numerosos enfrentamentos para os quais esse homem não se sente preparado, já que sua masculinidade vem sendo pautada sobre premissas de um masculino hegemônico, ou seja, heterocêntrico. As negociações, e nesse caso a omissão, estariam a serviço da manutenção dos privilégios desse masculino, afastando-o daquele modelo que subverte a ordem de gênero, que o relega ao plano de masculinidade subordinada, como é o caso do homem que mantém relacionamento homoafetivo.

Esse olhar para as práticas sociais, para o contexto, para o que é essa ideologia heteronormativa, além do âmbito individual é claro, permite uma ampliação de nossa compreensão sobre o que está implicado na vivência masculina e na homoafetividade. Para Richard Connell (2005), o lugar de subordinação que os homossexuais ocupam quando se fala de masculinidades é incontestável, sendo que a vigilância da heterossexualidade tem sido um dos temas de maior interesse nas discussões da masculinidade hegemônica.

Michael Kimmel (2000a) já havia ressaltado que foram exatamente os homens cujas masculinidades são “desviantes”, como os homens negros e os homossexuais, que lançaram o desafio à concepção de hegemonia masculina. São eles que servem de pano de fundo contra o qual se constrói a hegemonia, em oposição à subalternidade ou à marginalidade. O homem ocidental branco e de classe média não questiona sua masculinidade o tempo todo, o que permite entender que as estruturas de prestígio lhe conferem o privilégio da invisibilidade em relação aos outros grupos.

Finalizando, é importante entender que a masculinidade hegemônica é uma referência ideal, sendo dificilmente alcançada pelos homens, embora tenha ascendência sobre as demais masculinidades. Quando se trabalha com definições normativas de masculinidade, emerge o problema de que muitos poucos homens atingem esse determinado padrão. Para Michael Kimmel “o ganho que os homens que se enquadram no padrão hegemônico têm é o da subordinação das mulheres”, e sobre outros grupos de homens, como os brancos sobre os negros, “os heterossexuais sobre os homossexuais, com um feroz ataque homofóbico” (KIMMEL, 2000a:78). Entender as diferentes demandas de masculinidade implica investigar as práticas na qual essa hegemonia é constituída e contestada.

Heteronormatividade

As considerações sobre masculinidades nos permitem compreender outro conceito importante que é o de heteronormatividade, definida como uma ideologia que promove uma perspectiva convencional das relações de gênero e da heterossexualidade, e uma visão tradicionalista da família, como a maneira correta de as pessoas viverem (OSWALD; BLUME & MARKS, 2005). Esse conceito trata dos assuntos relacionais e das conexões das diferenças e hierarquias entre os homens e das relações entre homens e mulheres, e será bastante útil para posterior aprofundamento da nossa discussão da homoafetividade masculina, paternidade e revelação, à medida que sustenta a homofobia internalizada e a manutenção de segredos.

O conceito de heteronormatividade, bem como a própria evolução dos estudos críticos sobre homens e sobre gênero, com autores como Michael Kimmel (1991; 2000; 2004; 2005; 2008), Richard Connell (1995; 2005), além de Michael Kaufman (1999) e aqui no Brasil Plínio de Almeida Maciel Júnior (1999; 2006), ampliam a compreensão de hegemonia. Ambos – hegemonia e heteronormatividade – são conceitos-chave neste trabalho sobre homoafetividade e paternidade.

O conceito de heteronormatividade emergiu mais recentemente, a partir da última década. Sue Kentlyn (2007) assinala que o termo foi cunhado por Michael Warner em 1991 e descreve um modelo vigente pervasivo, embora invisível, que determina o estabelecimento das relações segundo o modelo sexual homem e mulher, a partir do qual o gênero fica também determinado como masculino e feminino apenas.

Para a mesma autora, a instituição heteronormativa padrão é a família nuclear. É no âmbito do privado, da vida familiar, que se forjam os principais organizadores da vida humana e, em consequência, da masculinidade, daquilo que um homem aprende que deve ser. A vida diária familiar é um espaço de troca de cuidados, de passagem de valores morais e sociais, de relações e afetos. É esse também o espaço que engendra a heteronormatividade.

Numa sociedade heteronormativa apenas um gênero é atribuído ao indivíduo, conforme sua genitália externa: se homem, é gênero masculino; se mulher, é gênero feminino. A partir desse estabelecimento há toda uma gama de comportamento, regras, que são atribuídas a esse indivíduo: o/a parceiro/a afetivo sexual é o complementar do sexo

oposto ao seu. Indivíduos que não seguem essas prescrições são estigmatizados e estão submetidos a diferentes graus de pressão para “corrigir seu desvio” (KENTLYN, 2007).

Pessoas LGBTT, prossegue ainda a autora, são frequentemente alvo de preconceito por parte de sua família e da rede social. Em alguns países são perseguidas, sofrem violência física, são tratadas como doentes ou pervertidos, além de ter suas oportunidades restringidas como indivíduo na sociedade (emprego, igreja, escola, clubes, permanência em espaços públicos). Os direitos civis e políticos diferem em cada país e cultura, mas, em geral, eles são alvo de preconceito homofóbico e de discriminação. O maior ou o menor grau de condescendência e tolerância com relação a essa população depende das conquistas desses segmentos.

A heteronormatividade que é a ideologia à qual todos estamos subjugados, engendra o modelo do masculino, dos valores sociais e familiares pautado na heterossexualidade e a subsequente depreciação da homossexualidade. A masculinidade está intrinsecamente ligada à sexualidade, que, por sua vez, é organizada pelo gênero, principal chave que informa e confirma a sexualidade. A performance sexual é a arena social sob a qual a masculinidade está atada, construída, é ali que o homem é avaliado em sua masculinidade, é desafiado em sua essência como homem, podendo ser confrontado se é ou não um “verdadeiro homem”.

Assim, sob o jugo da heteronormatização a sociedade (variando quanto à cultura, raça, etnia) revela qual é a performance sexual masculina e acaba ditando também qual deve ser a orientação sexual de um homem, como ele deve se comportar, a quem deve amar, ou seja, prescreve uma identidade masculina, seu corpo, seus sentimentos, suas atitudes e suas relações.

A implicação desse conceito é que, “normativamente”, espera-se que o sexo com o qual se nasce modele uma identidade de gênero consoante com o sexo biológico, embora a identidade de gênero, a atração, o desejo e o comportamento sexual não caminhem necessariamente juntos. A orientação sexual não é isomórfica ao gênero.

O gênero de um homem, a forma como deve constituir uma família, a parentalidade, a paternidade são todos aspectos de sua vida já predeterminados, prescritos, pela ideologia heteronormativa, que concebe a esse indivíduo homem apenas a heterossexualidade como forma de expressão de sua masculinidade. Assim ele deve relacionar-se e casar-se heterossexualmente para constituir sua família nuclear, segundo o modelo tradicional: sendo homem deve escolher uma mulher como parceira parental

complementar; como pai deve seguir os preceitos heteronormativos, que são heterossexuais, do masculino hegemônico ao exercer a paternidade. Mas, então, pensamos: como esse homem deve proceder se seu gênero não é isomorfo ao gênero?

No estudo de Plínio de Almeida Maciel Júnior sobre masculinidade como um projeto de gênero já assinalado anteriormente, são apontados resultados para homens de classe média brasileira, que revelam uma nuance tradicional: “O casamento e a paternidade na vida destes homens se apresentam como estando a serviço dos seus projetos de gênero: ambos se enquadram num projeto maior, o da família tradicional, com relações convencionais entre os gêneros e a heterossexualidade como maneira correta das pessoas viverem – projeto heteronormativo” (MACIEL JÚNIOR, 2006: 175). Esse apego ao tradicional estaria, assim, a serviço da necessidade do homem, que por ser homem deve adotar, reafirmar e atender às normas rígidas do masculino, primariamente heteronormativas.

Outros autores (OSWALD et al., 2005) já haviam feito anteriormente uma discussão interessante a respeito de uma necessária desconstrução da heteronormatividade. Essa desconstrução favoreceria o crescimento e o desenvolvimento das crianças segundo conceitos e visão de mundo mais aberta, através de noções menos preconceituosas e informações da existência de diversos tipos de gênero, família e sexualidade. Defendem a idéia da descentralização da heteronormatividade como necessária para a compreensão daqueles aspectos mais filosóficos, políticos, sociais, além dos psicológicos, que se relacionam com os estudos das famílias.

Eve Kentlyn (2007) nos alerta para uma importante reflexão sobre a heteronormatividade subjacente à própria conceituação teórica da Psicologia. Devemos questionar o uso da heterossexualidade como modelo nos estudos sobre relacionamentos, famílias e parentalidade. Devemos ampliar nossa compreensão para aquilo que de fato os indivíduos e as famílias nos relatam, sobre as relações que vivem: “As abordagens dos terapeutas, psicólogos devem ser pautadas no respeito contínuo pelo indivíduo e relações em toda sua gama de possibilidade, considerando as vicissitudes sociais, legais e relacionais com os quais essas famílias e indivíduos convivem” (KENTLYN, 2007: 66).

Cabe-nos refletir, portanto, que pessoas são diferentes, têm diferentes idéias, podem fazer diferentes coisas e nem por isso, por serem diferentes, devem ter seus direitos desrespeitados. Sistemas de privilégios abrem portas para alguns e as mantêm fechadas para outros; privilégios esses sustentados apenas por uma categorização simples e

aleatória, como o mito da sexualidade binária, dos papéis familiares complementares ou da naturalização do masculino e do feminino.

Há muito tempo o masculino vem ocupando esse lugar de domínio hegemônico, que lhe confere poder sobre o feminino e sobre as masculinidades subalternas, e isso vem sendo socialmente construído, reforçado e solidificado, mas também desafiado nas relações de gênero. A emergência das famílias de gays e lésbicas, sua luta por direitos, os estudos “*queer*”⁷ são prova de que mudanças de fato vêm ocorrendo. Esse homem que mantém relacionamento homoafetivo é um dos representantes das masculinidades subordinadas ou subalternas; ele vive sob um jugo heteronormativo que dita o que é ser homem e norteia a construção do masculino.

Neste trabalho sobre paternidade e homoafetividade é relevante pensarmos nessas relações de poder, que sustentam privilégios para alguns e prejuízos para muitos; são práticas que regem desigualdades de um gênero sobre outro, de um sexo para outro ou até mesmo dentro de um próprio gênero e sexo. Dentro do próprio sexo, há grupos minoritários prejudicados por tratamentos desiguais, porque pertencem a um padrão diferenciado, como o dos homossexuais, que se constitui numa masculinidade subordinada àquela dos heterossexuais de masculinidade hegemônica. Essas desigualdades são sustentadas por regras internalizadas de gênero que permeiam as relações sociais.

Como os pais são pais

Estudos cujo foco é o exercício da paternidade, quais os sentimentos e os significados que os pais atribuem a esse seu papel, o que pensam ser prioritário nele, quais os desafios envolvidos, suas vicissitudes, estresse, enfrentamentos, são escassos e pouco comuns. De fato o que não é muito comum são estudos cujo foco é o homem, como já pontuou Michael Kimmel (2000a). Geralmente, o foco de interesse dos investigadores é a criança, o cuidado recebido, se é ou não adequado, suficiente, se exercido pelo pai, pela mãe ou por alguém que seja cuidador e quais as implicações desse fato. Pensar nos significados que os pais auferem no exercício de sua paternidade é particularmente inovador. Buscamos na autora Ofra Mayseless (2006), que desenvolveu estudos sobre

⁷ Termo bastante genérico, político, não se traduz. Para Judith Stacey (1998) é tudo que se opõe à normatização, às regras dadas; ser *queer* é ser diferente, inovador, é ser aberto às diferenças, que não se enquadra.

representações parentais sob a ótica da teoria do apego, alguns elementos para apoiar essa nossa reflexão.

Segundo a teoria do apego (BOWLBY, 1990), existem importantes trocas comunicacionais entre o cuidador e quem recebe o cuidado. Todo sistema biológico do cuidador é ativado para perceber e responder satisfatoriamente, atendendo à necessidade de quem depende dele. Alguns aspectos são observáveis, como choro, riso, olhar, sorriso, grito, conversas, proximidade; alguns outros não são tão visíveis, como a presteza em atender, o grau de estresse do cuidador, a percepção adequada da necessidade de um bebê. A resposta do cuidador estabelece a relação de cuidado que é intermediada pelo vínculo, sendo isso o que propicia “a base segura” de suporte que permite à criança explorar o mundo. Há apegos de diversos tipos: desde os que promovem crescimento, porque têm uma base segura, até outros que podem não propiciar o desejado desenvolvimento harmonioso que conduz à autonomia e independência, gerando, ao contrário, insegurança e limitação.

Assim descrito, observa-se que cuidado não é competência única e exclusiva da mãe, embora, em sua maior parte, seja realizado a partir do comportamento materno. O cuidado envolve o atendimento das necessidades básicas promotoras de desenvolvimento, de sociabilidade, além da sobrevivência da espécie, respeitando aspectos da individualidade. O cuidador é aquela figura que supre, dá limites, socializa, variando muito na forma, no estilo, e no momento que acontece. Há também interferência de fatores externos e internos para se perceber sua funcionalidade, para ser ou não avaliado como adequado ou pertinente. O que é adequado e bom num dado momento, numa dada cultura, e/ou classe social, pode não ser em outra, variando ainda quanto à situação, à hora e aos aspectos desenvolvimentais, entre outros fatores.

É muito complexo e difícil se discutir práticas educativas parentais; é necessário avaliar recursos, o nível do estresse do cuidador, a rede de apoio, o grau de apego e sua adequação e pertinência no atendimento das necessidades. Fatores intergeracionais também interferem, além de diferir de um grupo familiar para outro o significado do que é apego, vínculo, cuidado, apoio e afeto. O que parece ser, sem dúvida, um denominador comum é que nas famílias o cuidado existe e sem este a espécie humana não vingaria.

Ofra Mayseless (2006) discute parentalidade sob a ótica da teoria do apego e assinala que o comportamento parental, que irá atender de fato à necessidade da criança, dependerá do quanto ele – o cuidador – está conectado e sensível a seu funcionamento

psicossocial, estabelecendo então o sistema de cuidado. O sistema motivacional do cuidador, as representações dos parentais sobre ser um cuidador são baseadas em sua própria experiência de ter sido cuidado, que são seus modelos internos de cuidado; também se baseiam em experiências de ter cuidado de alguém, além do aprendizado ao longo da vida através de outros modelos, até mesmo do aprendizado teórico. Os pais podem ter diversas representações de cuidado, para situações e para crianças diferentes, que por certo refletem parte da história do relacionamento desse parental com a criança cuidada.

Apesar da maior parte de as “ações parentais” dizer respeito às mulheres, pois são as mães que, freqüentemente, são referidas como responsáveis pelo cuidado direto dos filhos e, como já assinalamos, não abrem mão desse papel naturalizado, destacamos a seguir algumas implicações sobre os homens, como pais e cuidadores, que são de interesse para esta nossa investigação.

Os autores de um artigo que identifica fatores cognitivos na paternidade (LA ROSSA; SIMONDS; REITZES, 2005) propõem algumas fases-chave desse processo, como a tomada de decisão de “se tornarem pais”, decisão na gravidez e no nascimento, e os cuidados com a criança, sendo que a estrutura familiar e o contexto sociocultural mostram-se com alguns aspectos que podem estressar de formas diferentes os indivíduos envolvidos no cuidado.

Os autores prosseguem argumentando que a maioria dos casais tem essa percepção de serem pais através da parentalidade biológica, ficando a adoção como alternativa depois de esgotarem muitas tentativas. Homens e mulheres experimentam de forma diferente situações como a infertilidade. É comum a mulher, por exemplo, se submeter a infindáveis tratamentos e intervenções para tentar engravidar, acessíveis apenas às classes sociais mais privilegiadas, e só depois de muito empenho, além de despesa, optar pela adoção. Esse movimento, observam os autores, é mais encontrado na mulher, pouco comum no homem, cuja primeira opção diante da infertilidade pode ser, sim, a adoção.

É importante destacarmos que esses estudos sobre parentalidade não contemplam a homoparentalidade sendo ainda bastante distinta a maternidade lésbica da paternidade homoafetiva, o que requer um aprofundamento dessa investigação. Observa-se, por exemplo, que existem demandas diferentes quando se trata de infertilidade por parte de homens ou de mulheres, acarretando outras intercorrências o fato de eles formarem ou não um casal homoafetivo.

É observável o quanto a parentalidade vem mudando ao longo dos tempos. Hoje ser pai ou ser mãe é muito diferente do que há séculos, e é diferente também na escala dos mamíferos, já que animais também são pais e mães e cuidam para que sua cria sobreviva perpetuando a espécie (MAYSELESS, 2006).

A parentalidade se expressa, em humanos, no sistema de apego e cuidado que envolve ter e criar filhos. A estrutura familiar e o contexto sociocultural são aspectos importantes nas interações familiares ao longo do ciclo vital e impõem maior estresse a alguns indivíduos do que a outros. Pais e mães dividem as tarefas familiares e essa divisão tem a ver com o sistema de poder, de satisfação e de bem-estar, mas acaba não entrando muito em jogo o que é ou não de direito ou justo nessa divisão, ou seja, ela não é igualitária e varia bastante dependendo de cultura, classe social, sexo e gênero.

Paternidade em Transformação

Marianne Cooper (2004) discute em artigo sobre masculinidade, paternidade e trabalho, como alguns aspectos da masculinidade hegemônica – aquele homem classe média, bem apessoado, popular, branco e heterossexual – são características que vão sendo historicamente construídas em cada comunidade, em cada cultura de forma distinta. Não são posições fixas, são mutáveis e operam com outros aspectos específicos e regionais ou próprios de cada grupo de homens. Algumas atividades, profissões e habilidades, por exemplo, são esperados para uma posição hegemônica do homem, em determinado grupo de trabalho, e muitos homens que ocuparam em sua juventude uma posição de masculinidade subordinada, quando adultos podem se sobressair com um *status* mais privilegiado.

Para a autora, uma nova ética masculina vem sendo moldada. Ela estudou homens pais profissionais altamente qualificados, que se orgulham de não serem sexistas com as mulheres; ao contrário, gostam de estar com elas em ambiente de trabalho, respeitam-nas profissionalmente, sem necessariamente tentar conquistá-las.

Com relação ao exercício da paternidade, esses homens de carreira bem-sucedida, pais e maridos atuantes, participativos, priorizam a família e têm sentimentos sinceros quanto à própria forma de exercer a paternidade mais afetiva e próxima de seus filhos. Compartilham ainda de uma relação igualitária com suas mulheres, com divisão de papéis domésticos. Entretanto, eles acabam participando menos da rotina com os filhos do que

suas esposas e ainda têm aqueles sentimentos negativos, porque como filhos que foram de pais distantes são conscientes de não querer reproduzir aquele modelo com seu próprio filho.

A autora nos mostra com sua pesquisa que, de fato, os homens podem se inserir numa família de forma diferente do modelo tradicional; eles podem ser pais próximos e participativos na rotina dos filhos. Mas também vivem conflitos, já que não é tranquilo conseguir coadunar a função paterna com o fato de serem homens profissionalmente competentes, bem-sucedidos, que partilham de ideais igualitários de gênero no espaço público e doméstico (COOPER, 2004).

Entendemos que o conflito se dá porque não desejam abrir mão de um direito seu como pai, na participação efetiva de cuidar do filho e também não conseguem deixar de ser perfeitos e competentes profissionais de carreira, já que ocupam uma posição hegemônica no universo do trabalho. Seu conflito é silencioso e solitário, não se queixam no trabalho, tampouco em casa, mas manifestam desejo de poder ter mais tempo para estar mais com os filhos nas atividades que desenvolvem, ou participando mais do cuidado diário.

Essa discussão sobre tal homem, pai mais participante e profissional de carreira competente, também pode ser levantada com outros estudos de casamentos de dupla carreira, como no de Valéria Meirelles (2001), realizado com casais. Observou-se que seus conflitos sempre envolvem a conciliação entre a dedicação à carreira, que demanda exclusividade, e as obrigações familiares e de cuidado com a casa e os filhos. Neste caso, para a realidade brasileira os casais encontraram saída na contratação de serviços terceirizados, embora ficasse também visível a maior responsabilidade feminina quando o assunto é da esfera doméstica, mais objetivamente o cuidado dos filhos, de que as mulheres não abriam mão, embora também os pais não manifestasse movimento de se responsabilizar.

Atualmente, pode-se dizer, o conflito do masculino é a percepção de pertencer e querer o espaço público, mantendo assim seu lugar de poder e privilégio ancestral, mas também querer estar com igual desfrute no espaço doméstico e privado. Como resultado disso, percebe-se que os desafios que se delineiam para esses pais conectam-se com as transformações das antigas articulações entre gênero, trabalho e família.

Sem dúvida, as práticas que sustentam os privilégios masculinos continuam a acontecer, mesmo que de forma invisível, já que seria difícil o homem simplesmente abrir mão desse lugar; mas é importante observarmos que há novos componentes de

masculinidades que estão sendo valorizados, desejados e se incorporam na posição hegemônica. A posição hegemônica pode então variar quanto aos aspectos que hoje podem ser enaltecidos para se pertencer a ela, embora gênero, etnia e orientação sexual sejam pouco variáveis, e algumas características sejam tipicamente atreladas a um modelo de masculino hegemônico, que é heteronormativo por prescrição.

A masculinidade, como refere Michael Kimmel (2000b), é um traço público, que não só confere poder e privilégios, como também impõe um modelo que pode não ser bem-vindo a todos os homens. É o caso dos homossexuais deste nosso estudo, que não se encaixam naqueles padrões de sexualidade prescritos como heteronormativos, ou do homem em condição de pobreza, em nosso estudo anterior (MORIS, 2002), que não consegue atingir os padrões para exibir uma masculinidade pautada em “soberania naturalizada” e hegemônica, já que é pobre e precisa encontrar outras formas de realizá-la. Entende-se que os papéis aprendidos estão sendo incorporados àqueles outros conceitos masculinos já internalizados e naturalizados que definiam o homem com determinados atributos próprios da “natureza masculina”, que nunca precisaram ser muito questionados, mas que agora se faz necessário rever.

Discutimos naquela pesquisa o quanto o trabalho remunerado, simbolicamente tido como domínio masculino, vem sofrendo alterações, com a mulher adentrando a esfera pública, tendo de produzir ativamente e dividir com o homem o prover da família. Segundo Michael Kohn (1980), uma forma de diminuir o conflito oriundo das mudanças relacionadas ao trabalho para o homem é relegá-lo a outro plano de importância, priorizando, por exemplo, a parentalidade e a conjugalidade. Ser um bom pai e um bom marido parece ser uma estratégia possível para conflitos de natureza ocupacional, que é o que vimos observando nos estudos que foram aqui revisados. O autor conclui que hoje o homem precisaria ressignificar seu antigo papel na família, em face das mudanças e das transformações que estamos vivendo no âmbito das relações. E perguntamos: ele quer? Espaços de trabalho e de cuidado têm valorizações diferentes e são delimitados com divisões desiguais quanto ao prestígio e ao poder que auferem a quem por eles se responsabiliza.

Nos estudos de Michael Lamb (1986) encontramos interessantes resultados que trazem essa discussão sobre a apropriação de outras competências por parte do homem pai na atualidade. Emerge o que o autor denominou de “pai moderno”, em oposição àquele pai autoritário da família nuclear tradicional, que tinha o domínio público e cuja função era o

prover. Esse novo pai, ao contrário, é um homem extremamente envolvido com o cuidado dos filhos e com a rotina diária da família. O pai moderno é aquele homem que não se furta de exercer aquilo que se denomina ser o papel do “bom pai”, do bom provedor, contrapondo aqui também a idéia do que seria aquele “pai ausente”, afastado da rotina da casa, do cuidado próximo e da educação dos filhos.

A despeito desses trabalhos de Michael Kohn (1980) e Michael Lamb (1986) terem sido desenvolvidos há mais de três décadas, as discussões sobre a ampliação do espaço do homem na família é fenômeno de visibilidade recente, como assinalamos quando discutimos outros autores como Michael Kimmel (2000a) e Robert Connell (2005), e como pode ser visto no estudo da autora anteriormente referida Mariane Cooper (2004). O homem vem desenvolvendo um estresse associado a uma sobrecarga de atividades e funções familiares: no domínio público não quer abrir mão da almejada realização de uma carreira bem-sucedida, e, ao mesmo tempo, busca participar mais ativamente da esfera doméstica, exercendo um cuidado mais próximo dos filhos.

Michael Lamb assinala, em outro estudo, que as famílias não convencionais emergentes, sendo uma delas as famílias homossexuais, de modelos que ele denominou de “desviantes” do tradicional, têm seus desafios e estressores próprios, necessitam ser estudadas e compreendidas, já que produzem diferenças nas relações, na criação e nos cuidados com os filhos. A despeito da divisão de gêneros permanecer, já que o homem não responde pelo cuidado, essas famílias também produzem saídas criativas, ecológicas, enquanto possibilitam desenvolvimento e adaptação, considerando seu padrão não tradicional de funcionamento (LAMB, 1999).

A resignificação do trabalho, dos papéis, das funções do homem na família mesmo lenta, ou não exatamente na mesma temporalidade das questões sociais, parece também estar acontecendo com os homens brasileiros, como os dos estudos sobre paternidade de Rosane Mantilla de Souza (1994) e de Durval de Faria (2003), como descreveremos adiante.

A emergência de masculinidades em transformação e a reformulação de padrões do masculino ampliam seus papéis e a compreensão do lugar que o homem contemporâneo ocupa. Para este estudo consideramos importante levantar alguns aspectos para uma posterior discussão, já que a homoafetividade pode implicar alguma peculiaridade na vivência da função paterna, à medida que exige do homem um continuado enfrentamento

do estigma social, da reafirmação e da revisão de seus aspectos masculinos, além da necessidade de preservação da espécie com a procriação e criação de filhos.

Diante dessas visíveis transformações no mapa da família – já não mais rigorosamente tradicional quanto a funções, com atribuição de papéis não tão complementares e fixos quanto ao gênero –, observa-se a emergência de uma diversificação de arranjos parentais: não apenas o casal heterossexual parental, embora ideologicamente seja o único a fazê-lo. Cabe-nos assim olhar, compreender, estudar as relações que temos hoje.

O pai atualmente pode estar envolvido no cuidado com os filhos e responder às demandas da criança embora, como observa Rosane Mantilla de Souza (1994), não supere sua prescrição masculina tradicional, não assuma a responsabilidade em relação aos filhos e não abra mão de suas próprias atividades. Exceção àqueles pais que detêm a guarda, como os do estudo desta autora, que aí sim se curvam a essa responsabilidade e se mostram capazes e competentes no exercício desse cuidado direto.

O interessante nesse estudo é que esses pais que manifestam a capacidade anteriormente naturalizada como feminina, porque estão profundamente envolvidos e respondem pelo cuidado dos filhos, ainda assim aspiram a uma situação em que a mãe, aquela que descrevem como “insubstituível”, pudesse estar presente na vida daquela criança. Parece-nos que mesmo sendo o pai que cuida e se responsabiliza, sendo capaz de fazê-lo, não é isso que ele entende ser seu destino, como se não coubesse à masculinidade cuidar e que uma mulher ou a mãe faria melhor.

Durval de Faria assinala a necessidade de observarmos que esse mesmo movimento histórico cultural que transformou definitivamente o mapa das relações homem e mulher também acabou por tirar do homem seu papel de provedor único, e isso requer uma necessária revisão, por parte de nós, estudiosos, pesquisadores da Psicologia Clínica, na releitura do papel de pai no exercício da paternidade, buscando compreender os processos envolvidos, seus conflitos e como se conectam com o masculino (FARIA, 2003).

Outra característica interessante nos estudos de Rosane Mantilla Souza (1994) e Durval de Faria (2003), específicos sobre paternidade para a realidade brasileira, que reafirmam o que já foi discutido por Michael Lamb (1986), mas que consideramos importante destacar aqui se refere aos ganhos pessoais, em termos de prazer, auto-estima e valorização, conforme se percebem exercendo essa paternidade mais afetiva.

O que pode ser constatado nos estudos sobre famílias, homens e pais, desde Michal Konh (1980), passando por Michael Lamb (1986; 1999) e Mariane Cooper (2004), e mesmo os resultados para a realidade brasileira obtidos por Rosane Mantilla de Souza (1994; 2000; 2001; 2006), e Durval de Faria (2001; 2003) – para apenas citar estes autores referidos até agora neste capítulo –, é que esse homem, pai, pode estar superenvolvido com a esfera familiar privada e participar de fato da criação e da educação dos filhos, mas não responde pelo cuidar, não se responsabiliza. O que se observa é que a mulher, mãe, quando presente, dificilmente abre mão disto, que nos parece estar, para ela, eternizado como seu domínio. Entendemos que assim permanece a binaridade de sexo e gênero, sem a superação da ordem, o que poderia ser desafiado na paternidade homoafetiva.

Assim parece-nos que o homem tem uma dupla tarefa que é criar espaço para que o seu jeito de ser pai, de cuidar, aconteça e também enfrentar, elaborar, aquilo que historicamente sua própria concepção do masculino tradicional engendrou em sua forma de exercitar a paternidade.

E, para tanto, é necessário rever aquelas premissas da masculinidade hegemônica internalizadas, da qual falávamos, assentadas em valores heteronormativos que permeiam as relações sociais e de gênero, pois estes estão atrelados às vivências dos papéis parentais e engendram a desigualdade de direitos para os gêneros e para os sexos. Esses são elementos-chave desse processo de busca do que Rosane Mantilla de Souza (1994) chamou “de apropriação (pelos homens) de uma parte deles mesmos”, para poder vivenciar a paternidade exercendo o cuidado direto, mais afetuoso, íntimo, muito próximo dos filhos, obtendo ganho pessoal e satisfação.

No estudo que realizamos, e já referido (MORIS, 2002), sobre função masculina e pobreza, foram encontrados alguns resultados interessantes na esfera da paternidade, embora não fosse esse nosso foco naquele momento. Esses resultados diferem do que é comumente encontrado em outros estudos (MCLANAHAN & TEITLER, 1999) com famílias pobres que falam sobre um pai ausente e que não provê, deixando assim esvaziado seu papel de pai. Ao contrário, está consoante ao que vem sendo discutido por outros autores aqui revisados sobre paternidade e masculinidade, levando em conta uma perspectiva social, econômica, cultural e de gênero.

Os homens em nosso estudo descreveram sua função de pai como um papel muito agradável; são afetuosos, próximos, orientam, cuidam e se preocupam. Uma atividade que esse homem em situação de pobreza exerce na família é cuidar do filho, estar atento às

amizades na rua, aconselhar, orientar, conversar, buscar e levar à escola; esse homem é preocupado e zeloso quanto ao bem-estar, ao futuro e à segurança de seu filho. Envolve-se mais com a educação, a orientação e participa mais da vida das crianças. Exercer a função paterna, no cuidado mais direto e participativo na criação dos filhos, é um possível resultado de uma adequação ou mesmo do enfrentamento criativo, que vem produzindo ganhos afetivos para ele como homem.

Existem significados positivos dos quais os filhos estão revestidos, ou seja, a valorização desse sentimento de amor que está presente na relação pai e filho. Ele se dá conta da importância que o filho tem para ele, do valor dessa relação e obtém ganhos com isso. Parece-nos que, na pobreza, o esvaziamento da possibilidade do homem exercer seu papel de trabalhador obtendo satisfação favorece um maior investimento em outro papel: o de pai (MORIS, 2002).

A paternidade pode então ocorrer de forma participativa, positiva, embora funcionando também num modelo de contra-identificação negativa com o próprio pai, semelhante à discussão de Durval de Faria (2003). Diversamente do próprio pai, os homens participantes de nosso estudo desenvolveram condições de obter qualidade no exercício da paternidade, com envolvimento direto e maior aproximação no cuidado com os filhos. O que vemos hoje, pelos estudos aqui referidos, como já assinalava Michael Lamb (1986), é um movimento em direção a uma paternidade mais afetiva e participativa, que sugere a emergência da masculinidade e da paternidade que incorporam o cuidado direto, realizam aspirações, refazem as antigas relações e se revelam com resultado extremamente positivo para o indivíduo.

Essa possibilidade também havia sido apontada por Michael Kohn (1980), quando sugeriu a priorização da parentalidade como uma estratégia para dirimir o estresse ocupacional, numa tentativa ou num movimento de ressignificação do trabalho para o homem contemporâneo das classes média e baixa.

O que podemos perceber é que talvez esse movimento de ressignificação do trabalho por parte do homem não seja consciente, mas resultado dos fatores adaptativos e de proteção – relacionais, intrapsíquicos e circunstanciais de uma dada realidade sociocultural – que, sem dúvida, pode ser indicativo de enfrentamento positivo e que promove ganhos. Sendo um pai mais próximo, o homem pode se perceber necessário, importante, produtivo e valorizado como homem, o que favorece o aumento da motivação e do envolvimento afetivo.

Michael Lamb já apontava o quanto as famílias têm deparado com a necessidade de revisar e rearranjar as responsabilidades pela tarefa de cuidado básico direto das crianças, tradicionalmente feminina, entre outros papéis prescritos que estão ancorados no modelo tradicional, em face das mudanças e das transformações que vêm ocorrendo na organização e nas relações de família (LAMB, 1999). Esses rearranjos, podemos observar, estão acontecendo – embora o movimento do homem pai assumir um lugar de pouco prestígio e poder, respondendo pelo cuidado, não seja voluntário nos estudos aqui referidos –, e muitos homens pais de famílias não convencionais emergentes vêm ampliando sua participação no espaço doméstico, se aproximando mais do cuidado direto da prole, antes reduto feminino.

O que se conclui é que, de fato, não há nenhuma contra-indicação para o homem ser o cuidador direto de sua prole. Antes disso, como até agora discutimos, é uma atividade desejada e vem sendo conquistada de modo gradativo pelo homem, que vem tentando ampliar aquele antigo lugar dentro da família – onde prioritariamente era o responsável pelo prover – e ousa experimentar algumas transformações sutis, mas profundas e irreversíveis, em sua forma de exercer as diferentes possibilidades de ser homem e pai atualmente, no início do século XXI, na nossa sociedade ocidental.

Finalizando este primeiro capítulo de nosso trabalho, ficamos com a seguinte indagação: como esse homem, que experimenta uma paternidade em transformação, que está construindo sua forma de ser pai, é descrito pela literatura e pelos pesquisadores, quando se trata de uma paternidade homoafetiva? E quanto à decisão de se tornar pai, detectada em alguns estudos (LA ROSSA; SIMONDS; REITZES, 2005), estará também presente na homopaternidade?

CAPÍTULO II

HOMOAFETIVIDADE

PATERNIDADE E REVELAÇÃO

“Inexiste uma experiência de vida mais tiranizada pelo segredo do que a de ser gay ou lésbica.”
(Gary Sanders, 1994:223).

A paternidade é uma função masculina que, historicamente, carrega um sentido subjetivo do que é “de fato” ser homem. É interessante pensarmos nas implicações disso neste trabalho sobre homoafetividade e paternidade e tentarmos compreender suas vicissitudes.

Quando estávamos recrutando participantes para este estudo era comum, ao perguntarmos se alguém conhecia um homossexual que fosse pai, a pessoa replicar: “Mas como assim, pai homossexual, mas existe, é possível?”. Essa exclamação de surpresa nos indica que eles não estão por aí mostrando quem são, mas também parece desvelar o imaginário popular, que sugere que de fato para ser pai tem de ser heterossexual. Tal concepção de gênero concebe a naturalização do masculino e ser homossexual subverte essa ordem.

Ninguém escolhe ser hétero ou homossexual, mas, apesar disso, a orientação homoafetiva de alguém é muitas vezes interpretada como uma “opção”, ou uma “escolha”, como se fosse possível escolher ser homo ou heterossexual⁸, como se esta não fosse uma possibilidade de orientação sexual, e que a única orientação sexual “normal e natural” seria a heterossexual. Essa ideologia denominada heteronormatividade, como teorizamos no capítulo anterior, permeia o imaginário social coletivo e pessoal, se interpõe como regra determinante da heterossexualidade e está como pré-requisito para a paternidade.

⁸ Estudos sobre orientação sexual humana podem ser aprofundados em Michael Foucault (1983), uma referência inquestionável, mas também em Francis Mark Mondimore (1998). A obra também contém relatos de homossexuais que passaram parte de suas vidas tentando conter sua natureza homoafetiva porque pensavam ser errada, ou que poderiam curar-se, ou ‘escolher’ ser heterossexual. Ver ainda Richard A. Isay (2005).

Embora sejamos todos subordinados a um sistema amplo, sendo criados e educados sob um ideário heteronormativo, heterossexista e homofóbico, este é muito mais implacável com aquele indivíduo que possui aspectos contrários aos que esse imaginário heterossexual preconiza. Uma das particularidades mais flagrantes da vida de um homem pai, que se relaciona homoafetivamente, é que isso confronta as normas sociais e padrões de gênero; devido a essa singularidade ele será escrutinado, estigmatizado, além de constituir um grupo minoritário de masculinidade subordinada.

Psicologicamente isso é central na vida desse homem, com possibilidade de engendrar enfrentamentos perversos para seu desenvolvimento. Ou ele nega, ou esconde, mas ele tem de fazer algo para lidar com aspectos que são seus – sua homoafetividade – e que não são bem-vistos. Ele pode achar que é só uma fase, como os outros meninos, que depois passa; pode achar que *ele* é errado, que *isso* é errado e inconscientemente nega, pois não aceita. E assim sua vida, suas ações, suas relações e a própria personalidade é influenciada pela dinâmica de manter sua homoafetividade secreta.

Quando menino ele depara, ao longo de seu desenvolvimento, primeiro com a própria orientação que de início não pode ser compreendida como sua, já que está fora dos padrões normativos nos quais ele, menino, homem, cresceu. Na juventude tende a se perceber como os demais, se igualar com os outros garotos, acatando internamente as normas de masculinidade que ditam quais as regras do jogo para ser um homem. Esse jovem tende a não confrontar o que está estabelecido; internamente pode acabar negando seus próprios anseios, desejos e pode não se perceber um homossexual. Essa consciência em geral acontece mais tarde na vida, quando adulto jovem, como assinala Ritch Savin-Williams (1996), pela própria característica dos aspectos desenvolvimentais de sexualidade. Devido a essa dinâmica própria da estruturação da personalidade é bastante comum esse jovem se apaixonar por uma mulher, ter filhos dessa relação e só então assumir a homoafetividade. E assim terá de lidar com o impacto dos segredos em sua personalidade, em sua vida e nas relações familiares e pessoais que estabelece.

Gary Sanders (1994) argumenta que manter segredo sobre a orientação homoafetiva é tentar manter secreta a própria afiliação amorosa, o que compromete profundamente a experiência de vida. É sobre esse processo, central na vida do pai que mantém relacionamento homoafetivo, que teorizaremos neste capítulo.

Homoafetividade e práticas socioculturais

As práticas sociais que circunscrevem a paternidade homoafetiva estão estreitamente relacionadas às ideologias heteronormativas e à naturalização da parentalidade, que obedecem às regras rígidas de gênero masculino e feminino como heterossexuais apenas. O heterossexismo e a homofobia são os subseqüentes enfrentamentos e fazem parte de seu cotidiano: o pai que mantém relacionamento homoafetivo convive com o preconceito por pertencer a um grupo minoritário de masculinidade subordinada, sendo estigmatizado por isso.

Em sua luta diária contra os estereótipos negativos que os ameaçam, desqualificam, e talvez mesmo para se proteger deles, a maioria dos pais administram segredos sobre sua homoafetividade. Isso se deve a essa sua particularidade de não ser heterossexual, embora seja um pai, o que, portanto, carrega um sentido de que seria algo no mínimo estranho, senão um desvio, uma aberração, um erro ou um pecado como até pouco tempo se acreditou.

A noção, ou avaliação, de que as relações homoafetivas são erradas ou desviantes vem de alguns séculos atrás. A conduta sexual homoerótica está dentro de práticas que a Igreja Católica condenou; os praticantes de sodomia eram castigados e punidos por seus atos (TREVISAN, 2002). Embora alguns segmentos dessa mesma Igreja sejam mais complacentes, ainda persiste essa conotação de que são relações erradas ou proibidas, conforme declarações recentes, feitas pelo atual papa Bento XVI, quando de sua vinda ao Brasil em maio de 2007, divulgadas pela mídia escrita e eletrônica.

O nosso sistema judicial também é permeado pela ideologia heteronormativa, reforçando a crença de que as relações homoafetivas são erradas ou proibidas. Luiz Melo aponta que a principal interdição que atinge os homossexuais no contexto da realidade brasileira é o não reconhecimento social e jurídico das relações amorosas entre gays e entre lésbicas, e salienta que essa interdição tem por base o argumento de que “a conjugalidade e a parentalidade são possibilidades limitadas ao universo heterocêntrico” (MELO, 2005:17).

No Brasil a afiliação homoafetiva vem deixando de ser tratada legalmente como uma prática desviante⁹ e, apesar de ainda ser uma subcultura, ou seja, inferior à

⁹ Foi no dia 17 de maio de 1990 que a Assembléia Geral da Organização Mundial da Saúde aprovou a retirada da homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (Código 302.0).

dominante¹⁰, pode ser considerada outra forma de se relacionar erótica, emocionalmente, de viver e constituir família. As legalizações que alguns casais têm conseguido em termos de adoção, as uniões conjugais e mesmo casamentos em alguns países são prova desse modo de se olhar de forma mais complacente para as relações homoafetivas (MOTT & CERQUEIRA, 2001; UZIEL, 2002; SILVA, 2007).

Jurandir Freire Costa, psicanalista brasileiro que desenvolve estudos sobre o homoerotismo, argumenta que há uma diversidade de critérios e teorias sobre homossexualidade e alerta para o emaranhado de conceitos empregados. Justifica que autores de orientação construtivista divergem dos de linha mais realista, o que passa por quimeras lingüísticas em muitas discussões; para ele, a homossexualidade tem o fato comum de ser uma disposição a relações amorosas e sexuais com pessoas do mesmo sexo, ficando assim circunscrita qualquer tentativa de explicá-la e defini-la (COSTA, 1995). E fazemos nossas as palavras do autor, porque traduzem com simplicidade objetiva nosso entendimento sobre homoafetividade.

Não é necessário explicar a homossexualidade, como não é necessário explicar a heterossexualidade, já que são disposições amorosas e sexuais possíveis aos gêneros; entretanto, considerando o mito da sexualidade binária e a heteronormatividade que o sustenta, o indivíduo com disposição homoafetiva vive boa parte de sua vida se entendendo um heterossexual e quando se percebe, se aceita e se reconhece um homossexual terá de desmistificar essa imagem e se revelar um “não heteroafetivo”.

Esse percurso, por assim dizer, o faz viver o processo da dinâmica de segredos, sendo que para compreendê-lo é necessário revisar os processos sociais subjacentes, que são a homofobia e o heterossexismo, e inseridos nestes o estigma, a violência e toda forma de preconceito. Esse é o contexto ideológico que, com a já discutida heteronormatividade, está permeando o dia-a-dia da vida do homem que mantém relacionamento homoafetivo, de sua família e que se impõe canhestramente neste caso, sem que para isso esse homem faça nada que não seja ser quem ele é. Sob a luz desses conceitos poderemos, a nosso ver, compreender melhor como se estabelece a dinâmica de segredo *versus* revelação na rotina desse pai.

¹⁰ Concordamos com Adriana Nunam e Bernardo Jablonski (2002) que apontam que esse mesmo aspecto de subcultura tem uma conotação positiva pois é também uma oportunidade de espaço de resistência à opressão e que favorece mudança.

Homofobia e heterossexismo

Uma consequência da maior visibilidade que a homossexualidade vem conquistando é que temos maior contato com a homofobia.

Segundo Daniel Borrillo (2001), esse termo teria sido utilizado primeiro por George Weinberg, em 1971, para designar o medo aos homossexuais. Entretanto é um conceito de certa forma ambíguo pela própria etimologia da palavra, já que o prefixo *homo*, tanto em latim quanto em grego, significa o mesmo, igual, idêntico, mas também homem; *fobia* é medo. Pode ser definido como medo do que é igual, idêntico, isto é, medo dos outros homens (VON-SMIGAY, 2002).

Homofobia significa o medo, a aversão ou o ódio irracional aos homossexuais e, por extensão, a todos os que manifestem orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões heteronormativos. A homofobia manifesta-se de diversas maneiras, e em sua forma mais grave resulta em ações de violência verbal e física, podendo levar até o assassinato de LGBTT¹¹, mas geralmente se expressa em diversas atitudes de discriminação e intolerância, podendo muitas vezes ser indireta e subliminar. Trata-se de uma forma invisível e insidiosa de preconceito contra a homossexualidade que atinge a todos -- o próprio homossexual, sua família de origem, a família que constitui -- e em qualquer local -- dentro ou fora de casa, no trabalho, na escola, no lazer, nas instituições.

É um termo recente em nosso léxico ocidental e na literatura científica, não tendo sido muito utilizado até início dos anos 1990. A personalidade homofóbica define-se como um temor de estar com um homossexual num espaço físico e, no que diz respeito ao homossexual, um ódio a si mesmo. Alguns outros termos também representam a hostilidade com essa dimensão fóbica, como homoerotofobia, homossexofobia, homossexismo, heterossexismo, embora existam inadequações nem sempre respeitadas no uso indiscriminado desses termos, já que não são sinônimos (VON-SMIGAY, 2002).

Para o mesmo autor, o termo embora inadequado deve ser mantido já que não há outro que expresse essa gama de hostilidade contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBTTT) em todos os contextos. Há uma dimensão pessoal afetiva, que é a rejeição ao próprio homossexual e uma dimensão cultural, cognitiva, que é uma rejeição ao fenômeno psicológico e social denominado homossexualidade; por isso,

¹¹ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros.

como grupo, o homossexual pode ser aceito, mas como reivindicação igualitária pode não ser tolerado.

Para Luis Mott e Marcelo Cerqueira (2001), essa intolerância está associada às profundas desigualdades, promove injustiças e precisa ser enfrentada, combatida por leis, já que são notórios no Brasil os crimes cometidos em nome desse preconceito contra os homossexuais.

Atualmente, a sociedade ainda vem construindo e fomentando estigmas, preconceitos, injustiças e violência com relação à homossexualidade. A perseguição, a marginalização, aos homossexuais vem sendo uma prática cotidiana disseminada em diversas esferas sociais, presente de forma subliminar ou direta nas relações profissionais, comerciais, religiosas e mesmo familiares. De forma insidiosa, compartilhada, a homofobia é parte do senso comum, sendo que a invisibilidade disso torna inglória a luta por democracia e cidadania (NUNAN & JABLONSKY, 2002).

O fato de alguém desejar outra pessoa do mesmo sexo já desencadeou perseguição policial, denúncias, hospitalizações, tratamentos psiquiátricos, encarceramentos ao longo dos tempos e pelo mundo todo. Foi na França, no final do século XVIII, que pela primeira vez a homossexualidade deixou de se constituir crime, e foi também esse um dos primeiros países a ter sanções no código penal contra a discriminação de gays e lésbicas, tendo sido Paris que se considera a cidade mais tolerante com relação à homossexualidade, que acolheu o inglês Oscar Wilde, escritor famoso e irreverente, um gay declarado e perseguido em meados do século XIX. Mas, observa Daniel Borrillo (2001), apesar desse *avant gard*, do pioneirismo, a França não se mostra muito mais complacente com suas rígidas normas de gênero.

Didier Eribon (2000) lembra-nos o quanto a homofobia é invisível, cotidiana, compartilhada, é parte do senso comum e promove a alienação dos heterossexuais. Ressalta que é importante entender suas manifestações, quais suas nuances no estigma, onde ela se origina; temos de estudar, entender e desconstruir o discurso da supremacia heterossexual e da desvalorização homossexual correlata para podermos fazer oposição a essa forma de violência.

O heterossexismo e homofobia são comparáveis ao racismo e ao anti-semitismo, são intolerâncias, ideologias que preconizam a superioridade tanto no âmbito dos gêneros quanto no das raças, merecendo da mesma forma rigor e denúncia. Segundo normas internacionais de direitos humanos, nenhuma prerrogativa ou gozo de um direito pode estar

subordinado ao pertencimento ou expressão de dada raça, cor, religião, sexo, classe social, opinião política. A homossexualidade, entretanto, pode ser um obstáculo ao pleno gozo dos direitos (BORRILLO, 2001).

O discurso homofóbico, a militância anti-homossexuais pode mesmo hoje tomar a forma de uma perseguição cuja lógica não difere de outras formas de violência conhecidas, como a manifestação racista. O racismo consiste na supremacia de uma raça sobre outra (como o anti-semitismo), e equipara-se ao sexismo, que vem a ser a supremacia de um gênero sobre outro. As manifestações sexistas discriminam o outro, há ausência de empatia, de compaixão pelo semelhante, como se a existência do outro que é diferente ameaçasse sua própria existência, e isso é um mito que facilmente pode se converter em ódio. Por heterossexismo entende-se a expressão social dessa segregação sexual de um grupo sobre outro.

O heterossexismo é uma qualidade normativa da heterossexualidade que se constitui como forma de dominação, a partir da qual as sexualidades se espelham, se medem. É uma crença na hierarquia das sexualidades, segundo a qual a heterossexualidade se coloca como superior e as demais sexualidades aparecem como incompletas, acidentais, perversas ou mesmo patológicas, criminosas (VON-SMIGAY, 2002).

Segundo a lógica do heterossexismo, há um tratamento diferente para situações semelhantes, dependendo de se o indivíduo é hétero ou homossexual, justificando as discriminações e mantendo as fronteiras jurídicas, legais entre as sexualidades. Permite-se, assim, discriminar arranjos ilegais, como casamentos, filiações, famílias homossexuais daqueles outros eventos heterossexuais, estas sim legais.

Para Borrillo (2001) a discriminação dos homossexuais, o heterossexismo, que diferencia direitos só para os heterossexuais, também é uma segregação, também é homofobia, e todo regime parcial, para justificar diferenças, é segregacionista. Tratar os homossexuais de forma diferenciada, como exceções, é mantê-los distantes de desfrutar os mesmos direitos como qualquer indivíduo. Nas palavras do autor: “A homofobia é entendida como a consequência psicológica de uma representação social, outorgando à heterossexualidade o monopólio da normalidade, fomenta o desprezo aos que se separam do modelo de referência” (BORRILLO, 2001:24).

O senso do *natural normal* é atribuído ao heterossexual – retomando o conceito de heteronormatividade –, e por natureza seus direitos humanos são respeitados, mas isso não acontece aos homossexuais. Diferenças entre homo e heterossexualidade existem e podem

ser constatadas: apenas o heterossexual é referência para comportamentos e modelos de sexualidade; o sexo biológico – masculino e feminino – determina que o desejo erótico incida sobre o sexo oposto. Assim mantém-se o regime binário de sexualidade, onde o desejo é único e heterossexual, conseqüentemente o comportamento sexual só pode ser masculino ou feminino. A homofobia e o sexismo são componentes necessários de um regime binário de sexualidade; a homofobia é a guardiã das fronteiras sexuais e de gênero, garantindo dessa forma aos heterossexuais que sejam modelo e referência para qualquer sexualidade (OSWALD; BLUME; MARKS, 2005).

Assim, o sexo biológico masculino é definido como heterossexual masculino, tem o seu comportamento sexual específico e, dessa forma, o homossexual torna-se vítima da violência homófoba, porque não adere às normas clássicas de gênero. A homofobia é uma forma de exclusão, é um fenômeno complexo, variando muito de cultura para cultura, de tempos em tempos, e envolve a vulgarização e a ridicularização do indivíduo que mantém relacionamento homoafetivo, ou sem o típico comportamento heterossexual masculino.

A homofobia traz em seu bojo o desejo de exterminar o outro que é homossexual porque constata a diferença, interpreta, conclui e julga. Concebe o homossexual como criminoso, relega-o ao ostracismo, pune-o por isso. Formas mais sutis pregam tolerância à homossexualidade, considerando-a uma forma inacabada, ou secundária de sexualidade; pode ser aceita na esfera íntima, mas se torna insuportável quando reivindica publicamente a equiparação à heterossexualidade. A homofobia, enfim, é um temor de que essa outra identidade sexual seja reconhecida como uma angústia diante da possibilidade do desaparecimento da fronteira e da hierarquia da ordem heterossexual (OSWALD et al. 2005).

Uma expressão sutil da homofobia é a ridicularização; a injúria e o insulto cotidiano. O efeito da injúria é um sentimento de que se é inferior, de que o outro que é superior detém o poder; é uma expressão de assimetria entre os indivíduos, os que são e os que não são legítimos, da vulnerabilidade de alguns. A personalidade é moldada segundo essa percepção de que se é inferior, de que há algo e alguém que nos subjuga, nos domina, que tem o direito instituído de nos insultar; há uma percepção da existência da hierarquia (ERIBON, 2000). O mundo sob a ótica da injúria e da agressão é um mundo de hierarquia pessoal, social, cultural e racial. Os indivíduos aprendem através da injúria quem é da categoria dominante e quem é da inferior: àqueles indivíduos, que são superiores, lhes é permitido usufruir de direitos igualitários a princípio; a estes, inferiores, não lhes são

permitidos os mesmos direitos. Na família produz-se um desconforto e uma inquietação visível quando o pai/mãe percebe a homossexualidade do/a filho/a, podendo mesmo ser fonte de dor e sofrimento para os familiares.

A rotina diária dos pais que mantêm relacionamento homoafetivo é, portanto, marcada por essas práticas sociais, que são a heteronormatividade, com a naturalização da heterossexualidade como norma binária de gênero masculino e feminino no que diz respeito à parentalidade; o convívio continuado e exaustivo com os estereótipos negativos, como os preconceitos, a desqualificação, injúria, estigma e a homofobia. A ideologia que rege a família e as relações é o heterossexismo.

Em face dessas práticas sociais que circunscrevem a rotina do pai que mantém relacionamento homoafetivo pode-se levantar alguns de seus *enfrentamentos típicos*¹². Estes são assinalados por Denise Whitehead (apud AMBERT, 2005), mas os mesmos já haviam sido apontados por outros autores (GREEN, 1978; BIGNER & JACOBSEN, 1989; GREEN & BOZZET, 1991; BAILEY, BOBROW, WOLFE & MIKACH, 1995), que pesquisaram famílias homoafetivas. De forma geral podemos dizer que os homens pais que mantêm relacionamento homoafetivo:

- são vistos como inadequados, cultural e socialmente, porque podem influenciar seus filhos com seus comportamentos e atitudes, ou engajá-los em atividade homossexual;
- são alvos de homofobia por parte de colegas de trabalho, na comunidade, na escola e dos pais dos amigos de seus filhos;
- se deparam com a falta de profissionais especializados que os atendam e a seus filhos;
- se deparam com grandes desafios biológicos para ser pai – com mais despesa, obstáculos e desafios que os demais pais – envolvendo a inseminação, a adoção, a barriga de aluguel;
- convivem com o medo da revelação e de ter de viver continuamente a ameaça de “sair do armário”, ou se revelar, para a esposa, para os filhos, para a família de origem e para a extensa, para empregadores, professores da escola, para a comunidade em geral, para instituições que prestam serviços, e assim por diante.

¹² O conceito vem da palavra inglesa *coping* e tem sido descrito como o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas ou estressantes (ANTONIAZZI; DELL'AGLIO; BANDEIRA, 1998). A palavra *coping*, pode significar “lidar com”, “adaptar-se a”, “enfrentar” ou “manejar” (FOLKMAN & LAZARUS, 1985).

Esses enfrentamentos típicos, ou as práticas sociais que permeiam o cotidiano dos pais que mantêm relacionamento homoafetivo, são mais ou menos acentuados dependendo da cultura, etnia, religião, classe social ou mesmo de características psíquicas pessoais, internas de cada indivíduo e ficarão mais bem explicitadas sob a égide da dinâmica do segredo e da revelação mais adiante neste capítulo.

Aspectos sociais

Não sabemos qual o número de crianças que vivem com pais de mesmo sexo aqui no Brasil, nem temos dados precisos com relação aos homossexuais que são pais que vivem com a prole e um companheiro. A revisão realizada por Anne-Marie Ambert (2005) indica que nos Estados Unidos existia, de acordo com um levantamento oficial de 2002, cerca de 5% de casais de mesmo sexo com filhos, e destes 55% eram casais masculinos, sendo que os casais femininos apresentavam maior tendência a viver com a prole. A autora ainda considerou que essas crianças que viviam em famílias de mesmo sexo, com a mãe ou o pai biológico, procederam de uniões heterossexuais anteriores.

Embora haja indícios de que esteja havendo um incremento nos casais de mesmo sexo que criam filhos, as pesquisas em geral acabam por focar mais as mães lésbicas (mais comum) e a prole dessas uniões do mesmo sexo e não se atêm aos homens pais homossexuais (BARRET & ROBINSON, 2000; NIOLAN, 2005), pois estes, já historicamente, como homens, sub-representados em estudos e pesquisas (KIMMEL, 1991). Muitas vezes se compara a paternidade homossexual com a heterossexual, por falta de investigação, ou então se presume que a parentalidade homossexual é similar, no que diz respeito às lésbicas ou aos gays, sem diferenciação (SIMMONS & O'CONNELL, 2003). Esse é um aspecto relevante já que na língua inglesa a terminologia gay pode ser utilizada indiferentemente para homens ou mulheres que se relacionam homoafetivamente.

O que podemos perceber é que mesmo no Canadá ou nos Estados Unidos, onde as pesquisas são mais numerosas, e mais divulgadas, há grande lacuna de investigações sobre a paternidade homoafetiva. Não encontramos nenhum tipo de levantamento quantitativo no Brasil com relação à homoparentalidade masculina, mas sabe-se que os dados quantitativos sobre homossexualidade em geral não diferem muito de um país para outro, e por isso consideramos os números da revisão de Ane Marie Ambert (2005) que diz haver cerca de 5% de casais de mesmo sexo com filhos.

A rotina de ser pai, o dia-a-dia, pode fazer diferença se esse homem que mantém relacionamento homoafetivo viver no Canadá, nos Estados Unidos, na Espanha ou em qualquer outro país. Se ele viver no Brasil, um dos países com maior incidência de homofobia, e ainda cunhando seu trajeto a passos lentos nas questões do reconhecimento de direitos, significa ter de lidar com estigma e preconceito até mesmo dos serviços na comunidade em que ele for buscar apoio e orientação (MOTT & CERQUEIRA, 2001; UZIEL, 2002; SILVA, 2007). Isso tem ampla repercussão na vida desse pai e de sua prole; em qualquer local que viver será grupo minoritário excluído e terá de enfrentar o preconceito e o peso de ser diferente.

Uma peculiaridade das famílias homoafetivas que criam filhos é que elas tendem a desenvolver pequena rede de suporte emocional ou social, composta de amigos, parentes, e que também oferece à criança modelos do outro sexo, denominada “família escolhida”¹³. Essa família de escolha que se forma a partir de vínculos afetivos subsidia tanto os pais como as crianças do apoio necessário.

Essas pessoas mais próximas, com relações de amizade íntima, propiciam ao pai que mantém relacionamento homoafetivo, além da própria troca afetiva, apoio social, segurança, sentimento de pertencimento, compensando assim o pouco apoio institucional e da família de origem que, em geral, está distante. A família de escolha exerce muitas vezes as funções tradicionais da própria família, como substitutos do apoio da própria família ou de origem ou a extensa, sendo esses os vínculos mais fortes. Os vínculos primários do indivíduo estão voltados não para sua família de origem, mas para aquele grupo especial de pessoas amigas, alguns parentes, outros ex parceiros que ele escolhe para ser sua família.

No trabalho de Érica Renata de Souza (2004) com mães lésbicas, observou-se que em face da baixa aceitação social de sua homoafetividade as famílias evitavam excessiva exposição social, mantinham-se “antenas” com o entorno por meio de contatos pela internet, ou através de um grupo social doméstico mais restrito, uma vez que isso protege a prole, expõe menos os filhos e a si mesmas de ataques homofóbicos.

Algumas considerações diferentes aparecem no trabalho de Fabiana Noda (2005) também realizado com mães lésbicas no Brasil, indicando um contínuo amplo de aceitação-rejeição social, associado à própria aceitação por parte das mulheres de sua homoafetividade. Podemos entender que, à medida que essa auto-aceitação é maior, elas

¹³ Termo utilizado a partir de 1990 para se referir à rede de apoio primária e social recebido por gays e lésbicas, composta de pessoas (amigos/as e parentes), que não são apenas sua família de origem (GREEN; BETTINGER; ZACHS, 1996).

podem, sim, ampliar sua rede, ou mesmo estar com amigos, com o entorno e com família de origem, prescindindo de uma rede própria de suporte.

Sobre essa mesma rede de apoio encontrada no grupo de amigos, outros estudos também revelam algumas particularidades. Cynthia Pemperton Cancissu (2007), que investigou mães lésbicas e a “família escolhida”, aponta que diante da dificuldade de se aceitarem homossexuais e se assumirem para a família de origem elas buscam uma rede que as apoiem, construindo novos relacionamentos, amizades que compõem sua nova família, denominada então família escolhida.

Sobre os homens, pais que mantêm relacionamento homoafetivo, não encontramos estudos específicos referindo-se a essa família escolhida, embora se saiba que eles também se cercam de uma rede de apoio e suporte, que isso também se refere ao fato de não estarem totalmente revelados e viverem mais afastados de sua família de origem. mas, mesmo depois de sua revelação, o grupo de iguais, o reduto gay, ou o gueto desempenham um importante papel em sua vida social, e isso é protetor contra os preconceitos e a homofobia (POLLAK, 1983; NUNAN & JABLONSKI, 2002).

Gonsiorek (1995) ressalta que a rede social positiva entre amigos é de extrema importância para pessoas que mantêm relacionamento homoafetivo. Por sua característica única de ter de lidar com a homofobia continuamente, e talvez mesmo como uma ressonância desta, eles carecem de recursos da rede de apoio e de suporte das organizações e serviços. O enfrentamento diário de desafios é possibilitado devido a essa rede pessoal que permite troca, empatia, disponibilidade e ajuda mútua.

A rede de apoio das famílias homoparentais provê as crianças de contato e proteção com ambos os sexos e também com outras famílias homoafetivas. Isso sem dúvida é positivo, além de facilitador para a revelação (GONZÁLEZ, 2003; BRICKEY & GELNAW, 2007). Essa rede é protetora, uma vez que reduz a exposição à homofobia social, mas pode ser limitante enquanto posterga aquela visão real do que é a vida “lá fora” que a criança cedo ou tarde deverá enfrentar.

A franqueza completa acerca da própria homoafetividade traz em si um custo potencialmente sério. Mesmo que esses indivíduos superem a vergonha e as limitações sociais de sua afiliação, não poderão esquecer que estão inseridos num sistema, numa cultura homofóbica e heterossexista.

Esse encobrimento protetor ou a parcial abertura social externa – para uma rede menor de pessoas que os aceitam – encontrada de forma geral em afiliações homoafetivas

podem ser dinamicamente compreendidos como um enfrentamento paulatino dos aspectos homofóbicos, tanto internos como externos. Gary Sanders (1994) assinala o quanto segredos são perniciosos porque tiranizam, acarretam sintomas e prejudicam o convívio familiar, social, profissional. À medida que esse indivíduo se permite enfrentar seus temores e abre uma válvula de escape contando para alguém de sua confiança, se sente aliviado e pode assim reduzir a força dos sintomas e da tirania dos segredos.

Ampliar a revelação para uma zona de conforto compartilhada por pessoas confiáveis pode fazer a mudança da conotação de segredo para privacidade. Assim ele escolhe com quem pode e quer discutir sua homoafetividade. O autor também denomina de *família escolhida* ou *de escolha*¹⁴ aquele grupo de pessoas, amigos e parentes que se constitui sua família por aceitação de sua homoafetividade (SANDERS, 1994:222).

O fato de as famílias homoafetivas carecerem de rede de apoio e suporte social, apontado pela maioria dos autores (SAVIN-WILLIAMS, 1996; PATTERSON, 2001; UZIEL, 2002; GONZÁLEZ & SANCHEZ, 2003; SOUZA, 2004; ZAMBRANO, 2006), tem ressonâncias nefastas em seu cotidiano e na relação com os filhos; eles estão sós para enfrentar o ambiente adverso e para a integração de sua identidade homossexual, mesmo considerando que isso é crucial para o bem-estar, para a qualidade de vida e saúde integral de toda família.

A política de direitos mais igualitários, a conquista de espaços e serviços na comunidade já está mais sedimentada em alguns locais: em alguns estados norte-americanos, alguns países, como o Canadá ou a Espanha, onde inclusive já é legal o casamento e a adoção por homossexuais. Isso favorece a visibilidade e pode tornar mais fácil o reconhecimento de direitos, atenuando às vezes a busca por aceitação dessas famílias. Entretanto, essa mesma carência de rede de suporte social para os pais que mantêm relacionamento homoafetivo, bastante visível aqui no Brasil, também é referida nos resultados preliminares assinalados no trabalho de Rachel Epstein e Scott Duggan (2006) no Canadá.

¹⁴ Possível erro de tradução. O termo “família por opção” é o que está no texto e pode ter sido assim traduzido do inglês “family of choice” que significa “família de escolha”. Os autores (SANDERS & KROLL, 2000) utilizam em outro artigo que discute resiliência em crianças e jovens filhos de gays e lésbicas o mesmo termo “family of choice”, sendo este, portanto, o que consideramos.

Homoparentalidade e paternidade homoafetiva

A Psicologia tem estudado as famílias e a parentalidade homossexual e não têm sido encontradas diferenças significativas, tampouco prejuízo na criação dos filhos, em seu desenvolvimento, ou no estabelecimento de sua identidade de gênero; ao contrário, há mesmo vantagens nessa forma de cuidado, visto que a comunicação é mais aberta e direta e a distribuição de papéis ou tarefas familiares mais igualitárias, o que sugere que a persistência dos estigmas e dos preconceitos são de ordem cultural e moral (WHITEHEAD, apud AMBER, 2005).

Algumas obras e artigos sobre parentalidade homoafetiva que encontramos têm foco nas crianças, não investigam os pais, ou seja, enfocam as conseqüências da parentalidade homossexual e concluem que: filhos de pais gays geralmente desenvolvem identidade heterossexual (BAILEY & DAWOOD, 1998). Ou seja, se existe ou não fator determinante ou causal de aprendizagem para as crianças não se consegue avaliar, no momento, afirmam Stacey & Biblarz (2001), já que a possibilidade da prole apresentar orientação homoafetiva é igual tanto para pais que se autodenominam heterossexuais como para os que mantêm relacionamento homoafetivo.

Outras pesquisas cujo foco é a criança constatam que os pais gays não têm mais tendência a abusar de seus/suas filhos/as do que os pais heterossexuais, o que também se aplica às mães lésbicas, isto é, a homossexualidade parental não é sinônimo de pedofilia; ao contrário, foi observado que existe menor incidência de abuso infantil em famílias homoafetivas (LAIRD, 1993; JENNY; ROESLER; POYER, 1994).

Noelle Howey e Ellen Samuels (2000) que relatam como é crescer e se desenvolver em famílias homoafetivas, observaram que as crianças criadas por duplas de pais gays¹⁵ enfrentam brincadeiras de seus pares por causa disso, tendendo a ter maior estresse em sua rotina, embora não desenvolvam necessariamente problemas emocionais associados a isso. Joan Laird (1993) e Charlotte Patterson (2000) afirmam que, ao contrário, isso – crianças serem criadas por pais que mantêm envolvimento homoafetivo – pode favorecer um fortalecimento no enfrentamento do ambiente homofóbico, já que essas crianças tendem a ser mais tolerantes, empáticas e continentas.

Alguns aspectos referentes à parentalidade homoafetiva, da revisão bibliográfica de Anne Marie Ambert (2005), confirmam que, assim como outras formas de exercício da

¹⁵ Lembrando que pai gay pode se referir tanto ao homem como à mulher.

parentalidade, as diferenças são resultados de inúmeros fatores familiares. As situações enfrentadas por um pai que é homossexual se assemelham àquelas de famílias com figuras parentais adotivas ou divorciadas e heterossexuais; além, é claro, do que é típico de sua vivência homoafetiva, que é o preconceito, o estigma, a homofobia que permeia sua rotina. Essas situações familiares dependem muito de qual foi a origem da criança, se é por inseminação, adoção ou fruto de um relacionamento heterossexual, conjugal com divórcio, ou não.

Esses mesmos aspectos são corroborados pela literatura que consultamos a respeito de parentalidade homoafetiva, como as já referidas obras de Barret & Robinson (2000); Snow (2004); e Garner (2005), entre outros.

Segundo esses estudos o principal desafio das famílias homoafetivas é lidar com a homofobia, com a aceitação ou rejeição social, este sim seu grande estressor. Situações rotineiras para os pais, como acompanhar o filho na escola, em consultas médicas ou em atividades sociais, como festas, encontros com outras famílias, jogos, viagens etc., são oportunidades de emergência do preconceito social que circunda o dia-a-dia dessas famílias. Esses momentos continuados, repetidos, as estressam e as tornam mais complexas do que outras.

Observa-se cada vez mais que as relações homoafetivas vêm sendo objeto de estudos e vem obtendo maior visibilidade. Uma constatação é a própria emergência dessa denominação *paternidade homoafetiva ou homossexual* nos estudos revisados (PATTERSON, 2001; GONZALES, 2003; AMBERT, 2005). Apesar dos estudos comprovarem que os pais são iguais aos outros pais e não há diferença nas crianças que são criadas nesses modelos, persiste, entretanto, certo ranço de uma visão normativa, comparativa, buscando avaliar se as famílias homossexuais são ou não prejudiciais ao exercer o cuidado.

Em nossa busca para uma revisão do tema de nosso trabalho constatamos uma escassez de pesquisas que sustentem o que observamos à nossa volta, já que eles – os pais que mantêm relacionamento homoafetivo – existem, constituem famílias, têm filhos, adotados ou biológicos. Quando buscamos conhecer estudos sobre a parentalidade homoafetiva no Brasil encontramos em geral um bom volume de estudos sobre maternidade lésbica (SOUZA, 2005; NODA, 2005; CANCESSU, 2007), citando apenas alguns e na área de Psicologia. E quanto aos homens pais que têm vivência homoafetiva, o que a literatura diz sobre eles?

Constatamos que estudos específicos sobre paternidade homoafetiva são bastante incomuns e não encontramos para a realidade brasileira estudos que enfocam a paternidade homossexual e a revelação para os filhos no âmbito da Psicologia Clínica. Em nossas investigações na internet para o levantamento deste trabalho identificamos uma pesquisa que nos interessou, sobre Parentalidade LGBTT, da Universidade de Toronto, Canadá¹⁶. Um dos focos dessa investigação é com homens, pais, gays, e busca compreender os efeitos da homofobia sobre a parentalidade gay; barreiras sociais, legais para a parentalidade dos homens gays; acesso a serviços para os pais gays.

Tentamos obter mais informações sobre esse trabalho que, apesar de pertencer à área social, poderia possibilitar um aprofundamento na reflexão sobre a parentalidade de homens que vivem e operam fora dos padrões tradicionais de dinâmicas de gênero, entretanto não obtivemos resposta às inúmeras tentativas de contato; acreditamos que ainda não tenha sido publicado na íntegra. Ficamos alertas para nossas limitações como investigadores, no momento, mas também para a pequena variedade de trabalhos em Psicologia Clínica sobre homens, pais que mantêm relacionamento homoafetivo, que, apesar da imensa quantidade de estudos que cerca a comunidade LGBTT, ainda são sub-representados em qualquer forma de pesquisa.

Esse estudo foi coordenado por Rachel Epstein e David Kelley e realizado com homens, gays e pais de oito províncias do Canadá e envolveu entrevistas individuais (40) e questionários on-line (99). Alguns resultados preliminares foram apresentados em fórum para a comunidade e publicados em revista eletrônica¹⁷, de onde destacamos alguns aspectos que avaliamos interessantes para esta discussão:

O primeiro resultado que emerge é a **extrema invisibilidade dos pais gays**¹⁸. Muitos participantes referem uma total falta de conscientização de suas existências e, conseqüentemente, a ausência de programas e serviços que os atendam. A maioria deles gostaria de ver uma conscientização pública maior sobre suas existências e experiências. Muitas vezes isso está ligado a um desejo de proteger os filhos da atenção pública. E muitos também demonstraram satisfação sobre alguém finalmente estar fazendo pesquisa com esse grupo de

¹⁶ Pesquisa coordenada por LGBT Parenting Network, Rachel Epstein e David Kelley, do Family Service Association (FSAT): parentingnetwork@fsatoronto.com e FIRA ©University of Guelph Web Site: <http://www.fira.uoguelph.ca/home/>

¹⁷ Revista *e-bulletin* November 2006, vol. 1, number 3.

¹⁸ Grifo dos autores.

pais, o que lhes dá esperança de aumentar a visibilidade, de reduzir alguns estereótipos negativos sobre pais gays e de ampliar a disponibilização de serviços.

Questões relativas ao tema **direito de paternidade** são significativas para esses homens. Muitos homens gays desistem de ser pai quando se assumem e experimentam o impacto dos estereótipos negativos sobre homens gays e parentalidade – o mito de que os gays são abusivos e não devem ficar próximos de crianças. Para quem é gay e não tem filho a ausência de conhecimento sobre assuntos de direito de paternidade é acrescido de falta de informação sobre as possibilidades disponíveis de paternidade para um gay que quer vir a ser um pai.

Alguns participantes que tiveram filhos em contextos heterossexuais falaram sobre uma esperança de um dia vir a conseguir estar com seus filhos através do sistema legal. Alguns deles permitiam que suas esposas determinassem quando eles poderiam ver seus filhos, porque tinham medo de ir à corte e perder totalmente o acesso aos filhos. Mais pesquisas são necessárias para se avaliar quantos processos legais de pais gays existem (neste caso o Canadá) e se o medo desses homens é real, porque de fato existe a homofobia e o heterossexismo no tribunal que os julga. Perguntam-se os autores: será que o tribunal – ao qual esses homens recorrem e do qual dependem para ter seus direitos assistidos – estaria refletindo aqueles estereótipos culturais profundamente enraizados sobre homens gays serem pedófilos, e temores de que esses homens fiquem próximos de crianças pequenas?

Muitos desses homens entrevistados falaram de um **sentimento de orgulho pela paternidade** e também de um sentimento de orgulho por desenvolver uma identidade que pudesse incorporar tanto serem gays quanto serem pais. Alguns homens estavam em conflito, tentando ainda incorporar sua recém-assumida identidade gay com sua identidade como pai. Esse conflito é mais freqüente para os homens que tiveram filhos de relacionamentos heterossexuais e posteriormente se revelaram numa identidade gay (EPSTEIN & DUGGAN, 2006).

Em outro estudo sobre homens gays¹⁹ e seu estilo como maridos e pais de Brian Miller (2004) faz colocações interessantes na forma como os sujeitos constituem famílias homoafetivas e se tornam pais.

A condição de marido-gay e pai-gay envolve uma contradição – e aqui constatamos a ideologia heteronormativa que permeia o que o autor chama de “contradição” –, já que ser pai e ser marido são aspectos comumente relacionados aos homens heterossexuais. É comum encontrar nesse grupo de homossexuais, que são também pais, a homossexualidade camuflada, podendo se restringir a aspectos de sexualidade puramente genital. Social e publicamente, e à vezes para os próprios filhos e famílias, eles aparentam não ter relacionamentos homoafetivos, ou seja, se escondem atrás de um estilo de vida heterossexual, como se não tivessem um estilo de vida, um jeito de ser próprio, com sua identidade homoafetiva reconhecida e manifesta (MILLER, 2004).

O autor ainda discute que essa contradição entre se assumir e esconder sua identidade homoafetiva, porque é pai, tem relação com seus temores de ataques homofóbicos que seus filhos possam vir a sofrer. Esse mesmo estilo camuflado do homem pai gay viver sua homossexualidade foi observado por Flávio Tarnoviski (2004) na pesquisa realizada para a elaboração de dissertação de mestrado em Antropologia com homens que se autodenominam homossexuais.

Tipos de paternidade homoafetiva

Há uma grande variação no que diz respeito a ser um pai homossexual, e sua trajetória é individual e bastante singular. Ele pode seguir caminhos distintos: um o daquele que a princípio viveu um relacionamento heterossexual, casou-se ou não, mas teve filho, e só depois se assumiu e se revelou numa identidade homoafetiva (maioria); e, outro, daquele que se reconhece e se assume nessa identidade e depois quer e procura ser pai na co-parentalidade, sem o compromisso conjugal; ou, ainda, o caminho daquele que se torna via adoção ou tutela, ou através de tecnologias reprodutivas²⁰ (GONSIORREK, 1991; ERIBON, 2000; TARNOVISKI, 2003; MILLER, 2004). Dessas quatro formas possíveis a mais comum e também menos onerosa é via união heterossexual.

O homem que mantém relacionamento homoafetivo que é pai porque teve filho de um relacionamento heterossexual anterior – casou-se – enfrenta vários conflitos: se

¹⁹ Mantemos, como anteriormente salientamos, a denominação *gay* como utilizada pelo autor.

²⁰ Barriga de aluguel, para o homem. Ele pode combinar com uma amiga (muitas vezes lésbica), que pode ser inseminada e gerar um filho seu.

conscientizar de sua própria sexualidade, se assumir numa identidade homoafetiva; ter de fazer escolhas com relação às amizades heterossexuais, e avaliar para quem contar sobre sua homoafetividade; enfrentar as reações adversas de sua esposa; ser rejeitado pela comunidade gay por não ser um verdadeiro gay, já que foi casado; revelar sua identidade homoafetiva para familiares, filhos, no emprego, na comunidade.

A discriminação que um pai que mantém relacionamento homoafetivo sofre, seus enfrentamentos pode interferir na sua decisão de vir a ser um pai, ou mesmo de permanecer um pai, já que sua forma de ser pai é também influenciada pelo grau, pela frequência e pela intensidade dessas mesmas discriminações. Ele pode desistir de lutar para ser pai, ou, se já for, se afastar de seu filho porque sucumbe a elas (GREEN & BOZZET, 1991; MATTHEWS, 2004 ; EPISTEIN & DUGGAN, 2006).

Alguns estudos (BARRET & ROBINSON, 2000; GATES & JASON, 2004; CHAUNCEY, 2004; MELLO, 2005) apontam que não é ilegal um pai ser homossexual no Ocidente, que isso não o faz perder seus direitos de pai. Entretanto, se essa paternidade advém de um casamento heterossexual no qual houve um divórcio, esse pai deve ter consciência de que suas escolhas poderão influenciar a corte na disputa da guarda, caso seja revelada sua identidade homossexual antes da separação. Se escolher por revelar sua (homo) sexualidade, ele deve estar ciente de que isso pode ser usado pela ex-esposa como algo que poderá prejudicar seus direitos de guarda e visita.

Consoante com estudos na área de direito (ZAMBRANO, 2006; SILVA JR., 2007), com foco na homoparentalidade, as leis brasileiras não fazem restrições aos direitos de um homem que mantém relacionamento homoafetivo ser pai, ou cuidar de seu filho, desde que priorizado o bem-estar da criança, como o advogado especialista em família homoafetiva, Enézio de Deus Silva Júnior (2007) ressalta. Sabemos, por outro lado, que o preconceito que ainda cerca a homoafetividade – ou seja, os valores heteronormativos internalizados dos profissionais da rede de recursos – pode, sim, tornar o caminho mais difícil para um pai no momento da disputa da guarda, custódia e direito às visitas para aqueles que tiveram um divórcio.

Além do preconceito homofóbico, dos valores heteronormativos podemos, entretanto, levantar outros aspectos – culturais, de gênero, do modelo internalizado de parentalidade – que podem interferir e fazer um pai ter de enfrentar esses percalços na busca por exercer seus direitos. Nos estudos de Souza (1994), já mencionados no capítulo sobre paternidade, o homem pai, mesmo quando assume a responsabilidade pelo cuidado

de seus filhos, entende que essa é uma atividade naturalizada como feminina e, assim, se distancia de se perceber capaz e competente para assumir esse cuidado. Isso é cotidianamente observável na atitude de homens que, quando se separam, argumentam que é melhor para que a criança fique com a mãe, mesmo que anteriormente ele fosse o cuidador mais envolvido ou no momento o parceiro com maiores condições de cuidar.

Um aspecto que tem grande potencial para ser fonte de conflitos e de estresse na parentalidade de homens que mantêm relacionamento homoafetivo oriundos de um divórcio é a relação com a ex-mulher; sabemos que qualquer ruptura por divórcio e que deixa filhos é uma experiência altamente estressora, e isso fica amplificado pela homopaternidade. Abigail Gardner (2005) e Judith Snow (2004), que têm trabalhos sobre filhos de famílias homoafetivas, mostram que é possível para um pai que se revela gay e se divorcia ter um bom relacionamento com a ex-esposa; que isso pode ser benéfico para a criança e para o exercício da paternidade pós-divórcio. O relacionamento com a família de origem, anterior e posterior à revelação, os aspectos próprios da revelação, como a idade dos filhos, a disponibilidade e a abertura para os(as) companheiros(as) e o baixo conflito com a mãe e ex-mulher são alguns dos muitos aspectos que têm importância crucial na manutenção de uma paternidade próxima e participativa, com baixo nível de conflitos, após divórcio e/ou revelação.

Relações familiares na paternidade homoafetiva

Há algumas diferenças nas quatro formas possíveis para a parentalidade homossexual aqui consideradas, advindas de união heterossexual: a co-parentalidade; por adoção; e a barriga de aluguel.

Nas duas primeiras – união heterossexual e co-parentalidade – percebe-se que é possível identificar o pai e a mãe; já na adoção e na inseminação a célula familiar e doméstica é única: a mãe, geralmente não conhecida pela criança, não interfere nem participa de sua rotina. Nestes últimos tipos a relação da criança com o pai e o companheiro do pai, quando houver, pode ter menor potencial conflituoso. O companheiro pode ocupar o lugar de um parental, exercendo funções no cuidado, podendo ser também denominado de pai (segundo pai, pai dois). Diversas contingências interferem para o reconhecimento pela criança de qual seria a célula familiar: da relação que a criança e o companheiro do pai estabelecem; e se a adoção for feita pelo casal, o que é mais incomum,

entre outros (BARRET & ROBINSON, 2000; MILLER, 2004; BRICKEY & GELNAW, 2007).

Para crianças que têm a mãe presente em sua rotina, cujo pai mantém relacionamento homoafetivo – tem um companheiro –, mesmo que esse companheiro tenha uma relação próxima, de cuidado e de afeto com a criança, geralmente não lhe é outorgado um lugar parental; a criança distingue e diferencia o pai, a mãe e o companheiro do pai, mesmo que esse companheiro co-habite e esteja atuando em atividades comumente exercidas por um parental.

Característica semelhante de relação familiar também foi observada em estudos que têm como foco as relações do padrasto com os filhos da companheira em famílias divorciadas em novas uniões (SOUZA & LIMA, 2001; LIMA, 2003). A criança não outorga o lugar do pai ao novo companheiro da mãe, embora essa relação possa ser permeada de afeto, respeitosa e funcional.

Nestas duas últimas situações de famílias divorciadas o que há em comum é um casamento com filhos, um divórcio e a nova união. O que se observa é que na relação da criança com o companheiro da mãe – ou do pai da família homoafetiva – não lhe é outorgado o lugar do pai, nem mesmo na rede de parentesco dessa família, embora possa eventualmente reconhecer seu lugar de companheiro do parental em nova união.

Podemos dizer que os contornos que uma família tem, quem faz parte dela, não estão delimitados pelos pais biológicos que já se inserem nela como membros; há outros atores que podem desempenhar papéis importantes, desde que haja condições favoráveis para a aceitação e integração de novos membros, quer eles tenham ou não vínculos biológicos e legais.

Essa situação é também discutida no livro de Rosane Mantilla de Souza e Vera Ramires (2006), que trata de assuntos da família e suas relações depois do divórcio, do ponto de vista das crianças. Assim um meio-irmão, o filho do companheiro, um padrasto, um companheiro do pai podem, ou não, fazer parte da família como membro, mesmo que não se tenha denominação legal ou parental para referi-los.

Segundo as mesmas autoras, há, por exemplo, diferentes categorias para se referir ao companheiro da mãe, e isso também é observado nas famílias homoafetivas com o companheiro do pai. Ele é tratado como “tio” e “pai dois”, embora seja complexo e raro ele ocupar categorias simétricas na dinâmica das relações. Nessas circunstâncias um fator que sobressai para que o companheiro do pai possa ser reconhecido numa relação de

parentesco pode ser a possibilidade da construção de uma relação de aliança, com vínculos de reciprocidade, além da presença e ou da ausência da outra figura parental biológica, no caso a mãe, que pode não admitir que a criança denomine o companheiro do pai como “2º pai, pai dois ou pai de 2º grau”. Essa situação foi observada nos estudos de paternidade homoafetiva de Brian Miller (2004) e Flavio Tarnoviski (2004); nos demais autores aqui revisados que falam de famílias homoafetivas como Abigail Gardner (2005), Judith Snow (2004) e Erica Renata de Souza (2006), além de Rosane Mantilla de Souza e Vera Ramires (2006), com crianças e adultos de diferentes configurações familiares.

O fato de outras pessoas partilharem do cotidiano da criança e exercerem funções parentais, desempenhando atividades ligadas à sua criação, educação e cuidado, não se constitui um problema nas famílias homoafetivas, ao contrário pode ser uma realidade comum, realidade esta que é também comum a famílias que vivem outras uniões pós-divórcio. E lembramos que nessas famílias não há uma referência estabelecida no sistema doméstico, nem no parentesco, tampouco no legal, mesmo que no caso das famílias homoafetivas o companheiro do pai tenha um lugar de importância na vida da criança.

Gillian Dunne realizou uma pesquisa com 94 pais homossexuais residentes nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Os resultados sobre origem da paternidade dessa investigação não difere dos demais autores aqui revisados: a maioria da paternidade homoafetiva é oriunda de relacionamento heterossexual anterior. O autor salienta que encontrou também outros homens que mantêm relacionamento homoafetivo que, embora nunca tivessem se casado, planejaram ser pai, o que evidencia o desejo e a habilidade de transformar a limitação da sexualidade reprodutiva até então confinada às mulheres (DUNNE, 1999).

A paternidade não está confinada ao relacionamento heterossexual, ou seja, a heterossexualidade não é um pré-requisito da paternidade, como assinalam os estudos e as pesquisas sobre adoção, paternidade singular e homoparentalidade (UZIEL, 2002; ZAMBRANO, 2006; SILVA JR., 2007). Dizer que os homens evidenciam uma habilidade e um desejo de serem pais enfrentando a própria limitação reprodutiva pode ser uma ousadia.

Essa condição – de se tornar pai, exercer a paternidade prescindindo da mulher ou da mãe da criança – pode, sim, ser um aspecto específico da paternidade homoafetiva, não sendo referido em estudos sobre a paternidade heterossexual por nós revisados, o que leva a crer que a exploração de experiências não heterossexuais é certamente uma oportunidade

de considerar a existência de modelos alternativos de paternidade, assim como o desempenho de uma diversificação de papéis sociais, familiares e de gênero.

O acesso à paternidade é uma importante etapa do processo de aquisição da identidade masculina. A paternidade exercida por homossexuais e vinculada ou não a uma parceria homoerótica certamente tem outros significados e transcende o ser pai ou ser mãe. Ser um pai homossexual, ou ser um pai solteiro, parece sem sentido numa visão de família naturalizada, tradicional e nuclear. Mas não é desprovido de sentido se considerarmos as diversas masculinidades, como Richard Connell (1995b) e Plínio de Almeida Maciel Jr (2006) demonstram, e se compreendermos esse homem produzindo transformações e ampliando sua inserção na família contemporânea, como já assinalava Michael Lamb (1999).

No caso dos homossexuais que se mostram desejosos desse papel de pai, que disputam a guarda com suas ex-esposas, ou que adotam seus filhos, mesmo que fatores heteronormativos se interponham, o significado, a percepção e a vivência dessa paternidade devem provavelmente ir além de uma reafirmação de sua virilidade, ou de sua identidade masculina.

Dessa forma, pelo que pudemos compreender dos autores aqui revisados, ser pai, para o homossexual que cria o filho sozinho, porque adota, ou porque está com a guarda, pode ser uma experiência única e enriquecedora, um desafio, pois ele pode ter a oportunidade de exercer de maneira despreziosa e voluntária algumas atividades associadas ao exercício da paternidade, mudando assim a concepção do que vem a ser sua responsabilidade de pai. Ele pode estar mais próximo de seu filho, pode ser mais sincero, aberto e encarar com ele o preconceito. Esse pai pode ainda superar as expectativas e desempenhar funções que não lhe seriam imputadas como pai num modelo convencional tradicional, conferindo-lhe um lugar de valor e prestígio, por assumir a criação dos filhos, obtendo ganhos pessoais com isso.

Revelar um segredo ou manter a privacidade

“A maioria das pessoas que guardam segredos recordam-nos como fonte de vergonha”

(MASON, 1994:40).

Existe ambigüidade em relação ao que é *público* versus *privado*, que vem sofrendo mudanças ao longo dos tempos, de acordo com cada cultura e facilidade dos meios de comunicação. É difícil fazer uma diferenciação precisa do que é domínio privado ou do que se atribui ao segredo, já que o desejo de privacidade pode ter como combustível a vergonha; exposições degradantes são ameaças para a intimidade e integridade pessoal.

Nas palavras de Marilyn Mason: “o segredo acaba sendo a ponte entre a privacidade e a vergonha”, e mais adiante “segredo é informação devida a outros, protege algo mantendo-o invisível a outros” já privacidade não subentende o prejuízo a terceiros, tampouco encobre a vergonha, apenas protege a informação de uma publicidade desnecessária (MASON, 1994: 41).

A cultura ocidental é preconceituosa, racista, homofóbica, com vergonhas chocantes; certos tabus culturais são geralmente mantidos em segredo. As violações às leis sociais, culturais desvelam a vergonha, maculam nossa imagem externa. O valor da sociedade está nessa imagem externa de *status*, sucesso e poder, que esconde a vergonha que não pode ser revelada; somos admirados pelo que expomos, não pelo que somos.

Segredos, em geral são inibidores de crescimento, embora isso não seja determinante. A existência de mitos, tabus, histórias não contadas passam a ser vergonhas escondidas e necessitam de um processo, de uma dinâmica familiar para se manterem ali ocultos. Muitas vezes um evento inicialmente doloroso, pode passar a ser um segredo, consciente ou não; podem ainda dizer respeito a comportamentos do presente, ou do passado; se referir a crenças, a fantasias, ou a fatos concretos que marcaram a história familiar.

O senso de vergonha de uma pessoa está ligado ao comportamento de outro membro da família, violando o código social. A fidelidade familiar mantém o segredo e a vergonha intactos, não importando seu poder debilitante (MASON, 1994:44).

Essa forma peculiar de se isolar, se excluir não revelando uma particularidade, para supostamente se proteger – ou proteger outrem – que os segredos engendram, pode ser ameaçador em vez de protetor. Como afirma Evan Imber-Black (1994) o indivíduo se mantém prisioneiro, controlado pela ameaça de ver seu segredo revelado. É foco de medo, dor e ansiedade. É limitante porque isola e restringe a fluidez da comunicação e a confiabilidade do relacionamento.

Manter segredo sobre a própria orientação homoafetiva implica acobertar algo de extremo valor para a própria vida, seu bem-estar e nas relações familiares e pessoais, sendo que a “maioria das pessoas que guardam segredos recordam-nos como fonte de vergonha” (MASON, 1994: 40), e neste particular a vergonha é da própria identidade, da própria homoafetividade.

As implicações disso é que o pai que mantém relacionamento homoafetivo impreterivelmente passa por todo um processo psicológico interno entre o se reconhecer, se assumir e se revelar, que aqui denominamos de “dinâmica de manutenção de segredos”. Na visão sistêmica da terapia familiar, segredos engendram processos internos específicos para sua manutenção e são centrais no desenvolvimento e personalidade dos indivíduos neles envolvidos.

As restrições com relação à expressão ou a ligações amorosas e sexuais são prejudiciais a qualquer sexualidade e são maiores com relação ao mesmo sexo nas culturas ocidentais atuais do que, por exemplo, nas culturas grega e romana da Antiguidade. O indivíduo envergonha-se de um aspecto de si mesmo que não é bem-visto cultural nem socialmente, e tampouco por ele mesmo, pela família que o criou ou na que ele constituiu.

Consideramos que a opressão contra as afiliações homoafetivas se sustenta na heteronormatividade, ideologia que reforça a crença na binaridade dos gêneros masculino e feminino como sustentáculo naturalizado das relações da sociedade e da família. A própria tradição patriarcal privilegia o gênero masculino sobre o feminino o que tiraniza e impõe desigualdades. A partir desse sistema hierárquico, como já descrevemos no capítulo anterior, quando discutimos masculinidades, hegemonia e subordinação, se agrega outras hierarquias emergindo grupos que dominam e grupos que se subordinam. Afiliações homoafetivas são compreendidas como subordinadas nesta hierarquia heterossexista de gêneros.

Alguns sabem outros não

Os segredos moldam a identidade da família à medida que passa a ser uma pauta de relacionamento e fica circunscrito nesse grupo: “todos sabemos, menos os outros familiares e o mundo externo”. O nível de estresse e exigência para a manutenção desse conhecimento apenas nesse pequeno círculo pode isolar os membros ou o próprio indivíduo dos recursos que o cercam e que poderiam dar-lhe o apoio necessário. Ele e o

pequeno grupo com o qual compartilha o segredo ficam circunscritos num determinado tipo de relacionamento, com suas vozes próprias, seus maneirismos, numa identidade limitante, típica e muitas vezes doentia (IMBER-BLACK, 1994: 32).

Por sua essencial dependência primária a criança adere às regras daquele grupo familiar que a criou, que têm normas explícitas e implícitas; ela aprende a não ir além dos limites que poderá gerar ansiedade nos seus cuidadores, dos quais ela depende. Esse é o potencial do “guardador de segredo” que todos nós temos: a fidelidade a lealdade a quem nos cuidou e nos manteve. E nas palavras de Marilyn: “uma lealdade invisível que nos mantém emocionalmente cativos às normas da família” (MASON, 1994: 46).

Faz parte do processo de amadurecimento trair nossa lealdade infantil às nossas famílias, confrontá-la com nossos próprios valores, rompendo as regras e criando uma lealdade adulta. O importante dessas regras de lealdade familiar e que lhes confere poder é que elas são ensinadas e aprendidas de modo não declarado, com injunções implícitas acerca do que podemos ver, sentir, ouvir e comentar. Sendo exatamente isso que preserva aquele reservatório cheio de vergonha e segredos familiares. Não falar, não questionar isso mantém o reservatório de segredos cheio, fechado e para a criança o “não falar daquilo, não perguntar” é uma atitude esperada dela, que protege os pais.

A discriminação que pessoas que vivem sob a égide da homoafetividade sofrem é condensada no que se denomina homofobia. São todos os sentimentos negativos associados às afiliações do mesmo sexo, que podem ser internos do próprio indivíduo, ou externos, do outro e do meio, e podem ser conscientes ou inconscientes. É comum o próprio indivíduo que se denomina gay referir que primeiro não aceitou quando se percebeu tendo interesse pelo mesmo sexo, que passou períodos tentando negá-los, ou até se percebeu dirigindo-se com agressividade e nojo contra indivíduos manifestamente homossexuais.

O amplo sistema de crenças da discriminação heterossexista homofóbica que atinge indivíduos heterossexuais, gays, lésbicas, indiferentemente, em maior ou menor grau, no âmbito interno, pessoal, denomina-se homofobia internalizada, e é exatamente essa internalização dos próprios aspectos negativos e vergonhosos que engendra o segredo sobre a sua afiliação homoafetiva (SANDERS, 1994).

A autora compara os efeitos do segredo no âmbito interno como algo extremamente danoso, quando o segredo controla o indivíduo em vez de ele controlar o segredo – que

seria manter uma informação no âmbito confortável da privacidade – e ele pode ser acometido de sintomas indesejáveis.

Lembrando Urie Bronfenbrenner (1996), o indivíduo está inserido em sistemas com os quais se relaciona e o influenciam. Toda nossa família de origem, a família que formamos, outras famílias de nosso convívio, nossos amigos, no trabalho e na comunidade em que vivemos, além do grande sistema de crenças que nos circunda, acreditam que devemos seguir estilos de vida e nos relacionar heterossexualmente. As relações têm bases heteromativas.

Nesta perspectiva, consideramos que ser diferente desse padrão e guardar segredo dessa diferença pode repercutir nas relações que indivíduo estabelece. Ele se vê desqualificado e pode se recusar a encarar a própria vergonha de ser quem é. Submeter-se às normas e regras para limitar o amor, ou mesmo anulá-lo, pode ser pernicioso, destrutivo; isso é tirânico e pode levar ao adoecimento. Manter a homoafetividade em segredo pode ser um recurso doentio de quem perdeu a coragem para se aceitar encarando a homofobia.

Crenças anti-homossexuais podem agir de forma devastadora nas relações que estabelecemos e mantê-las secretas é perigoso, porque lhes dá força e sustenta a tirania. Elas estão presentes no próprio indivíduo que sucumbe àqueles ideais heteronormativos e mantém sua homoafetividade secreta, escondida até de si mesmo, o que pode ser uma negação inconsciente. São observáveis, ainda, naqueles outros indivíduos que aparentemente são abertos às diferenças, como os próprios profissionais que atendem à comunidade LGBTT, e que julgam por isso não necessitar rever seus valores. Portanto, defendemos a idéia de desconstruir continuamente nossas próprias crenças anti-homossexuais internalizadas; desconstruir a heteronormatividade que permeia nosso olhar é uma atitude para todos, já que absolutamente ninguém está totalmente livre dessa ideologia homofóbica heterossexista.

Do se assumir ao se revelar

Aceitar-se diferente daquele padrão prescrito heteronormativo é primeiro abrir esse segredo secreto instalado inconscientemente para si mesmo. É assumir-se nessa identidade e de modo paulatino se revelar aos outros. O que passa por um longo período que envolve lidar com parcimônia com a própria homofobia e com a externa, ampliando assim o segredo para a privacidade e a revelação de sua própria homoafetividade.

Sobre se assumir como um homossexual e pai, integrando aspectos de sua própria orientação homoafetiva à sua personalidade, os estudos indicam que se traduz num processo bastante demorado, permeado por crises e etapas, próprio de cada situação e constituição da identidade (BOZETT, 1981; DUNE, 1987; ERIBON, 2000; SNOW, 2004; GONSIORREK, 2005; GARNER, 2005). Esse período pode ser bastante variável, para alguns vai se delineando antes de serem pais, nos casos dos que adotam; para outros, pode fazer parte do processo de separação e da necessidade de aproximação dos filhos e, para outros, pode ser um pouco mais tardio e demorado.

Caracteriza-se por momentos de tensão, de convívio com a imagem negativa que está associada à homossexualidade, que fazem parte da necessária construção de uma identidade homoafetiva, e por si representa uma fase de dúvidas, conflitos e enfrentamento da homofobia (BORRILLO, 2001). Se assumir numa identidade homoafetiva pode representar então o assumir para si mesmo a resolução desses conflitos, que fazem parte da auto-aceitação. Isso é lento, contínuo e varia de pessoa para pessoa, dependendo até mesmo do ambiente. E dependerá também desse homem ser ou não um pai, já que como pai e homem ele não quer ver sua competência parental questionada e tampouco a vida social do(a) filho(a) prejudicada, ameaçada. Neste caso “se assumir” pode não significar necessariamente visibilidade social e parcerias homossexuais; o abrir-se, revelar-se, é cuidadoso, seletivo, demorado (HOWEY & SAMUELS, 2000).

Evan Imber-Black (1994) alerta-nos que os segredos podem afetar vários sistemas e sub-sistemas fora do âmbito familiar; indivíduos e grupos que podem estar sendo privados de conhecer uma realidade e são afetados por uma informação que lhes é negada. Para alguns autores que discorrem sobre a dinâmica do segredo familiar, que estamos discutindo aqui (IMBER-BLACK, 1994; MASON, 1994; PAPP, 1994; SANDERS, 1994), há estreita relação entre poder e segredo: quem detém o poder decide manter uma dada informação e assim amplia seu poder.

Segredos de magnitude extrafamiliar, como a revelação da homoafetividade do pai, podem ficar amplificadas quando alguns membros da família sabem – a mãe ou a esposa e o pai – e outros não – os filhos. O poder fica centrado na mão de quem mantém o segredo, e neste caso detém uma informação importante, que influencia outras esferas além do grupo familiar.

Tomando como exemplo um pai que esconde ou omite sua homoafetividade dos filhos, mas que inadvertidamente foi flagrado por sua esposa, mãe de seus filhos, pode

ficar refém desse segredo. Quem compartilha a informação secreta pode manipulá-la ditando as regras do jogo, ou seja, captura o indivíduo ameaçando-o com uma revelação indesejada e assim o tem sob seu poder.

Receios pelas conseqüências negativas da revelação permanecem como uma fonte de medo e ansiedade, que funcionam ao mesmo tempo como barreiras para a revelação, fortalecendo assim o que está sendo guardado, “não dito”. Os temores e os medos podem ser em certos casos reais, como em situações em que existe o estigma atribuído a grupos sociais excluídos, como é o caso da homoafetividade. Segredos podem ainda ocultar outros segredos, ficando assim o significado ainda mais ameaçador e por isso fortalecido, dificultando ainda mais que o verdadeiro foco seja elucidado e venha à tona. A informação fica guardada, obscura, intocada, e pode se relacionar aos medos pregressos da história do indivíduo. Marilyn Mason (1994) salienta que o motor de informações ocultas é a vergonha e em geral se relaciona a tabus sociais culturais com significados sexuais na maioria das vezes.

A revelação de um segredo pode ter efeito dramático, mas também positivo na relação dos envolvidos naquela dinâmica, sendo necessário tempo para que a confiabilidade se restabeleça e que a comunicação seja mais aberta. Emoções e sentimentos foram contidos e muitas vezes a abertura do segredo é apenas o início de um longo processo em direção às mudanças, tomadas de posições e decisões.

Uma criança tomar conhecimento da homoafetividade do pai pode ter uma conotação tanto protetora (para poupá-la do preconceito, homofobia que necessariamente terá de enfrentar), como também pode envolver poder e controle de alguns que compartilhavam a informação em detrimento de outros que foram excluídos daquele conhecimento. Neste caso, se uma mulher vier a tomar conhecimento da vivência homoafetiva – que até então era secreta – de seu marido, pai de seus filhos, poderá, ao se sentir traída, excluída, manipular essa informação e ameaçar contar aos filhos. Mesmo após a revelação, esse clima ameaçador e negativo entre os pais pode permanecer, pesando no relacionamento, prejudicando a comunicação e dificultando a tomada de decisões e soluções promotoras do desenvolvimento para todos, com grande prejuízo dos filhos, na maioria das vezes, podendo acarretar um distanciamento na relação destes com o pai, entre outros sintomas deletérios.

Segundo Evan Imber-Black (1994), é necessário, às vezes, recorrer à suporte profissional para auxiliar os indivíduos na busca de soluções e caminhos que facilitem o

desenvolvimento de todos. Descobrir, por exemplo, que uma informação foi omitida por um sentido de proteção, pode auxiliar os envolvidos a restaurar o senso de confiança com mais facilidade do que descobrir que o segredo era mantido para afirmar poder e subjugação, que corrói ainda mais a confiança.

Como os pais lidam com a revelação de sua homoafetividade

Sobre a revelação da homoafetividade de homens brasileiros que são pais Tarnoviski (2004) observa que, em sua maioria, eles administram segredos, não gostam de “dar bandeira”, já que isso, “ser bandeiroso”, está associado para eles a uma exposição pública excessiva, bem como a trejeitos femininos. Para que se abram, diz o autor, “é necessário que o outro ofereça ‘abertura’, ou seja, que demonstre alguma receptividade ou predisposição favorável para ‘aceitar’ as confidências que lhe serão feitas”, sendo que em muitos casos com familiares a preferência não é pela comunicação verbal direta, já que esta poderia levar a um desnecessário confronto direto, demandando explicações constrangedoras no âmbito afetivo/sexual (TARNOVISKI, 2004: 398).

Os estudos de Miller (2004) também levantam aspectos similares com relação a não serem como pais muito abertos sobre sua homoafetividade, e isso se relaciona a uma necessidade de proteção maior aos filhos. Entretanto, essa forma peculiar de se isolar, se excluir, não revelando uma particularidade, para supostamente se proteger – ou proteger outrem – que os segredos engendram, pode ser ameaçador em vez de protetor. O indivíduo se mantém prisioneiro, controlado pela ameaça de ver seu segredo revelado. É foco de medo, dor e ansiedade. É limitante porque isola e restringe a fluidez da comunicação e a confiabilidade do relacionamento.

Para o homossexual que também é pai o cuidado com os estereótipos negativos pode ser uma preocupação não só dele, mas que repercute em seu filho, em sua família. Além desses aspectos, muitas incertezas acerca de sua sexualidade podem fazê-lo adiar se assumir um homossexual, uma dúvida que permanece no íntimo é: como pode ser homossexual se gosta ou gostou das mulheres, de estar com elas e tem mesmo filhos dessa relação? Essa incerteza íntima, mesmo que aparentemente a serviço da negação de sua indesejada homoafetividade, pode permanecer por muito tempo, mesmo quando simultaneamente se percebe homoafetivamente filiado, obtendo prazer e satisfação de seus relacionamentos.

Na adolescência, uma fase já caracterizada por inseguranças referentes à sexualidade, ser um homem e ter sentimentos, interesses ou desejos homoeróticos é algo temido, negado, porque está associado a aspectos desqualificados, e nada masculinos, como afirma Ritch Savin-Williams (1996). Os processos de se assumir e se revelar certamente se caracterizam por uma fase longa, crucial, em que o homossexual se propõe a desconstruir a imagem internalizada, negativa, associada à homossexualidade, e em consequência, a si mesmo e à sua família (NIOLAN, 2005; PERELSON, 2006). Segundo esses mesmos autores, esse processo de revelação envolve estágios, mais ou menos prolongados, conforme a vivência de cada indivíduo: se assumir; auto-reconhecimento como gay; abrir essa personalidade assumida para outros; socialização com outros gays; uma identificação de *self* positiva; integração e aceitação.

Sobre essa vivência, quase sempre marcante na vida dos pais, alguns autores (GONSIOREK, 1995; GARNER, 2005) assinalam que muitos homens não passam necessariamente por todas as fases desse processo, que isso não se dá de uma só forma. Embora minoria, nem todos os pais experimentam obrigatoriamente o processo de revelação da homoafetividade como uma vivência de conflito. Alguns já teriam-se assumido numa identidade homoafetiva e se revelado à família de origem e contam com esse apoio: da mãe e irmãos e, em menor grau, do pai. Entretanto, a família de origem saber, compreender e até aceitar sua homossexualidade não significa que como pai ele não terá de viver um longo escrutínio no processo de revelação enfrentando vizinhos, parentes, outras famílias, o próprio filho, a rede de outros pais, amigos do filho, a mãe da criança e sua família, ou a rede legal, se for o caso.

Para John Gonsiorek & James Weinrich (1991) e Judith Snow (2004), uma das vivências mais complexas de um pai é saber o momento adequado para falar para o(a) filho(a) sobre sua homoafetividade. Isso mobiliza muita tensão e depende do enfrentamento de muitos medos: de não saber o momento certo de falar; de ter perdido esse momento e não saber se será aceito e compreendido; medo de prejudicar o(a) filho(a), ou de perder seu amor e a relação com ele(a). Outro grande impeditivo para uma revelação ampla está relacionado às inseguranças na esfera profissional. Muitos homens receiam perder o emprego ou ter dificuldades no trabalho, já que muitas empresas ou profissões liberais podem ser claramente homofóbicas.

Como cada pai vai lidar com os aspectos mais ou menos homofóbicos, internalizados ou do ambiente em que vivem, dependerá de inúmeros aspectos, às vezes

bastante pontuais. Brian Miller (2004) refere que alguns pais podem, eventualmente, não se incomodar muito com o fato de seus(as) filhos(as) saberem ou de conviverem com seu universo gay, ou com seus companheiros e amigos, mas mesmo assim existe uma espécie de seleção, para não expor seus filhos. Outros autores assinalam que, em geral, os pais homossexuais estão confortáveis e felizes com quem são, com sua identidade homossexual, mas que como pais vivem um imenso conflito, como mostra a fala de um pai por eles entrevistado: “...entretanto o pai que existe dentro de mim quer muito proteger meus filhos de serem machucados por outras pessoas que têm sentimentos negativos a respeito dos gays” (BARRET & ROBINSON, 2000: 60).

Algumas autoras que avaliam o impacto nos filhos desse processo de revelação dos pais, como Judith Snow (2004) e Abigail Gardner (2005), ambas também filhas de pais que se revelaram, apontam diversos aspectos que interferem e influenciam para que esse momento seja de fato especial tanto para o pai como para seu(ua) filho(a).

Noelle Howey e Ellen Samuels (2000) condensaram em uma obra as vivências e vicissitudes do que vem a ser viver e crescer nas famílias de pais LGBTT. Os pais e os filhos que pertencem a esse tipo de famílias, que elas denominam “alternativas”, enfrentam – em seu dia-a-dia – a intolerância, e sobretudo as crianças são alvo de atitudes preconceituosas, críticas pejorativas que as desqualificam, principalmente na escola, no clube, além de sofrerem pelas dificuldades associadas ao divórcio e à disputa de guarda. O que nos leva a considerar que o cuidado dos filhos passaria pela necessidade de prepará-los para lidar com o estigma e a homofobia.

As autoras levantam alguns fatores a se considerar na revelação: o grau de compreensão e aceitação que a criança tem ou demonstra acerca da vida afetiva, amorosa homossexual do pai; sua fase de desenvolvimento, com um jeito adequado para cada fase – evitando que a revelação aconteça no período da adolescência, pela própria característica de crise que esse período costuma ser para os jovens. Deve ser considerada ainda a rotina diária da criança; o ambiente escolar, religioso e social; a relação que tem com a família; e a rede de apoio, entre outros.

Todos esses elementos devem ser levados em conta porque dão o panorama da situação que esse pai deve considerar, e se preparar para lidar com a criança. É relevante também avaliar e compreender qual a relação que essa criança terá, e se terá, com o universo homossexual, e com seu próprio universo; não se pode precisar ao certo se a revelação pode tornar mais fácil para a criança vivenciar tudo isso. Uma criança, por

exemplo, que é filha do diretor da escola cujo pai se revela deverá lidar com essa situação continuamente em seu meio social e grupo de iguais; diferentemente de outra criança cujo pai se revela, mas mora em outro estado, que a criança só visita quinzenalmente e distante de seu grupo de iguais.

Em geral a criança de uma família divorciada vivencia conflitos associados à disputa de guarda, ao medo da perda do parental que não detém a guarda, às mudanças associadas à rede de apoio e grupo de iguais; existem ainda outros estressores associados à divisão de atenção com o/a companheiro/a do pai ou da mãe (HETHERINGTON, 1999; SOUZA, 2000).

No caso dos homens pais divorciados que mantêm relacionamento homoafetivo, esses mesmos conflitos podem estar presentes interferindo e estressando a adaptação da criança à revelação do pai. O que predispõe ao diálogo mais aberto e um convívio mais harmonioso pode não se relacionar com aspectos relativos à sexualidade do pai, mas, sim, com a relação que eles estabelecem (CORELEY, 1990).

Quando pensamos na complexidade do processo de se assumir e se revelar numa identidade homoafetiva parece-nos compreensível essa justificativa que alguns pais dão para não revelar sua homoafetividade, ou não assumir externamente essa identidade, *porque não quer prejudicar o(a) filho(a)*. Revelar é um processo longo e delicado que demanda dele um extremo cuidado com inúmeras variáveis que podem culminar numa situação difícil, que nem sempre a criança pode estar preparada, ou saber, como deve enfrentar. Revelar em algumas circunstâncias pode ser não abrir totalmente ao mundo sua identidade homoafetiva, mas manter-se numa privacidade protetora da invasão de terceiros.

O pai pode não assumir externamente aspectos de sua identidade, porque não se identifica com aspectos externalizados, do imaginário coletivo, daquilo que vem a ser se assumir como um homem que mantém relacionamento homoafetivo: um gay dá pinta, tem trejeitos, desbunda, dá bandeira. Não existe uma só forma de um homem viver sua homoafetividade e paternidade; cada pessoa tem sua particularidade, e até causou certa estranheza aos homens que o autor entrevistou se verem denominados, qualificados, como uma “família homossexual” ou uma “paternidade gay”, que para eles são aspectos mais associados a uma posição política ou militância.

Exercer a paternidade para homens que mantêm envolvimento homoafetivo não passa obrigatoriamente, como apontam alguns autores (BARRET & ROBINSON, 2000; MILLER, 2004; TARNOVISKI, 2004), pela necessidade de se assumir. Mais do que isso,

como pai assumir o filho e a própria homoafetividade não significa necessariamente que esse pai se reconheça exercendo uma paternidade gay. Isso porque ele procura não se expor aos filhos, para não prejudicá-los e não faz questão de levantar bandeira de militância do universo homossexual.

Aqui cabe questionarmos o que mais pode estar subjacente a esses sentimentos de um pai, de que não deve transitar livremente com a identidade homoafetiva por ele assumida. Seriam os conteúdos homofóbicos internalizados ainda não totalmente trabalhados? Embora seja compreensível que nem todos devam se obrigar a militar a causa homossexual e sair “levantando bandeiras” e confrontando a ordem, há aspectos dessa personalidade que permanecem pouco esclarecidos, senão pouco aceitos, ou pouco trabalhados. Como os autores que discutem identidade homoafetiva (SAVIN-WILLIAMS, 1996; BARBERO, 2005; PERELSON, 2006) assinalam, parece que existem aspectos não assumidos dessa identidade, ou não integrados.

Sobre assumir a identidade homoafetiva

Gonsiorek (1995) faz algumas considerações a respeito dos processos psicológicos de indivíduos que necessitam conviver com uma sociedade que os oprime e desacredita, embora haja particularidades em cada grupo, que não permite generalizações. A orientação homoafetiva tem características diferenciadas para homens e mulheres. Para os homens é um aspecto central, importando muito seu comportamento, a fantasia e a autopercepção. O autor sugere que parte do desenvolvimento de sua identidade está implicada no reconhecimento dessa orientação.

A revelação da identidade homoafetiva é descrita nos homens como abrupta e associada a um sintoma psíquico, ao passo que para as mulheres isto pode ser bem menos marcante e sintomático, e ocorrer de forma fluida e ambígua. De acordo com as regras sexuais de socialização, “os homens são mais propensos que as mulheres à atividade sexual, tendem a sexualizar seus relacionamentos para serem competitivos, autônomos mais do que íntimos” (GONSIORREK, 1995: 26). Devido a esses estereótipos, podem ser esperados posteriormente alguns problemas de relacionamento de homens, por exemplo, quando dois homens tentam ser um casal e ao mesmo tempo manter sua competitividade e independência. À medida que os homens desenvolvem intimidade e cooperação mútua os problemas com a autonomia e a competitividade tendem a diminuir com o tempo.

O autor fala que dada essa socialização de papéis sexuais masculinos “os desafios que os homens gays enfrentam são muito acentuadamente problemas de homens”. No âmbito intrapsíquico o se assumir homoafetivamente, e se reconhecer numa masculinidade tida como desacreditada, secundária ou desvalorizada, para alguns homens pode significar perda de *status*, como perda na auto-estima, um forte golpe narcísico, que o torna inferiorizado. O processo de revelação está intimamente relacionado com os efeitos do gênero, que acarreta diferenças no desenvolvimento da personalidade e nos processos de identidade dos indivíduos. Visto sob esse ângulo consideramos o processo de revelação para os filhos do relacionamento homoafetivo por parte do pai como um questionamento profundo nesses aspectos de identidade masculinos.

O desenvolvimento da personalidade se dá ao longo de todo ciclo vital; diversos eventos são incorporados ao longo das diversas fases e influenciam de modo significativo o psiquismo e o funcionamento psicológico, além do comportamento. Os efeitos tanto micro-sistêmicos como macro-sistêmicos operam na personalidade do indivíduo, e estes últimos, como a opressão, o sexismo, a homofobia têm, sem dúvida, efeitos devastadores sobre todo o ciclo vital e não apenas durante os primeiros e importantes estágios da infância.

Assim para John Gonsiorek aspectos positivos relacionados à homossexualidade se relacionam a pessoas que toleram positivamente a identidade homoafetiva: têm auto-estima elevada, autoconceito positivo, podem se envolver em relacionamentos de longa duração com mais facilidade e têm menos grau de ansiedade e depressão. Esses aspectos têm a ver com sua capacidade de responder positivamente à opressão, à sua capacidade de enfrentamento, e isso tem efeitos positivos no funcionamento psicológico. Explicando de uma perspectiva desenvolvimental, o autor salienta que “os eventos que ocorrem psicologicamente mais tarde na vida podem sim ser fortes, e são filtrados de acordo com uma miríade de influências do que ocorreu antes dele” (GONSIOREK, 1995:28).

O indivíduo assumir a própria identidade homoafetiva é descrito como um processo da fase mais tardia do ciclo vital em geral adulto jovem, ou na fase final de adolescência, e implica grandes desafios. Todo processo de revelação é marcado por intensos sentimentos internos, e representa um grande evento na identidade sexual, sendo acompanhado de um estresse emocional e vivido como uma crise. A maioria dos homens, entretanto, fica livre de supostos sintomas, que podem circunstancialmente aparecer; consegue aceitar sua

homoafetividade como um aspecto positivo de si mesmo, numa integração bem-sucedida de sua identidade homoafetiva.

Estudos de Fredrich Bozett (1981 e 1989), corroborados posteriormente por ele próprio com Dorsey Green (1991) e por Brian Miller (2004), levantam alguns aspectos relacionados à identidade do pai que mantém envolvimento homoafetivo, que estão intrinsecamente ligados à revelação ou à manutenção de segredos de sua afiliação homossexual. Os autores identificam nos pais gays que se assumem alguns mecanismos observáveis: um envolvimento e participação crescente no mundo gay, onde primeiro se revelam; em seguida, uma revelação gradual da identidade gay para pessoas não gays, e a revelação de sua identidade como pai para os gays.

Os autores assinalam que é bastante complexo para esses pais passar por todo esse processo – que denominam estabelecimento de uma identidade homoafetiva – e envolve a integração do self. A aprovação de suas identidades como pai e como pai gay por terceiros faz que ele próprio se aceite também, num movimento de “sanção integradora”. A integração é um estado de congruência das duas identidades de pai e de gay, da aceitação desses aspectos tanto pelo mundo social como por ele próprio. Dessa forma a revelação da homoafetividade do pai propicia a integração da identidade homoafetiva.

Essa integração nem sempre acontece com todos os pais que mantêm relacionamento homofetivo e também pode ocorrer de forma parcial, dependendo do quanto o próprio indivíduo se aceita; do quanto ele mesmo abre e revela isso para terceiros, e do quanto esses aspectos de sua própria identidade são importantes para ele.

Diante disso Miller (2004) identifica quatro situações visíveis que podem denotar a integração maior ou menor da identidade homoafetiva: após se assumir o indivíduo se revela, sem esconder aspectos sobre homoafetividade; se assume, mas se revela parcialmente, com aspectos mantidos em segredo para algumas pessoas; assumido, mas com envolvimento homoafetivos clandestinos, sem se revelar para ninguém; ou ainda não assumido e não revelado, isto é, totalmente fechado sem integrar seus aspectos homoafetivos em sua identidade. Essas situações podem ser permeadas com inúmeras negociações internas, vividas com maior ou menor grau de conflito e ainda envolvendo um casamento heterossexual, a saída desse casamento e a abertura da identidade homoafetiva.

Outro autor, Ritch Savin-Williams (1996), também aponta o processo de revelação como intrinsecamente necessário para a aceitação da própria homoafetividade, para a integração de aspectos de identidade e desenvolvimento da personalidade. Essa fase do se

assumir ao se revelar e integrar a identidade homoafetiva pode ser duradoura e, em geral, se inicia no final da adolescência.

Didier Eribon (2000) é outro autor que concebe aspectos da identidade homossexual como construída a partir de meandros e intersecções culturais, numa ordem social que estigmatiza os indivíduos diferentes daquilo que é norma de gênero, que é heteronormativo. Compreender como se processa a aceitação de seus próprios aspectos de afiliação homoafetiva num homem que é pai e como essa identidade homoafetiva pode então ser integrada é nos permitir adentrar na dinâmica do significado do que está sendo guardado em segredo, mas é também ir além disso, é tentar compreender esse homem inserido num dado sistema pessoal, familiar, social.

O elemento comum em pais que mantêm relacionamento homoafetivo que estamos tentando mostrar ao longo deste capítulo, e que de fato parece diferenciá-los dos demais pais, são as condições externas que recaem sobre eles, as expectativas sociais que pesam de forma diferente, o estigma e o preconceito. Eles têm de provar que são competentes, caso contrário podem ser desautorizados devido à sua sexualidade. Por não se enquadrarem naquele padrão heteronormativo para os homens pais, num modelo hegemônico, ao decidirem assumir sua afiliação amorosa pelo mesmo sexo, passam a viver como se estivessem numa vitrine.

A própria revelação, todo processo nela embutido, pode se configurar um fator de vulnerabilidade ao desenvolvimento harmonioso dos filhos, devido à ameaça da exposição à intolerância homofóbica. Sua revelação, quando se decidem por ela, acaba sendo condicional a esses enfrentamentos, já que serão escrutinizados e irão sofrer pelo excesso de visibilidade; terão de continuamente dizer e provar que não há diferença na sua forma de exercer a paternidade e que seus filhos são normais. Pode-se dizer que esse é o custo da paternidade homossexual, sendo também o que lhe dá contornos e conflui para sua identidade.

Retomando o que Marilyn Mason (1994) salienta, comportamentos que violam as normas sociais são fonte de vergonha, sendo por isso mantidos em segredo. Vergonha é um sentimento íntimo de ser completamente diminuído, inadequado, é a indignidade e a humilhação dolorosa que acompanham o indivíduo quando se vê exposto, e que o faz sentir-se mais e mais isolado, só e rejeitado. É um sentimento profundo, inconsciente.

Então questiona a autora (MASON, 1994: 52): “Temos direito a ter nossos segredos? E como nos permitimos mantê-los ou revelá-los sem passar pela vergonha?”,

“Não há uma fórmula simples e fixa de revelação, a honestidade sem sensibilidade pode ser uma brutalidade”. Nem todos precisam saber de nossos segredos, mas alguém precisa saber, é importante compartilhar, pois segredos vergonhosos resultam em dor e isolamento. É imprescindível, para uma constituição saudável de aspectos internalizados de nossa identidade, que os segredos mais obscuros sejam clarificados, que possamos transformar a dinâmica do segredo que tiraniza em uma manutenção confortável e protetora de nossa privacidade.

O pai que mantém relacionamento homoafetivo está assim subjugado a esse processo, não tem como evitar: contar, revelar o que durante um bom tempo é secretamente guardado como vergonha e está tentando transformar em privacidade, ou despende excessiva energia interna na manutenção daquele segredo do qual se envergonha, e assim isolar-se.

Consideramos dessa forma que a revelação envolve certamente conseqüências: risco de perder a confiança no relacionamento, de trair a lealdade; sentimentos de desapontamentos, raiva, mágoa, tristeza, fúria até. Envolve trabalhar aspectos profundos da identidade masculina, muito enraizados nas regras tradicionais de gênero. Envolve ainda ter elaborado a própria homofobia internalizada e ter propiciado ao filho o desenvolvimento de competências para lidar com o estigma social e a homofobia. Mas também é um grande alívio, integra a própria identidade, abre portas para o crescimento, para a maturidade emocional e para a sedimentação de processos rompidos ao longo do desenvolvimento, favorecendo a integridade pessoal e do grupo no qual se está inserido.

Revelação para os filhos

Por sua complexidade esse momento é temido, desejado, almejado e evitado pela maioria dos pais, e, como temos apontado neste trabalho, é necessário ser enfrentado. Não existe o momento certo, a hora certa, a forma certa nem o jeito certo. Revelar é uma construção, não uma simples informação. Rip Coreley (1990) descreve em seu livro *The Final Closet*²¹ que a revelação da homoafetividade aproxima filhos e pais, torna seus relacionamentos mais abertos e honestos, apesar da grande dificuldade desse processo.

²¹ O livro que é um relato de atendimentos psicoterápicos do autor; trata daquilo que é denominado o último armário, que é não ser revelado para os filhos e como sair dele. Esta é considerada a última e mais desafiante

Contar dirime dúvidas e mal-entendidos, abre segredos. Um questionamento que os pais se fazem e o qual respaldaria sua relutância e até mesmo a recusa em falar sobre sua homoafetividade com os filhos é que os pais heterossexuais não justificam, tampouco explicam, que essa é sua filiação amorosa e sexual. Essa justificativa, que alguns pais apontam, não é válida porque existe sim tratamento diferenciado, como preconizam os valores heteronormativos, quando não se trata da heterossexualidade. “Ser pai e ser heterossexual é presumidamente normal, mas se você é pai e gay isso cria uma situação a ser explicada, já que seu filho irá concluir, presumir, que você é hétero, como qualquer outro pai que não fala sobre isso” (CORELEY, 1990: 4).

Outros argumentos a favor da revelação do pai são dados por Margie Brickey e Aimee Gelnaw (2007) que observam que naturalmente a curiosidade de toda criança leva-as a investigar as origens delas mesmas, de suas famílias, de quem são seus pais e mães, e que é indicado que as conversas engendradas e as respostas dadas sejam sempre verdadeiras e adequadas à faixa etária dela. Dessa forma, paulatinamente a realidade sobre a homoafetividade vai se revelando; mentiras e segredos entre pais e filhos são maléficos, perversos e corroem as relações.

A maioria dos autores (SNOW, 2004; GARDNER, 2005; BRICKEY & GELNAW, 2007) consultados sustentam que falar, contar sobre a homoafetividade é sempre difícil, mas é necessário e inevitável na maioria das famílias. Embora existam manuais e roteiros, é sempre difícil prever e precisar exatamente o que fazer, se o momento é adequado e se todas as variáveis poderão ser controladas. Os mesmos autores propõem alguns aspectos a se considerar que podem tornar esse grande evento algo positivo, reduzindo fatores traumáticos, facilitando assim a assimilação e a aceitação pela criança da homoafetividade do pai. Sugerem atitudes que podem ser indicadas de acordo com a fase de desenvolvimento da criança.

Margie Brickey e Aimee Gelnaw (2007) orientam, por exemplo, que **crianças até os quatro anos** aprendam que o companheiro do pai, nas famílias onde existe esse companheiro co-habitando, seja tratado como um segundo pai. Nessa fase é importante que saibam quem pertence ou não à sua família e se esse companheiro mora junto e participa da rotina, se deverá ser inserido na vida da criança como tal. A partir dessa idade as crianças começam a perguntar mais e querem saber de onde vieram; ter respostas honestas

fase do processo de revelação para os pais, embora a revelação nunca termine, já que sempre haverá quem não sabe e precisa saber (CORELEY, 1990).

e simples é uma boa estratégia, pois abre e aguça a curiosidade para que perguntem mais quando quiserem e puderem entender mais.

Já os **pré-adolescentes** devem ter um diálogo aberto e facilitado com os pais, conversar continuamente sobre essa família não convencional a que pertencem, porque existe a intolerância real à homoafetividade, já que os valores sociais compartilhados, vividos, são heterossexistas. Nessa idade o jovem tem grande necessidade de se perceber pertencendo ao seu grupo de iguais. Ser parte de um grupo é um valor muito importante; ser de uma família diferente (com pais do mesmo sexo) pode não ser nada fácil para ele.

Alguns outros autores (CHERNIN & JOHNSON, 2003) ainda atentam para o detalhe de que as crianças ou os jovens que já lidam com a revelação do parental não devem, principalmente na **adolescência**, ser obrigados a frequentar e participar das atividades da comunidade LGBTT, já que nesse período de crise desenvolvimental seus próprios conflitos de identidade e sexualidade estão aflorados (ERIKSON, 1987; ERIBON, 2000), embora seja importante eles/as perceberem como a orientação sexual de seu pai não é errada, danosa ou prejudicial e que isso pode ser facilitado se conseguir se inserir no ambiente mais *queer* de sua comunidade.

É recomendável, ainda, que os pais que adotam ou fazem inseminação deixem, gradativamente, suas crianças cientes de que essa é uma possibilidade, já que cedo ou tarde, iniciando-se na idade escolar, essa proveniência poderá vir a ser investigada e conhecida (MATTHEWS, 2004; BRICKEY & GELNAW, 2007).

Observamos que em face da complexidade de cada situação, incluindo aqui a própria origem da paternidade, qualquer orientação que visa a ser genérica – como essas que são mais específicas ao casal homossexual com criança adotada ou de barriga de aluguel, que no Brasil é menos freqüente –, redonda insuficiente, senão simplista, já que não contempla todos os tipos e possibilidades de arranjos de famílias homoafetivas. Para enunciar apenas algumas situações que aqui já foram apontadas: o pai que permanece casado com a mãe da criança; aquele que não vive um casamento homoafetivo; o que é oriundo de relacionamento heterossexual e divórcio; aquele que mora mais distante dos filhos e só eventualmente se encontram; ou mesmo aquele pai sem companheiro fixo.

Pais sempre deparam com decisões sobre o quanto devem e se devem compartilhar informações com os filhos, embora saibamos que “um segredo entre pais e filhos podem prejudicar o desenvolvimento inicial da criança” (PAPP, 1994: 76), mas não é muito fácil essa decisão quando o que está subjacente é o assumir a própria homoafetividade. Para

cada indivíduo existe uma singularidade que interfere nessa decisão e não há uma só forma, um jeito simples e rápido de passar por esse processo. Dependendo então de cada vivência, de cada história particular, alguns aspectos parecem se acentuar mais, uma vez que não envolve apenas o homossexual e “o outro”. Existem, além da família de origem, parentes, amigos, trabalho, membros da igreja e da comunidade, a própria criança, que em geral já está envolvida em situação de estresse pós-divórcio e disputa de guarda.

Para grande parte dos autores que consultamos (CORLEY, 1990; SAVIN-WILLIAMS 1996; HOWEY & SAMUELS, 2000; BARRET & ROBINSON, 2000; SNOW 2004; GARNER, 2005), há um consenso quanto à complexidade e à singularidade desse processo, tanto no que se refere às vivências das crianças quanto com os próprios pais e seus conflitos pessoais.

Qualquer pai geralmente teme as conversas que envolvem assuntos de sua esfera privada, sexual, com os filhos. Não se sentem confortáveis para falar sobre sua sexualidade, ou como entendem, sobre sexo com os filhos. Entretanto, falar sobre homoafetividade não é falar sobre sexo; ser homossexual não é estar continuamente engajado em atividade sexual com parceiros do mesmo sexo, assim como ser heterossexual não é estar em constante atividade sexual com o sexo oposto. É muito mais do que isso, aponta Rip Coreley (1990), e uma pessoa não é homossexual apenas pela atração pelo mesmo sexo.

Demonstrar um comportamento positivo sobre sua própria homoafetividade, demonstrar carinho, respeito para com o companheiro é desejável, e a criança poderá crescer entendendo que demonstrações de carinho e afeto são esperadas e naturais entre pessoas que se gostam. O temor de que os filhos podem crescer e também se envolver em relações homoafetivas não passa de um mito, já que os homossexuais nascem e crescem em ambientes heterossexuais, ou seja, isso não é determinante da orientação sexual.

Pais e filhos têm direito a relações afetuosas, abertas, sinceras, que possam promover vida e desenvolvimento saudável. Essa base é protetora e, na opinião de Rip Coreley, o sustentáculo para uma evolução positiva do processo de revelação: “quem já trabalhou bem sua própria relação com o filho, já é próximo e positivo, pode já ter o terreno propício para se revelar; quem ainda não tem uma boa relação com seu filho deverá primeiramente trabalhar nessa direção” (CORELEY, 1990: 10).

Os resultados do processo de revelação são muito mais positivos do que negativos, embora em alguns casos possa ser sofrido e também negativo. A decisão de contar é

sempre difícil, embora, na maioria das vezes, necessária e benéfica. Nunca um filho é muito jovem para vivenciar uma experiência positiva na relação com seu pai, e sempre há uma forma adequada de falar de acordo com cada fase do desenvolvimento. Contar é um processo contínuo e não um “anúncio”, não se conta do dia para a noite, os filhos devem ter tempo para processar paulatinamente as informações sobre revelação.

Há algumas situações na vida dos pais, em seu relacionamento familiar, que engendram problemas no processo de revelação, dificultando sua assimilação e aceitação, como é o caso das famílias que vivem conflitos pós-divórcio. Pode haver problemas se a custódia não está com o pai e se a ex-esposa heterossexual não é próxima e tolerante com a sua revelação. Nesses casos a homoafetividade pode ser usada para restringir ou proibir as visitas, perpetuando um ambiente ruim, conflituoso, pós-divórcio, este sim prejudicial ao desenvolvimento das crianças.

Não é ruim ou danoso para as crianças saber da homoafetividade do pai num processo de revelação respeitoso, paulatino e bem conduzido, que priorize a relação de afeto e o bem-estar e o desenvolvimento do filho. Como salienta Rip Coreley (1990), o que é prejudicial ao desenvolvimento infantil é um relacionamento infeliz, cheio de discórdia, não importando se os pais são heterossexuais ou gays, casados ou solteiros.

Outra dificuldade da revelação apontada pela literatura é ela ocorrer de forma abrupta e na adolescência, quando os próprios conteúdos internos relacionados à crise desenvolvimental de identidade estão aflorados; entretanto, é sempre melhor o jovem saber pelo pai do que por terceiros, e se existe essa ameaça é melhor contar, dando tempo e continência para que isso possa ser elaborado.

Prós e contras devem sempre ser avaliados quando se trata de revelar a homoafetividade. Atrasar a revelação em benefício da criança às vezes é uma necessidade, embora na maioria das vezes a assimilação e a aceitação sejam mais facilitadas quando o processo de contar vai paulatinamente se instalando na relação entre pai e filhos. Em caso de distância e afastamento do pai, o que é muito comum em conflitos pós-divórcio, é recomendável que ele escreva cartas endereçadas aos filhos, falando sobre sua revelação, porque não contou, para que mais tarde conversem pessoalmente sobre o assunto.

As grandes dúvidas que permanecem quando pensamos em revelação da homoafetividade de um pai para seu filho são próprias de cada vivência particular. Qual seria o melhor momento para esse tipo de conversa com uma criança? Incertezas como “devo falar?”. E, se falar, em que idade, em que local, em que circunstâncias, de qual

maneira, fazem dessa situação um dos enfrentamentos mais complexos que perpassa a paternidade homoafetiva.

Jack Vondras²² discute em seu artigo “Coming Out to Our Kids”, que não existe o momento certo e preciso para isso acontecer. Cada história é construída na relação da criança com a família e, portanto, a revelação, o momento certo, a forma, a idade dependerá dos demais elementos da história desse pai com esse filho, e com todos os sistemas que compõem essa relação.

Em geral, para esse e para todos os autores que consultamos, referidos neste capítulo, que discutem revelação como John Gonsiorek (1991), Ritch Savin-Williams (1996), Noelle Howey & Ellen Samuels, (2000), Robert Barret & Bryan Robinson (2000), Judith Garner (2005) e Margie Brickey & Aimeé Gelnaw (2007) há unanimidade ao afirmarem que nunca é cedo para uma criança saber que pessoas se gostam e que seu pai a ama. Um dado importante é se o pai construiu ou não uma relação afetuosa, próxima e respeitosa com a criança; outro fator é se existe ou não a mãe e se ela é favorável ou não a essa revelação; quem detém a guarda; se existe ou não um companheiro na vida do pai, se esse companheiro tem uma relação próxima com a criança (o que é positivo). O pai que deseja se revelar deve ainda avaliar o quanto essa criança terá suporte em seu meio e o quanto ele próprio pode ser suporte para a criança, pois ela irá precisar de apoio.

Enfim, cada situação é diferente e não há uma só regra para a revelação; para alguns ela pode ser dolorosa, sofrida, longa e traumática; entretanto, traz alívio e melhoria da relação pai e filho. Na maior parte das situações, ela é, sim, difícil, longa, mas extremamente positiva, com ganho de qualidade de relação para todos os envolvidos: o pai, filho e companheiro, se houver, e até mesmo a mãe, que pode prosseguir sua vida numa relação mais compartilhada, se o desejar.

Não existe o que é certo ou errado absoluto em se tratando de revelação. Às vezes, é mais fácil falar quando as crianças são menores, em outras situações é melhor se elas forem mais velhas. Alguns jovens podem não lidar bem com a revelação da homoafetividade do pai porque esta confronta com seu próprio desenvolvimento e crises de identidade sexual, esperadas nesse período, como Ritch Savin-Williams (1996) aponta. Enfim, Jack Vondras (2007) salienta que o melhor momento de um pai se revelar para seu filho irá depender do próprio pai, do se assumir nessa identidade, para então se revelar. Ele

²² Presidente da GFGB-Gay Fathers of Greater Boston, entidade que congrega estudos sobre paternidade homossexual, ver site: www.gayfathersboston.org, para mais informações.

deve verificar o quanto ele mesmo já está “pronto”, e se seus filhos estão “prontos”. Esse pai deve avaliar o suporte que seus filhos têm da família, da comunidade e dele como pai, pois deverão, sim, precisar dessa continência.

Em nosso trabalho (MORIS et al 2007) sobre revelação da homossexualidade e apoio da internet verificamos que há grande oferta de serviços na rede sob essa temática. A internet oferece, principalmente nas comunidades no exterior, com domínio da língua inglesa, como nos Estados Unidos e Canadá, ampla rede de serviços. Embora em menor número, essa rede também existe em espanhol. Há muitos sites que oferecem diretamente na rede o suporte *on line*, direcionado tanto para a família como para o pai que quer se revelar, ou para a criança que vive nessa família. Há muitos serviços, quer de apoio profissional social, psicológico, ou jurídico, aos familiares de homossexuais, ou ao próprio pai ou mãe homossexual.

No Brasil, ainda que de forma incipiente, essa rede também existe, ou seja, as famílias homoafetivas, o pai ou mãe que se revela pode encontrar na internet sites, artigos, livros que oferecem algum tipo de apoio; entretanto, os serviços são, em sua maioria, inexistentes, porque desatualizados, ou são insuficientes e se limitam a quem tem acesso à rede, como os *blogs*, sendo que na grande parte das vezes acaba não atingindo o público ao qual se destina.

A revelação da homoafetividade para os filhos é sem dúvida uma preocupação de um pai e isso pode ser encontrado na internet, que acaba servindo como um recurso de escape para suas apreensões, ou até busca de continência e recursos para saber como lidar com essa situação. Por exemplo, o artigo “Papai é Gay!” de João Bosco Filho²³ que está disponível na internet, aborda um pouco desses sentimentos desse pai, discutindo alguns aspectos que já levantamos neste capítulo. O artigo, com enfoque não acadêmico, salienta que muitas vezes esse pai, porque vive sob a coerção daquelas normas que recaem sobre o ele, camufla sua orientação sexual e se submete à união heterossexual, porque através dela perpetua sua inquestionável masculinidade pela paternidade. Para o autor, homens que agem assim vivem sua homossexualidade na clandestinidade, cujos desejos e fantasias homoeróticas, quando satisfeitos, ficam escondidos e contidos num véu de traição e culpa, porém jamais revelados, já que temem sua exclusão do universo dos machos ou dos “homens normais”, e essa revelação deflagra a dura afirmação de seus descendentes, ou

²³ <http://www.artnet.com.br/~marko/papaignay.htm>, cons: 02/12/2007)

seja, que o pai é gay. O que eles temem é uma punição por sua suposta fuga da normalidade, que é o preconceito e a exclusão.

Outros autores que também discutem a clandestinidade dos homens pais homossexuais, como Brian Miller (2004), Flávio Tarnoviski (2004) e John Matthews (2004), que referimos neste nosso trabalho, levantam algumas outras variáveis, com as quais também concordamos. Por ser pai e homossexual ele teria de lidar com a homofobia social, refletida também em seus filhos, além de todo um contexto próprio de cada situação para se revelar sobre os quais discorremos aqui. Consideramos, entretanto, a pertinência do artigo não acadêmico de João Bosco porque pode atingir de forma mais ampla o público usuário da rede de internet que busca apoio e informação para se revelar aos filhos.

Esse movimento do homem pai homossexual em direção ao processo de revelação, envolve detectar, aceitar, conviver, para conseguir assumir seus desejos homoeróticos, de forma aberta, ou seja, não clandestina. Isso não é simples, nem rápido e tampouco fácil, pois passa por um árduo e incomensurável caminho. Envolve processos internos de identidade para se assumir e administrar essa informação em segredo até poder se revelar; além do sofrimento e do enfrentamento de dúvidas: como lidar com a homofobia interna e externa e até se conseguirá ou não ajudar seu filho passar por isso.

Os autores que aprofundaram estudos sobre dinâmica de segredos e revelação (IMBER-BLACK, 1994; MASON, 1994; PAPP, 1994; SANDERS, 1994) alertam, entretanto, que para os indivíduos com afiliações amorosas com o mesmo sexo não se trata apenas de manter alguma informação sob segredo, mas do acobertamento do que denominam a própria essência da pessoa, devido à opressão e ao estigma de que são vítimas. A intolerância da ideologia heteronormativa expressa na violência e no preconceito heterossexista e homofóbico engendram um efeito devastador, deletério em suas vidas e na de seus familiares; a revelação dessa afiliação é um processo pessoal e não pode ser abrupta ou indiscriminada.

Dessa forma os indivíduos que mantêm relacionamento homoafetivo, em sua maioria – e mais acentuadamente, pelo que pudemos expor neste capítulo, os que são pais – acabam preferindo revelar-se apenas em contextos de aceitação pessoal e amor, com seus familiares e amigos, onde se percebem mais protegidos e podendo administrar a exposição pública, dolorosa e violenta ao preconceito. Na esfera do privado podem não guardar segredos, mas sentem que precisam se manter parcialmente revelados no âmbito público, profissional, como expressão da necessária e protetora privacidade.

CAPÍTULO III

MÉTODO

O Problema

O objetivo desta investigação foi compreender os *processos subjacentes à manutenção de segredo e à revelação para os filhos do relacionamento homoafetivo por parte do pai*, de modo a identificar temas que possam ser úteis para o atendimento individual e familiar, bem como para o desenvolvimento de estratégias de promoção de saúde. Conforme apresentamos nos capítulos teóricos, diferentes autores, como apontado nas revisões bibliográficas de Charlotte Patterson (2000) e Anne-Marie Ambert (2005), consideram a revelação um momento crucial, permeado de temores dos pais em prejudicar o desenvolvimento dos filhos. Então, quais são as estratégias que os pais estão desenvolvendo para lidar com isso? Que aspectos consideram relevantes no que se refere à decisão de revelação?

Método

Considerando nosso objetivo, o modelo que se mostra mais adequado é o estudo descritivo-qualitativo. Para Uwe Flick (2004), esse modelo de estudo busca compreender o significado que o próprio indivíduo atribui às suas experiências, considerando suas crenças e valores, e visa a co-construir (o participante e o pesquisador) uma estrutura inteligível dos fatos psicológicos dos quais ele (o participante) é a fonte.

Segundo Egon Guba e Yvonna Lincoln (1994), a pesquisa qualitativa consegue fornecer informações a respeito da associação entre o evento e o contexto em que está inserido; propicia boa compreensão dos comportamentos humanos, uma vez que leva em consideração seus significados e intenções; favorece a descoberta e o entendimento do que está por trás do fenômeno estudado e, finalmente, permite a aplicabilidade do dado genérico ao caso individual, o que coincide com as expectativas desta investigação.

Escolhemos como estratégia metodológica a entrevista individual de profundidade e a entrevista de grupo, além dos relatos espontâneos do *e-group* (até dezembro de 2007), que se formou em outubro de 2007, por iniciativa de um dos participantes do grupo de pesquisa. Essa nossa estratégia de pesquisa nos permite obter informações acerca da experiência pessoal, da ideologia e da subjetividade do indivíduo, ao mesmo tempo que possibilita adentrar na dinâmica relacional sobre um mesmo tema. O grupo nos dá a visão compartilhada entre pessoas que vivem numa condição particular em que nós não vivemos.

A grande vantagem desses dois tipos de entrevista, a individual de profundidade e a de grupo, é que é um processo, ou seja, é uma co-construção. Sendo assim, a pesquisadora deve estar preparada para retornar e fazer novas perguntas ou esclarecer pontos vagos ou obscuros. É esse nosso papel como entrevistadora, que usando de uma escuta respeitosa e sensível ao que está sendo trazido deve falar, perguntar e responder sempre visando a manter a relação no enquadre necessário, com papéis claros e definidos pela tarefa, propiciar que nossos entrevistados dêem sua opinião, falem de sua vivência sobre o segredo e a revelação de sua homoafetividade para os filhos.

Sob essa perspectiva, o pesquisador desempenha o papel de co-construtor do material produzido e, apesar de envolvido, mantém uma distância ótima que lhe permite, além de escutar, compreender, analisar e interpretar o que ouviu. É importante considerar a subjetividade do pesquisador, bem como sua responsabilidade pelos resultados, já que estes irão se constituir a partir dos contextos específicos de interação ocorrida durante as entrevistas. Portanto, a forma como transcorrem as relações durante as entrevistas, com base na empatia e confiança, contribui para a configuração final dos relatos (GRANDESSO, 2000a).

A despeito de buscarmos colocar de lado aqueles pressupostos normativos que foram sendo acumulados no decorrer de nossa formação como pesquisadores, não podemos ignorar o que está implicado no ser mulher, heterossexual, entrevistando homens, grupo dominante, mas que não tem visibilidade e pertinência, como grupo masculino minoritário. Trabalhar com entrevistas individuais e de grupo, além dos relatos espontâneos, é maximizar a possibilidade de compreender melhor de que lugar esses homens estão nos falando, de enxergar com o olho do outro e dar-lhes voz num contexto onde eles podem falar.

Um cuidado que também procuramos ter neste trabalho foi convidar para a entrevista em grupo um parceiro homem, compondo dupla na moderação conosco,

reduzindo assim o impacto dos aspectos de gênero no contexto relacional da pesquisa. A importância dos processos presentes na entrevista com homens, que podem se sentir ameaçados pela situação de fragilidade que essa situação evoca, já que o entrevistado não está no controle e irá se expor intimamente, é discutida no artigo *Homem entrevista homem, mulher entrevista homem: questões de gênero nos procedimentos de pesquisa* (MACIEL JR & SOUZA, 2008).

Assim pensamos que uma forma de deixar um grupo de homens mais à vontade para o encontro de entrevista é a presença do casal, um homem e uma mulher, o que favorece também as identificações, promovendo um encontro menos ameaçador como disputa do masculino hegemônico, pela presença da mulher, bem como pode reduzir a desestabilização hierárquica entre os gêneros, pela presença do homem. Esses fatores foram apontados por Michel Schwalbe e Michelle Wolkomir (2003) que relatam ser comum os entrevistados homens buscarem manter uma forma de controle compensatório no momento da entrevista.

Nossos encontros e contatos com os homens desta pesquisa, tanto nas entrevistas individuais quanto no grupo, bem como nas trocas eletrônicas, sempre foram bastante diretos, sem desconfortos hierárquicos, sem distanciamento. Esses elementos também foram cruciais porque facilitadores para a elaboração da pesquisa. Percebemos que para nossos participantes nossa presença ou contato ficou uma referência para suporte e orientação sobre revelação da homoafetividade para os filhos; eles nos auferem reconhecimento e confiança à medida que se distanciaram da pesquisa como participantes e atualmente se constituem num grupo de homens pais que têm em comum a homoafetividade e a revelação para os filhos.

Participantes

Participaram deste trabalho dezessete homens. Em sua maioria são residentes de Região Metropolitana de grandes centros urbanos, ou seja, São Paulo, Curitiba e Brasília; apenas três moram em cidades menores, dois no interior de São Paulo e um no interior do Rio de Janeiro. Para facilitar a visualização, os dezessete integrantes que fazem parte deste estudo constam no Quadro 1 de identificação, logo a seguir.

Com exceção do critério de inclusão – ser um pai que mantém relacionamento homoafetivo – não houve nenhum critério quanto a quaisquer outras características para ser participante nos três diferentes tipos de adesão à pesquisa: entrevistas individuais, entrevista de grupo e os relatos espontâneos no *e-group*, entre outubro e dezembro de 2007. Conforme eles foram aderindo, fomos inserindo aquele participante, sendo que alguns deles fazem parte dos três tipos de estratégia metodológica, alguns outros apenas de uma ou de duas. Todos os dezessete foram incluídos segundo os mesmos critérios.

Assim, além desse critério de participação, desse enquadramento inicial, que é sua condição de ser um pai que mantém relacionamento homoafetivo – não importando se sua paternidade é proveniente de um relacionamento heterossexual, de uma adoção, ou de uma inseminação numa barriga de aluguel – não existiu qualquer outro filtro, nem por idade ou classe social, nem por raça ou etnia, nem por nível educacional, tampouco por região e moradia.

A idade dos dezessete participantes varia entre 32 e sessenta anos, e a de seus filhos entre seis e 28 anos. Em sua maioria, são profissionais de nível social e educacional superior. Três deles são professores universitários e os demais são: administradores, médicos, educador aposentado, advogados, engenheiros ou desenvolvem atividades ligadas à empresas; três têm curso secundário e são comerciante, contador e funcionário público, e um deles tem nível médio e “faz bicos”. Essas informações, além de outras particularidades, como idade, estado civil, filhos, companheiros e origem da paternidade constam no quadro de identificação dos participantes.

A paternidade é fruto de união heterossexual para a maioria dos homens, apenas dois adotaram os filhos e vivem com eles. Dos quinze que viveram relacionamento amoroso heterossexual, doze são separados, um atualmente é viúvo, um não está separado, ainda vive com a esposa e o outro nunca se casou. Os doze pais separados têm ex-esposas, mas apenas um deles detém a guarda e mora com as três filhas; os outros onze vivem em domicílio diferente dos filhos. Destes onze divorciados cujos filhos vivem com a mãe, três têm um relacionamento amigável e harmonioso com a ex mulher, ficam com os filhos a qualquer momento, decidindo em conjunto tudo que diz respeito a eles; cinco desfrutam apenas das visitas semanais e férias, num convívio mais social e formal; e os outros três vivem situação de disputa de guarda ou afastamento dos filhos, em outra cidade/estado.

Quadro 1 – Dados de Identificação

Participante	Idade (anos)	Filhos (anos)	Origem paternidade	Companheiro	Profissão/ escolaridade
NANDO	32	♀ 9 meses	Rel heterossexual Pai solteiro	Não , só fica	Auxiliar comércio Magistério 2º Grau
NORBERTO	45	♂ 9 ♂ 12	Rel. heterossexual Divorciado litígio	Sim , há 5 a mora junto	Educador superior
NIVALDO JOSÉ	55	♀ 18♀ 19 ^a	Rel. heterossexual viúvo	Não , namora mulher	Prof. universitário Superior
NÁBILA	60	♀ 21♂ 24 ♀ 28	Rel. heterossexual, separado	Não , só fica	Médico/ comércio Superior
NEWTON	45 ^a	♂9 ♂11	Adoção, 1a e ½	Sim , há 5 a, mora junto	Procurador just. Superior
NARDINI	48 ^a	♂13 ♂16	Rel. heterossexual separado	Sim , há 4 a, não cohabita	Analista de sistemas Superior
PERCYVAL	43	♂ 10	Rel. heterossexual	Sim há 5 a mora junto	Diretor de empresa Superior
PIERRE	35	♂ 9 ♀ 14	Rel. heterossexual	Não , namorando	Médico Superior
PATRIC	42	♂ 6	Rel. heterossexual	Não , há 2 a namorando	Prof. universitário Superior
PEDRO JOSÉ	35	♀ 11 ♀ 13 ♀ 14 ^a	Rel. heterossexual Tem a guarda	Não , só fica	Faz bicos Médio
PAULO RUBENS	38	♂ 6 ♀7	Rel. heterossexual	Não , há 2a namorando	Func. público 2º grau técnico
PERY	42	♂ 9 ♀ 12	Rel. heterossexual	Não , namorando	Empresário Superior
RICHARD	36	♀ 9	Rel. heterossexual divorciado	Sim , há 2a mora junto	Antropólogo Superior incompl.
RENATO	45	♂ 23	Rel. heterossexual divorciado	Não , teve um durante 10 a	Prof. universitário Superior
RODRIGO	38	♂ 11 ♂ 13	Rel. heterossexual divorciado	Não , namora	Consultor tele. Superior

ROBERTO CARLOS	47	♀ 17	Rel. heterossexual casado	Tem esposa e namorado	Contador 2º grau técnico
REYNALDO	44	♀ 11	Adoção, 3 anos	Sim, há 5 a, não co-habita	Gerente RH Superior

Procedimento

Utilizamos três estratégias metodológicas para a obtenção dos resultados desta pesquisa: a *entrevista individual*, a *entrevista em grupo* e os *depoimentos espontâneos* trocados pelo *e-group* (entre outubro e dezembro de 2007). Não houve nenhuma distinção para empreender nossa análise, todos os participantes constam indistintamente do Quadro 1 acima.

O recrutamento, tanto para as entrevistas individuais como para as de grupo, foi por indicação – bola de neve – de pessoas conhecidas. Os homens pais, após indicados, foram contatados por telefone e se dispuseram para ao menos dois encontros, sendo estes marcados no local de sua maior conveniência e comodidade, visando a resguardar a privacidade das informações. Não houve nenhuma dificuldade para encontrarmos os participantes e para que estes aderissem aceitando nosso convite, tanto para a entrevista individual quanto para o grupo; ao contrário, ficaram interessados no estudo, sendo que os primeiros a serem entrevistados foram indicando os demais para que formássemos o grupo. O período de realização das entrevistas individuais e de grupo durou quatro meses.

O *e-group* não teve necessariamente um recrutamento, foi formado a partir de nossa intervenção como pesquisadora, e por iniciativa de alguns dos participantes das entrevistas individuais e de grupo. Além dos onze homens entrevistados, outros seis aderiram a esse *e-group* e passaram a trocar experiências, questionamentos, fazendo considerações espontâneas acerca do nosso problema de investigação. Decidimos, então, considerar seus relatos à medida que enriqueciam nossa discussão, apesar de não ter sido nossa intenção inicial.

O objetivo da investigação foi explicado já pelo telefone e foi agendado o encontro para a entrevista individual ou de grupo. Todos manifestaram muito interesse em participar e colaborar, dizendo que isso os ajudaria também a refletir sobre sua vivência. Todos também concordaram com a gravação em fita cassete, apesar de no início terem se sentido

inibidos com isso. Posteriormente, no decorrer da entrevista, relaxaram e se envolveram intensamente com os debates que travaram em torno de nossa proposta.

Todos os dezessete participantes deste estudo foram assegurados de nosso compromisso como pesquisadores e estão sendo por nós acompanhados até hoje (novembro de 2008) nas questões que se referem ao foco deste estudo, isto é, a revelação para os filhos, seja no grupo presencial de pais que vêm se encontrando mensalmente em nosso consultório, desde seu início, há mais de um ano (agosto de 2007), ou pelo *e-group*.

Dois dos participantes do *e-group* não realizaram nenhum encontro presencial porque moram em outros estados, mas forneceram seus relatos espontâneos e informações solicitadas por intermédio de e-mail e carta (enviando o termo de compromisso e consentimento assinado). Como os relatos foram espontâneos, fizemos apenas alguma pergunta complementar direta esclarecedora sobre sua história de vida, seguindo aquele mesmo roteiro dos demais participantes das entrevistas que são descritas a seguir.

As entrevistas individuais de profundidade duraram, em média, de uma hora e meia a três horas; foram realizadas em nosso consultório ou na residência dos participantes, conforme a preferência destes. No momento do encontro objetivamos a princípio um clima agradável que visava a descontrair e a preparar o ambiente de nossa conversa, retomando os objetivos da pesquisa; finalizamos a entrevista quando observamos que o conteúdo estava se repetindo, ou que, de alguma forma, não seria necessário aprofundar mais outras informações.

Após o encerramento da entrevista, demos continência ao participante, cuidando para que ele não ficasse emocionalmente exposto ou fragilizado, já que estamos cientes de que o teor de nosso encontro promove a mobilização de sentimentos, pensamentos e idéias que podem tanto ter uma conotação dolorosa, pela tomada de consciência, como podem ser uma oportunidade de ampliação da vivência deles.

Tanto as entrevistas individuais como as de grupo tiveram como foco os mesmos temas centrais:

1. dados de identificação: a) do homem (idade do pai, nome, profissão); b). idade dos(as) filhos(as); c). origem da paternidade (adoção, relação heterossexual e mãe da criança); d). presença/ausência de companheiro.
2. relacionamentos;
3. desenvolvimento da parentalidade;
4. revelação (ou segredo) da homoafetividade.

Quadro 2 – Temas

Relacionamentos	Desenvolvimento da parentalidade	Revelação e dinâmica de segredos
<p>Namoros, amigos, família de origem e constituída.</p> <p>Desafios ao longo do tempo, desde criança até hoje.</p> <p>Soluções</p>	<p>Origem Semelhanças e diferenças do cuidado recebido X cuidado dado.</p> <p>O desafio de seus pais e o seu próprio</p>	<p>Como pensa (e se pensa) quando conversar com filhos sobre sua homoafetividade. Com quem pensa que deve falar.</p> <p>Não falar, porquê. Dificuldades, principais desafios, soluções encontradas</p>

Durante as entrevistas individuais solicitamos a cada participante que primeiro nos contasse de forma mais livre o que considerava importante em sua vida como pai que mantém um relacionamento homoafetivo. Partimos da experiência deles como filhos até a construção da vivência como homens e pais (os estressores e os facilitadores) e, nesse construir, como foi se configurando sua orientação homoafetiva e sobre a decisão ou não da revelação, para que/quem, porque/quando e como (Quadro 2, acima).

A entrevista em grupo durou cerca de duas horas. O agendamento foi relativamente fácil, e contamos com a ajuda de dois dos participantes da entrevista individual que estavam interessados em novo encontro e em estar com outros homens também pais com vivência homoafetiva, com quem pudessem conversar. Tivemos ainda como facilitador as indicações de amigos. Assim como a entrevista individual, a entrevista em grupo aconteceu em nosso consultório e possibilitou a gravação do encontro, já que é local neutro e privativo.

Foi oferecido desde o início um lanche em uma mesa à parte, do qual todos puderam se servir à vontade, o que auxiliou para o alívio da tensão inicial que geralmente surge nos encontros dessa natureza, com pessoas que não se conhecem, que são solicitadas a expor seus sentimentos e intimidade, e cujos relatos no grupo estão sendo gravados. No início deixamos nosso objetivo claro, ou seja, conversar sobre o que significa “ser homossexual e ser pai”, como lidam com o segredo sobre isso e a revelação aos filhos.

Para facilitar o desenrolar da entrevista com o grupo utilizamos uma dinâmica²⁴ que serviu de disparador temático. Propusemos como tarefa a elaboração conjunta de um livro sobre esse tema – a revelação para os filhos – e cada um dos integrantes, incluindo os dois moderadores, foi responsável por escrever um capítulo, a conclusão e a epígrafe de cada parte desse livro.

Foram distribuídos canetas e papel colorido para a execução dessa tarefa. A folha (cada uma de uma cor) foi passada para o vizinho da esquerda que escreveu um título de um capítulo que supostamente desejaria ser o autor; após escrever o título, devolveu a folha para seu dono, à sua direita, que, por sua vez, a passa para seu vizinho da direita e escreve o conteúdo, em apenas um parágrafo, daquele capítulo; novamente a folha é passada para o próximo integrante à direita deste último que finaliza escrevendo o epílogo. A folha retorna para o primeiro integrante que a passou.

Os integrantes discutiram e justificaram suas escolhas a cada momento que escreviam algo na folha. Depois de cada um ler para os demais o conteúdo das folhas, com o título do capítulo, conteúdo e epílogo, escolheram qual a seqüência dos capítulos para finalmente dar o título do livro. O grupo foi encerrado depois de cerca de duas horas de gravação. Como produto final da discussão, ficamos com as falas gravadas, além das folhas manuscritas utilizadas na dinâmica. Não tivemos nenhuma pergunta direta, pois a dinâmica permitiu que o produto final fosse sendo uma obra em conjunto do próprio grupo; todas as dúvidas acerca do tema eram dirimidas no momento em que iam surgindo, no decorrer da dinâmica.

Essa dinâmica foi bastante pertinente e facilitadora da comunicação dos integrantes. Enriqueceu a entrevista em grupo e atingiu seu propósito; eles puderam conversar sobre um tema comum, todos puderam emitir sua opinião, dar sua sugestão e colocar sua posição quando esta divergia das demais. Foi um encontro muito rico que marcou a relação de seus participantes.

²⁴ A elaboração da dinâmica foi sugestão de nossa orientadora, Rosane Mantilla de Souza, que por sua vez a credita a Rodolfo Bohoslavsky, seu professor de Metodologia Clínica no mestrado em Psicologia Clínica da PUC-SP no ano de 1976.

Análise de resultados

Nossa análise envolveu uma leitura exaustiva, minuciosa e atenta mantendo o olhar acurado e cuidadoso como pesquisadora, procurando apreender o que nosso participante está nos informando. Os resultados foram interpretados segundo nosso esquema referencial teórico-clínico que enunciamos nos capítulos I e II deste trabalho. Utilizamos a análise de conteúdo descrita por Maria Cecília Minayo (1996), que a considera uma técnica para o tratamento de dados que visa a identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema.

Nesse tipo de técnica de interpretação objetiva-se descobrir o que está implícito naquilo que é transmitido e falado durante uma entrevista. Envolve uma abordagem interpretada do objeto de estudo, do fenômeno, em termos dos significados que o entrevistado lhe atribui. Envolve adentrar na experiência dos participantes, em suas histórias, identificar suas idéias centrais e interpretá-las. Essa técnica de análise, de interpretação, comumente utilizada em ciências sociais, permite a apreensão dos significados, dos conteúdos que estão sendo trazidos na entrevista (MINAYO, 1996).

Analizamos primeiro os resultados obtidos de forma vertical para cada um dos dezessete participantes deste estudo, procurando nessa leitura prévia, caso a caso, identificar o que aparecia em comum em cada relato no que se refere às três categorias/temas que nos propusemos a estudar (Quadro 2, página 93). Os participantes – tanto das entrevistas individuais, de grupo, quanto do *e-group* – apresentaram três posições distintas quanto à revelação: os que já revelaram para os filhos, os que pretendem fazê-lo e os que não querem revelar; os participantes foram assim separados nesses três grupos (com as iniciais das letras de seus nomes fictícios) que constam no Quadro 1 (página 90).

Posteriormente, trabalhando com o conteúdo das categorias, observamos que os temas relativos à parentalidade/paternidade eram indistintos nas três posições relativas à decisão de revelar ou não, portanto trabalhou-se como uma categoria independente desses posicionamentos. Decidimos, para organizar a apresentação e discussão de nossos resultados, desmembrar a categoria *revelação–segredo*, dado o volume de informações a ser discutido, embora complementares e não excludentes, visto que segredos e revelações acontecem ao longo da vida de relação dos indivíduos.

Assim, mantivemo-nos com as categorias previamente levantadas da literatura: Paternidade, Segredo, Revelação e Relacionamentos, embora tenhamos identificado uma

enorme riqueza de temas e subcategorias que surgiram por meio das leituras exaustivas do material proveniente dos três procedimentos (ver no Quadro 3 no próximo capítulo, Resultados e discussão).

A análise que empreendemos não distingue se o resultado provém dessas diferentes fontes de informação, o que desponta como um elemento que confere vigor a esta pesquisa; nos dá mais conforto para nossas discussões e valoriza as conclusões, visto que o participante tem possibilidade de dar sua opinião, contar como vive, como pensa em diferentes momentos. Ele não apenas nos contou sobre sua experiência como pai que vive um relacionamento homoafetivo e o que pensa da revelação para os filhos, mas também passou isso para nós em vários momentos, sob várias situações, sendo que, algumas vezes, empreenderam debates no *e-group* sobre o foco deste trabalho, que é a revelação para os filhos.

Finalmente, para manter a privacidade sobre a vida de nossos participantes, não dispusemos na íntegra nenhuma das entrevistas que gravamos e transcrevemos, e também para facilitar nosso olhar no decorrer da análise e discussão os nomes fictícios que demos têm as iniciais **R** para os pais que já são revelados para seus filhos; **P** os que não se revelaram, mas pretendem e **N** os que não revelaram e não querem.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os participantes deste estudo são, em sua maioria, homens que se tornaram pais no relacionamento conjugal heterossexual²⁵. Apenas dois dos dezessete participantes são pais adotivos e já haviam se assumido como homens que mantêm envolvimento homoafetivo antes da paternidade. Este é, portanto, um grupo específico de homens cujo processo de construção da identidade homoafetiva já está inserido em sua experiência como parental.

Sua própria visão de homoafetividade, sua idade – hoje homens adultos, entre 32 e sessenta anos, com poder aquisitivo e prestígio – lhes imprime um caminho peculiar em direção à construção de sua masculinidade, da auto-aceitação e da revelação da homoafetividade aos filhos: ser um homem é ter vivido e ter sido criado conforme os padrões heteronormativos de masculinidade hegemônica. Eles são hegemônicos porque a maioria no início de sua idade adulta definiu-se como um homem heterossexual; porque tem nível econômico e educacional diferenciado e ocupa posição de poder e prestígio nos estratos sociais mais altos. Apenas dois participantes, Nando e Pedro José, têm baixo poder aquisitivo.

Para esse homem, produto da década de 1970, assumir a homoafetividade implica viver sob a ameaça da perda de privilégios da posição hegemônica. A despeito dos ideais libertários que fazem parte de seu discurso, os valores com os quais foram criados, bem como os modelos de família e parentalidade internalizados são tradicionais. Eles namoraram, se apaixonaram, se casaram e se tornaram pais nos relacionamentos heterossexuais que tiveram. Ser pai sempre foi um objetivo a ser atingido, o que faz da paternidade o grande eixo em torno do qual sua masculinidade se alicerça.

É possível compreender ao longo desta discussão que a heteronormatividade permeia todo o processo de tornar-se homem, tornar-se pai e relacionar-se com o filho no casamento, como também depois da separação, para o nosso participante que é pai e mantém relacionamento homoafetivo.

Essa ideologia que prescreve a heterossexualidade como a única possibilidade natural de sexualidade se manifesta em todas as instâncias que regem suas relações e perpassa em todas as categorias dessa análise (EDWARDS, 2004). Ela se expressa desde

²⁵ Vide Quadro 1 de Identificação

os primeiros interesses e atração pelo sexo oposto e pelo mesmo sexo, na juventude; se expressa nas relações familiares, no casamento heterossexual e na paternidade. Está visível na tomada de consciência da própria homoafetividade já na idade adulta, no envolvimento homoafetivo e nas decisões sobre manter segredo ou revelar esse aspecto importante da constituição de sua masculinidade aos filhos.

A sociedade, que se alicerça na heteronormatividade, prescreve qualidades bem diferentes e distintas para homens e mulheres; são características de gênero que sustentam a hierarquia da ordem patriarcal, do poder masculino sobre o feminino. A masculinidade assim concebida, descrita como apenas uma possibilidade fixa, heterossexual de gênero, atende a um sistema hierárquico com regras e vigilâncias rígidas e se contrapõe ao “não masculino”, ou seja, à feminilidade e à homossexualidade, que são possibilidades de gênero inferiores ou subjugadas à masculinidade hegemônica.

Roberto DaMatta afirma que um dos preços da masculinidade para o homem é uma eterna vigilância das emoções, do gesto e do próprio corpo, não sendo concebível a homoafetividade (DAMATTA, 1997). Fugir desse padrão é caminhar em direção ao não masculino, desvalorizado, inferiorizado.

Os estudos sobre homens (KIMMEL, 2001; CONNELL, 2005b; MACIEL JR, 2006) vêm abrindo um leque de discussões sobre “masculinidades” e esclarecendo alguns preceitos que cercam sua construção, sendo a hétero e a homossexualidade uma das formas da sexualidade masculina se expressar. Muito se tem discutido acerca da homossexualidade desde Michael Foucault (1983), entretanto os pressupostos psicodinâmicos teórico-clínicos ainda estão sendo investigados. O homem cuja orientação é homoafetiva confronta cotidianamente o ideário heteronormativo que prescreve a masculinidade apenas como heterossexual e desenvolve enfrentamentos e recursos psicodinâmicos próprios, ainda pouco claros para a Psicologia Clínica.

Este nosso estudo exemplifica como um homem, que vinha seguindo as regras previstas para o masculino hegemônico, que usufruía desse privilégio, toma consciência de sua homoafetividade, se aceita e se assume, mas para isso tem de enfrentar a ameaça de perda da hegemonia. O confronto diário e continuado com o ideário heteronormativo, a necessidade de desconstruir e ressignificar sua própria visão do masculino, fica evidenciada nas decisões que toma e nas relações que vai estabelecendo ao longo da vida; desde seus namoros, casamento e divórcio, até a constatação de sua homoafetividade, se assumir e revelar ou não aos filhos.

Há um volume considerável de resultados oriundos das três fontes de informação, que são as entrevistas individuais, entrevista em grupo, além dos relatos e das discussões que o *e-group* promoveu no período entre outubro e dezembro de 2007. Entretanto, para que não se perca a centralidade de nosso foco, estamos trabalhando apenas as informações que nos possibilitem aprofundar o tema de investigação que é a revelação da homoafetividade para os filhos.

Tivemos a preocupação na discussão desses resultados de retirar qualquer indício de identificação de nosso participante, para que o olhar público a suas experiências não se configure uma invasão de privacidade, uma ameaça. Portanto, apesar de todas as informações terem sido gravadas, transcritas, analisadas e digitadas, trabalhamos apenas com excertos de falas e nenhuma entrevista está exposta na íntegra.

Essa discussão foi feita de forma a apresentar esses resultados em sua plenitude com todas as suas conexões, já analisados conforme as categorias e subcategorias previamente levantadas e também as que surgiram após análise que estão indicadas no Quadro III de categorias de análise e resultados: Paternidade, Segredo, Revelação e Relacionamentos Hoje.

Quadro 3– Categorias de Análise e Resultados

Paternidade	Segredo	Revelação	Relacionamentos Hoje
Casamento	Manter segredo: <i>vergonha e privacidade</i>	<i>Revelação seletiva e privacidade</i>	Família de origem: : <i>Apoio no cuidado</i> <i>Aceitação/rejeição</i> <i>Mantendo a ordem, se impondo à família</i>
Modelo de pai	Manter Segredo para os filhos	Motivos para se revelar	Com ex-esposa: <i>Reação negativa;</i> <i>Tolerância, respeito</i>
Concepção de paternidade: <i>O cuidado;</i> <i>Cuidado compartilhado;</i> <i>Cuidado idealizado</i>	Manter segredo enquanto se prepara para se revelar aos filhos	O que impede a revelação	Companheiros e filho: <i>Ser pai de filho homem;</i> <i>Lidando com masculinidades, respeito e demonstração de afeto</i>
	Segredo: <i>Como processo de defesa;</i> <i>Como recurso</i>	Estratégias: <i>Instrumentalizar-se; Ter rede de suporte; Ter ambiente familiar tolerante à diversidade;</i> <i>Ter um envolvimento</i>	
Novo pai moderno			

Paternidade

Discutimos nesta categoria os resultados analisados em quatro subcategorias, que são: o casamento, o modelo de pai que tiveram, sua concepção de paternidade e o novo “pai moderno” que emerge atualmente. Esta discussão, a nosso ver, expressa como foi sendo forjado esse pai que mantém relacionamento homoafetivo.

O casamento

A forma – eminentemente heterossexual – como um homem deve se comportar e assim moldar e construir sua masculinidade e paternidade é prescrita numa dada cultura; quando ele se percebe diferente disso porque é homossexual é necessário empreender uma ampla revisão de seus valores e conceitos sobre os quais alicerçou sua própria identidade como homem e pai ao longo de sua vida. A heteronormatividade como ideologia que pressupõe a heterossexualidade como a única forma correta das pessoas viverem é ainda mais implacável quando se trata de masculinidade (CONNELL, 1995b; KENTLYN, 2007). A personalidade, a identidade masculina é intrinsecamente alicerçada nesse aparato.

A paternidade para os quinze participantes que viveram casamentos heterossexuais está intrinsecamente inserida nessa relação. Sua concepção de parentalidade é tradicional, própria do modelo de família nuclear que constituiu com a complementaridade do pai e da mãe. Num primeiro olhar podemos perceber que ele é um típico pai moderno, sempre participativo e voltado aos cuidados dos filhos que gerou, embora não assuma sua responsabilidade, como descreveu Michael Lamb a princípio (1986) e, posteriormente, Rosane Mantilla de Souza (1994; 2006) e Durval de Faria (2001) aqui no Brasil. Depois de aceitar sua homoafetividade se separa, se assume e vive a paternidade como um homem pai divorciado.

Para a maioria de nossos entrevistados o início da atividade sexual ocorre por volta da adolescência e com o sexo oposto, seguindo os preceitos sociais heteronormativos, aos quais estamos subordinados. Desde a juventude a maioria deles se envolveu amorosa, sexual e afetivamente com mulheres. Apaixonaram-se por aquela que viria a ser mãe de seus filhos e acreditaram, de fato, que essa era uma relação válida, verdadeira e suficiente naquele momento de sua vida. Anos depois eles se dão conta que esse casamento não supre

mais seus anseios, não satisfaz mais; contrariando Fères- Carneiro (1996) cuja investigação assinalou que essa insatisfação não leva à separação, apesar dos filhos que ama e da vida que como casal construiu com a mãe de seus filhos, isso não se constitui uma justificativa para permanecer casado:

Vivi nestes 10 anos de casado uma vida feliz, ao lado de uma pessoa maravilhosa e companheira, tivemos nossos filhos, construímos muitas coisas juntos, amadureci muito ao lado dela, e hoje tenho certeza que escolhi a pessoa certa para constituir minha família. Apenas, num dado momento deste casamento, percebi que o que eu sentia ser uma fantasia não era, e realmente eu tinha uma atração enorme por homem. (Rodrigo, 38 anos, filhos com treze e onze anos)

Assim neste nosso estudo constatamos que o envolvimento com mulheres é realmente um caminho para se tornar pai e para não confrontar os valores sociais heteronormativos. Embora seja visível a importância de se tornar pai pela relação heterossexual, para homens que se percebem afiliados homoafetivamente e a despeito do casamento ser uma das formas mais práticas para um pai ter os filhos que sempre quis ter, com a mulher de que gosta, num relacionamento de afeto, isso nem sempre é uma justificativa e escolha consciente, tampouco é suficiente para mantê-lo nessa relação familiar.

Terezinha Feres Carneiro assinala que o homem, diferentemente da mulher, se casa para constituir família, ter filhos. O casamento é a principal base para a auto-realização social e para os relacionamentos privados, sendo que a insatisfação na relação amorosa não se constitui um problema que possa gerar a separação para o homem (FÉRES CARNEIRO, 1996: 77).

Embora constituir família e ter filhos seja um dos principais motivadores para o homem se casar, como aponta a autora, o que também é corroborado por este estudo, os nossos participantes indicam algumas mudanças concretas, que falam a favor do vínculo e do afeto entre o casal como significativo e importante, predispondo à conjugalidade. O casamento heterossexual é justificado pela paixão e pelo enamoramento, sendo sustentado pela relação amorosa satisfatória além da possibilidade de constituir família e ter filhos. O corolário dessa justificativa é que a subsequente separação e concomitante afastamento dessa família se dá devido a uma insatisfação nessa relação amorosa, o que é inovador neste estudo.

Eu me casei apaixonado, não me casei para esconder a sexualidade. Confesso que se o mundo fosse outro, se eu tivesse outra cabeça, talvez eu tivesse um relacionamento com uma mulher para ter filhos, mas não um casamento. Provavelmente eu teria os filhos, que é uma coisa que me dá muito prazer, gosto de cuidar, é um prazer enorme me doar pra formação deles. (Pery 42 anos, filhos com doze e nove anos)

Rosane Mantilla de Souza (1994) aponta que a idealização do par romântico na relação conjugal é, sim, um elemento motivacional para sua busca; entretanto, mesmo que como homem tenha internalizado a masculinidade bem-sucedida apenas se complementada por sua díade oposta, ou seja, uma mulher, hoje nosso participante sabe que é um engodo submergir a essa visão tradicional de que a heterossexualidade é a única possibilidade. Mas foi o que aconteceu a ele no início de sua vida adulta, quando se enamorou pela mulher que viria a ser sua esposa e mãe de seus filhos.

Embora o homem pai de nosso estudo tenha sido no início de sua vida adulta um típico exemplar do masculino hegemônico, ele acaba por perceber que sua satisfação é sim prioridade, ainda que isso possa significar uma ameaça aos privilégios da hegemonia de que desfruta. Mesmo que até tomar consciência disso ele tenha sucumbido ao que é esperado dele como homem, casando-se e tendo filhos com a mulher por quem se apaixonou, parece-nos, pelos relatos, que a noção de seu suposto interesse pelo mesmo sexo, ainda quando jovem, não o fez acreditar que essa era uma possibilidade para ele, um homem. Ele não se via de outra forma naquele momento.

Richard, que diz ter-se casado apaixonado, nunca se incomodou, ou não se preocupou com sua atração por homens, pois, segundo sua concepção de sexualidade, as possibilidades de atração sexual, para ele, são irrestritas; acredita que todos têm essa característica em potencial:

Sinto atração sim, mas fui apaixonado por minha esposa, transei com minha esposa, casei com minha esposa. (Richard, 36 anos, filha com nove anos).

Aceitar a si mesmo e se assumir como homem, pai que mantém relacionamento homoafetivo, apesar de implicar um longo e sofrido processo, que envolve a auto-aceitação, a revisão de seu próprio conceito de masculinidade, foi uma etapa necessária para que nosso participante construísse o pai que ele é:

Não vou esconder de ninguém a minha homossexualidade, quem eu sou, porque não vou esconder meu filho de ninguém, assumir minha homossexualidade estava intimamente ligado a ser um pai melhor, porque leal, sincero, assumido para o filho (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

A paternidade para os homens deste estudo é uma conquista que lhes garante a aparente ordem do masculino hegemônico, embora seja essa mesma ordem heterossexista que eles desafiam e enfrentam quando tomam consciência de sua homoafetividade e decidem revelá-la aos filhos.

O pai que tiveram

A maior parte desses pais mantém convívio e contato com o filho que vai além daquele expresso na relação que tiveram com o próprio pai, porque estão envolvidos no cuidado material e no cuidado direto. Embora apenas cinco deles detenham a guarda, muitos mantêm um convívio similar à guarda compartilhada, também participam de forma bastante próxima nas decisões do que diz respeito à vida dos filhos, fazendo parte de fato de sua rotina de vida. Para outros participantes, entretanto, esse é um modelo que fica no âmbito do desejo, porque estão mais afastados do convívio com os filhos, ou porque vivem distantes ou porque no momento conseguem apenas manter seus direitos de visita.

Partimos aqui da premissa de que a construção da masculinidade e da paternidade em nossos participantes está intrinsecamente conectada à heteronormatividade que rege o modelo de família e de parentalidade sedimentado ao longo de seu ciclo vital e o qual faz parte de sua concepção de masculinidade. Falar com seu filho sobre isso, mostrar e viver isso é revisar, redefinir o que o constitui.

Como muitos homens que constituíram família e tiveram filhos a principal preocupação dos pais de nossos participantes era o cuidado material. Renato descreve emocionado como era seu pai, o patriarca de uma típica família nuclear, tradicional. Ele foi seu grande exemplo, uma referência, que viveu e ensinou que obrigação e responsabilidade de pai passa primeiro pelo prover.

Ele sabia que tinha obrigações, sustentava a família, ele pôs quatro filhos no mundo e era aquela época que a mãe era só prendas domésticas então ele fez de tudo pra nunca faltar nada pros filhos, sabia que era a

responsabilidade dele. Pra cada filho que ia chegando aos 18 anos ele deu um carro, ele não guardava dinheiro pra ele, ele gastava com os filhos, com a família. Isso pra mim sempre foi uma referência. Hoje eles estão velhinhos, hoje vejo meu pai velho...é complicado (se emociona, seus olhos marejam), muito difícil, pra mim é ver meu pai velho, ver meu pai dependente, aquela fortaleza, e hoje ele é fraco. Hoje eu cuido dele com o maior carinho... (Renato, 45 anos, filho com 23 anos)

Embora a maioria dos pais que nossos participantes tiveram se ocupasse exclusivamente do provimento material, outros também deixaram uma imagem positiva de dedicação, troca de afeto, com bom relacionamento e muita proximidade, até mesmo como responsável pelo cuidado mais direto, como vemos na fala de Newton:

Ele como pai, sempre foi muito zeloso, sempre preocupado, com pouca cultura, mas muito preocupado com o bem estar dos filhos. O modelo que eu tenho de pai é assim, eu considero muito bom, no sentido de afeto, de assistência material, dentro das limitações dele, ele se preocupava diuturnamente com o bem estar dos filhos. Ele via tudo, na hora do banho, se caiu, machucou, se cortou, coisa que é comum no meio rural, ele é quem cuidava, ficava atento a isso, era bem zeloso, de pegar no colo, conversar, brincar... (Newton, 45 anos, filhos com onze e nove anos).

Grande parte dos participantes, entretanto, não teve esse tipo de relacionamento mais próximo de cuidado e lembra de seu pai como muito distante, ausente, pouco afetivo. Nessas situações o sentimento é de mágoa por um tipo de afeto e carinho que nunca houve. É o que pode ser observado no relato de Reynaldo:

Tinha um jeito bem ausente, e pra ele era o modelo normal, nenhum de nós nunca teve uma conversa com meu pai, pra ele ... até entendo porque ele estava reproduzindo o modelo do pai dele, mas acho que tinha inteligência suficiente pra ter revertido essa situação. (Reynaldo, 44 anos, filha com onze anos)

Aquele pai, descrito como afetivamente distante, cumpriu o que estava prescrito para um pai naquele momento, que era a formação da lei e da moral, já que também reproduziu um modelo no qual foi educado. O homem que seu pai foi fez o que lhe cabia fazer em sua época; hoje nosso participante como pai confronta algumas prescrições e se percebe capaz de manifestar o afeto que sente por seu filho, sem perpetuar a distância e o afastamento físico, do qual tanto sentiu falta.

...sempre senti que ele me amava, mas é a questão da verbalização do carinho...por no colo fazer um cafuné, falar vem cá meu filho, vamos conversar, isso e aquilo, isso aí não tinha, não tinha... (Richard, 36 anos, filha com nove anos)

Embora esse modelo de paternidade seja o tradicional, de família nuclear, com papéis parentais prescritos complementares, pode não ser percebido por alguns participantes como positivo.

O lance do meu pai era assim: “eu trabalho bastante, eu trago dinheiro”, e qualquer coisa era pra resolver com a minha mãe. Ele sempre falava que tinha trabalhado muito, não sei o que, que tava cansado... (Reynaldo 44 anos, filha com onze anos).

Existe uma mágoa e um sentimento de distanciamento do pai que é traduzido na frase “meu pai não deu conta de mim”, que nossos participantes discutiram profundamente no e-group:

Isso gera em mim um sentimento de mágoa que mescla-se a outros de compaixão e perdão. Compaixão pela incapacidade do meu pai em ser Pai. Perdão por não tê-lo entendido antes...Lembro-me que na formação da minha identidade afetivo-sexual sentia-me muito magoado por ser ‘diferente’ dos meus amigos e ao avaliar as inúmeras variáveis, percebia a diferença que existia na presença constante dos pais dos meus amigos na vida deles. E isso não tem nada a ver com distância, pais separados, etc. Quer dizer CUMPLICIDADE²⁶ quando se está junto. Passar confiança, segurança...(Pierre, 35 anos, filhos com nove e catorze anos).

Pierre descreve como sua imagem internalizada negativa de seu pai poderia ser associada a seu próprio caráter frágil, à sua necessidade de se mostrar agressivo e confrontar as regras e os costumes de sua família, embora perceba o sofrimento e a mágoa que isso tem gerado. Novamente vai se delineando de forma clara neste estudo que a educação que ele teve forjou o homem que é: o homem que seu pai, sua família e até ele próprio gostaria que ele fosse não se envolve homoafetivamente. Ele como homem precisa conviver com isso, precisa enfrentar isso e confrontar o homem que idealizaram – ou ‘esperaram’ – com esse homem que de fato é. Em outras palavras, precisa rever aquelas prescrições heteronormativas, a ameaça de perda da própria posição de masculino

²⁶ Destaque do próprio participante em seu relato no e-group.

hegemônico que ocupa, para se ver como esse homem que mantém envolvimento homoafetivo que hoje ele é.

Meu pai vive com minha mãe, mas de certo modo, pelo seu perfil introvertido, foi sobremaneira um “pai ausente” para mim e meus dois irmãos....Este fator não foi determinante para minha sexualidade, pois o único homossexual em minha casa sou eu. O que quero discutir aqui não é o que faz um indivíduo ser gay, mas uma vez sendo, como estes fatores familiares influenciam na dinâmica da sua psique e como lidar com suas conseqüências. (Pierre, 35 anos, filhos com nove e catorze anos)

De modo semelhante ao que já foi verificado no Brasil por Rosane Mantilla de Souza (1994) e Durval de Faria (2001), nossos pais oscilam entre uma posição de revisão do modelo de paternidade de seu próprio pai para aqueles que permanecem apegados à idéia do cuidado recebido. Alguns de nossos participantes conseguem olhar para o próprio pai e entendem que ele teria feito o possível, como também há os que permanecem naquela posição de enfrentar suas carências e o que não receberam como filhos. O diferencial desses nossos pais é que ao fazer essa revisão devem ainda construir e integrar sua auto-imagem de homem e pai que se envolve homoafetivamente.

Concepção de paternidade

A despeito desse modelo de pai mais distante que internalizou, e talvez mesmo se contrapondo a ele, nosso participante desenvolve seu próprio estilo como pai atuante, envolvido com o filho que tem. Não só provê financeiramente mas participa de modo ativo do dia-a-dia do filho, cobrando dele reciprocidade afetiva; ele está envolvido diretamente com tudo que diz respeito à sua rotina diária. Ele educa, conversa, é confidente, faz carinho e tem muito orgulho de fazer parte da formação do caráter do filho. Sente-se responsável pelas atribuições diárias, como dar banho ou refeições, ir e vir da escola, as atividades extracurriculares, os compromissos, consultas, tarefas, passeios, enfim tudo o que diz respeito ao seu filho esse pai se envolve e resolve.

Similar aos pais de outros estudos aqui já discutidos (SOUZA, 1994; FARIA, 2001), a despeito do modelo que tiveram, os pais deste nosso estudo procuram oferecer a seus filhos o necessário suporte emocional para enfrentarem situações de vida, e assim

ousaram e se permitiram viver uma experiência de relação com os filhos descrita como muito satisfatória.

E isso eu levo pra minha filha, não da maneira tão pesada como eu tive, mas o respeito pelas pessoas, o respeito pelos mais velhos. É um pouco diferente meu pai era nem um pouco carinhoso, muito truncado, fechado...A primeira vez que meu pai falou eu te amo foi com 33 anos, faz pouquíssimo tempo, então levar 33 anos pra ouvir isso do pai, sei lá é..., (Reynaldo, 44 anos filha com onze anos).

Alguns homens pais conseguem desempenhar esse tipo de cuidado de forma direta e diária na relação com seu filho; outros, entretanto, ficam no âmbito do desejo. Os pais que têm a guarda e moram com seus filhos (Tabela 1) são os que mais estão comprometidos com essa concepção de paternidade como aquele que provê, cuida, dá carinho e protege. Em razão dessas diferenças destacamos neste estudo três tipos de exercícios de paternidade, ou formas de exercer o cuidado de pai: aquele que exerce a *paternidade-cuidado*,²⁷ o pai que mantém o *cuidado-compartilhado* com a mãe de seu filho e o pai que *idealiza a paternidade-cuidado*.

Tabela 1: Paternidade Cuidado, pais que detêm a guarda

Participante	Idade	Filhos	Origem paternidade	Revelação
Reynaldo	44 a	♀ 11 a	Adoção, com 3 anos	SIM , filha 8 a ½
Nivaldo J	55a	♀18a ♀19a	Heteros. Viúvo	NÃO , não se importa
Newton	45a	♂9a ♂11a	Adoção, com 1a e ½	NÃO , se perguntarem fala
Pedro José	35 a	♀11a ♀13a ♀ 14a	Heterossexual; divorcio, tem guarda	PRETENDE

Atribuímos a denominação *paternidade-cuidado* (Tabela 1) àqueles pais que têm a guarda, sendo o responsável direto e legal pelo filho; são os quatro pais que vivem com seus filhos e se encaixam naquele perfil de pai que Rosane Mantilla de Souza definiu como “pai singular”. Eles se orgulham de sua relação muito próxima e participativa, se

²⁷ Tomamos emprestado o termo utilizado por Rosane Mantilla de Souza em seu estudo sobre paternidade (1994).

responsabilizam por tudo que diz respeito aos filhos. São eles Pedro José, Nivaldo José, Reynaldo e Newton, sendo os dois últimos os que adotaram; os demais são pais biológicos.

A minha concepção de paternidade é de cuidado, de ser cuidador, de proteção de cuidado. Sempre fiz isso com muita atenção, muito... a contento. Pra que tenha saúde, alegria felicidade. Isso é estar presente, saber de tudo, punir, se necessário, prover também, é sempre muito carinho. Sempre amei demais essas meninas, fiz tudo para que elas tivessem do bom e do melhor (Nivaldo José, 55 anos, filhas com dezenove e vinte anos).

O segundo tipo de pai que emerge em nosso estudo é o pai que mantém um tipo de **cuidado-compartilhado** (Tabela 2) e divide com a ex-mulher toda a responsabilidade e o cuidado dos filhos. Embora ele se tenha separado da mãe de seus filhos e não tenha aventado a possibilidade de pedir a guarda, ele não se afastou ou se distanciou devido a isso. Ao contrário, os filhos os acessam a qualquer hora e eles participam de todas as atividades que os filhos têm; se assemelham àqueles da paternidade cuidado embora não tenham diariamente a mesma moradia que os filhos.

Tabela 2: Paternidade Cuidado Compartilhado

Participante	Idade	Filhos	Origem paternidade	Revelação
Richard	36 a	♀ 9 a	Rel. heterossexual	SIM , filha 8 a ½
Renato	45 a	♂ 23 a	Rel. heterossexual	SIM , filho 21 a ½
Rodrigo	38 a	♂ 11 a ♂ 13 a	Rel. heterossexual	SIM , filhos 11 e 13 a
Roberto C	47 a	♀ 17 a	Rel. heterossexual	SIM , filha 16 a ½
Nábila	60a	♀21a ♂24a ♀28 ^a	Rel. heterossexual	NÃO , se perguntarem fala, acha que sabem
Pery	42 a	♂ 9a ♀12a	Rel heterossexual	PRETENDE

São seis os pais que se encaixam nesse perfil. Um desses participantes, Roberto Carlos, embora não conceba ficar com a guarda, diz que um dos principais motivos de não ter saído de casa ou se separado da esposa é para não ficar distante da filha com dezessete anos. Cinco deles, apesar de divorciados e dos filhos viverem com a mãe, têm uma participação ativa, se envolvendo de forma muito próxima e carinhosa quase diariamente

na rotina deles: levam ou buscam da escola, participam de atividade extra-escolar, passeios, compras, enfim, decidem juntos tudo o que diz respeito à vida dos filhos.

Eu procuro ficar mais na área emocional da coisa, cuidar mais dessa área. Vou dar um exemplo: o menino tá indo mal na escola, eu vou lá, quero saber o que aconteceu, eu participo de todas as reuniões do colégio... Quero saber o que está acontecendo, participar do desenvolvimento deles. Tenho dois anos de separação e fiquei 11 anos casado e sempre foi assim, sempre participei e sempre me envolvi com isso..., todas as vezes que estou com eles eu me dedico mesmo a eles. Eu estou todas as noites... Fim de semana sempre, então todas as vezes que tem algum problema eles me chamam na hora. Essa minha proximidade deles faz com que eu seja facilmente acessível... diferente de alguns pais “olha não enche o saco eu tô trabalhando”...(Pery, 42 anos, filhos com nove e doze anos).

O terceiro e último tipo de pai que emerge em nosso estudo é o que *idealiza a paternidade-cuidado* (Quadro V). Na família heterossexual que constituiu, ele foi um homem e pai próximo dos filhos e bastante participativo na rotina da família, o que está consoante com o que foi discutido como “pai moderno”²⁸ nos estudos de Rosane Mantilla de Souza (1994), antes fora definido por Lamb (1986) e também foi observado por Marianne Cooper (2004) em seu estudo com homens de masculinidade hegemônica, de carreira bem-sucedida. Hoje, entretanto, sua participação na vida dos filhos é mais idealizada do que exatamente real, porque estão separados de suas famílias sem convívio diário com seus filhos, mantendo visitas quinzenais ou às vezes nem isso.

Tabela 3: Paternidade - Cuidado Idealizado

Participante	Idade	Filhos	Origem paternidade	Revelação
Percyval	43 a	♂ 10 a	Rel. heterossexual	PRETENDE
Pierre	35 a	♂ 9 a ♀ 14a	Rel. heterossexual	PRETENDE
Patric	42 a	♂ 6 a	Rel. heterossexual	PRETENDE
Paulo R	38 a	♂ 6 a ♀ 7 a	Rel. heterossexual	PRETENDE
Nardini	48a	♂13a ♂16a	Rel. heterossexual	NÃO , se perguntarem

²⁸ O pai moderno é aquele homem que não se furta a exercer o que se denomina ser o papel do “bom pai”, do bom provedor; sendo um homem envolvido com o cuidado dos filhos e com a rotina diária da família.

Nando	32a	♀9m	Rel. heterossexual	NÃO , nem pensa falar
Norberto	45a	♂9a ♂12a	Rel. heterossexual	NÃO , não quer

Em nosso estudo esses homens pais hoje relatam um sofrimento pelo distanciamento de seus filhos, sendo que alguns também ficam mais apreensivos com relação à sua intenção de se revelar a eles, já que se vêem pouco e vivem sob a influência da mãe que, ou não sabe ou não quer que o filho saiba. Encontram-se nessa situação sete pais: Percyval, Pierre, Patric, Paulo Rubens, Nando, Norberto e Nardini.

Consegui no processo de separação o direito de trazer meu filho para minha casa a cada 15 dias. Sou eu que vou buscá-lo e sou eu que vou levá-lo, viajo 650km fim de semana sim, fim de semana não (filho cansa, né?). Apesar das ameaças veladas, das várias tentativas de "convencê-lo" a não vir, acho que ela (a mãe) ainda tem alguma consciência de que eu sou pai e ele precisa de mim (Patric, 42 anos, filho com seis anos).

Alguns mantêm um contato mais ativo pelo telefone porque os filhos já adolescentes os procuram indiferentemente do pacto de visitas, como Nardini, mas isso parece depender também da relação, com baixo conflito, que mantém com as ex-mulheres e não apenas com os filhos. Norberto, por exemplo, em litígio com sua ex-mulher, está afastado de seus filhos há meses. Paulo Rubens e Pierre também moram em outra cidade e têm dificuldades para contatar seus filhos, sendo que a filha adolescente deste último não fala com o pai há dois anos por uma presumida difamação que a mãe teria articulado contra o pai. Ele hoje sente que foi injustiçado pela ex-mulher, que esta, com suas “pressões e mentiras”, prejudicou sua relação e o afastou da filha que sempre amou:

Já sofri muito, de parar de trabalhar... E eu não tenho nenhuma tendência depressiva. Muito pelo contrário! Mas agora... dei a volta por cima. Eu sei quem sou, sei dos meus valores e condutas. Tenho minha mente e coração em paz. Coloco a cabeça no travesseiro à noite e sinto o gosto de estar fazendo o meu melhor como homem, pai... (Pierre, 35 anos, filhos com catorze e nove anos).

O novo “pai moderno”?

Observamos um fato interessante que reforça nossa discussão sobre o tipo de paternidade manifesto por nossos participantes. Responsabilizar-se pela guarda não é uma

possibilidade natural para a maioria dos pais deste estudo. À exceção dos quatro que já detêm a guarda, os outros onze pais acreditam que a mãe é naturalmente mais indicada para ficar com os filhos.

Certo dia durante um debate²⁹ sobre as dificuldades de serem pais amorosos e poder estar mais presente, sobre os problemas com as ex-mulheres e a distância concreta dos filhos, lançamos uma pergunta: “Mas vocês, que vivem tantas restrições³⁰ no contato com seus filhos, nunca pensaram na possibilidade de solicitar a guarda, ao menos a compartilhada?”.

O grupo responde discutindo e nos mostrando que como pais eles não concebem assumir seus filhos, tirá-los da mãe, que está naturalizada sua visão de que “mãe é quem sabe o que é melhor para filho”. Não acreditam que seus filhos viveriam bem com eles; sentem que, apesar de seus próprios problemas, os filhos “estão acostumados”, “estão bem assim com a mãe”, que “a mãe sabe o que é melhor fazer e falar com filhos”. Também sentem que poderiam perder sua privacidade ao se responsabilizar por tudo e ter seus filhos 24 horas morando com eles; além do trabalho que os absorve, poderiam ter sua liberdade (suas noitadas em baladas ou seu convívio com o companheiro ou o namorado) ameaçada; filhos não combinam com isso e encerram a discussão concordando que as mães são competentes quanto a isso, elas são boas mães e não pretendem essa tarefa para si.

Embora num segundo momento – sob influência dos depoimentos dos pais que exercem o cuidado direto, que têm a guarda – esse mesmo grupo chegasse à conclusão de que como pai poderia, sim, se organizar nessa direção, que poderia ser bom e possível ter seu filho morando com ele, isso é ainda muito remoto, e o pior problema talvez fosse o juiz concordar em conceder-lhe a guarda. Parece-nos que eles, pais, não se vêem tão ou igualmente competentes para cuidar das crianças como as mulheres, mães. Ou parece-nos que receiam, têm medo de ousar e se entregar a essa relação, mais afetiva, carinhosa que eles mesmos disseram que seus próprios pais deveriam ter tido com eles. Parece-nos ainda que percebem o quão trabalhoso pode ser o exercício dessa modalidade de paternidade-cuidado: aqueles que a usufruem não abrem mão, não se queixam, mas aqueles que a desejam não buscam de fato alcançá-la.

²⁹ Do grupo que se encontra mensalmente de forma presencial e pelo *e-group*.

³⁰ Não podem conversar sobre sua homoafetividade com os filhos, que é vista como prejudicial pelas ex-esposas; ou porque elas restringem seus contatos, ameaçam-nos com a revelação; ou mesmo quaisquer outros conflitos também associados ao divórcio, como a pensão “extorquida” ou “injusta” e vista como exorbitante por eles.

Entendemos que para os homens que não se prontificam a assumir o cuidado direto ou a guarda, justificando ser da mulher o domínio do cuidado dos filhos, eles mantêm e perpetuam as relações parentais hierarquizadas, que reproduzem o modelo complementar de papéis prescritos “pai provedor e mãe cuidadora”, embora em seu discurso não seja isso que expressam ou desejam como pais. Existe assim uma defasagem entre o que vivem – a distância dos filhos – e o que desejam como pais, que é o contato próximo, afetivo. Podemos perceber que há receio dessa entrega e há perdas a serem avaliadas.

Eles expressam que, de alguma forma, poderiam sim desenvolver essa competência e isso fica evidenciado com os pais que detêm a guarda e se sentem muito confortáveis com isso, como mostra o relato de Nivaldo José. Entretanto, o receio de desafiar um modelo que parece não lhes servir, pode ser assustador para esses pais que hoje permanecem de forma melancólica e sofrida no desejo de exercer a paternidade cuidado. Em nosso entendimento, esse modelo ainda serve porque também garante o lugar tradicional do masculino com os privilégios da liberdade e da autonomia preservados, sem os grilhões da rotina doméstica.

Essa discussão está consoante com o que vem sendo conceituado como o “pai moderno” (LAMB, 1986; SOUZA, 1994; FARIA, 2002; COOPER, 2004) e nos sugere que não há de fato um estilo de homem pai que mantém envolvimento homoafetivo, ou que este não difere do estilo de qualquer outro homem “pai moderno”.

No trabalho de Rosane Mantilla de Souza observou-se que é possível o pai que se responsabiliza pela guarda exercer o cuidado direto. No período de casamento esses homens assumiam a vida do trabalho e o cuidado indireto, entretanto, depois do divórcio, após terem de assumir a guarda, passaram a exercer esse cuidado, revelando habilidade e competência antes não manifestas. A autora observa que “a ‘paternidade singular’ destaca a independência entre o processo de identificação sexual e o comportamento parental enquanto sistema de apego. Na falta de modelos externos ou idealizados de comportamento masculino cuidador, foi no relacionamento bastante positivo com a família de origem que o homem buscou o modelo, não no comportamento paterno” (SOUZA, 1994: 194).

Em nosso estudo salientamos que, embora não haja impedimento no envolvimento do homem como cuidador direto, ainda que exista a referida independência do processo de identificação sexual e sistema de apego, o homem só expressa essa habilidade quando consegue romper com aquele modelo masculino tradicional tipificado. Para os homens que mantêm relacionamento homoafetivo e são pais isso pode ter outras conexões. Há ainda os

temores relacionados à homoafetividade, visto que devem confrontar a ameaça de perda de privilégios da hegemonia, já que manter relacionamento homoafetivo os aproxima daquelas posições desvalorizadas para o masculino.

Os pais que idealizam a paternidade-cuidado (Tabela 3) se referem a um desejo de participação no cuidado com seus filhos de forma bem próxima, afetiva e muito diferente daquele modelo de seu próprio pai, mas que pode ter uma conexão com o desejo do cuidado que de fato não foi recebido, como uma reparação de seu próprio passado. Apesar da veemência do discurso sobre cuidado e carinho com seus filhos, do apoio continuado que eles lhes dedicam quando estão juntos, alguns se mantêm nesse discurso como uma idealização, já que sua participação no dia-a-dia é restrita e restritiva; não conseguem desafiar aquela ordem prescrita e buscar reverter isso. Um dos maiores temores é, sem dúvida, que a homoafetividade seja evidenciada.

Esta discussão é pertinente àquele grupo de pais que mantêm o desejo de paternidade-cuidado. Esse homem pai tende a não reivindicar o cuidado para si, ele não prescinde da figura feminina ou da mãe, que vê como naturalmente responsável pela criança. A efetiva paternidade-cuidado apenas é possível e concreta com a ausência da mãe. Parece-nos que diante da comprovada impossibilidade feminina de se responsabilizar pelo cuidado dos filhos o pai se permite assumir para si a inteira responsabilidade.

Os pais que já vivenciam a paternidade-cuidado porque têm a guarda (Tabela 1) não se queixam, obtêm satisfação desempenhando essa função e não falam em “perda de liberdade” ou em “dificuldades em manter sua privacidade”. Também não se esquivam das atribuições e funções rotineiras porque os filhos vivem com eles; ao contrário, não abrem mão disso, se orgulham e estão confortáveis com a realização dessas incumbências cansativas e por demais responsáveis que um cuidador direto de sua prole precisa ter. Como demonstrado no estudo da autora Rosane Mantilla de Souza, esses pais procuram oferecer aos filhos e a si mesmo a experiência de apoio emocional e condição de enfrentamento das situações (SOUZA, 1994: 195).

O outro grupo de pais que realiza o cuidado compartilhado (Tabela 2), embora o filho more com a mãe e ele não reivindicasse a guarda para si, acaba por encontrar uma solução confortável e funcional, mantendo a ordem prescrita. De certa forma pode-se observar que todos se beneficiam dessa ausência de conflitos, já que tanto os filhos como os pais usufruem da companhia um do outro, com o pai e a mãe dividindo de forma mais igualitária as responsabilidades no exercício da parentalidade.

Segredo

Para um pai que tem um relacionamento homoafetivo a manutenção de segredos sobre aspectos da própria homossexualidade pode ser uma etapa do processo de se perceber, se aceitar e se assumir nessa identidade. Ele terá de lidar com seus medos e com os conteúdos homofóbicos internalizados, ao se dar conta de seus desejos, de sua atração por homens.

A tomada de consciência da homoafetividade para esse homem pai ocorre mais tardiamente, quando de fato o até então “interesse por homens” torna-se uma paixão devastadora, quando ainda estava vivendo um relacionamento heterossexual e casamento como descrevemos em nosso artigo (MORIS & SOUZA)³¹. Eles eram casados, já eram pais e se consideravam felizes com a família que constituíram, mas passa a ser insuportável continuar negando o que até há pouco tempo não percebiam direito, ou não tinham consciência e por isso não assumiam. Eles deparam com a dura tarefa de enfrentar uma realidade, que é a própria homoafetividade.

Tabela 4 Resultados: *Participantes R* que revelaram para filhos

Participante	Idade	Filhos	Origem paternidade	Revelação
Richard	36 a	♀ 9 a	Rel. heterossexual	SIM , filha 8 a ½
Renato	45 a	♂ 23 a	Rel. heterossexual	SIM , filho 21 a ½
Rodrigo	38 a	♂ 11 a ♂ 13 a	Rel. heterossexual	SIM , filhos 11 e 13 a
Roberto C	47 a	♀ 17 a	Rel. heterossexual	SIM , filha 16 a ½
Reynaldo	44 a	♀ 11 a	Adoção, 3 anos	SIM , filha 8 a ½

No relato de Roberto Carlos observamos como está sendo difícil arcar com o peso do segredo que ele guardou por muitos anos. De alguma forma ele sabia de seus desejos, entretanto não queria tê-los e manteve secretamente alguns casos esporádicos desde jovem. Ele relutava em aceitar sua homoafetividade até que percebeu que essa é a sua realidade e, não suportando mais o que foi por tanto tempo guardado, se revelou há um ano abruptamente para sua filha e familiares:

³¹ Artigo enviado para publicação.

Tenho lidado com minha aceitação e trabalhado minha auto-estima, nada mais me detém, quero viver minha vida como gay, quero morrer como gay, não quero mais viver como um fugitivo ou um agente secreto camuflado, não que agora vou sair por aí com uma faixa na cabeça escrito SOU GAY, nada disso (Roberto Carlos, 47 anos, filha com dezessete anos).

Para que um pai consiga revelar essa importante informação sobre aspectos de sua sexualidade tidos como muito íntimos e não aceitos, às vezes nem por ele mesmo, e que são proscritos da concepção heteronormativa da sociedade, ele passa por um longo processo, que pode envolver muitos conflitos e enfrentamentos difíceis. Entendemos a manutenção do segredo sobre a afiliação homoafetiva tanto como uma estratégia consciente de enfrentamento em busca da autonomia quanto como uma forma de defesa inconsciente; neste caso uma recusa no se aceitar e uma tentativa de evitar ou negar algo que gera vergonha. De certa forma, até que o pai que mantém relacionamento homoafetivo tome consciência dessa característica importante de sua sexualidade e masculinidade, podem ser observáveis, em diferentes níveis, as duas formas de manter silêncio sobre a própria homoafetividade ao longo processo em direção ao se assumir e se revelar.

Joan Laird assinala que muitas vezes o segredo nos permite atingir objetivos mais amplos, fazem parte de alguma estratégia de enfrentamento consciente, como uma resistência, para que mais adiante se consiga uma autonomia e o merecido reconhecimento. Entretanto, pode ser prejudicial ao pleno desenvolvimento individual e ao relacionamento manter segredo sobre um aspecto importante de si mesmo, que faz parte de sua própria identidade. Esconder porque não é aceito ou envergonha; silenciar como um esforço para escapar da estigmatização; ocultar muitas vezes até de si mesmo, como um processo defensivo inconsciente de negação, pode ser destrutivo e gerar o adoecimento (LAIRD, 1994: 247).

A diferença entre os dois níveis de segredo (enfrentamento que pode promover a autonomia ou como uma resistência por não aceitação, ou mesmo uma negação) é sutil, sendo necessário pensarmos em termos do que é normativo como poder para a maioria, e do que é alvo de estigma, preconceito em cada cultura, em cada grupo e, por isso, considerado errado, porque diferente. Essa é a realidade a ser enfrentada por esse homem pai que mantém envolvimento homoafetivo.

Vemos que, às vezes, os segredos podem permanecer por muitos anos, como no relato do participante Roberto Carlos (que diz ter-se submetido a tratamento para “se curar” porque não aceitava sua homoafetividade); outras vezes, pode se configurar como um recurso temporário necessário, como vem fazendo Pery (que, estrategicamente, prepara os seus filhos, informando-os e ensinando-os a enfrentar a homofobia para, no momento oportuno, fazer-lhes a revelação de sua homoafetividade).

À medida que esse pai vai se aceitando, ele pode conseguir abrir para pessoas próximas, confiáveis, que também o ajudem e assim o que está mantido em segredo não fica tão pesado, porque está sendo compartilhado com alguém, podendo se fortalecer para conseguir ampliar essa revelação seletivamente e se assumir. De fato alguns pais percebem que não lhes faz bem manter segredo sobre seus próprios sentimentos e desejos, que pessoas confiáveis de seu círculo, incluindo sua esposa, também devem saber (Tabela 2). Eles entendem que essa informação deve ser transmitida com cuidado e isso requer certo preparo para que possa ser aceito. Quando Pery constata que sua atração por homens não era um mero interesse que ele sentia desde adolescente, que não era apenas curiosidade, decidiu conversar primeiro com sua esposa:

...eu pensei puxa ta horrível viver assim e como eu tenho um bom relacionamento com a minha ex-mulher e na época era minha mulher, eu falei puxa se ela soubesse dessa minha atração, que até então não tinha tido nenhuma experiência, eu não queria... eu queria alguém pra contar que eu tinha essa atração, só isso. Só de ter alguém que soubesse dessa minha atração seria ótimo pra mim. E aí o que é que eu fiz, aí eu comecei planejar, comecei sondar, deixa eu ver qual é a opinião dela, o que ela acha... do homossexual masculino, percebi que ela tinha cabeça boa, comecei deixar alguns indícios... (Pery, 42 anos, filhos com nove e doze anos).

Parece-nos, portanto, que na fase em que o homem pai ainda não se assumiu numa identidade homoafetiva ele guarda sim segredos sobre seus desejos. Ele não sabe ainda o que fazer com o que está sentindo, está ciente de que são aspectos passíveis de rejeição, alvo de preconceitos, não sendo visto como natural e que por tudo isso talvez permanecesse inconscientemente negado.

Tabela 5 Resultados: Participantes P que pretendem revelar

Participante	Idade	Filhos	Origem paternidade	Revelação
Percyval	43 a	♂ 10 a	Rel. heterossexual	PRETENDE
Pierre	35 a	♂ 9 a ♀ 14a	Rel. heterossexual	PRETENDE
Patric	42 a	♂ 6 a	Rel. heterossexual	PRETENDE
Pedro José	35 a	♀ 11a ♀ 13a ♀ 14a	Rel. heterossexual	PRETENDE
Paulo Rubens	38 a	♂ 6 a ♀ 7 a	Rel. heterossexual	PRETENDE
Pery	42 a	♂ 9a ♀ 12a	Rel. heterossexual	PRETENDE

Alguns autores por nós consultados, como Gary Sanders (1994) e Marilym Mason (1994), apontam que a manutenção de segredos relacionados à afiliação homoafetiva refere-se, de fato, a aspectos omitidos, guardados, não aceitos porque envergonham, mas que isso é culturalmente engendrado na educação heterossexista, cujos valores heteronormativos excluem qualquer outro tipo de afeto e afiliação que não seja a heterossexual. O estigma que cerca a afiliação homoafetiva não é facilmente administrado por quem é alvo de seu poder destrutivo. Aprender a conviver com o preconceito requer estratégias de enfrentamento e silenciar sobre a própria afiliação homoafetiva devido a ataques homofóbicos pode ser um recurso defensivo necessário, ao menos por um determinado tempo, até que se instrumentalize para então se assumir.

Observamos em nossos participantes algumas justificativas para manterem segredos que passam pela negação da própria afiliação, vista como errada, uma doença, que engendra a vergonha, como referido por Roberto Carlos; ou pode ser uma estratégia de enfrentamento do preconceito e não aceitação social e familiar, como Pery descreve; mas pode ser uma escolha consciente de manter essa informação sobre sua afiliação na esfera do privado, que diz respeito à própria intimidade como assinala Newton, que não pretende se revelar (Tabela 6).

Tabela 6 Resultados: Participantes N que não revelaram e não pretendem

Participante	Idade	Filhos	Origem paternidade	Revelação
Nando	32 ^a	♀9m	Rel. heterossexual	NÃO , nem pensa falar
Norberto	45 ^a	♂9a ♂12a	Rel. heterossexual	NÃO , não quer
Nivaldo J	55 ^a	♀18a ♀19a	Rel. heterossexual	NÃO , não se importa
Nábila	60 ^a	♀21a ♂24a ♀28a	Rel. heterossexual	NÃO , se perguntarem fala, acha que sabem
Newton	45 ^a	♂9a ♂11a	Adoção, 1a e ½	NÃO , espera perguntas
Nardini	48 ^a	♂13a ♂16a	Rel. heterossexual	NÃO , sabem convivendo

Vergonha

O participante deste estudo que representa de maneira mais visível o homem pai que guarda segredo sobre sua homoafetividade é Percyval. Ele está num processo de divórcio bastante complicado, briga há dois anos na justiça e sofre ameaças da ex-mulher. Hoje, aparentemente já tendo assumido sua homoafetividade, depois de passar muito tempo tendo casos fortuitos às escondidas, está vivendo com o companheiro, mas toma muito cuidado para que não desconfiem de seu relacionamento, por isso eles dormem em quartos separados e não demonstram a relação que têm. Ele teme que o filho saiba e isso o prejudique; teme que sua família nunca o aceite e, se souber, será um grande drama; e teme por sua carreira profissional. Percyval vive para esconder e manter segredo sobre sua homoafetividade, mesmo à custa do adoecimento:

*Muitas vezes eu sinto que, dentre todos (da entrevista de grupo e do e-group), eu fui o que teve o processo mais brutal de rejeição da minha própria condição homossexual. Não sei se contei no grupo que cheguei a separar tão fortemente o meu “lado gay”, no qual me aventurava em sexo anônimo com homens, do meu “lado hetero”, profissional pai-de-família, que fiz seis anos de terapia sem **jamais mencionar** para minha terapeuta a existência do “lado gay”. (Percyval, 43 anos, filho com dez anos)*

Os segredos e sua manutenção estão associados aos recursos internos e externos de cada um e o processo de se assumir numa identidade homoafetiva pode implicar a presença destes em maior ou menor escala, com maior ou menor grau de repressão e adoecimento.

Para alguns pode se configurar apenas um meio temporário, até que se criem outros meios mais pertinentes para lidar com o conteúdo que está sendo negado. Outras vezes, pode ser uma defesa duradoura, corrosiva, uma evitação do necessário enfrentamento dos próprios conteúdos homoafetivos.

Podemos identificar no relato de Percyval que atualmente ele se percebe num estágio anterior a outros participantes do grupo, também homens pais que já abriram seus segredos e se revelaram. Os fatores associados elencados são a repressão, a educação familiar, além da referida dificuldade em se aceitar e lidar com a homofobia internalizada.

Acho que ainda preciso de muita terapia para chegar no ponto onde você está (refere-se a outro participante que relatou como foi revelar-se para os filhos e família de origem). Não sei ainda se essas minhas visões de tragédia são uma herança da minha mãe – para quem um resfriado é um sinal claro de tuberculose, andar as 3 quadras que separam a casa dela da minha é risco de vida, discordar do chefe é o caminho certo para a demissão etc – se são causadas ainda por problemas de aceitar minha condição de homossexual, se são resquícios do processo depressivo pelo qual passei, ou uma soma dessas razões e de algumas outras. (Percyval, 43 anos, filho com dez anos)

Outro participante, Norberto, também mantém segredos sobre sua homoafetividade para seus filhos, sendo refém de sua ex-mulher que detém essa informação. Sua disputa e briga com a ex-mulher aconteceram durante o processo de separação, após ser flagrado por ela e por seu próprio irmão usando o computador para seus contatos com homens. Isso que era um segredo só dele foi usado no dia da audiência do divórcio como uma ameaça, o que o fez abrir mão de todos os bens, incluindo a companhia dos filhos. Ele ficou extremamente fragilizado, amedrontado, aceitou todas as imposições. Hoje, já decorridos mais de cinco anos, ele ainda teme que a esposa use sua homossexualidade para afastar os filhos dele. Ela se casou novamente e mudou-se com os filhos para outro estado, sem informar o endereço.

Há cinco anos vive com o companheiro, que o apóia, incentiva mas, mesmo assim, está refém dessa informação – sobre sua homoafetividade – desde a separação e acredita que se esta for revelada seus filhos ficarão contra ele, se afastarão dele, e também serão afetados e prejudicados por isso. Entendemos que suas justificativas desvelam que os valores passados na educação de seus filhos são condizentes com as normas heterossexistas, sendo estas que também regem o que é ser homem e pai.

Esconder de algumas pessoas uma informação que envergonha, porque há receio de que esta seja aberta a outros, é um mecanismo perigoso, até mesmo prejudicial à saúde. As duas histórias acima, de Percyval, que também esteve envolvido em processo de divórcio complicado, e de Norberto, confirmam isso: eles se tornaram reféns da ex-mulher, que detém uma informação que os ameaça, cuja revelação eles não conseguem aceitar. Eles têm receio de perder o afeto dos filhos, ou de prejudicá-los, e têm medo de serem retalhados publicamente por assumirem sua homoafetividade vista como depreciada, inferior. O que nos faz compreender que o que eles também temem é a perda das prerrogativas do masculino hegemônico de que até então vêm desfrutando.

Privacidade

A diferenciação exata e precisa de segredo e privacidade é complexa, pois o que está por trás do desejo de privacidade pode ser, sim, algo que envergonha, porque é social e culturalmente malvisto, ou mesmo porque a exposição daquele aspecto do indivíduo ameaça sua integridade física, moral, psicológica. O que caracteriza segredo é que aquilo que é mantido sob seu manto é algo que envergonha; já a privacidade não engendra a vergonha, apenas é vista como uma informação desnecessária, de esfera pessoal, não devida a terceiros, cuja não revelação mantém o que é pessoal e privado protegido. A privacidade não prejudica terceiros, tampouco quem detém essa informação.

Marilyn Mason explica: “o segredo acaba sendo a ponte entre a privacidade e a vergonha”, e, mais adiante, “segredo é informação devida a outros, protege algo mantendo-o invisível a outros”; já privacidade não subentende o prejuízo a terceiros, tampouco encobre a vergonha, apenas protege a informação de uma publicidade desnecessária (MASON, 1994: 41).

Os argumentos de que alguns pais deste estudo fazem uso, justificando porque acreditam não ser necessário falar de sua homoafetividade são: não falar de um aspecto próprio de sua sexualidade; manter a sexualidade na esfera do privado; não anunciar que é homossexual, assim como ninguém informa que é heterossexual; viver sem explicar o que está fazendo, o que está sentindo e com quem está dormindo; não é necessário dar satisfação a ninguém.

Richard e Renato, embora já tenham-se revelado para os filhos, não têm nenhuma preocupação com esse tipo de informação sobre sua homoafetividade para as demais

pessoas de seu convívio, simplesmente vivem as relações e dizem não ter vergonha de quem são, embora não conversem sobre sua orientação sexual com ninguém porque entendem que é de seu exclusivo interesse e privacidade.

Newton e Nardini não querem, não pretendem se revelar, ou falar de si mesmos. Acreditam que seus filhos, à medida que crescem e convivem com eles, já poderão apreender sobre seu modo de vida e estão sendo educados para entender que devem respeitá-los e à sua privacidade; em sua atitude – de homem de masculinidade hegemônica – demonstram que não permitem que invadam seu espaço.

Nivaldo José e Nábila dizem não se preocupar com esse tipo de informação aos filhos ou a qualquer pessoa. Acreditam não ser necessário falar sobre a orientação sexual, consideram ainda que algumas pessoas mais próximas, ou familiares, podem já saber, quem quiser vir conversar estarão abertos. Não existem conflitos com esse aspecto de suas vidas e se dizem tranquilos com isso e na relação com os filhos.

Em nosso entendimento, pelo que esses participantes nos relatam, eles não têm segredos, apenas vivem a vida do jeito que acreditam e não têm preocupação com o que outras pessoas possam pensar. Escolhem com quem dividem e compartilham a privacidade, como amigos e casais, tanto homo quanto heterossexuais, e alguns familiares. Não expõem aspectos tidos por eles como “de sua intimidade”, que é a homoafetividade – com quem se relacionam afetiva e sexualmente –, acreditam serem respeitados por todos os que os cercam e não se confinam a guetos. Não concebem a homoafetividade como fonte de vergonha, mas sim do domínio privado.

Newton considera que não é segredo para ninguém quem ele é, mas prefere preservar sua privacidade; não fala sobre assuntos de sua orientação sexual, já que considera dizer respeito a ele apenas e à pessoa com quem está envolvido. Atualmente vive com os filhos que adotou e com um companheiro há cinco anos. Esse participante é muito enfático ao afirmar que não acredita ser necessário conversar sobre sua orientação sexual com ninguém de seu convívio doméstico – filhos, empregados, amigos ou familiares –, sobre o que ele é ou faz na intimidade; é assunto de foro íntimo:

Nunca converso sobre isso com eles. Eu sempre tive a minha vida, nunca fui de ficar hasteando bandeira sobre essa questão da minha sexualidade, nem ontem, nem hoje. A gente não pode dizer o dia de amanhã, mas não pretendo, tenho os meus filhos em casa. E não é uma vontade, um desejo meu. Eu tenho a minha vida e pronto. Quem convive próximo comigo vai percebendo as coisas. (Newton, 45 anos, filhos com onze e nove anos)

Podemos entender que, quando esse pai se permite conversar sobre os aspectos de sua vida homoafetiva, escolhe quem possa respeitá-lo e compreendê-lo – como uma cunhada, que é próxima e amiga – e assim pode se abrir e discutir assuntos de interesse para a criação dos filhos e para um convívio doméstico mais harmonioso. Consoante com o assinalado por Gary Sanders (1994), ao distinguir privacidade e segredo, esse pai escolhe para quem deve ou não revelar sua homoafetividade e dessa forma se cerca de pessoas confiáveis que compartilham dessa informação, preservando-se com privacidade. Assim, algumas pessoas de sua própria família podem ou não ser consideradas confiáveis, tendo por base a empatia e a proximidade afetiva, para que o aceite e compreenda.

Um fato curioso que aconteceu com este participante quando estivemos em sua casa, por ocasião da entrevista individual, pode ilustrar como é seu cuidado com relação a assuntos de sua homoafetividade considerados de sua privacidade. Ele se preocupou em saber o que seria feito com a pesquisa que estávamos conduzindo, pois acredita que é muito importante que as famílias homoafetivas sejam respeitadas como uma possibilidade no cuidado e na criação de crianças; acredita que estudos como este que desenvolvemos são importantes, pois ampliam o conhecimento e trazem visibilidade. Entretanto quis se certificar de que sua identidade fosse mantida sob sigilo, já que uma exposição poderia comprometer o cargo que tem, bem como a vida social de seus filhos. Justifica que sempre foi muito cuidadoso com quem fala sobre sua vida e como vive com seus filhos, que não deve expor nem a si mesmo e muito menos eles.

Manter segredos para os filhos

Observamos que, à medida que um homem pai aceita sua homoafetividade, ele pode caminhar em direção a revelar ou não essa sua particularidade aos filhos e a não revelação pode, neste caso, implicar privacidade e não necessariamente segredos. Em nossos participantes entendemos que a manutenção de segredos sobre sua homoafetividade está mais associada ao processo de se aceitar e se assumir, que podem implicar uma intensificação de conflitos a serem enfrentados.

Segredos, como aponta a literatura, são destrutivos para as relações, engendram a vergonha e, quando se trata da homoafetividade, envolvem aspectos estruturais da personalidade de alguém que não estão sendo aceitos (SANDERS, 1994). Quando se guarda uma informação importante que envolve outros, neste caso os filhos, a relação pode

sim ficar comprometida, porque o filho pode sentir que o pai não confiou nele quando se negou a compartilhar essa importante informação sobre sua orientação sexual.

Dos dezessete participantes, seis declaram que não pretendem ou não querem falar com seus filhos sobre essa sua homoafetividade, sendo que dois – Nando e Nivaldo – vivenciam conflitos relativos à sua auto-aceitação e entendem que essa informação deve sim ser mantida em segredo porque prejudicaria os filhos. Os outros quatro pais, que também não pretendem conversar com seus filhos, justificam não ser necessário e entendem que esse é um aspecto de sua privacidade e intimidade.

Aqui vale refletir sobre o que é dito e falado, sobre aquilo que é mostrado, considerando que a comunicação pode ser expressa no comportamento, na atitude e nos hábitos, não apenas em palavras. Com exceção de Nábila – que diz não pretender falar porque não tem essa necessidade e acredita que quem o conhece reconhece nele um homem que vive abertamente sua afetividade com homens ou mulheres –, na frente dos filhos ou de quem estiver em sua casa, nenhum outro participante fala e também não mostra para os filhos que mantém relacionamento homoafetivo. Eles não demonstram o afeto que sentem pelo mesmo sexo: dormem em quartos separados, não se abraçam, nem se beijam, não trocam carinhos próprio de casais.

As justificativas de Nando sobre os segredos que mantém podem ser compreendidas como uma necessidade de se proteger do estigma e que se apóia na heteronormatividade, ideologia que sustenta sua própria visão tradicional como homem, filho e pai. Ele diz que as pessoas à sua volta no trabalho não o aceitariam, caso soubessem, e em sua família ninguém entenderia; está angustiado, sente que esse fardo que o tiraniza o faz solitário:

Na sociedade a pessoa bissexual, que tem duas sexualidades, não é aceita de forma nenhuma, na sociedade, no trabalho... É difícil carregar, a parte que me amarra, me prejudica é ter que carregar isso sozinho. (Nando, 32 anos, filha com nove meses)

Para este pai – que se envergonha por manter relacionamento homoafetivo – é inconcebível sua filha saber, pois ele acredita que nunca vai falar de sua (bi) sexualidade para ela e sugere que sua própria dificuldade em se assumir é que interfere hoje nesse receio de prejudicá-la:

Ela (a filha) não é culpada de eu e a mãe dela não ter dado certo, muito menos da minha sexualidade, então é uma questão de respeito, questão de não querer que ela saiba, que quando ela crescer que ela saiba... tipo assim, eu não estou preparado para assumir minha (bi) sexualidade diante de minha filha. Eu não quero que ela cresça sabendo que o pai dela tenha uma sexualidade diferenciada...seria uma vergonha na vida dela...as pessoas não entendem, não aceitam, a sociedade jamais vai aceitar isso. (Nando, 32 anos, filha com nove meses)

As palavras categóricas de Nando nos transmitem seu medo, sua necessidade de manter-se isolado, escondendo sua não assumida homoafetividade, que percebe como algo que o diferencia e o desqualifica, como um prejuízo, revelando a homofobia internalizada. Seu próprio sistema de crenças -- que é heterossexual -- discrimina sua homoafetividade e sustenta a homofobia pessoal. Entendemos que Nando está vivendo o processo de se aceitar para poder se assumir, enquanto isso -- não sendo possível quantificar o tempo que dura esse processo -- ele acredita que deve manter sua necessidade de afiliação pelo mesmo sexo secreta.

Gary Sanders (1994) sugere que a aceitação é uma saída possível quando os segredos se referem às afiliações pelo mesmo sexo. As crenças pessoais, sociais, culturais que são tirânicas, sexistas e homofóbicas seriam o combustível que sustentam esses segredos, sendo necessário que se caminhe em direção à aceitação da diferença, respeitando que a necessidade por afiliação pode não ser somente heterossexual. A descrição de Nando sugere que ele vive sob o jugo dessa ideologia heteronormativa: está com dificuldade de aceitar em si mesmo sua afiliação pelo mesmo sexo, a qual é mantida em segredo, porque é percebida como uma diferença que o envergonha, o desqualifica.

Dentre os seis participantes que afirmaram que não pretendem falar com os filhos sobre sua afiliação homoafetiva (Tabela 6), apenas Norberto e Nando podem ser analisados como mantendo segredos. Referem conflitos, receiam a revelação, temem que os filhos sejam prejudicados.

Os outros quatro participantes que não pretendem falar com os filhos sobre sua homoafetividade, que são Nivaldo José, Newton, Nábila e Nardini (Tabela 3) não nos parecem subordinados à tirania dos segredos. Assumem que não conversaram, nem pretendem conversar sobre essa sua afiliação com seus filhos, e acreditam que não seja necessário esse tipo de atitude, já que sua homoafetividade é assunto que diz respeito à sua experiência pessoal, íntima.

Não me sinto impelido a contar nem para minha mãe, nem tampouco para os meus filhos, ainda acredito que isto pode ser percebido e aceito, sem declaração explícita. (Nardini, 48 anos, filhos com dezesseis e treze anos)

Alguns dizem que se os filhos quiserem saber de algo, poderão perguntar; outros acreditam que não é mesmo necessário falar nada, já que supostamente os filhos que convivem com eles já devem saber ou saberão em algum momento, sem que eles tenham de iniciar essa conversa. Podemos supor que vivenciaram o processo de se aceitar e se assumir com menor custo pessoal e relacional; afirmam que não sentem hoje nenhuma angústia a respeito de sua homoafetividade. Não há conflito aparente na forma como convivem com seus filhos. Essa posição desses pais fica clara no excerto da fala do participante que mora com os filhos que adotou e com seu companheiro:

Tenho impressão que eles estão convivendo com isso, irão percebendo, e que isso vai entrar na vida deles naturalmente, sem uma coisa tão impactante, eu acredito um pouco nisso, senão, se perguntar eu falo. Sempre que se conversa sobre sexualidade eu deixo claro que não tem regra, que tem pessoas de um jeito e pessoas de outro jeito. Eu avalio essa questão de orientação sexual que ela interessa àquela pessoa e à pessoa com quem ela está, não é necessário falar com ninguém sobre isso. (Newton, 45 anos, filhos com onze e nove anos)

Entendemos que o “não falar” abertamente pode ser uma opinião ou posição que um pai pode adotar e que algumas outras formas de contar e mostrar podem prevalecer; esses homens descrevem uma relação “sem segredos” com os filhos à medida que sua disposição é para uma comunicação aberta, acreditam que a própria atitude diante da vida é justificada como uma forma de revelar quem eles são, o que pensam, como concebem os relacionamentos. Os filhos têm liberdade para vir perguntar e conversar o que quiserem saber. No excerto da fala de Newton, ele mostra que não há necessidade de que seus filhos saibam, nem acredita que isso é um problema para os filhos, vive sua homoafetividade como um aspecto de sua intimidade, de sua privacidade. Essa mesma opinião é compartilhada pelos pais com iniciais N que não pretendem se revelar aos filhos (Tabela 6).

Para alguns autores aos quais já nos referimos, como Gary Sanders e Joan Laird (apud PAPP, 1994), o silêncio ou o não revelar abertamente algum aspecto que o caracteriza como um grupo minoritário pode não sinalizar exatamente uma posição

disfuncional. A guarda de segredos pode sim ser um recurso, ou uma estratégia, dos relacionamentos em qualquer nível, seja social, político ou do grupo familiar. Fazer uso de segredos pode ser uma ferramenta para validar sua posição, para criar uma resistência, como uma estratégia de sobrevivência. No âmbito social e político é mais visível essa funcionalidade; muitos grupos, embora oprimidos, perseguidos em períodos de guerra, conseguem resistir preservando a si mesmos e aguardando seu momento de viver sua história.

O silêncio, a não revelação de um aspecto da própria necessidade de afiliação homoafetiva, pode ser também uma estratégia funcional na relação entre pais e filhos, enquanto não causar um efeito deletério nos relacionamentos, enquanto não se caracterizar como uma arma nociva, de poder de uns e prejuízo de outros. Não há como determinar até que ponto o que até então era privacidade, próprio da intimidade de alguém, que é sua afiliação homoafetiva, passa a ter efeitos deletérios nos relacionamentos. É a própria relação dessas pessoas que sustenta todas as possibilidades.

Preparando-se para se revelar aos filhos

Os pais que pretendem, que querem contar (Tabela 5) sobre sua homoafetividade aos filhos referem-se a um incômodo, porque não sabem o que fazer com o segredo que mantêm sobre esse aspecto de sua vida. Eles estão aflitos para falar, acreditam que os filhos precisam saber, mas têm receio de não serem aceitos e de prejudicar os filhos. Todos eles, de alguma forma, enquanto não se revelam, tentam abordar o assunto quando têm oportunidade, para trabalhar o preconceito em face da diversidade de possibilidades de envolvimento amoroso e sexual. A grande dificuldade é não saber como falar de sua homoafetividade sem prejudicar os filhos.

Para alguns pais contar é uma questão de tempo: têm conversado muito sobre gênero e diversidade; exemplificam com casais homoafetivos de seu convívio quando podem; estão prestes a falar, ansiosos por isso. Afirmam ainda que se manterem afastados de atitudes que podem tipificar os estereótipos de homossexualidade faz parte de sua relação com os filhos; mesmo que tenham namorado ou companheiro se comportam como amigos. Enquanto isso procuram encontrar o momento certo, a forma correta de falar com eles, preparando-os para a homofobia que deverão enfrentar.

Acho que o maior desafio é contar... não seria só contar, é... Olha como nós temos aí uma sociedade muito homofóbica, preconceituosa, tudo o mais... uma das coisas que eu tenho que fazer é me preservar, pra não ficar falado “olha aquela bichinha...”, então é ter um certo sigilo até eu ter o momento certo de contar pros dois. Agora o maior deles e esse sim é o grande desafio com certeza é prepará-los para o que vai vir depois, em forma de brincadeiras, em forma de gozação e tudo o mais. Então eu tenho que ajudá-los nessa parte, esse negócio de ter o pai gay isso aí é um problema deles, porém, é um desafio pra mim orientá-los em como lidar com isso. (Pery, 42 anos, filhos com nove e doze anos)

Existe, portanto, alguns temores visíveis nesses pais que mantêm segredo sobre sua homoafetividade para os filhos: eles sabem que devem instrumentalizar seus filhos para enfrentar situações de homofobia; e também acreditam que é necessário se preservar para não serem identificados com estereótipos negativos. Esses estereótipos são referidos como um dos aspectos que mais influenciam negativamente sua imagem de homem e pai que querem preservar para os filhos. Essa imagem, desprovida de qualquer identificação de sua homoafetividade, os aproxima mais do padrão heterossexual de masculinidade, com o qual a maioria se identifica de fato.

Para Pedro José, que detém a guarda e vive com suas três filhas adolescentes, não existe necessariamente a dinâmica de manutenção do segredo; não esconde sua forma de viver, nem seu gosto por homens, que transitam livremente pela casa “como amigos”; tem também uma aparência física que o aproxima mais do tipo feminino, do qual ele mesmo não se envergonha e com o qual se identifica, inclusive através de gestos e fala, dizendo que desde muito jovem foi sempre “muito atraente” aos olhos de outros homens. Entretanto, não conseguiu ainda conversar abertamente com as filhas, mesmo depois de elas perguntarem se ele é gay; respondeu que “ainda não é a hora certa para terem essa conversa”. Este pai, com baixo nível educacional, apresenta dificuldade porque gostaria de contar, de ser franco e sincero, mas não consegue e sente que prejudica as filhas falando de sua (homo) sexualidade.

Os participantes referem também, como uma justificativa para manter segredos da orientação homoafetiva para os filhos, a opinião da ex-mulher contrária à revelação. Elas acreditam que os filhos sentiriam vergonha do pai. Para nossa análise, a ex-mulher, mãe de seus filhos, se opor à revelação pode ser um aspecto a ser trabalhado, mas a concordância de nossos participantes com essa justificativa, de seus filhos poderiam ficar envergonhados, é um temor deles mesmos, que ainda podem estar inseguros da reação dos

filhos, e, por outro lado, também receiam ir contra a mãe deles. A justificativa mais referida para não falar apesar de querer muito conversar com os filhos é que esses pais não sabem exatamente “o quê”, “como”, “quando” falar. Ficam imobilizados, não falam abertamente e percebem que guardam um segredo que os afasta de um convívio mais sincero com os filhos.

Esses pais que pretendem falar e ainda não encontraram a maneira correta estão, a nosso ver, num estágio preparatório, se instrumentalizando. É uma estratégia de enfrentamento, como se o silêncio sobre alguns aspectos importantes ficassem omitidos, não esclarecidos, para que mais adiante consigam lidar de forma mais clara e adequada. É o que Joan Laird (1994) descreve como a resistência necessária para se galgar posições de maior autonomia e reconhecimento. Assim o medo de falar aos filhos é uma constante entre os pais que estão ansiosos para contar, é um medo misto de dificuldade e de saber que deve fazer algo inevitável:

...eu, que contei para a minha (ex-mulher), acho que o mais difícil será contar pro meu filho, porque é o que tenho a fazer. todos temos nossos medos, cada um o seu. e acredito que a fortuna nos mostrará...que os medos são ilusões que se desfazem diante de algo maior. (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

As justificativas mais utilizadas para que um pai mantenha sua homoafetividade em segredo para o filho, são: protegê-lo dos ataques homofóbicos e dos preconceitos; medo do filho não aceitá-lo; não há necessidade de falar, ele pode entender. Os sentimentos e motivos associados aos segredos que um pai detém sobre sua homoafetividade estão, de certa forma, sintetizados a seguir na fala de um pai que já se revelou, que não tem segredos para a filha desde que ela tinha seis anos:

Temos medo, medo de perder as pessoas, os carinhos, o contato. temos medo de perder o convívio com as pessoas que fizeram parte de nossa estória, temos medo de perder o emprego, ou de não conseguir um emprego melhor. temos medo do caminho desconhecido e do caminho sem volta. o medo nos imobiliza, nos sufoca e nos faz ficar dentro do armário...
(Reynaldo, 44 anos, filha com onze anos)

O que mantém esse segredo temporário, segurando a revelação para os filhos, está alicerçado ao medo que um pai tem de expor seu(a) filho(a) à homofobia. Esses pais sentem que devem proteger o(a) filho(a), já que ele(a) deverá ser alvo da crueldade e do preconceito dos outros, do mundo lá fora. Essa necessidade de proteger os filhos é uma constante mesmo para aquele pai que já não tem segredos sobre sua homoafetividade para sua filha:

Isso é uma forma, e muito cruel até, não só de crianças mas de adultos, de atingir. E eu sei que quando as pessoas souberem, tiverem certeza, que vai ter essas crueldades, que ela (a filha) vai, ela vai sempre pagar o preço...”. (Richard, 37anos, filha com nove anos)

Parece-nos que um pai vive acuado por esse medo de sua homoafetividade vir a prejudicar o filho. Mas o que o ameaça antes de ele falar é que possa não ser aceito e que o filho possa não compreender, gerando culpa, neste caso, como descrito nesta outra fala:

Se contar para o meu filho vou sobrecarregá-lo com uma informação para a qual ele não está preparado nem atento e que isso poderá prejudicar a vida dele. Se isso acontecer, eu não vou me perdoar. (Percyval, 43 anos, filho com dez anos)

O jeito certo, a idade certa, são dúvidas que incomodam, embora demonstrem que não há uma só regra e que são eles -- os pais -- que poderão melhor avaliar se os filhos estão prontos para eles se revelarem.

Acho fundamental que filhos saibam que tem pais gays. E com relação aos meus filhos não abro mão disso. Caso contrário não seria uma relação sadia e verdadeira. Por conta da idade de meus filhos – 6 e 8 anos, pouco sabem sobre homossexualidade. Eu adoto a linha do respeito à diversidade alheia na transmissão de valores aos meus filhos, em doses suaves, compreensível a eles. Acredito que não há, em termos precisos, um momento certo para se dizer aos filhos que seu pai é gay. Isso é variável a cada caso, em razão das realidades de vivência de cada um. Julgo ser impossível determinar uma regra e quanto menos da idade certa. Claro que podemos ponderar que quanto mais cedo isso ficar acertado melhor. Mas, somente cada pai saberá, ou não, detectar quando é o momento certo para se abrir com seu filho. No meu caso, não me preocupo em quando, mas como e isso dependerá mais deles, evidentemente, do que de mim. Mas, não agora. (Paulo Rubens, 38 anos, filhos com seis e sete anos)

Entendemos que manter temporariamente o segredo sobre a homoafetividade para alguns dos pais aqui entrevistados tem uma conotação protetora. Há sim um medo de expor os filhos ao preconceito, medo de não ser aceito, de ser rejeitado pelos filhos, como de fato vem acontecendo com Roberto Carlos que, depois de revelar, vive conflitos com a filha adolescente que não o aceita. Portanto, o medo não é irreal, é concreto. Essa necessidade de proteger pode ser um elemento que justifica a razão de manter segredos, o que impede uma ação mais impulsiva e o que impulsiona o pai em busca de alguma estratégia para proteger os filhos, se preparando, ao mesmo tempo, para esse momento.

Para aqueles outros pais, como Nando e Norberto, que não querem falar, que mantêm segredos porque temem falar sobre aspectos de sua sexualidade, esse medo nos parece mais um temor pessoal que está relacionado ao processo interno de estruturação de sua identidade homoafetiva, consoante com o que é discutido por Didier Eribon (2000). Ele vivencia seus conflitos internos durante o processo de se aceitar para se assumir, tendo de lidar primeiro com seus próprios medos e preconceitos, confrontando sua homofobia internalizada.

Esse pai necessita ainda rever seus conceitos e preconceitos do que é ser homem e pai que mantém relacionamento homoafetivo. Parece que alguns desses pais estão caminhando mais tranqüilamente nesse processo; outros, ainda vivenciam com angústia as vicissitudes de sua homoafetividade, recebem ataques homofóbicos e permanecem de alguma maneira “não revelados” ou mantendo segredos para alguns de sua comunidade, para alguns familiares e para os filhos.

Segredo como processo de defesa ou como recurso

Retomando um pouco nossa discussão sobre a manutenção de segredos, não revelar a homoafetividade (SANDERS, 2004) pressupõe que algo não é aceito, envergonha ou ameaça. Aspectos negados que dizem respeito à própria identidade, como a homoafetividade, podem ser mantidos guardados por um receio homofóbico momentâneo. A negação, que é uma defesa mental inconsciente, pode fazer parte do processo de se conscientizar e se assumir numa identidade homoafetiva.

Segredos podem ser entendidos como uma defesa inconsciente, que têm efeito deletério nos relacionamentos e sua manutenção demanda um desgaste ao psiquismo; esconder dos próprios filhos sobre ser um pai que mantém relacionamento homoafetivo

numa cultura homofóbica e heterossexista é um risco, principalmente quando desencadeia conflitos e coloca em risco os relacionamentos.

O não revelar, o não falar, o silenciar pode ser um recurso estratégico de preservar um aspecto importante, para resistir, para proteger os filhos e a si mesmo e assim se fortalecer e àquela informação que oportunamente pode ser compreendida e aceita. Neste sentido, a proteção pode ser também uma oportunidade de capacitar os filhos para que se instrumentalizem diante da homofobia que certamente deverão enfrentar sendo filhos de pais que mantêm relacionamento homoafetivo.

Esta discussão está consoante com os trabalhos tanto teóricos como práticos que vêm sendo feitos sobre filhos de pais gays. Há farta literatura internacional para ser consultada (SNOW, 2004; GARNER, 2005; BRICKEY & GELNAW, 2007; GONZÁLEZ, 2007) ou mesmo a rede na internet³², que provê tanto o pai quanto os filhos e a família do suporte necessário antes durante e depois da revelação.

Os segredos podem passar a ter uma conotação não prejudicial quando seu conteúdo deixa de ser ameaçador caso seja revelado, quando aquele aspecto até então não aceito – a homoafetividade – passa a ser integrado. À medida que esse homem pai se percebe e se assume homoafetivamente ele pode então ir abrindo, de modo paulatino, aquilo que era negado, mantido em segredo, para pessoas em que ele confia, que o aceitem e à sua homoafetividade. Os filhos podem ou não fazer parte desse pequeno círculo privativo de pessoas.

Os autores (GONSIORREK, 1995; SAVIN-WILLIAMS, 1996; ERIBON, 2000), que teorizam sobre a estruturação da identidade e aceitação/revelação da homoafetividade, discutem que todo esse processo é longo e complexo, e passa pelo se assumir numa identidade homoafetiva para depois caminhar em direção à revelação.

Observamos neste estudo que os segredos acabam permeando os relacionamentos desses homens enquanto eles não aceitam e não assumem sua homoafetividade, embora nem sempre esses segredos tenham uma conotação prejudicial porque são temporários e fazem parte do necessário processo de se aceitar e se assumir homoafetivamente. Manter segredo por um período prolongado, e indeterminado, como forma de negar e esconder seus aspectos homoafetivos que envergonham é, sim, um prejuízo, como vimos nos relatos de Percyval, Nando e Roberto Carlos.

³² Ver sites consultados em 06/06/2007: <http://www.familieslikemine.com/> ; www.4therapy.com; <http://www.colage.org/>, <http://www.artnet.com.br/~marko/papaigay.htm>.

Segredos podem perdurar por um determinado período durante o processo de revelação da homoafetividade como um elemento necessário enquanto se instrumentalizam para que este ocorra da forma mais adequada e propícia. Neste caso, não se caracterizam como segredos, mas como privacidade, à medida que o conteúdo não é guardado porque envergonha, ou porque não é aceito, mas porque essa informação é assunto de foro íntimo, devendo ser resguardada de exposição desnecessária, já que envolve um determinado grupo de pessoas. Os filhos despontam como a maior preocupação para que esse homem pai mantenha sua homoafetividade temporariamente secreta, tanto para respeitá-lo, não vê-lo sofrer, como para protegê-lo avaliando o melhor momento de falar. E entendemos que em algumas situações ele está se instrumentalizando e ao filho, preparando e capacitando enquanto avalia o momento certo de ter essa importante conversa.

Essa atenção e respeito ao tempo do filho, que é referido na literatura, também são mencionados por nossos participantes. Richard, partidário de uma ideologia *queer*, acredita na bissexualidade universal, na qual potencialmente todos podem desejar tanto um homem como uma mulher. Educou a filha nesses preceitos e não usa termos como heterossexual ou homossexual, porque não acredita neles e os entende como desprovidos de sentido. Devido mesmo a esse seu posicionamento, não sabia exatamente como falar com a filha, já que acredita que ela é a única pessoa a quem deve explicações sobre sua vida, uma vez que é responsável por sua formação e educação. Ele nos conta como fez sua revelação, e que passou primeiro por um período de segredo, que foi o tempo de preparo para que a filha pudesse entender sua ideologia:

Mas contar que eu sou o quê? Eu vou criar uma polêmica enorme, me digladiar com um monte de coisas em nome do que?... A L. (filha) foi educada para ser aberta, para não ter preconceito, não achar isso nada anormal. Então é normal menino beijar menino, menina beijar menina, também é... (Richard, 37anos, filha com nove anos)

Outros receios que Richard assinala também estão associados ao respeito que diz ter para com sua filha. A ex-mulher, mãe de sua filha, também assumiu recentemente uma identidade homoafetiva e se casou com a companheira. Richard relata que teve de procurar uma forma, outro momento, de conversar com a filha porque não queria que ela soubesse que a mãe era lésbica e ele, gay, e que ambos agora tinham companheiros do mesmo sexo,

e tudo ao mesmo tempo; portanto, esperou até que percebeu que a filha já havia assimilado a informação sobre a mãe.

O que nos parece, então, é que existem muitos elementos quando o que se discute é assumir a homoafetividade, primeiro para si e posteriormente para outros, incluindo os filhos: além dos aspectos pessoais internos da personalidade e psiquismo de cada indivíduo, existem os valores culturais, de toda uma comunidade e da própria família a serem revistos, confrontados. Tudo isso requer também tempo para ser processado, elaborado, não sendo em nenhuma hipótese um enfrentamento pontual ou tranqüilo. Esses e outros aspectos da identidade homoafetiva também foram discutidos por autores como Jurandyr Freire Costa (1995) e Didier Eribon (2000).

Os segredos irão fazer parte por determinado tempo da vida desse homem, que é um pai e está processando sua homoafetividade. Assumir a própria afiliação homoafetiva não é simples, é um processo e diz respeito a rever aspectos internalizados próprios, os valores com os quais um homem se reveste ao longo da vida para se tornar homem. Envolve o desenvolvimento de uma identidade masculina com a aceitação de que, como homem, pode se sentir ameaçado com a perda dos privilégios hegemônicos, se aproximando dos grupos de masculinidade desprestigiada (CONNELL, 2005).

Esse homem deve refazer a imagem que desde menino foi tendo de si mesmo e a qual foi fartamente reforçada por seu grupo de iguais, pela família, pela sociedade em que vive. Essa construção moldou uma imagem do que é ser homem e ser pai, e não incluiu que um pai pode ser homossexual. Ele deve desconstruir seus preceitos sobre o que é ser homem e sobre o que é ser pai, refazer a imagem que tinha de si mesmo, de que seria heterossexual.

Parece-nos que o motivo para manter a homoafetividade em segredo pode variar muito e nem sempre é um só ou determinante, já que é um conjunto de situações que culminam no falar. Há aspectos que dizem respeito a ele mesmo como homem e pai, de seu próprio processo de se assumir e também à dinâmica da relação entre o pai e o filho, da fase desenvolvimental dessa criança e dos demais aspectos que circundam essa relação que podem promover aquele momento tão desejado por alguns, embora tão temido por todos.

Revelação

A revelação da homoafetividade do pai para seus filhos é o tema central de nossa pesquisa e do levantamento bibliográfico e se constitui o foco principal desta discussão. A revelação da homoafetividade não é um evento simples e pontual, e pelo que pudemos analisar até aqui implica manter essa informação sob segredo até que possa ser assimilada, respeitando os limites da situação e das pessoas envolvidas. A revelação não está relacionada apenas à pessoa – neste caso o pai – que quer manter em segredo uma informação por receio de que ele e sua família possam ser alvo de estigma. É um processo complexo que tem nuances personalizadas de cada um dos envolvidos nessa dinâmica: o pai, o(a) filho(a), com a sua vida pessoal e desenvolvimento emocional; a mãe desse filho ou ex-mulher do pai; outras pessoas próximas, como a família de origem, amigos do pai e dos filhos, o atual namorado ou companheiro do pai, além de todo o contexto externo, social, religioso, profissional dos diversos sistemas que os cercam.

Revelação seletiva e privacidade

A revelação da homoafetividade desse pai para o filho pode implicar várias e contínuas revelações, primeiro para alguém muito íntimo e próximo, que possa também ajudá-lo a se aceitar, se assumir, depois irá ampliando para outras pessoas, do grupo de amigos, famílias, até culminar num dos momentos mais cruciais que é a revelação para o filho. O segredo da homoafetividade para os filhos é tido pela literatura como o “último armário” (CORELEY, 1990), embora não exista uma seqüência obrigatória para a revelação e tampouco haja um fim, pois sempre haverá alguém que ainda não sabe.

Neste estudo revelar ao filho pode ser “um dos únicos armários” e não o último, pois alguns de nossos participantes acreditam que apenas o(s)/a(s) filho(s)/a(s) merece alguma explicação sobre sua orientação homoafetiva, só a eles devem de fato se revelar. Richard afirma que conversou apenas com a filha de nove anos sobre sua homoafetividade porque acredita que ela é a única pessoa que ele cria, que ele “precisa ensinar e explicar coisas sobre sua própria vida”; as demais pessoas de seu ciclo de amigos ou familiares não o preocupam, tampouco sente que deve dar satisfação de sua vida a eles.

Identificamos numerosos aspectos que interferem no processo de revelação aos filhos da homoafetividade do pai: o ambiente em que a família vive; se o pai e o(s)/a(s)

filho(s)/a(s) moram próximos e se vêem com frequência; se o pai é ou não o responsável legal; se vivem numa comunidade e cultura que seja mais flexível ou mais homofóbica que pode reforçar ainda mais a manutenção do segredo, distanciando assim a revelação. Não existe um fator único comum, nem há um só motivo para revelar, como também não há como estabelecermos relações causais. São experiências únicas que estão presentes nas relações desse pai com esse o(s)/a(s) filho(s)/a(s), refletem suas vivências, suas histórias, seus medos.

Existem ainda os aspectos pessoais referentes à internalização dos medos homofóbicos, seu processo de elaboração, que confluem para que esse pai se assuma numa identidade homoafetiva, como referido por autores como Ritch Savin-Williams (1996), que discorrem sobre esse processo interno de tomada de consciência da própria homossexualidade masculina e revelação. Se esse pai já se aceitou e se assumiu, como ele entende que deve conduzir sua revelação, para quem, em qual momento, ou se é mais adequado, conveniente, preservar-se e aos filhos, com uma revelação seletiva?

Como demonstramos, a manutenção de segredos pode, sim, fazer parte de um primeiro momento nessa dinâmica de se aceitar e se assumir, sendo referida como uma fase necessária, em que eles preparam os filhos para que enfrentem a homofobia e o ambiente adverso. Nossos participantes entendem que ser filho de um pai que mantém relacionamento homoafetivo carrega estereótipos negativos que devem ser desmistificados por eles, pais,.

Motivos para revelar

Este tópico considera a análise dos resultados dos participantes que se revelaram aos filhos – iniciais letra **R** – como dos que pretendem revelar – iniciais letra **P** – (Tabelas 4 e 5, respectivamente).

Alguns participantes, como exemplificado adiante na fala de Richard, explicam sua necessidade ou vontade de se revelar, por um sentimento de lealdade, por uma necessidade de ser coerente. A lealdade seria para consigo mesmo, pelos ideais que defendem e acreditam. Lealdade também para com a educação que dão aos filhos, pelo que cobram com relação a ser sincero e verdadeiro com os outros.

Eles explicam que a lealdade é um fator crucial na decisão de revelar, já que sempre tiveram uma relação honesta, aberta e franca com os filhos. É importante contar quem era

de fato o “amigo”, o “tio” que morava em sua casa, ou que estava sempre lá; essa pessoa que participava da rotina, com quem partilhavam momentos diversos, alegres, tristes; para alguns, nos fins de semana, para outros mais regularmente, já que seus filhos dormiam muitas vezes nessa casa que também era sua. Incomodava-os não falar essa verdade, já que não estavam fazendo nada de errado e nunca viram problema na relação com seus companheiros. Não revelar passava a idéia de que havia algum mal nessa relação e, portanto, os colocava numa posição incômoda, tanto perante o(a) filho(a), como perante o próprio companheiro:

...eu tenho uma busca na vida que é de coerência, procuro ser o mais coerente possível comigo, com os outros, a coerência acaba regendo as minhas atitudes. (Richard, 36 anos, filha com nove anos)

Em paralelo ao que os participantes chamam de necessidade de lealdade e coerência com seus próprios valores, há ainda outros aspectos, como a necessidade de não conseguir mais manter o segredo. Esse pai não quer mais esconder aspectos de sua vida homoafetiva, não quer mais negar até para si mesmo quem ele é, pois abrir-se sobre sua homoafetividade “traz um grande alívio”. Isso pode ser observado na história de Roberto Carlos, que nos diz ter contado precipitadamente para a filha, então com dezesseis anos, porque sentia que era o momento de assumir seus desejos homoafetivos perante ela. Essa decisão de contar à filha causa-lhe problemas até hoje, um ano depois; a filha não conseguiu ainda absorver sua revelação. Ritch Savin-Williams (1996) assinala que o período da adolescência, já marcado por resoluções da própria identidade sexual, pode favorecer com que um jovem não lide bem com a revelação da homoafetividade do parental. A despeito de pesar de hoje se sentir culpado pelo sofrimento da filha, revelar foi “um alívio”.

... isso (revelar) trouxe um transtorno enorme a ela. Até há pouco tempo eu não me aceitava, vivia escondendo até de mim mesmo, agora tudo foi revelado. Nada como a verdade para aliviar a carga e depois levar adiante. (Roberto Carlos, 47 anos, filha com dezessete anos)

Parece-nos que nessa circunstância a revelação foi feita por ele não conseguir mais manter sua homoafetividade em segredo, permeada por uma forte sensação de peso, por esse segredo estar sendo guardado há muito tempo, o que está associado a seu exaustivo

processo pessoal de se assumir homoafetivamente. A literatura aponta que esse processo se caracteriza por uma fase longa, crucial, em que o homossexual se propõe a desconstruir a imagem internalizada, negativa, associada à homossexualidade e, conseqüentemente, a si mesmo e à sua família, aos filhos que tem (NIOLAN, 2005; PERELSON, 2006).

Percebe-se no relato anterior do participante Roberto Carlos que sua “precipitação”, ou mesmo o fato de referir estar se submetendo a tratamentos de cura na igreja evangélica, indicam que ele talvez também não estivesse pronto, mesmo tendo levado muitos anos tentando guardar segredos sobre sua homoafetividade para a filha. Estava ainda vivenciando seu processo de se aceitar e assumir sua homoafetividade, com indícios de conteúdos homofóbicos internalizados ainda não elaborados (PERELSON, 2006). A idade da filha, em plena adolescência, como discute Ritch Savin-Williams (1996), também pode não favorecer que ela lide bem com essa revelação, porque confronta com seu próprio desenvolvimento e crises de identidade, esperadas nesse período.

Para alguns participantes, como Roberto Carlos, que se manteve por muitos anos sem se assumir, tendo alguns casos fortuitos com a aquiescência da esposa, esse período foi de fato muito longo e causou forte sentimento de peso, que só foi aliviado com a revelação.

Para outros participantes, entretanto, o período pode ser menor e a revelação pode acontecer assim que se conscientizam de sua homoafetividade, se aceitam e se assumem. Neste caso, como são pais, eles também levam um tempo para se preparar e aos filhos, numa tentativa de fazer que a revelação ocorra com menor grau de conflitos ou estresse desnecessários. O relato a seguir descreve como um pai se prepara para contar sobre sua homoafetividade, o que passa pela necessidade de capacitar os filhos, de educar para a diversidade das possibilidades de relacionamentos – hétero ou homoafetivos – e pelo enfrentamento do preconceito e da homofobia:

...a L (filha), foi educada para ser aberta para não ter preconceito, a não achar isso nada anormal. Diferente de muitas pessoas, mas outras muitas pessoas também pensam assim. Então é assim... é normal menino beijar menino, menina beijar menina, também é. Minha casa vivia cheia de amigos, casais, não que tivesse uma exposição a ela, mas ela foi educada a respeitar os gêneros, todos. (Richard, 36 anos, filha com nove anos)

Benefícios da revelação

Os benefícios aqui apontados pelos participantes que revelaram podem ser considerados do ponto de vista do próprio pai, que se liberta de um segredo guardado, e passa a viver uma relação mais aberta, como para o filho, que também pode experimentar um canal de comunicação mais livre com seu pai.

Revelar que é um pai que tem envolvimento homoafetivo requer uma revisão do modelo de masculinidade e de paternidade. Embora essa revelação seja muito temida e custosa é percebida como benéfica, trás alívio, reaproxima a relação dos pais com os filhos. No dia em que Rodrigo conseguiu se revelar aos filhos, ele deu um depoimento no e-group compartilhando esse momento com os demais participantes desta pesquisa. Conta que, aliviado, depois de mais de cinco anos guardando segredo, conseguiu conversar sobre sua homoafetividade com os filhos; que essa era uma grande pendência que tinha de resolver, que não o fazia se sentir bem, como homem e como pai que ama os filhos que tem:

...sinto que passei mais uma fase de minha vida... de minha aceitação e também de dignidade nesta nova vida gay que escolhi, eles (os filhos) são o que tenho de mais valioso e o que mais amo nesta vida...meus olhos se enchem de lágrimas.. porque se tem algo neste mundo que me emociona muito e me deixa feliz... numa felicidade e sentimento incondicional são meus filhos...Compartilho esta estória para que ajude a todos neste grupo, que vejam que o “monstro” que as vezes criamos com esta estória é muito menor do que imaginamos... (Rodrigo, 38 anos, filhos com onze e treze anos)

A revelação requer que o pai lide com sua própria aceitação, que enfrente seus medos e deixe de se sentir ameaçado por um aspecto de sua homoafetividade. Para todos os participantes que revelaram, há unanimidade quanto ao ganho advindo da revelação, porque depois que conseguem abrir aquele segredo sobre sua homoafetividade para os filhos eles se sentem muito bem; contar é, portanto, um grande alívio. Contar é catártico, é poder se livrar de um grande segredo cuja manutenção demanda muito custo, além de abrir a possibilidade para uma vida homoafetiva mais livre e verdadeira:

Falar foi a melhor coisa da minha vida, tirou um peso, sinto que resolvi todas as minhas pendências... foi muito bom mesmo contar isto a eles, tirei uma “pirâmide” das minhas costas.. e olha que são largas... de

agora em diante viver a minha vida como ela é... tendo meus filhos ainda mais próximos de mim.. esteja eu com quem estiver... (Rodrigo, 38 anos, filhos com onze e treze anos)

A história de Renato – cuja ex-mulher contou ao filho então com 21 anos sobre sua orientação homoafetiva – também nos mostra que revelar pode ser uma experiência forte, catártica, que envolve muita emoção e tem o peso de que coisas há muito tempo guardadas devem ser externalizadas; ou seja, segredos são muito custosos para serem mantidos. Ele afirma que, após o filho procurá-lo questionando a informação sobre sua homoafetividade, a conversa entre ambos foi muito emocionante, durou horas, choraram muito, mas que foi ótimo, falaram de tudo um para o outro. Hoje, aliviado, orgulha-se da relação que tem com o filho e da criação que sabe que lhe deu:

...eu sabia que esse seria o grande momento de minha vida, o último grande momento, a única coisa que eu não conseguia, revelar pro meu filho... (Renato, 45 anos, filho com 23 anos)

Como apontado por alguns autores, como Rip Coreley (1990), um dos grandes enfrentamentos e um dos últimos segredos, difícil de ser mantido, mas também muito difícil de ser revelado, diz respeito a contar ao filho sobre a homoafetividade do pai. Nossos participantes mostram que esse foi de fato um de seus maiores desafios.

O grande temor de um pai que circunda a revelação de sua homoafetividade para o(s)/a(s) filho(s)/a(s) tem suas raízes no modelo internalizado de masculinidade que ele, homem e pai, tem como prescrito. Os autores que discorrem sobre masculinidade e heteronormatividade (KIMMEL, 2000; CONNELL, 2005; MACIEL JR., 2006) que foram apontados nos capítulos teóricos, assinalam o peso desses valores na concepção do masculino, no processo de tornar-se homem.

Patric contou-nos como se sentiu quando soube que ia ser pai de um menino, que isso o pressionava a ter suas questões sobre masculinidade muito bem resolvidas, porque não poderia ser pai de um menino caso não resolvesse internamente essas pendências e, para tanto, teria de enfrentar seus desejos, suas fantasias homossexuais e tirá-las daquele lugar esquecido em que foram guardadas por anos. Tomar consciência e assumir sua homoafetividade requer de fato uma revisão nos valores heteronormativos que permearam a construção do masculino e da parentalidade:

Tive de me confrontar conscientemente com o que sou, com o que é meu desejo, com o que é minha natureza (ou essência), passar pela dor do auto-conhecimento, e não simplesmente aceitar aquilo que os outros dizem que devo ser. Esse exercício difícil e permanente de consciência define (constrói, molda, dá identidade) a minha masculinidade, que é minha mesmo, e não dada pela sociedade. E sem ela não é possível, pra mim, ser um bom pai. E acho que, por ser esse pai que tenta ser consciente de si próprio, tenho uma relação tão mais feliz com meu filho do que muitos pais “normais”! (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

Este pai está falando, explicitamente a nosso ver, de uma imagem interna, um modelo de pai que engendra um masculino heterossexual, em que não cabe se relacionar homoafetivamente ou mesmo ter desejos e fantasias por outro homem, e, indo além, não caberia também neste caso ser pai de outro homem. Para ser homem, pai e pai de um homem ele tem de rever sua concepção do masculino; tem de ver a si mesmo como homem cuja masculinidade não é definida por normas heterossexistas, que tem sim fantasias e desejos por outro homem. O modelo internalizado de homem e de pai é heterossexual, o que por si já engendra a internalização da homofobia; ser um homem pai que tem envolvimento homoafetivo confronta tudo o que está prescrito para o masculino. Nesse sentido há diferenças significativas quando se fala em paternidade homoafetiva ou maternidade lésbica, não nos sendo permitido estabelecer comparações, ou pontos de discussão.

Os nossos participantes mostram como é difícil percorrer esse caminho de rever sua concepção de masculinidade, porque cresceram, foram criados e se identificaram internamente com os padrões heteronormativos do masculino hegemônico. Entretanto não é assim que sentem, pensam e agem na prática, já que num determinado momento de suas vidas, quando já são pais não conseguem mais negar que esse modelo não lhes serve, eles não se encaixam, porque, apesar de serem homens e pais, eles têm atração, se envolveram e se apaixonaram por outro homem.

O que nossos participantes revelam ainda – com essa percepção mais tardia de que existe neles essa orientação homoafetiva – que num determinado momento de suas vidas aquele modelo do masculino hegemônico (homem, pai, heterossexual) não lhes cabe mais, embora até agora se identificaram, tentaram se encaixar e muitas vezes até acreditaram que isso os definia. Entretanto, porque seria tão custoso abrir mão da hegemonia? Só pode responder quem a tem, e nossos participantes usufruíam até então desse prestígio que a todo custo tentam manter.

O grande alívio advindo de contar para o filho, está diretamente ligado com o confronto de seus temores baseados na concepção que não lhes serve mais de masculinidade e de paternidade. Ele deve reconhecer que outros afetos, outros sentimentos estão envolvidos no relacionamento homoafetivo e isso não o faz ser menos homem, não tem do que se envergonhar, o que esconder. Depois que isso é internamente assimilado, depois de proceder a essa difícil revisão do que é ser homem e pai, ele ainda deverá dar conta de sua própria fantasia de ameaça de perda dos privilégios hegemônicos que como homem heterossexual, de prestígio e poder econômico naturalmente usufruía até então. Só tendo tudo isso internamente bem processado é que ele pode se sentir preparado para se assumir e revelar sua homoafetividade até mesmo, e sobretudo, ao próprio filho.

Patric, que ainda não revelou, diz que contar ao filho sobre sua homoafetividade faz parte de sua conduta como ser humano, daquilo em que acredita, da lealdade da relação que tem com o filho e acha importante, quer transmitir isso para ele. Ele quer falar de afeto de relacionamento e por isso é importante ter uma relação homoafetiva, quer e sente falta de ter uma relação afetiva com um homem. Ele pensa que o filho deve sim saber que gostava da relação de afeto que tinha com a mãe dele quando o concebeu e que hoje gosta de um homem, e também é feliz nessa relação, não tendo portanto nada que esconder:

Não quero dizer que sou gay, quero dizer que sou feliz com alguém, com um parceiro. Sou muito etmológico.... Não quero ter segredos, mentir sobre mim pro N. (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

Outro participante que está temeroso da revelação para os filhos, que nos mostra já ter empreendido essa longa e sofrida reflexão do que é ser homem e ser gay, é Pery, que, embora tenha-se preparado e aos filhos, cria uma imensa fantasia de que não será aceito por eles, e que terá de voltar àqueles antigos sentimentos sobre os questionamentos de sua sexualidade:

Mas sinceramente Vera, se esse pessoal não conseguir aceitar, pra mim vai ficar um pouco sofrido, eu vou começar a sentir dores, as dores que eu tive no passado, que aquilo vai começar a me agredir. Eu vou me ver às vezes me questionando, coisas que pra mim tá resolvido, tem uma pedra em cima desse assunto. Eu sou gay, ponto final. Para eu falar essa frase demorou muito tempo! (Pery, 42 anos, filhos com doze e nove anos)

Assim nos parece que, quando eles dizem “falar para meu filho era tudo que eu não conseguia” – como referido por Renato e Rodrigo, e como os temores de Patric e Pery nos sugerem – acontece o grande momento de confronto com os valores que não lhes cabem mais, embora não saibam o que colocar no lugar.

A procriação e a paternidade, que historicamente garantem a linhagem, perpetuam a espécie e asseguram a masculinidade, como discutimos nos capítulos teóricos (DUPUIS, 1986), não está garantindo a esse pai sua heterossexualidade; ao contrário, ele se percebe ameaçado pela perda dos privilégios do masculino hegemônico, à medida que se aceita e se assume homoafetivamente. O grande desafio é aceitar essa identidade homoafetiva permeada daqueles estereótipos negativos, embora não se identifiquem com eles.

Diversos autores contemporâneos vêm discutindo que, de fato, são essas as prerrogativas do gênero masculino (KIMMEL, 1991; CONNELL, 1995; KIMMEL & MESSNER, 2004; MACIEL JR, 2006). No contexto em que o homem vive há normas que regem o que é esperado e aceito, que determinam que ele é um homem, e isso repercute nas relações familiares e na forma como ele desempenha a paternidade; ser homem e pai é agir como tal. As prescrições do masculino hegemônico de grupos dominantes não contemplam, entretanto, sua homoafetividade.

Revelar para o filho é rever seus valores, ter certeza de sua orientação, defender que um homem que mantém relacionamento homoafetivo pode ser pai, a despeito das normas heterossexistas para a paternidade dizerem o contrário, a despeito até de sua própria e persistente insegurança de que um pai deveria ser heterossexual:

Como se um homossexual não tivesse esse direito, não pudesse ser pai. Pois no fundo é impossível os gays estarem isentos de um sentimento de culpa. Fica uma preocupação na cabeça do jovem, do adolescente, ao saber que o pai é gay, e o pai não sabe qual será a sua reação, dele não ter mulher, dele pensar meu pai tinha que ter mulher, tinha que casar com uma mulher...
(Renato, 45 anos, filho com 23 anos)

A ideologia heteronormativa, que prescreve a heterossexualidade tanto para a masculinidade como para paternidade, engendra um dos maiores desafios para o pai que mantém relacionamento homoafetivo no momento de se revelar para seus filhos, que é revisar seu conceito de masculinidade e de paternidade, ter de lidar com estereótipos negativos, que cada vez mais o afastam do lugar hegemônico a que estavam acostumados a usufruir como homem de grupos dominantes:

...aquele gay, abandeirado, afeminado, desbundado, porque não é minha praia, e eu percebo que eu discrimino... Eu acho que gay não precisa ser afeminado, escrachado, porque eu sou homem, eu sou um homem! ...
(Renato, 45 anos, filho 23 anos)

Nesta fala torna-se visível a preocupação em manter suas prerrogativas masculinas, não se aproximar dos estereótipos negativos, de se diferenciar do feminino. Essa é sem dúvida uma batalha travada no âmbito interno, que requer que esse homem pai desconstrua os valores heterossexistas que regem sua própria concepção de masculinidade e paternidade; só então ele poderá se aceitar, se assumir e revelar.

A revelação é um processo longo; entretanto, é também um grande marco para o homem que é pai. É quando ele assume e mostra – exclusivamente para quem mais interessa e que atesta que ele é homem e pai – que sua decisão está tomada: ele já se aceita de fato, quer se assumir e quer que o filho o reconheça e assim pode superar uma etapa desse caminho que percorreu marcado por indecisões e inseguranças. O que esse homem espera é que seu filho o compreenda, que não o rejeite, que, apesar do mundo lá fora dizer que um homem pai não pode ser gay, ele é de fato seu pai e quer continuar sendo, agora integrando sua homoafetividade à sua identidade masculina.

Nosso estudo está consoante com os resultados da pesquisa de Gilliard Dunne que destaca a necessidade para o homem pai que se revela para o(s)/a(s) filho(s)/a(s) de rever sua concepção de masculinidade: “o processo de revelação da homoafetividade do pai para seus filhos requer uma inusitada auto-reflexão sobre a masculinidade, sobre as várias possibilidades de expressão das manifestações sexuais e emocionais para a personalidade” (DUNNE, 1999: 25). Nossos participantes expressam, assim como o autor descreve, que suas experiências ao tratar e enfrentar a homofobia permitiu-lhes se tornarem pessoas mais tolerantes, mais flexíveis. Eles também acreditam que seus filhos possam amadurecer e se tornar independentes, ter autonomia para pensar e agir por si mesmos. O maior ganho de seus filhos é ter a oportunidade de crescer num ambiente doméstico mais igualitário, conscientes sobre o valor da diversidade, fortalecidos pela relação sólida que hoje têm com ele pai.

O que impede a revelação

Vamos pensar um pouco como esse homem pai lida com a revelação para o filho considerando essas duas situações: de ele rever seu próprio conceito de masculinidade, como um homem e pai que mantém relacionamento homoafetivo para assumir isso para seu filho; e também como ele prepara seu filho e o ambiente para que essa informação possa ser mais bem assimilada, para que o filho consiga enfrentar o ambiente homofóbico com menor impacto devido à quebra de padrões, sem prejuízo.

A despeito de sua vontade de evitar que o filho sofra conseqüências – homofobia – porque seu pai mantém relacionamento homoafetivo, esta pode ser uma tarefa quase impossível; isso é real, é da vivência e experiência do filho e ele deverá enfrentar tal situação. Entretanto, podemos entender que “atenuar o impacto” pode significar postergação da revelação para uma capacitação de seu filho, instrumentalização, como descrevemos e que está consoante com a literatura (LAIRD, 1994), além da referida proteção e cuidado de um pai.

O que segura ou impede a revelação é um grande medo de que ele(a) pode não estar pronto(a) e preparado(a) para entender, pode não aceitar, medo de falar por motivos próprios sem levar em consideração as necessidades do filho que está se desenvolvendo. Eles não sabem o que fazer para que os filhos compreendam e os aceite com naturalidade, sem sofrimento desnecessário; então muitas vezes acabam optando, como os participantes que não pretendem falar, por não fazer nada.

Estão na idade de me cobrar que eu me case com uma mulher e eu falo que eu não pretendo me casar com nenhuma mulher. Eu não sei qual seria a extensão disso (falar sobre sua homoafetividade) pra eles. O B (filho mais velho) tem uma natureza muito machistazinha, será que isso não causaria uma frustração, nesse momento que a personalidade está um pouco frágil? O receio é de atrapalhar ele em alguma coisa, na vida dele, só isso. (Newton, 45 anos, filhos com onze e nove anos)

Nosso entendimento é que esse “receio de atrapalhar” guarda também uma dificuldade para capacitar os filhos daquilo que ele, pai, ainda não trabalhou em si, que é a concepção “machista”, para repetir suas palavras que ele tem sobre masculinidade. Como fazer os filhos compreenderem que homens permanecem sendo homens, que sua masculinidade não fica comprometida, mesmo não sendo heterossexual? Parece-nos que

Newton não se sente capaz de empreender esses ensinamentos aos filhos porque talvez nem mesmo ele acredite nisso. Talvez, para ele, no momento, seja então mais adequado não falar.

Outra justificativa associada à discussão no grupo sobre o que *os* impedia de fazer a revelação é porque acreditavam que “eles entenderiam sem terem de falar”, já que educam os filhos de forma aberta, com transparência e sinceridade; os filhos viriam perguntar, caso tivessem dúvidas. Essa convicção em sua própria atitude transparente pode aparentemente fazer que o pai se acomode e fique meio desligado daquela preocupação de falar, porque ele subentende que o(a) filho(a) virá buscar qualquer informação, pois sempre teve essa liberdade de vir conversar ou questionar:

Sempre fui muito aberto, muito transparente, e sempre deixei a minha vida aberta para ele. Então, pensava, ele deve ter a opinião formada de tudo que ele vê ... (Renato, 45 anos, filho com 23 anos)

Esta explicação de Renato é uma justificativa por não ter falado diretamente sobre sua homoafetividade com seu filho; foi sua ex-mulher que tratou do assunto quando o filho tinha 21 anos. Outros participantes também falam dessa transparência e da educação que dão aos filhos, que sempre procuraram colocar sua própria vida como um exemplo; ou mesmo quando não falavam ao filho sobre sua homoafetividade, imaginavam que ela poderia ser presumida. Como se não fosse preciso falar a respeito. Pery e Patric ainda pretendem conversar, enquanto isso preparam os filhos e a si mesmos para um momento melhor.

Também partidários dessa educação transparente, da uma educação *queer* que dão aos filhos estão os pais que não pretendem mesmo conversar sobre isso. Nabila, Newton, Nardini, Norberto e Nivaldo não acreditam ser necessário proceder a uma revelação formal de sua homoafetividade, pois o que eles são está na maneira como vivem e transmitem isso diariamente na relação que têm com seus filhos. Entretanto, isso nos parece conflitar com o fato de que a maioria deles usa de discrição em suas manifestações homoafetivas; afirmam que sua vida amorosa e sexual é assunto de sua alçada privada, só diz respeito a eles mesmos e à pessoa com quem estão envolvidos.

Aqui cabe discutirmos que essa referida transparência nem sempre é uma realidade a ponto de revelar a relação homoafetiva que eles mantêm, já que nenhum desses pais se comporta com o companheiro em público da mesma forma que se comporta um casal

heterossexual. Na frente dos filhos não expressam que são um casal: não se cumprimentam com beijo ou abraço, não ficam de mãos dadas, ou seja, seu comportamento homoafetivo tem uma forma mais privada de troca de afeto. Isso pode ser compreendido como uma manifestação da dificuldade de deixar transparecer o homoerotismo, de confrontar assim seus próprios valores heteronormativos. Ficam presumidos também, nessa atitude de nosso participante de não manifestar seu homoafeto, conteúdos homofóbicos internalizados não elaborados que como vimos nos capítulos teóricos deste trabalho é o preconceito interno, um medo e aversão dos próprios conteúdos homoeróticos e que se sustenta na própria concepção de um modelo hegemônico de masculinidade (BORRILLO, 2001). Parece-nos assim que seu filho ter de viver nessa sociedade homofóbica é um grande medo e não age como facilitador para a elaboração de sua própria homofobia; ao contrário, parece acrescentá-la ainda mais, pois seus temores aumentam.

Estratégias

Das experiências de nossos participantes, tanto dos que revelaram aos filhos quanto dos que pretendem revelar, destacamos algumas estratégias que foram bem-sucedidas, embora algumas não passem de projetos e idealizações, já que alguns pais ainda não revelaram. Algumas dessas “técnicas” são também referidas na literatura como veremos adiante. É importante, entretanto, lembrar que não há nenhuma regra a ser seguida: a preparação para a revelação deve levar em consideração inúmeras variáveis, partindo da própria relação com o filho e com a rede de suporte em que essa criança vive.

Instrumentalizar-se; capacitar-se; escolher o momento

Dentre as muitas estratégias, os pais deste estudo descrevem principalmente: preparar antes os filhos, mostrando que não existe só casamento, amor, afeto e desejo entre os sexos opostos, que isso também acontece normalmente entre pessoas do mesmo sexo. Eles tentam exemplificar com outros casais, outros amigos do ciclo de pessoas da criança que vivem relacionamentos homoafetivos. Procuram aproveitar uma oportunidade, o momento propício, alguma pergunta ou comentário da criança que poderia dar-lhes a oportunidade de ampliar, exemplificando com sua própria experiência e relacionamento.

Reynaldo, que revelou para sua filha adotiva quando ela estava com seis anos, diz que pensou muito na hora exata e nas condições que pudessem ser favoráveis. Além disso, ele se preparou para a ocasião, referindo conhecer alguns livros e ter consultado *sites na internet* que lhe deram apoio. Um ponto que levou em conta, e que está de acordo com as orientações da literatura, foi procurar fazer primeiro a revelação para os familiares mais próximos e para a rede de apoio, como a avó da criança e a empregada.

Reynaldo conta-nos que suas convicções sempre foram de “falar a verdade”, seja ela qual for, e que não acha que a filha deva encarar a verdade como um problema, mas como uma realidade que deve ser enfrentada. Disse-nos, por exemplo, que ela sabe que é adotiva desde muito cedo e que isso é inevitável, pois de fato ela é. Às vezes, a filha o questionava, pois queria ter uma mãe, gostaria que ele se casasse, mas ele sempre deixou claro que ela jamais teria uma mãe, que poderia sim ter dois pais, e isso não seria ruim. E assim, sempre conversando e lidando com a verdade, Reynaldo nos conta que deixou que a filha percebesse qual a família que tem.

Alguns autores que propõem orientar os pais que querem se revelar para os filhos (DUNE, 1987; BARRET & ROBINSON, 2000; SNOW, 2004; GARDNER, 2005), ressaltam a importância dessa continência de que nossos participantes fazem uso quando argumentam que “estão se preparando”, incluindo o fator idade, ou momento desenvolvimental propício.

Os mesmos autores também confirmam que estratégias como a utilizada por Reynaldo, que foi a de se instrumentalizar, falar a verdade, se preparando, adquirindo conhecimento, buscando sugestões sobre o que, quando e como falar com a filha, podem ser facilitadoras, podem ajudar a diluir o estresse envolvido no processo de revelação.

Outros participantes, como Richard e Rodrigo, também praticamente construíram um modo próprio de falar; arquitetaram uma forma de se sentirem seguros e fortalecidos com seus próprios temores homofóbicos mais controlados. Ou seja, criaram o momento certo atendendo também a algumas variáveis apontadas pela literatura. Os demais participantes que pretendem revelar, como Pery, Pierre e Patric, ainda estão, a nosso ver, se instrumentalizando e assim construindo suas estratégias.

A literatura (BARRET & ROBINSON, 2000; BRICKEY & GELNAW, 2007) aponta que muitas vezes a visibilidade excessiva, ou a exposição a ambiente homofóbico pode fazer a criança sentir que por uma questão de lealdade deve defender aquele parental. Essa criança pode acreditar que deve enfrentar a crueldade dos ataques preconceituosos

como brincadeiras, comentários jocosos, indiretas, referências pejorativas, muito comuns em seu grupo de iguais. Esses ataques também podem vir da família, dos adultos cuidadores na escola, na igreja, no clube, na casa de colegas, fazendo que a criança fique refém da homofobia da qual é alvo por ser filha de um pai que se revelou homoafetivamente. A consciência dessa ameaça aos filhos é também manifesta pelos participantes:

E eu sei que isso é uma forma, e muito cruel até, não só de crianças mas de adultos, de atingir. E eu sei que quando as pessoas souberem, tiverem certeza, que vai ter essas crueldades, que ela (a filha) vai, ela vai sempre pagar o preço... E esse é meu medo. (Richard, 36 anos, filha com nove anos)

O melhor momento de um pai se revelar para seu filho irá depender do próprio pai, do se assumir homoafetivamente, para então se revelar (VONDRAS, 2007). Ele deve verificar o quanto ele mesmo já está “pronto” e se seus filhos estão “prontos”. Esse pai deve avaliar o suporte que seus filhos têm da família, da comunidade e dele como pai, pois eles poderão precisar dessa continência.

Há farto material na literatura (DUNE, 1987; GREEN & BOZZET, 1991; GARNER, 2005) sobre o que é mais indicado para um pai se revelar aos filhos, que está associado a numerosos fatores, como o momento do filho; a maneira de conversar que depende de cada período desenvolvimental; a avaliação dos recursos disponíveis que dêem o necessário suporte à criança e até mesmo a ele, pai. Um de nossos participantes descreve que vem pensando e avaliando como deve proceder para fazer a revelação a seus filhos ainda pequenos:

Acredito que não há, em termos precisos, um momento certo para se dizer aos filhos que seu pai é gay. Isso é variável a cada caso, em razão da realidade de vivência de cada um. Julgo ser impossível determinar uma regra e quanto menos a idade certa. Claro que podemos ponderar que quanto mais cedo isso ficar acertado melhor. Mas, somente cada pai saberá, ou não, detectar quando é o momento certo para se abrir com seu filho. No meu caso, não me preocupo em quando, mas como e isso dependerá mais deles, evidentemente, do que de mim. Mas, não agora. (Paulo Rubens, 38 anos, filhos com seis e sete anos)

Nossos participantes sinalizam que, embora tentem, não é possível prever todas as variáveis que estão envolvidas naquele momento específico. As estratégias são inúmeras.

O bom senso e a sensibilidade contam muito nessa hora, além da confiança na relação que construíram que lhes permite avaliar o que é adequado ou não para seus próprios filhos. Antes de tudo eles precisam se sentir confiantes e aptos para enfrentar esse momento de conversar sobre eles; para alguns pais isso pode demorar um pouco mais, ou até mesmo não acontecer.

Ter uma rede de suporte à criança

Contar para filhos não é mesmo uma informação pontual. A criança irá processar a informação e mesmo distante do pai, num outro dia, em outra ocasião, pode querer “conversar” a respeito, como que elaborando tudo que soube pelo pai. É importante poder ter mais gente com quem possa conversar. O próprio pai precisa dessa pessoa com quem possa se abrir e se reassegurar, se fortalecer, se preparando para conversar com seu(ua) filho(a), como a criança depois que o pai lhe conta precisará dessa continência.

Reynaldo procurou fazer que a filha adotiva tivesse pessoas confiáveis por perto com quem ela pudesse confirmar a revelação que ele lhe fez. Assim falou primeiro com sua mãe, com o companheiro, com a empregada da casa, preparando-os, antes de revelar para a filha. Explica que a filha por ter seis anos deveria ter à sua volta pessoas com quem pudesse comentar, sem correr o risco de se expor demais e causar “problemas” para si mesma. Então, decidiu falar quando ela entrou de férias. Ele descobriu que essa foi uma boa estratégia, foi protetor para a criança; ela pôde se abrir com a avó, que já sabia, contando que o pai namorava outro homem, com o companheiro de Reynaldo, com quem diariamente se relacionava e com a empregada da casa. Durante um bom tempo sua filha tinha de voltar novamente ao assunto e contar para mais alguém que visse à sua volta, como que confirmando que era verdade.

Falar primeiro para a ex-mulher, mãe da criança, foi uma estratégia facilitadora para Richard, Rodrigo e Roberto Carlos, que já revelaram para seus filhos e puderam contar com elas como apoio ao se assumir. Embora muitas vezes elas exercessem uma força contrária à revelação, como fez a ex-mulher de Rodrigo – e como está fazendo a de Pery, que acha que os filhos ainda são muito pequenos –, eles também acreditam que é importante elas saberem, visto que é com elas que seus filhos convivem diariamente.

Eu tenho uma relação excelente e de amizade com minha ex, nosso objetivo principal é que nossos filhos não sintam em nada a questão de

sermos separados e tudo que fazemos ou pensamos hoje tem este objetivo comum. (Rodrigo, 38 anos, filhos com onze e treze anos)

Foi um trunfo favorável que os participantes da entrevista em grupo discutiram bastante, “ter a mãe de seus filhos como uma aliada”; mesmo os que não contam com essa aliança como facilitadora acreditam que seria uma excelente estratégia. Para alguns participantes, cujo relacionamento com essa ex-mulher não está conflituoso, esse aspecto é, sem dúvida, facilitador; entretanto, para quem vivencia essa relação como fonte de conflitos não administrados é, ao contrário, um estressor a mais, já que a ex-mulher, quando se vê ameaçada e incomodada com o divórcio, pode trazer sérios agravos para essa revelação, até mesmo com ameaças, como referem Percyval, Pierre e Norberto.

Agora sobre a discussão sobre as crianças. No meu caso, rola uma história de sacanagem judicial da ex, que me caluniou de maltratar as crianças, mas fiquem tranquilos: a justiça foi feita e ela se deu mal. Faz dois anos e meio que rolou este processo, mesmo período em que minha filha não fala mais comigo. (Pierre, 35 anos, filhos com nove e catorze anos)

A literatura também tem apontado que pode sim existir um agravamento no enfrentamento da revelação da homoafetividade do pai associado aos conflitos do divórcio, e também com a pressão da reação negativa da ex-mulher, cuja separação está associada à homoafetividade do marido, como descrito por Amity Pierce Buxton (1994). A dinâmica do casal, influenciada pela revelação da homossexualidade do pai, pode interferir na forma como a criança recebe a revelação, bem como na configuração da futura relação do pai e da criança após o divórcio.

Em nosso estudo os participantes que trazem dificuldades nos processos de separação, como Percyval, Pierre e Norberto, talvez não estivessem muito atentos ou prevenidos para essas repercussões de sua homoafetividade na relação com suas ex-esposas e o quanto essa relação poderia ter de ressonâncias nefastas no ambiente doméstico e, conseqüentemente, em seus filhos.

Renato descreve que, apesar da relação difícil que sempre teve com sua ex-mulher, que ela sempre tentou afastá-lo do filho, acredita que foi positivo se abrir com a esposa e escolher seguir sua orientação homossexual, ainda na juventude, que mesmo tendo deixado a vida de família, fez uma escolha pensando em si mesmo e na ex-mulher, porque de fato jamais conseguiria fazer como muitos fazem: ter uma vida dupla, de casos com homens e

se manter no casamento e ao lado do filho. Para ele, a ex-mulher não facilitou sua revelação para o filho, porque de fato não quis fazê-lo, tendo sido ela que contou, à sua revelia:

...foram tantas e tantas brigas, humilhações, ofensas que vivi com essa “ex” que por sorte não comprometeu a formação pessoal e moral de meu filho... ele soube pela mãe aos 22 anos que tentou jogar sujo, num momento de ira, pois achava que iria conseguir afastá-lo de mim contando da minha homossexualidade. (Renato, 45 anos, filho com 23 anos)

A literatura (BUXTON, 1994) salienta que a esposa heterossexual do pai que se revela para o(s)/a(s) filho(s)/a(s) pode reagir à sua revelação com maior ou menor raiva, maior ou menor aceitação e pode levar um tempo maior ou menor para assimilar essa informação, ou talvez até nunca assimilá-la. Mesmo que a relação deles tenha sido marcada por honestidade, amor e companheirismo, essa mulher poderá sim apresentar uma reação de não aceitação da homoafetividade de seu marido, sendo que isso pode significar o término de seu casamento, a ruptura da família, ou a quebra de seus sonhos. Esses agravos no relacionamento parental podem exercer uma pressão contrária à revelação da homoafetividade do pai a seu filho.

A criança pode perceber que alguma coisa está diferente e tensiona a relação da família antes mesmo que o pai conte sobre sua homoafetividade. Antes de contar para os filhos o pai deve estar atento para o quanto sua revelação para sua esposa já pode ter influenciado o ambiente doméstico da família e levar isso em conta enfrentando os possíveis malentendidos e conflitos do casal. Como vimos no relato de Pierre, que reconhece que a ex-mulher interfere na sua relação com a filha, há dois anos afastada dele.

Outros autores, como Abigail Garner (2005), também levantam implicações similares nas relações do(a) ex-cônjuge heterossexual daquele parental que está se revelando homoafetivamente para os filhos. Ou seja, é importante considerar que a relação dos componentes da família, que agora pode estar sofrendo com a ruptura do divórcio, venha a ter maiores conflitos com as reações negativas da ex-esposa, mãe dos filhos daquele homem, pai que mantém relacionamento homoafetivo.

Um ambiente familiar tolerante à diversidade

Apesar de este não ter sido apontado como estratégia de revelação, entendemos que um ambiente com menor grau de preconceito homofóbico, que concebe e aceita as diferenças, possa ser um facilitador para a capacitação dos filhos e familiares para a aceitação da revelação da homoafetividade por parte do pai.

Um participante adepto de uma visão de mundo que aceita qualquer forma de diversidade, que pensa não ser necessário denominar pessoas por sua orientação, já que diferenças enriquecem, agregam, nos diz que sempre conviveu sem ter de falar sobre sua orientação sexual, com sua família em sua casa. Pudemos de fato testemunhar que em sua casa transitam pessoas da mais variada procedência, tanto social, étnica, sexual, cultural quanto de gênero. Esse participante não acredita em conversas sobre revelação da homoafetividade, mas vive à sua maneira o que acredita e quer que os familiares entendam.

O que me encanta na vida é a diversidade... não me agrada a idéia de guetos, igrejinhas e outros círculos homogêneos. Na verdade gosto de saladas de gente. Minha relação com filhos e a ex, inclui todos, integra, agrega.. Não exclui nem privilegia ninguém... Em minha casa tem jovens, maduros e anciãos. Homens, mulheres e teens. Independente de status, ideologias, time de futebol, religião e orientação sexual e a marca do carro. É isto que me encanta... .que torna minha vida mais rica e me ajuda entender as diferenças.... “vive la diferance”. (Nábila, 60 anos, filhos com 21, 24 e 28 anos)

Entretanto, essa abertura para a diversidade, essa educação e esse convívio com as diferenças, todas, não significa apenas justificativa para não ser necessário falar sobre a própria orientação sexual, pode ser também um facilitador para o pai falar de sua homoafetividade.

Outro participante adepto de uma ideologia *queer*, e o qual também prefere não utilizar denominações como heterossexual, homossexual, nos conta que a filha de nove anos sempre foi educada segundo esses preceitos e, apesar de sua vontade de conversar sobre sua homoafetividade, não sabia bem o que deveria falar com ela. Desde pequena ela conviveu num ambiente familiar com os mais diferentes tipos de pessoas, crenças, valores, sem nunca ter estranhado nenhum tipo de orientação sexual. Para sua família, a filha é defensora dessa ideologia, porque respeita e argumenta assertivamente a favor desse

convívio harmonioso sobre as diferenças. Para este participante, educar filhos de forma a fazê-los entender que todos os indivíduos são passíveis de se envolver e amar qualquer outro ser humano favorece um processo mais tranqüilo de revelação da homoafetividade por parte do pai.

Aliás esse termo homossexualidade eu não acredito muito nisso, vou te explicar porque estou te falando isso. Porque chega muito perto da relação com filhos que estou falando isso. Eu não acredito nesses termos, homossexual, heterossexual, pra designar alguma coisa. Eu acredito que todos os seres humanos têm potencia pra tudo. Dependendo da circunstância, do momento que a coisa acontece, ou do sentimento. Acredito na bissexualidade universal, ...que qualquer pessoa possa sentir prazer, ou amor, com outra pessoa, seja do mesmo sexo, seja de outro sexo, seja de qualquer cor, seja de outra cultura, enfim..., que as pessoas tenham potência e capacidade de se amar, além das condições culturais, raciais, sexuais. (Richard, 36 anos, filha com nove anos)

Ele não se refere a nenhum tipo de dificuldade na conversa que teve com a filha, atribuindo essa tranqüilidade à educação que ela sempre teve. Aponta apenas um questionamento que a filha lhe fez e percebe que o mais complexo para ela, na idade em que estava – oito anos –, era aceitar qualquer outra pessoa na vida com o pai, morando junto, compartilhando a vida da família. Ele acredita que se se casasse com outra mulher a filha estaria sentindo o mesmo ciúme, já que o que ela não admite é dividi-lo com outros. E sobre a revelação nos diz:

...tranqüilo, super tranqüilo... É lógico, por mais tranqüilo que seja você percebe que entra outras coisas, o meu pai herói também... não sou só eu, tem outra pessoa. E se fosse mulher também, é outra pessoa... Ela quer priorização (da presença e afeto do pai). E aí assim, ela se dá super bem com o F (o companheiro), são amigos, conversam muito se dão super bem... (Richard, 36 anos, filha com nove anos).

Ter um relacionamento homoafetivo

Alguns pais acreditam que ter um relacionamento significativo com outra pessoa pode ser outra estratégia facilitadora para a preparação da revelação e da aceitação pelo filho. Mostrar que existe o amor pelo mesmo sexo, conseguir não só falar, mas também mostrar que as pessoas podem, sim, gostar de outra pessoa do mesmo sexo de forma

“respeitosa”. Ter uma pessoa que seja seu namorado pode ajudar esse pai a desmistificar aqueles estereótipos negativos que cercam os relacionamentos com o mesmo sexo, para que o filho aceite, compreenda e veja que é “natural”:

Alguns participantes falam que essa preparação para contar ao filho sobre sua orientação homoafetiva envolve também alguns detalhes, como promover o espaço concreto para uma nova configuração de família, que agora contempla o companheiro com quem convive, além dele e a filha:

A casa foi construída, vamos dizer assim, por nós três. Eu acredito nisso, nesse reflexo da casa. A casa foi construída de uma forma familiar, e a partir disso eu contei pra L, depois que a gente estava nessa casa. (Richard, 36 anos, filha com nove anos)

Neste relato de Richard, percebemos que ele já havia-se assumido como um homem pai que mantém relacionamento homoafetivo, mas, para se revelar à sua filha, precisou ainda de um tempo. Esse processo engloba: educar a filha desde cedo para saber aceitar a diversidade de possibilidades de envolvimento afetivo; um tempo de preparação para que a conversa aconteça na melhor hora, momento e forma. Enfrentou ainda alguns imprevistos como a revelação recente da mãe – que vive agora com a companheira e a filha – e esperou estar num “relacionamento significativo”, morando num local em que houvesse o espaço da nova família. E assim pensa que ajuda sua filha a aceitar, entender e enfrentar o preconceito que certamente virá, porque é filha de pai (e de mãe) que mantém relacionamento homoafetivo:

E aí sim eu contei pra minha filha. Aí teve isso, quando eu ia contar pra L, a C tinha contado pra ela... Falei assim, po é informação demais... falei assim, vamos deixar isso aí ir devagar. E aí depois de um tempo eu cheguei e contei...foi tranquilo, super tranquilo... (Richard, 36 anos, filha com nove anos)

Os pais que revelaram para os filhos, como Reynaldo e Renato, assinalam que de fato a relação dos filhos com seus companheiros ou namorados na época da revelação também foi facilitadora; eram amigos, se gostavam, se respeitavam.

Os pais afirmam que, em geral, é mais fácil, se sentem melhor tendo alguém, como que para confirmar que existe algo mais além do aspecto sexual em sua homoafetividade, que diz respeito a um afeto, não apenas a uma atração. Dessa forma os pais dizem que não

estão falando apenas de sexo, mas de relacionamento, de afeto, de envolvimento amoroso, o que é mais fácil de explicar e mais fácil para o filho compreender. Essa opinião é compartilhada por todos os cinco pais que revelaram e irá aparecer também como um desejo no grupo de pais que ainda não se revelou.

...mas nós não estamos falando de sexo, nós estamos falando de falar de uma vida, de uma vivência homossexual, e para mim quando vocês falam vamos respeitar vamos respeitar, não é que vamos respeitar, não vamos falar de sexo, falar de sexualidade, falar da minha relação afetiva e que inclui a sexualidade, seja ela com homem, seja ela com mulher, para mim é a mesma coisa.. (Pery, 42 anos, filhos com doze e nove anos)

Nenhum pai também mencionou mudança na relação do(s)/a(s) filho(s)/a(s) filhos(as) com seus companheiros após a revelação. Dois desses pais co-habitavam, dois não, e um deles não tinha nem namorado, nem companheiro. Para este último, Renato, não houve dificuldade associada a esse fato, já que o filho viveu uma proximidade grande com um ex-companheiro que teve durante dez anos.

A demonstração de sua afetividade por um companheiro ou namorado acontece apenas na esfera da intimidade; mesmo os que já se revelaram não manifestam nenhum tipo de envolvimento homoafetivo diante de seus filhos. O que existe, portanto, é um desejo, uma idealização de uma relação afetiva satisfatória com alguém e esta seria facilitadora para falar, mostrar e viver com os filhos, já que esta não se concretizou com nenhum dos nossos participantes.

Então pensamos:esses homens, cuja paternidade tem origem num relacionamento heterossexual, que buscaram atender às prescrições do masculino hegemônico, que compartilharam da ideologia heteronormativa, ousaram transgredir a ordem de gênero e romperam seu casamento heterossexual para viver sua homoafetividade. Então por que, depois de confrontar os padrões heteronormativos para seu gênero, depois de se assumir homoafetivamente, de idealizar e buscar um relacionamento afetivo satisfatório, não podem mostrar isso aos filhos, mesmo depois de se revelar para eles?

Relacionamentos

Abordaremos neste tópico aspectos importantes do relacionamento familiar de nosso participante com a família de origem, com a ex-esposa e com a família heterossexual

constituída. Tentamos compreender como esses diferentes âmbitos de relacionamento foram fazendo parte de sua rede de interações e como ele foi trabalhando em direção ao se assumir e se aceitar como homem e pai que mantém relacionamento homoafetivo. Podemos perceber, assim, como as diferentes redes de relações, com suas dinâmicas interacionais, interferem na tomada de consciência, na aceitação e em sua decisão de revelar ou não sua homoafetividade.

Família de Origem

A família de origem é relativamente próxima e tem grande importância para esses pais, eles se orgulham de muitos momentos vividos dos valores passados como tradição e da educação que receberam, embora também existam ressentimentos e conflitos. A maneira como se relacionam, os vínculos que construíram ao longo da vida são aspectos muito fortes que podem interferir de forma a facilitar ou a dificultar a comunicação mais ou menos direta e clara da homoafetividade de nosso participante para seus familiares.

Alguns participantes percebem que o relacionamento que construíram ao longo da vida permite uma aproximação maior e então trabalham nessa direção para que a homofobia, sempre presente, possa não pressioná-los a manter secreta sua homoafetividade.

Algumas características na relação familiar, ainda que bastante heterogêneas, podem ser detalhadas nas experiências de nossos participantes: o relacionamento que mantêm é ou não fortalecido por vínculos positivos de afeto e dependem de sua história pregressa, não exatamente da homoafetividade. Contar ou não com o apoio da família de origem é um aspecto associado aos vínculos que construíram ao longo da vida e não tem relação direta com a revelação da homoafetividade. Embora eles acreditem que não precisam se envergonhar de aspectos que são inerentes à sua pessoa, à sua vida, que é sua homoafetividade, nem sempre a revelam aos próprios pais, porque entendem que eles não compreenderiam, ou mesmo que não seja necessário que eles saibam.

Família de origem e apoio ao pai no cuidado

Alguns dos participantes do grupo de pais que não revelou e que acredita não ser necessário revelar aos filhos – na Tabela 7, *participantes N* – têm uma característica

comum que é viver relativamente mais distantes do contato com alguns familiares. Preferem não se impor, não ficar muito próximos, porque sua homoafetividade sempre foi uma característica sua, de intimidade, a ser tratada com privacidade. A maioria deles também não contou aos pais sobre sua homoafetividade, tampouco conversou abertamente, pois eles acreditam que se estes soubessem não compreenderiam. Eles não manifestam desejo de serem aceitos ou compreendidos como homens pais que mantêm relacionamento homoafetivo, pois acreditam que isso diz respeito somente a eles.

Tabela 7 Resultados revelação FO de *Participantes N*

Participante	Idade	Filhos	Paternidade	Revelação FO
Nando	32a	♀9m	Rel. heterossexual	NÃO, se dá bem de longe
Norberto	45a	♂9a ♂12a	Rel. heterossexual	SIM, afastados
Nivaldo J	55a	♀18a ♀19a	Rel. heterossexual	NÃO, se dá bem
Nábila	60a	♀21a ♂24a ♀28a	Rel. heterossexual	NÃO, nem precisaria, bom convívio
Newton	45a	♂9a ♂11a	Adoção, 1a e ½	NÃO, afastados
Nardini	48a	♂13a ♂16a	Rel. heterossexual	NÃO, se dá bem

Norberto é um dos únicos deste grupo que falou com a família de origem sobre sua homoafetividade, embora acredite que ninguém tenha direito de interferir em sua vida; hoje vive mais distante de todos, só com o companheiro que é quem lhe dá apoio, amparo e mesmo financeiramente o ajuda. Afastou-se de seus familiares devido a conflitos na ocasião de seu divórcio; diz que sofreu acusações, tendo sido ameaçado pela ex-mulher de ter sua homoafetividade revelada aos filhos e sentiu que poderia “prejudicá-los”. Cercou-se de amigos que aceitam-no e à sua homoafetividade, o que pode compensar o distanciamento da família de origem.

Quando eu decidi viver minha vida, a minha sexualidade com meu companheiro levei-o à casa de meus pais e apresentei a todos, ele não queria, mas é uma questão de princípio, eu não minto. Fiz a mesma coisa na casa dos pais dele. Quem quiser viver com a gente tem que aceitar. Alguns não aceitam. (Norberto, 45 anos, filhos com nove e doze anos)

Nando também nos fala que apenas um de seus irmãos e a cunhada são hoje mais próximos, são amigos e o apóiam. Os demais familiares que atualmente estão distantes não sabem de sua homoafetividade, incluindo seus pais, de origem muito simples, de cidade pequena do Nordeste. Por isso prefere viver com seu pequeno círculo de amigos, que o conhece melhor, com quem se diverte, mas distante de sua família de origem e da filha.

Eles (pais) jamais imaginariam ter um filho homossexual. (Nando, 32 anos, filha com nove meses).

Nando demonstra estar no início do processo de se assumir: receia que as pessoas à sua volta saibam de sua homoafetividade; seus temores persecutórios homofóbicos abrangem seu trabalho, vizinhos e familiares. Acredita que se alguém souber não o aceitará, será alvo de rejeição, podendo mesmo perder o emprego. Não fala de si para ninguém, se isola e demonstra quão profunda é sua concepção de que a família deve mesmo ser heterossexual e que “esse tipo de coisa” -- que é sua homoafetividade -- não é compatível com a instituição família.

Segundo a tradição das famílias não aceitam..., minha família não aceita esse tipo de coisa, se soubessem não aceitariam, não compreenderiam nunca. (Nando, 32 anos, filha com nove meses)

Esse movimento de se afastar da família de origem é observado nos demais participantes deste grupo que não pretende revelar sua homoafetividade aos filhos (Tabela 7), embora não haja necessariamente uma relação direta, visto que existem pais que se revelaram aos filhos, mas não à família de origem, e vice-versa, como veremos mais adiante.

A despeito de Newton acreditar que todos de sua família de origem saibam sobre sua homoafetividade; a despeito de se sentir aceito e respeitado por todos, ele entende que deve se manter afastado. Ele preza ter a vida pessoal – concomitantemente sua homoafetividade – resguardada de qualquer tipo de exposição a terceiros. Afirma que sua homoafetividade é um aspecto seu, que só diz respeito a ele mesmo e à pessoa com quem está envolvido, que não deve satisfação a ninguém. Prefere, assim, viver mais distante dos familiares, levar sua vida sem interferência de ninguém, mesmo de amigos, pois Newton acredita que sua intimidade não é para ser pauta de discussões.

Ninguém precisa saber o que eu faço, não me exponho. (Newton, 45 anos, filhos com onze e nove anos).

Nardini, Nivaldo e Nábila, embora também assumam a posição de que sua “homoafetividade é de foro íntimo, privado, que ninguém tem nada a ver com sua intimidade”, não referem dificuldades na relação com seus familiares, não relatam sofrerem com situações homofóbicas; parecem ter adquirido alguma competência sobre esse assunto e nem se distanciam nem confrontam as pessoas da família. São relativamente próximos, contam com seu apoio e suporte, embora também tenham um grande número de amigos e pessoas com quem podem contar. Sua homoafetividade não é assunto de família e parece que os dois lados dessa relação assumiram isso: tanto sua família como eles mesmos não conversam sobre isso, não se preocupam, nem questionam.

Um exemplo dessa forma de pensar é observável no relato de Nardini. Ele nos conta que se habituou a dissimular sua homoafetividade para os familiares; na juventude mantinha suas relações com homens às escondidas, embora seus namoros com mulheres fossem bem visíveis e aceitos, tendo até mesmo levado para viver em sua casa uma namorada e a filha dela durante alguns meses. Acrescenta que era dessa a forma que sua própria família o aceitava:

Bem, eu já não precisava mostrar para ninguém – depois que rompeu com a namorada – que era capaz de ter mulher, então a partir daí passei a levar a vida mais na minha, sem grandes preocupações. (Nardini, 48 anos, filhos com treze e dezesseis anos)

Havia uma prescrição que deveria ser atendida pelos membros dessa família: os filhos homens deviam namorar, se relacionar sexualmente com mulheres. Embora mantivesse casos secretos com homens, ele teve de mostrar que era capaz de se envolver com mulheres e depois de provar essa “competência de macho” pôde se sentir aceito. Entendemos que o passaporte para pertencer a essa família é manter a ordem heterossexual; não falar e não discutir a própria homoafetividade pode passar a idéia de que todos pactuam desse ideário, como se não existisse ninguém não heterossexual. À primeira vista, para um jovem, pode ser confortável e mais seguro não perturbar ou ir contra essa ordem, mas mesmo hoje Nardini mostra que não superou essa prescrição, pois não mostra que é um homem que tem relacionamento homoafetivo nem para os familiares

– pais e irmãos –, tampouco entende que deve revelar essa sua orientação homoafetiva aos filhos.

Alguns participantes do grupo de pais que pretendem se revelar para seus filhos (Tabela 8) também afirmam que vivem distantes da família de origem e nunca pensaram ser necessário conversar com os pais sobre sua homoafetividade; acreditam que seus pais ou são idosos e não compreenderiam, como refere o participante a seguir, ou que jamais os aceitariam, visto que têm uma formação bastante tradicional.

...quanto à minha família, ela é pequena e não tenho uma relação muito próxima (até geograficamente, porque moram em outra cidade). Não contei pra ninguém: meus pais já têm 80 anos, e me pergunto se não seria muito triste para eles saberem (meu pai já ficou muito magoado com minha separação, e descobriu agora que tem câncer de pulmão); tenho duas irmãs, rompi completamente com a mais velha, e penso muito em contar para a mais nova, mas hesito porque ela acabaria contando pra minha mãe (e se é pra contar, conto eu mesmo). (Patric, 42 anos, filho exom seis anos)

Tabela 8 Resultados revelação FO dos *Participantes P*

Participante	Idade	Filhos	Origem paternidade	Revelação FO
Percyval	43 a	♂ 10 a	Rel. heterossexual	NÃO , nem pensa
Pierre	35 a	♂ 9 a ♀ 14a	Rel. heterossexual	SIM , conflitos
Patric	42 a	♂ 6 a	Rel. heterossexual	NÃO , são idosos
Pedro José	35 a	♀ 11a ♀ 13a ♀ 14 ^a	Rel. heterossexual	SIM , tem apoio
Paulo Rubens	38 a	♂ 6 a ♀ 7 a	Rel. heterossexual	SIM , moram longe
Pery	42 a	♂ 9a ♀ 12a	Rel. heterossexual	SIM , conflitos

Assim a revelação para a família de origem não é uma preocupação para a maioria dos pais que mantêm relacionamento homoafetivo. Entendemos que falar de sua orientação é importante à medida que pretendem ou não se revelar para os filhos. Falar para a família de origem – ou mesmo mostrar sem falar – que é um homem pai que tem envolvimento homoafetivo é um código que atende aos dois lados da relação, o deles e o de sua família. Para os que estão mais afastados, morando longe, torna-se mais fácil não falar, porque não

se expõem diariamente, e assim mantêm seu lugar hegemônico, de filho e de pai. Mantêm a ordem heterossexual. Parece-nos também ser isso que a família quer que façam.

Família de origem e apoio ao pai no cuidado

O ideário familiar prescreve algumas características esperadas de seus membros; aquele que destoa, ou que é visto como não atendendo à prescrição, porque tem uma orientação homoafetiva, pode sentir que deve se distanciar para manter em segredo esse aspecto. Afastar-se mais do convívio familiar pode ser uma estratégia para não confrontar a família, mantendo os privilégios que a hegemonia masculina garante. O distanciamento pode ser compensado com um círculo de pessoas amigas, com quem pode contar.

Neste estudo destacamos algumas situações em torno do apoio – da família de origem ou de outros – no cuidado dos filhos que diferenciam nossos participantes. Esse cuidado em geral se expressa realizado em sua grande parte pela mães da criança, ex-mulher do participante. Há, entretanto, diversas configurações, desde o pai que exerce a responsabilidade direta como parental que tem a guarda até aquele que mal consegue exercer seu direito de visita como pai divorciado e afastado dos filhos. A família de origem ou os profissionais contratados e alguns amigos emergem como o grupo de apoio com o qual o pai que detém a guarda pode contar para cuidar de seu filho.

Para alguns pais participantes, que moram longe de sua família de origem, como Newton e Nivaldo José, e que têm a guarda dos filhos (Tabela 9), há uma referência a amigos mais próximos que os auxiliam nos cuidados, que também oferecem suporte afetivo, mas mesmo assim é algo não muito evidente, já que a rotina é marcada pela presença de empregados(as). Embora esse não seja um aspecto muito presente neste estudo, podemos considerar que seu grupo de amigos e alguns de seus familiares pode ser sua família escolhida que compensa muitas vezes aquele – neste caso voluntário – distanciamento de sua família de origem, suprindo dessa forma o pai que mantém relacionamento homoafetivo do apoio social e da troca de afeto, exercendo funções tradicionais da própria família.

A literatura aponta que a família escolhida é formada por um grupo especial de pessoas amigas, alguns familiares, ex-parceiros que o pai que mantém relacionamento homoafetivo escolhe para ser sua família. Gary Sanders (1994:222) assinala que a família escolhida é aquela constituída de pessoas que aceitam a homoafetividade daquele

indivíduo e que também o provê da rede afetiva e vincular. Vejamos a situação vivida com os dois participantes.

A casa de Newton está sempre cheia de amigos, casais com filhos, que também ajudam a oferecer um ambiente familiar aos filhos que adotou, já que sua família mora longe. Desde os três anos de idade foi criado pelo pai (hoje falecido) considerado muito afetuoso, responsável e próximo dos seis filhos; sua mãe muito jovem separou-se e saiu de casa, não criou os filhos. Atualmente tem bastante contato com sua mãe, embora “ela continue a ser uma pessoa incapaz de pensar nos outros, nos filhos”. Tem uma imagem bastante forte da família, orgulha-se de sua origem, dos valores que seu pai que era muito humilde passou, priorizando a educação; que o fez desde muito cedo trabalhar, pagar seu próprio estudo e conquistar sua autonomia. Não fala sobre sua homoafetividade nem gosta que comentem; se afastou de algumas pessoas (da irmã) em virtude disso, por tecer “comentários maldosos” sobre sua vida e orientação sexual.

Então essa é a minha origem, a minha história, meu panorama de família. A minha irmã mais velha acabou virando a matriarca da família, assumiu muito esse papel, e hoje eu diria que já tem alguns anos que nós temos uma relação estremecida exatamente por posturas dela em relação à minha orientação sexual. (Newton, 45 anos, filhos com onze e nove anos)

Ele afirma que se relaciona bem com todos, entretanto moram em outro estado, se vêem pouco e não há muito contato atualmente. Apesar de acreditar que seria positivo para os filhos a proximidade com os parentes, com a família, não tem tolerância com as “focacas, maledicências e conflitos” que vêm com essa aproximação. Compensa a distância da família com o ciclo de amigos, casais com filhos, embora faça questão de frisar que mesmo os amigos (sua casa é bem grande, com quadras, piscina, jardim, sempre cheia de gente) não têm liberdade para investigar sua vida, fazer comentários, pois sua orientação homoafetiva é uma particularidade só sua e do companheiro com quem vive há cinco anos.

Nivaldo José é o outro participante que relata que pode contar com um grupo específico de pessoas próximas que pode ser denominado família escolhida. Ele está viúvo há dez anos e morando longe de sua família de origem. Mantém uma estrutura rotineira funcional, tem uma empregada quase membro da família e tem ainda as antigas amigas que sempre estão por perto e ainda hoje o apóiam. Nivaldo é viúvo e sempre foi o parental responsável pelo cuidado direto, mesmo quando a esposa era viva (ela adoeceu quando as

filhas eram ainda bebês, vindo a falecer alguns anos depois); sua estrutura doméstica manteve esse mesmo funcionamento. Afirma que nunca teve dificuldades com relação à sua responsabilidade pelo cuidado e que, em algumas ocasiões, quando precisa se ausentar por um período mais longo, costuma deixar as filhas em casa, aos cuidados da empregada de confiança e mais alguém para lhe dar apoio como um amigo, seu ex-companheiro, ou uma sobrinha.

Tabela 9 – Pais que detêm a Guarda

Participante	Idade	Filhos	Paternidade	Apoio/Revelação FO
Nivaldo J	55 ^a	♀18a ♀19a	Rel. heterossexual	NÃO , mora distante
Newton	45 ^a	♂9a ♂11a	Adoção, 1a e ½	NÃO , mora distante
Reynaldo	44 a	♀ 11 a	Adoção, com 3 a	SIM , tem seu apoio
Pedro José	35 a	♀11a ♀13a ♀ 14 ^a	Rel. heterossexual	SIM , tem seu apoio
Roberto Carlos	47 a	♀ 17 a	Rel. heterossexual	NÃO , convivem bem

Os outros pais que detêm a responsabilidade legal pelos filhos e residem com eles – Reynaldo, Pedro José e Roberto Carlos – não referem um grupo que possa ser denominado família escolhida. Reynaldo tem uma estrutura doméstica funcional, conta com o apoio de empregada de confiança, conta também com o suporte da família de origem, além do companheiro que o ajuda no cuidado com a filha. Pedro José tem baixo poder aquisitivo, não conta com o apoio de empregados, mas sua família de origem mora ao lado e auxilia sempre que necessário. Roberto Carlos ainda está casado com sua esposa, mãe de sua filha, com quem divide a responsabilidade por seus cuidados; sua família de origem também é participativa, embora não saiba de sua homoafetividade. Diz que está prestes a sair de casa, espera a filha, que adoeceu e está revoltada, melhorar, porque ela não aceita sua homoafetividade.

Outros três pais, Rodrigo, Nabila e Richard, embora divorciados, residindo separados das crianças e ex-mulher, participam de tudo que se refere aos filhos, mantendo cuidado e responsabilidade compartilhada com o outro parental. Esses pais também

usufruem de relacionamento com baixo conflito com a família de origem e não demonstram ser necessário contar com pessoas amigas para o cuidado dos filhos; a decisão ou não da revelação para os filhos também parece não interferir no cuidado mais participativo e na demanda por suporte da família de origem.

Os demais pais participantes deste estudo – Percyval, Pierre, Patric, Paulo Rubens, Pery, Nando, Norberto, Nardini e Renato – não são o parental responsável que detém a guarda dos filhos, sendo que quatro deles residem em outra cidade/estado. Eles se encontram nos fins de semana, visitam-nos, viajam ou passam férias juntos, mantendo uma rotina semelhante à de pais divorciados. Organizam-se de forma mais independente, sem necessitar de muito auxílio para a criação dos filhos que vivem com a mãe. Eles não têm uma estrutura que pode ser denominada família escolhida e também evitam pedir ajuda à família de origem, pois a oportunidade de estar com os filhos não pode ser desperdiçada. Quando estão com seus filhos dedicam-se à eles quase integralmente, às vezes abrindo mão de outras atividades. Como Pierre que relata que faz tudo com o filho de nove anos quando vai buscá-lo na casa da mãe, e até o leva ao trabalho quando ele vem passar férias em sua casa.

Consoante com o que a bibliografia consultada tem apontando (SOUZA, 1994), pode-se observar que a demanda por suporte – seja da família de origem ou de outros, como profissionais contratados, amigos – é maior quando os pais estão com os filhos, o que é comumente observado no cuidado de pais divorciados. A rotina deles é organizada em função dos cuidados necessários. Se o convívio com os filhos é diário, como no caso dos pais que têm a guarda, eles se cercam de uma estrutura que os auxilie e comporte esse cuidado e mantêm uma infra-estrutura doméstica para que a rotina diária seja funcional. Neste caso, dependendo do poder aquisitivo, contratam empregados de confiança e contam com os familiares disponíveis ou mesmo com amigos.

A maior ou menor disponibilidade dos familiares para atuar como apoio dando suporte a esses pais, irá depender, portanto, de numerosos aspectos: do quanto a rotina diária do pai envolve o filho (guarda, férias, visitas); da relação que o pai e a família de origem mantêm entre si; da distância de suas residências; do poder aquisitivo que pode promover uma independência na rotina. Não observamos relação da revelação ou não da homoafetividade do pai para a família de origem e a ausência ou manutenção do suporte; entretanto, é a presença ou a ausência de um relacionamento próximo, com baixo conflito e

respeito mútuo que pode ser um aspecto relevante no apoio que a família de origem pode oferecer.

Relacionamento familiar harmônico: os que mantêm a ordem

O relacionamento familiar é certamente um termômetro para o pai avaliar se poderá ou não contar com seu apoio e também com a aceitação de sua homoafetividade. Uma família cujos relacionamentos são pautados por conflitos e confrontos violentos pode também reagir assim diante da homoafetividade de um de seus membros.

Alguns de nossos participantes se sentem confortáveis com sua homoafetividade e mesmo que alguém de sua família de origem não os aceite, devido a essa orientação, não acreditam que devam discutir e se impor; eles podem preferir se distanciar dessa pessoa para evitar um confronto agressivo. Como o convívio com a família de origem não é diário, é mais esporádico, a impressão que fica é de que as pessoas mantêm um convívio social, sem de fato tocar no assunto “homoafetividade”, ou aparentemente preferem não perguntar, nem discutir e assim mantêm uma aparente harmonia.

A minha mãe sabe, mas age como se não soubesse, não fala, não pergunta.
(Renato, 45 anos, filho com 23 anos)

Para que seja mantida a ordem estabelecida – sustentando a concepção de família e parentalidade heterossexual – que a família de origem segue e em que nosso participante de uma forma ou de outra foi criado e respeita, ele acaba não confrontando-a, preferindo conviver com todos em harmonia. Ele não revela ou discute sua homoafetividade com os pais e com um ou outro membro da família que possa não o aceitar; não se impõe e, às vezes, prefere se afastar.

Reynaldo, que se sente tranquilo e aceito por praticamente todos de sua família de origem, reconhece que sempre irá haver alguém da família que não o aceite, como sua cunhada, que é contrária à criação de filhos por homossexuais; ele conta que ela não consegue esconder que recrimina a família homossexual adotiva que ele constituiu e rejeita abertamente sua filha sempre que se encontram. Ele prefere não discutir, nem impor sua opinião a ela, evitando muito convívio e o confronto homofóbico desnecessário:

A minha cunhada é contra! Não beija, não conversa com a minha filha. Ela acha totalmente inadequado (sua homoafetividade e ter adotado) pra criança. (Reynaldo, 44 anos, filha com onze anos)

Outro participante descreve sua infância e adolescência com muita satisfação pela união e apoio recebido da família de origem, principalmente de seu pai. Atualmente mantém um convívio bom e bastante próximo com parentes e familiares, que também participam da educação das crianças; essa é a “tradição de sua família”:

A educação das crianças sempre foi muito partilhada... A minha família é familiona mesmo. E as crianças participam de tudo, é educação mesmo, tradição, trabalha junto, se diverte junto, come junto. Todos próximos, não tem muita exclusão. As crianças participam dos ritos, elas vão junto. (Richard, 36anos, filha com nove anos)

Seus pais, entretanto, não sabem explicitamente de sua homoafetividade, pois isso não foi declarado. Ele acredita que não deve ser dito, embora também, na sua forma de entender, não esconda quem é; só se sente comprometido a dar satisfação de si mesmo para sua filha. Freqüenta festas e almoços familiares com o companheiro com quem coabita e diz que todos se gostam e se respeitam. Quando fomos entrevistar Richard pudemos conhecer um pouco o seu modo de vida, a rotina de seu trabalho, e constatamos que de fato está cercado de amigos, familiares e da comunidade com quem trabalha.

Quem me perguntou eu contei, quem não me perguntou eu não falo; muita gente sabe, todos meus amigos, só minha família (pais) que não, isso é uma guerra. Mas meu círculo íntimo não é pequeno não, é muita gente. (Richard, 36 anos, filha com nove anos)

Outro participante que tem uma relação próxima com a família que também prefere não “impor sua homoafetividade aos familiares” é Renato. Ele é o mais velho de uma prole de quatro, tem uma irmã e dois irmãos; tem grande admiração pelo pai, atualmente em idade avançada; os pais ainda vivos moram em São Paulo, cidade onde nasceu e na qual sempre viveu. O pai é considerado seu grande esteio, que sempre o apoiou em tudo o que quis fazer. Justifica que pela educação italiana, os filhos foram criados muito próximos, protegidos, “de cuidar e botar debaixo da asa”. Conta que o apoio e ajuda do pai possibilitou assumir o filho e casar quando, muito jovem e na faculdade, ele e a então namorada engravidaram. Mesmo depois de se separar e morar dez anos com o

companheiro, sempre manteve o filho e a família perto dele. Apesar de não ter falado abertamente sobre sua homoafetividade para os pais, acredita que eles sabem.

Patric conta que vive distante da família de origem, que é pouco próxima, inclusive geograficamente; está há três anos separado, morando longe do filho, dos pais e de familiares. Embora tenha um namorado, vive mais solitário e isolado, se dedicando exclusivamente ao trabalho; o filho fica com ele a cada quinze dias apenas.

Quanto à minha família, ela é pequena e não tenho uma relação muito próxima (até geograficamente, porque moram em outra cidade). Não contei pra ninguém: meus pais já têm 80 anos, e me pergunto se não seria muito triste para eles saberem (meu pai já ficou muito magoado com minha separação, e descobriu agora que tem câncer de pulmão); tenho duas irmãs, rompi completamente com a mais velha, e penso muito em contar para a mais nova, mas hesito porque ela acabaria contando pra minha mãe e se é pra contar, conto eu mesmo. (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

Percebe-se pelo relato de Patric que, ao realizar uma revelação tardia de sua homoafetividade – porque tomou consciência desta tardiamente –, ele teria de confrontar seus pais, decepcioná-los, desfazer a imagem que eles têm a seu respeito e imagina que isso os magoaria.

Assim essa justificativa – não magoar os pais, manter a imagem que eles têm a seu respeito, não confrontar – é a mais comum para que alguns pais deste estudo não abram sua homoafetividade aos próprios pais. Referem que eles já têm idade, ou que são doentes, e não acreditam ser necessário que eles saibam. Alguns afirmam que os pais moram longe e têm pouco contato e os outros que mantêm contato mais próximo, ou que têm maior convivência, também optaram por não conversar sobre isso. Essa atitude dos participantes pode ser entendida como uma forma de *respeitar* seus pais e suas convicções ou valores morais, embora também haja um sentimento de não serem por eles aceitos, já que ousaram romper com os padrões familiares prescritos.

Fabiana Noda (2005) encontrou em seu estudo com mães lésbicas esses mesmos aspectos descritos com essa palavra *respeitosa* para a relação que casais homoafetivos afirmam ter com seus familiares. Ter respeito, nesse caso, é não se mostrar como um parental que vive relacionamento homoafetivo. Entendemos que na concepção dos homens pais que mantêm envolvimento homoafetivo ser pai, ou seja ter filhos, há uma prescrição que é heterossexual, não cabendo a eles o confronto dessa ordem. E parece-nos que nosso participante entende que seria muito desrespeitoso viver na frente dos filhos que tem e de

seus próprios pais como alguém que desobedece a ordem instituída para um pai, que é a heterossexualidade.

...da minha sexualidade, então é uma questão de respeito, questão de não querer que ela saiba, que quando ela cresça que ela saiba... tipo assim, eu não estou preparado para assumir minha (bi) sexualidade diante de minha filha. Eu não quero que ela cresça sabendo que o pai dela tenha uma sexualidade diferenciada. (Nando, 34 anos, filha com nove meses)

Ressaltamos que um relacionamento próximo com os familiares pode acontecer independentemente de nosso participante ser ou não totalmente revelado, como descreveram Renato, Richard e mesmo Nábila. A homoafetividade é entendida por eles como “mostrada” ou talvez “subentendida” e muitas vezes não conversam abertamente sobre isso, não referindo problemas grandes na relação com os familiares. Ou seja, eles mantêm o *status quo*, a ordem.

Impondo sua homoafetividade aos familiares

Alguns outros participantes exibem uma característica pessoal de confrontar os familiares quando sentem que estes não os aceitam devido a sua homoafetividade, porque entendem que nada têm a esconder, nem do que se envergonhar; preferem falar e se mostrar. É o que pode ser percebido no relato de Pierre, que, mesmo sabendo que seria alvo de crítica, preferiu contar para a família que estava namorando um homem. Diz que compreende que a família fique chocada e manifeste sua opinião, embora exija que o respeitem também.

Com um mês de namoro, reuni pais e irmãos e botei a “boca no trombone”. Fui detonado por todos. Eu já sabia o resultado e paguei pra ver: ficaram 3 anos sem falar comigo em Natais, Reveillons, Dias dos Pais, Páscoas, Aniversários etc... Hoje me amam e respeitam. Eles têm seu tempo e isso deve ser respeitado. Pode(m) discordar, mas tenho comigo que se for para violentar os valores de alguém, que seja o dos outros. Não mato, não roubo, não cometo crimes... Tenho convicção de que meus valores estão corretos. (Pierre, 35 anos, filhos com catorze e nove anos)

Outro participante que também convive confrontando os familiares que manifestam uma rejeição homofóbica à sua revelação é Pery. Ele nos conta que sua mãe, embora saiba

de sua homoafetividade, não consegue aceitá-lo, às vezes parece respeitá-lo e o convida para jantar ou almoçar, outras vezes, o ofende e magoa, com sua rejeição:

Três vezes ela fez isso, a primeira vez, a segunda... “seu viado, você é a vergonha da família! Seus filhos, você pôs filho no mundo pra sofrer? Imagine a cabeça deles a hora que souber que o pai é viado. E não sei o quê... você vai morrer de Aids!”. (Pery, 42 anos, filhos com nove e doze anos)

Acrescenta que sabe que essa é a forma da mãe lidar com sua revelação, mas pensa que não é obrigado a ouvir calado, prefere então se afastar. Está em conflito com a mãe há mais de um ano por causa disso, entretanto também afirma que esses conflitos não são apenas fruto de uma reação homofóbica da parte dela. O relacionamento entre eles sempre foi difícil, desde criança se agredem mutuamente e diz que nunca se sentiu amado por ela.

Não há uma só maneira de um pai que mantém relacionamento homoafetivo lidar com sua família de origem. A família pode ou não aceitá-lo e à sua homoafetividade, que pode tanto ser não demonstrada, parcialmente demonstrada pelo convívio ou, em poucos casos, pode ser verbalmente revelada, o que pode desencadear um confronto agressivo desgastante, embora não haja relação causal. De forma geral, os nossos participantes não referem dificuldades acentuadas relativas à própria família de origem, poucos são totalmente revelados, embora para a grande maioria não haja um desconforto associado a isso. Ficamos então com a frase daquele pai que nos disse que sua homoafetividade “não é um assunto que diz respeito à sua família”.

Apenas Reynaldo e Rodrigo que já se revelaram para os filhos acreditam que vivem abertamente sua homoafetividade para os pais e familiares. Eles contam com seu apoio, suporte no cuidado dos filhos e nas rotinas da família. Eles contam ter passado pelo período inicial de distanciamento e afastamento, quando decidiram se assumir, mas hoje são respeitados e a relação é bastante satisfatória. Como trabalham em negócio próprio, têm algum poder aquisitivo e não exibem comportamento atribuído a homossexuais – ou seja, se enquadram no padrão para o masculino hegemônico, o que lhes garante a manutenção dos privilégios desse *status* – e também percebem que são respeitados publicamente e não se sentem ameaçados de perder o emprego.

Embora a família de origem seja referida por nossos participantes como o corolário do afeto e do cuidado, da concepção de vínculo entre pais e filhos, atualmente a convivência diária não é muito próxima, e talvez por isso mesmo não emerge como uma

grande fonte de conflitos. Sempre existe um ou outro membro que não os aceita, que os recrimina ou não os entende. Isso pode dificultar o idealizado convívio harmonioso, sobretudo quando todos estão reunidos, celebrando algum evento ou data familiar, uma oportunidade das divergências virem à tona.

O que podemos constatar neste estudo é que nem sempre a revelação da homoafetividade do pai para a família de origem é prenúncio de ausência de conflitos nos relacionamentos. Ao contrário, pode desencadear afastamentos ou confrontos agressivos e homofóbicos. Outro aspecto interessante, que a nosso ver atenua o mito da rejeição homofóbica da família de origem à revelação da homoafetividade do pai, é que o vínculo de afeto no relacionamento desponta como um aspecto facilitador da revelação aos familiares. Foi observado em nossos participantes que, quando a relação com a família de origem está pautada por troca afetiva, respeito, confiança mútua e por vínculos que foram sendo reforçados ao longo da vida, eles se sentiram aceitos e compreendidos, e não foram referidos conflitos ou afastamento devido à sua homoafetividade.

O relato de um dos pais sobre a conversa que teve sobre sua homoafetividade com sua mãe, uma mulher já idosa e de origem humilde, que o acolheu e aceitou, exemplifica essa discussão:

Nossa, nesse instante, eu já de pé, minha mãe se levanta e me dá um abraço e, abraçada e chorando me falou “Meu filho, claro que nenhuma mãe quer que seu filho seja gay. Mas, tenha uma certeza, meu filho, se você está feliz, sua mãe está feliz também...”.(Paulo Rubens, 38 anos, filhos com seis e sete anos)

Entendemos que para nossos participantes a aceitação incondicional e afetuosa por parte da família de origem poderia ser uma forma de aplacar seus temores e enfraquecer seus segredos. Não há como garantir que todos reajam da mesma forma, e sempre haverá diferenças; para alguns familiares é mais fácil, eles sabem que podem conversar; com outros, pode ser necessário mais tempo e, para alguns outros, pode ser que não seja necessário fazê-lo.

É assim eu tenho um filho que sabe de mim, tenho uma família que sabe de mim, eu não precisei chegar pro meu pai e pra minha mãe e dizer; sou gay, não precisei fazer isso! Renato (46 anos, filho com 23 anos)

O nosso participante justifica que não é necessário ter essa conversa franca, mas que os familiares sabem, sim, de sua homoafetividade. Entretanto, não manifesta na frente deles nenhuma atitude que denote que mantém relacionamento homoafetivo. Essa forma velada de viver a homoafetividade é a mais comum neste grupo de pais; ele acredita que é a forma implícita de todos os aceitarem e também, certamente, de não ir contra a ordem.

Comprendemos que o relacionamento harmônico que existe entre o pai que mantém relacionamento homoafetivo e sua família de origem; que o baixo nível de impacto de situações conflituosas estressantes; e, ainda, que a capacidade de comunicação aberta sem mal-entendidos, que fortalecem a confiança mútua podem ser facilitadores da revelação. É com base nessa relação que o pai avalia se quer ou se deve se revelar para essa família. Assim, muitas vezes, os próprios pais de nosso participante, alguns parentes, talvez nunca saibam abertamente sobre sua homoafetividade, porque ele pensa que deva garantir como homem e pai, o lugar que acredita ter construído naquela família. A relação com a família de origem é permeada por uma necessidade de manter a ordem heterossexual com a qual foram criados, na qual se tornaram pais e a partir da qual de alguma forma também organizam seu estilo de vida hoje. A nosso ver aí se instala uma contradição já que praticamente todos os nossos participantes referem terem-se aceitado e se assumido.

Ex-esposa

Uma característica relevante na vida dos participantes cuja paternidade é oriunda de relacionamento heterossexual é a permanência da mãe das crianças como alguém que pode interferir – facilitando ou dificultando – de forma significativa a relação dele e dos filhos após a separação e até mesmo no decorrer do processo de revelação. Seus relatos contêm muitas passagens descrevendo reações negativas e violentas da esposa ou da ex-esposa que se recusa aceitar a separação e/ou a homoafetividade. Essa mulher pode demonstrar com veemência que se sente traída, enganada, rejeitada, envergonhada porque esse homem não é quem ela pensava que fosse, porque seus projetos de amor romântico ruíram.

As mulheres dos participantes não foram entrevistadas, as considerações desta discussão emergem das percepções dos participantes ao avaliarem seu relacionamento com essas mulheres e como sentiram sua reação à sua homoafetividade.

As mulheres com quem a maioria se relacionou se apaixonou e teve filhos, manifestam, em geral, uma primeira reação de não aceitação de sua homoafetividade. Isso pode evoluir mais tarde para um convívio harmônico após a separação, que privilegia os filhos, mas que depende da relação que conseguem estabelecer desde sua vida conjugal. Os participantes descrevem que inicialmente as mulheres podem manifestar uma resistência à separação, podem fazer algum movimento ou pressão para que eles continuem no casamento, para que não assumam sua vida homoafetiva em detrimento da família, e até expressam a idéia de que “isso” pode ser uma coisa passageira.

De acordo com a percepção de Patric, Pierre, Percyval, Paulo Rubens, Norberto e Roberto Carlos suas mulheres demonstraram rejeição ou negação diante da revelação de sua homoafetividade, que aparentemente evoluiu para acentuados conflitos, dificultando a separação, o relacionamento do casal e até mesmo interferiu na sua relação com os filhos.

Outros participantes, entretanto – Pery, Richard, Renato e Rodrigo –, afirmam que suas ex-mulheres demonstraram uma frustração inicial logo que o casamento acabou, pareciam querer ter certeza de que essa era de fato uma decisão definitiva, como se quisessem ter certeza sobre a orientação homoafetiva que seu então marido anunciava, mas, posteriormente, voltaram a se entender, em benefício de todos, sobretudo dos filhos.

Parece-nos, pelos relatos dos participantes que veremos adiante, que a homoafetividade do marido pai não é entendida pelas esposas, num primeiro momento, como uma possibilidade de orientação sexual. A mulher pode estar reagindo numa tentativa de defender sua fantasia de amor romântico, seu casamento, visto como ameaçado por um aspecto percebido como doentio, negativo ou mesmo passageiro da sexualidade que ele está anunciando.

A literatura (BRICKEY & GELNAW, 2007) tem apontado que é comum algumas mulheres quando sabem da homoafetividade do marido – porque os flagram, ou porque eles contam – reagir com extremo rancor e decepção. Elas se sentem enganadas, frustradas, rejeitadas e podem durante um longo tempo ficar nessa posição dificultando ainda mais o processo de separação e a aproximação entre seus filhos e o pai.

Reação negativa da ex-mulher à homoafetividade do marido

Para alguns de nossos participantes, maridos e pais, a reação violenta explícita da esposa é uma tentativa de pressioná-los para que não deixem o casamento, para que não

sigam sua orientação homoafetiva; pode ser percebida também como uma forma de punição porque seriam o “culpado pela dissolução do casamento”. Ele vê a recusa da esposa em dar o divórcio, mantendo intermináveis processos, ameaças de contar no emprego, à família e aos filhos, como uma tentativa para que ele “desista” de seguir essa orientação homoafetiva e permaneça na relação, no casamento, ou mesmo em casa com a família. Nesse caso – como pode ser observado no excerto da fala a seguir – ele sofre, se sente pressionado, se revolta com relação a essa situação; acusa sua ex-esposa de impor-lhe o afastamento dos filhos, de problemas financeiros e vive um acirrado conflito familiar, podendo mesmo adoecer.

De verdade não sei se um dia voltarei a ser pai... porque hoje não acredito que sou ...não desempenho este papel... fico imensamente triste e deprimido com isto.... não vou mentir, mas muitas e repetidas vezes o meu impulso de vida é tão pequeno que chega a ser desprezível... soma-se aí a vontade de deixar de viver ... na ausência de meu filhos ... que se eu for pensar bem foi o projeto de minha vida ..., foi para tê-los que abri mão de mim... (Norberto, 45 anos, filhos com nove e doze anos)

Norberto vive um processo litigioso há três anos e hoje está afastado dos filhos. Sua disputa e briga com a ex-mulher aconteceram durante o processo de separação, quando já não morava mais em casa, após ser flagrado por ela e pelo irmão dele quando fizeram uma varredura no computador que ele usava para seus contatos com homens. Isso foi usado no dia da audiência do divórcio para pressioná-lo a abrir mão de todos os bens e da companhia dos filhos. Ele ficou extremamente fragilizado, amedrontado, aceitou todas as imposições. Hoje, passados mais de cinco anos, ainda teme que a esposa use sua homossexualidade para afastar os filhos dele, e acha que acabou afastando de fato, já que eles estão morando em outro estado e desde então não teve mais nenhum contato.

Pierre diz que os conflitos com a ex-mulher de quem está separado há mais de dois anos hoje se expressam por inúmeros processos por causa de pensão, guarda e acusações infundadas, injustas de maus-tratos aos filhos; segundo ele, a ex-mulher não se conforma de terem-se separado. Afirma que sua separação antecedeu sua revelação, que não foi devida à sua orientação sexual, que seu casamento já estava desgastado. Só assumiu sua orientação homoafetiva depois de separado, quando se apaixonou e foi viver com o então companheiro. Sente-se injustiçado, sofre com a distância da filha e diz que a ex-mulher conseguiu “fazer sua cabeça”, pois ela se recusa a vê-lo e a falar com ele desde o processo de violência e exposição abusiva, do qual foi inocentado:

Um dia as coisas mudarão, porque a verdade sempre vai prevalecer sobre a mentira e a sacanagem. Vivi da maneira mais digna que posso e só tenho que aguardar. (Pierre, 35 anos, filhos com catorze e nove anos)

Alguns pais conseguem demonstrar compreensão com essa fase de revolta da ex-esposa no momento que se revelam e se separam. Renato, que decidiu “enfrentar a verdade”, não levar vida dupla e contou para sua então esposa que estava saindo de casa porque ia viver com um homem, por quem tinha-se apaixonado, diz que ela ficou furiosa, que viveu uma loucura, que contou para seus irmãos, amigos, para a família dela, porque ele estava saindo de casa, entretanto ele entende que é seu direito ficar assim e justifica:

Eu também vivia a minha loucura então ela tinha direito de botar pra fora os demônios dela, eu tenho que respeitar, se eu fui homem pra sentar na frente dela e falar que eu estava indo viver com outro, sem pensar se eu estava destruindo essa pessoa, eu tinha que dar o direito dela reagir como ela bem entendesse. (Renato, 45 anos, filho com 23 anos)

Mesmo reagindo num primeiro momento negativamente, o que Renato reconhece como compreensível em face da situação que se deflagra diante de uma revelação abrupta, não houve necessariamente uma interferência de sua ex-mulher em sua relação com o filho. Ele, o filho e o companheiro sempre foram muito próximos; durante os dez anos que viveram como casal os três tiveram oportunidade de viajar, passar férias, fins de semana, embora não tivesse se revelado para o filho.

Essa mesma compreensão pela reação negativa da mulher diante da revelação da homoafetividade do marido também pode ser observada nos relatos de Patric, que acredita que sua ex-mulher ainda o ama e não consegue assimilar essa informação:

Depois que contei, ela achou (talvez ainda ache) que eu fiquei ‘doente’, que tive uma ‘crise’, que deixei de ser eu mesmo... quando só deixei de ser o marido dela... e que também eu me ‘recuperaria’ e voltaria pra ela, voltaria a ser o ‘homem de antes’”. (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

Ele também demonstra que o primeiro momento de sua revelação para a ex-mulher foi bastante traumático:

Acho que ter dito claramente pra ela que assumi a homossexualidade contribuiu de alguma forma para a situação (de conflito que está vivendo com a ex-mulher), tenho discussões horríveis com ela, já ouvi disparates que até o diabo treme. (Patric, 42 anos, filho com seis anos).

A reação agressiva da ex-mulher, sua recusa em aceitar a separação e sua homoafetividade é também percebida como uma ameaça à ulterior revelação ao filho:

Minha ex sente vergonha de tudo, e acredita que ele também terá vergonha do pai. mas tenho esperança – tenho de ter... – de que conseguirei com o tempo que ela veja as coisas mais claras. (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

Atualmente, Patric, há três anos separado, considera que os conflitos do início de sua separação estão mais brandos. Ele tenta manter um convívio social com sua ex-mulher para que não haja prejuízo em sua relação com o filho, com quem convive apenas nos fins de semana e nas férias. Ele diz que compreende a reação de sua ex-mulher, embora não goste, e aguarda pacientemente que ela consiga entender sua posição e também sua orientação:

...e acho que ter sido sincero com ela de algum modo a ajuda a lidar com isso: fui sincero sobre o que fiz depois da separação, como fui sincero no amor que senti por ela por quinze anos. Do jeito dela, ela vai resolvendo essas coisas. (Patric, 42 anos, filho com seis anos).

Outros pais também referem conflitos com suas ex-mulheres associados ao anúncio de sua homoafetividade e divórcio: Percyval, que há dois anos vive um divórcio litigioso, embora nunca tenha falado abertamente sobre sua homoafetividade, foi processado e se sente ameaçado de não poder ficar perto do filho; Paulo Rubens vive longe dos filhos e pensa pedir a guarda legal, também enfrenta conflitos relacionados à sua separação, embora afirme que esta não está associada à sua homoafetividade, que só foi vivenciada já separado e mais tarde.

As reações negativas da ex-mulher em face da revelação da homoafetividade de seu marido e ulterior divórcio são relatadas na literatura (GATES & JASON, 2004; GARNER, 2005) como componentes que estressam mais o processo como um todo podendo de fato reverberar na relação com os filhos, sobretudo quando a mãe da criança é que detém a

guarda e é desfavorável à revelação. Os autores assinalam que é indicado que todo processo de divórcio priorize as crianças, os filhos, para que não haja dificuldades acentuadas na superação dessa fase em seu desenvolvimento, e também para que os conflitos não impliquem afastamentos e perda de contato por parte de um dos cônjuges, neste caso o pai.

Entendemos com nossa pesquisa que, de fato, pode ser compreensível essa reação negativa, em face das perdas que essa ex-esposa experimenta com o divórcio seguido da sua tomada de consciência da homoafetividade de seu marido. A capacidade de um relacionamento harmônico de um casal, em especial ao lidar com os estressores do momento de separação, não ficam associados apenas à reação adversa da ex-esposa, em face da homoafetividade do pai de seus filhos. Os sistemas conectam-se, não há como separar as causas e as conseqüências de todo o processo. Entretanto, constatamos que de fato as reações negativas, adversas das ex-esposas de Percyval, Norberto e Pierre, associadas à sua homoafetividade, interferem atualmente em seu contato com os filhos e mesmo na decisão e na revelação de sua homoafetividade a eles.

Tolerância da ex-mulher: manter o ‘respeito’ pelo casamento

Alguns participantes afirmam que a pressão exercida pela esposa sobre eles para que permaneçam no casamento e não assumam a homoafetividade pode ser até mesmo na forma de uma tolerância com relação às suas práticas homossexuais. Roberto Carlos diz que sua esposa vem reagindo com resistência, porque não aceita que ele saia de casa para viver com outro homem e também não quer a separação. Até hoje está casado com a esposa, por quem diz ter sido sempre apaixonado, e que há mais de dez anos sabe de seu interesse por homens e de seus “casos”.

Nessa época minha filha estava com quatro anos e eu vivia uma vida gay intensa, minha esposa descobriu mas mesmo assim me deu mais uma chance. Ela me ama e sempre vai me amar. Amo ela também, mas não mais como homem/esposo e sim como amigo, ela é uma pessoa incrível, sempre me dando forças pra lutar, mesmo não entendendo e não aceitando na totalidade que casou com um gay. (Roberto Carlos, 47 anos, filha com dezessete anos)

Através de atividades da igreja e aconselhamentos terapêuticos o casal tentou mudar e curar aquilo que entendiam ser um “desvio” e assim voltar à sua antiga vida de

casados. Hoje ele está ciente de que deve se assumir e se separar, mas está enfrentando um grande conflito tanto com a esposa, que o pressiona, ameaça e faz chantagens (não trabalha, fica doente, diz ter problemas financeiros, não quer se separar) quanto com a filha, que não conseguiu assimilar a revelação de sua homoafetividade, o agride, não quer deixá-lo sair de casa, tem crises e adocece.

A referida pressão para não sair do casamento através da tolerância da homoafetividade também pode ser apreendida nos relatos de Pery, que continuou casado depois que sua mulher permitiu que tivesse seus casos extraconjugais com homens, contanto que não ameaçasse o casamento:

...nós continuamos casados por mais cinco ou seis anos, e nada mudou, a única coisa que mudou é que ela sabia que eu tinha os casos. Eu também não ia ficar ah! que legal hoje eu vou sair com um cara! Eu nunca cheguei fora do horário em casa,... como eu falei, respeitando o casamento. (Pery, 42 anos, filhos com doze e nove anos)

Embora Pery tivesse a aquiescência de sua mulher para ter seus “casos com homens”, essa tolerância não foi suficiente para mantê-lo no casamento. Ele conta que este acabou devido à sua necessidade de ser sincero consigo mesmo e com seus sentimentos, assumindo sua homoafetividade, e mantendo sua relação com a ex-mulher, mãe de seus filhos num patamar de “respeito” e amizade.

A tolerância da esposa diante do interesse e da atração por homens que o marido está demonstrando, ou mesmo sua posterior reação perante a separação, também são encontradas na história relatada por Rodrigo. Ele afirma sempre ter tido com sua mulher uma relação transparente e “respeitosa”, que desde quando eram namorados ela sabia de seu interesse por rapazes, embora tenham-se casado porque se apaixonaram. Numa tentativa de manter seu casamento e justificando isso com o amor que sentia por ele, sua esposa “permitiu” que mantivesse casos, entendidos por ela como “necessidade física”, mas Rodrigo diz que não se sentia bem, e optou por assumir sua homoafetividade e se separar.

Meus primeiros encontros foram nos últimos anos do casamento e ainda tivemos uma conversa franca do que estava ocorrendo, e ela não via a questão de eu ter encontros furtivos com outros homens como uma traição, e sim uma necessidade física que ela não podia suprir, e de uma forma ou de outra acabava aceitando, para mim hoje isto foi uma loucura, mas para

uma mulher apaixonada ela fe, e até o dia que nosso casamento terminou ela lutou de todas as maneiras para ficarmos juntos. (Rodrigo, 38 anos, filhos com treze e onze anos)

O privilégio de usufruir de um relacionamento de confiança dentro do casamento é uma construção; o casal enfrenta ao longo do ciclo vital situações de crises, esperadas ou não, depara com diversos conflitos, que podem estressar o relacionamento, como é o caso da separação, que não se referem apenas à homoafetividade do marido. Pery e Rodrigo se dão conta disso e orgulham-se da relação que construíram com a ex-mulher, mãe de seus filhos, e cujos beneficiados são eles mesmos e a relação com os filhos:

Diferentemente das outras ex-s que a maioria tem, e não pensam que isto é exclusividade de nós gays, porque tenho vários amigos heteros que passam pelos mesmos problemas, eu tenho uma relação excelente e de amizade com minha ex, nosso objetivo principal é que nossos filhos não sintam em nada a questão de sermos separados e tudo que fazemos ou pensamos hoje tem este objetivo comum. (Rodrigo, 38 anos, filhos com treze e onze anos)

Nos relatos de Pery e de Rodrigo percebemos que, a despeito da suposta tentativa inicial de suas mulheres de “não abrir mão de seus maridos” e do casamento, aceitando que tivessem casos, atualmente existe – e eles contam que isso sempre existiu – uma relação amigável, de aliança, com baixo conflito, que privilegia o cuidado e a criação dos filhos.

Richard, que não se refere a conflitos relacionados à ex-mulher durante seu casamento, tentou também manter um bom relacionamento no divórcio. Sempre foram muito amigos, e até hoje têm uma relação bastante “especial”. Moram próximos para que ninguém tenha dificuldade nos cuidados compartilhados que dispensam à filha que têm em comum; eles são também referência nos trabalhos direcionados à comunidade que coordenam. O interessante na história de Richard é que pode fazer a diferença na relação que mantém com a ex-mulher é que ela, assim como ele, também se assumiu num relacionamento homoafetivo e está vivendo com uma companheira.

Há uma diversidade de relacionamentos possíveis de serem construídos com as mães dos filhos de nossos participantes durante e depois do período de divórcio. Os casais que viveram uma separação conflituosa relacionada à revelação da homoafetividade do pai podem tender a se manter nessa pauta de relacionamento durante muito tempo, em detrimento do bem-estar dos filhos, como assinalamos nos relatos de Percyval, Pierre, Norberto e Paulo Rubens. Sabemos, entretanto, que isso não está associado apenas, de

forma linear, a uma presumida recusa da ex-mulher em aceitar a homoafetividade do pai de seus filhos. Há outras situações na vida do casal, como o próprio divórcio, além da dinâmica de relacionamento, da maneira como foram construindo seus enfrentamentos de crises e conflitos ao longo da vida conjugal.

Essas situações descritas na relação do pai que mantém relacionamento homoafetivo e a ex-mulher, quando esta toma conhecimento de sua homoafetividade, estão consoantes com a literatura (BUXTON, 1994; BARRET & ROBINSON, 2000; GARNER, 2005) e são de fato referidas como estressores de alto impacto para o relacionamento pós-divórcio e para a futura relação com os filhos. Consideremos a relevância desses estressores, à medida que podem ressoar no relacionamento ulterior com a prole, bem como no processo de revelação da homoafetividade pai--filho.

A atitude de “respeito” – descrita como presente e relevante em alguns relacionamentos num casamento funcional e com baixo nível de conflitos – pode ser também analisada como mais um indício da concepção heteronormativa que rege seus relacionamentos, família, conjugalidade e parentalidade.

O casamento de alguns de nossos participantes – Pery, Roberto Carlos e Rodrigo – foi mantido por muitos anos numa relação harmoniosa com sinceridade, companheirismo, priorizando o bem-estar dos filhos, sem demonstração do interesse pelo mesmo sexo. Entretanto, quando esse interesse surgiu permaneceu por um tempo e de forma implícita uma permissão para que o marido-pai pudesse “manter às escondidas” seus contatos com homens, porém “respeitando o casamento”: o certo, o esperado, o correto para um homem, que é marido, pai, é se relacionar heterossexualmente e as relações homoafetivas seriam presumidamente desrespeitosas à família, casamento, paternidade.

Tentar entender o significado da demonstração de relações extraconjugais homoafetivas para o casamento heterossexual que um homem pai constituiu pressupõe investigar de modo mais profundo cada um dos envolvidos nessa relação. O que sabemos pelo relato apenas de nosso participante é que como um homem, marido e pai “seria permitido” ele ter encontros às escondidas com o mesmo sexo, contanto que mantivesse o “respeito”, ou seja, não se mostrasse homoafetivamente interessado, não se exibisse em público. O que no momento não é possível compreender é o que a mulher, esposa e mãe que está compondo com ele essa conjugalidade realmente pensa, sente e quer.

Relacionamentos hoje: companheiros e filhos

Pretendemos nesta última parte deste capítulo levantar alguma discussão sobre masculinidade, paternidade e homoafetividade. Como estes homens constituem sua família atualmente, como se dá esse convívio, como é ser homem, ter filhos e manter um relacionamento homoafetivo. Tentamos ampliar um pouco mais uma das discussões que já levantamos no decorrer deste capítulo que é a não exibição do afeto na demonstração do relacionamento homoafetivo que nosso participante mantém.

Tentamos entender ainda o que é para o nosso participante manter relacionamento homoafetivo e ser um homem que é pai de homem. Existiriam diferenças na paternidade homoafetiva?

Talvez relacionada à necessidade de preservar a relação homoafetiva que estão assumindo, que assumiram ou que, mesmo tendo assumido, não pretendem revelar, os nossos pais participantes não têm uma só forma de estar na família que hoje constituem. A presença ou não de namorados ou companheiros, além da condição deles serem ou não o parental que detém a guarda ou o que apenas exerce seu direito de visita, são aspectos marcantes em sua rotina de relacionamento com a família atual. O fato de terem ou não revelado sua homoafetividade aos filhos – deles pretenderem ou não revelar – é um fator importante porque pode interferir na forma como o companheiro ou o namorado irá aparecer na relação com os filhos e na rotina doméstica.

Ter companheiro é visto como uma necessidade para a maioria de nossos participantes, sendo sim considerado um facilitador para a revelação. A grande busca de alguns desses pais é uma relação homoafetiva significativa e duradoura.

Existe um ideal de um relacionamento de compromisso. Querem se apaixonar de fato e ter um relacionamento, alguém com quem pudessem coabitar ou trazer para junto dos filhos e apresentá-lo como seu companheiro. Alguns dizem que a partir do momento que se assumem num relacionamento homoafetivo querem mostrar isso, e viver abertamente essa relação.

...a partir daí dá prá ser feliz, ser feliz como pessoa, ter alguém, um porta retrato à beira da cama. (Reynaldo, 44 anos, filha com onze anos)

Os participantes que hoje só namoram, ou “ficam” e estão buscando relacionamentos significativos são Renato, Rodrigo, Pierre, Pery e Nando. Eles discutem

sobre uma dificuldade de encontrar essa pessoa, acreditam que os homens em geral têm facilidade com envolvimento fugazes com outros homens quando estão se divertindo, mas simplesmente “ter casos” não é suficiente. Dizem que há uma dificuldade em quebrar esse estigma, porque às vezes é até mais cômodo e menos comprometedor não trazer ninguém que ameace o clima familiar que gostam de manter em casa devido aos filhos que também têm seu espaço ali.

Preferem morar junto, sendo esse o grande objetivo do relacionamento, embora exista também a alternativa de morar separado se essa situação visar a preservar a rotina doméstica da família. Nardini, Roberto Carlos, Patric e Reynaldo vivem essa realidade hoje, embora já tenham também morado juntos. Reynaldo explica que seu companheiro de cinco anos, a quem carinhosamente chama de *namorado*, prefere não interferir em sua relação com sua filha e reside em outro local. Eles fazem tudo junto, viajam, se divertem, são sócios no trabalho, se vêem e se encontram diariamente, muitas vezes dormem juntos, tanto faz se é na casa de um ou de outro:

Ele divide um apartamento com outro amigo, e ele não consegue morar sozinho, emocionalmente é inseguro. Liga de 15' em 15', não fica só.
(Reynaldo, 44 anos, filha com onze anos)

Embora “ter um companheiro” seja referido como uma estratégia para alguns pais que pretendem revelar, para outros pais que têm companheiros esse recurso pode não significar que eles se comportem como o companheiro homoafetivo dele pai. Apesar da relação agradável, próxima e prazerosa, sem conflitos que dizem acontecer entre os filhos e seus companheiros, os filhos não o vêem como o companheiro homoafetivo de seu pai. Norberto e Newton, que não querem revelar, Percyval que pretende revelar e Richard, que já revelou residem com o companheiro, embora tenham seus quartos separados. A referência a essa particularidade é que assim preservam seus filhos e à sua intimidade, não expondo os filhos.

Percyval que é um típico representante da manutenção de segredos, porque assim preserva seu status hegemônico, descreve que a visibilidade do relacionamento homoafetivo não é bem vinda nem para ele tampouco para seu companheiro, com quem co-habita já há mais de cinco anos. O receio é que o filho e mesmo sua carreira possam ser prejudicados com essa visibilidade, o que justifica o subterfúgio de terem quartos separados.

...por que o meu companheiro, morre de pavor, de ele ser o responsável pelo meu filho descobrir, é uma coisa dele... Já melhorou muito, mas assim, quando nós nos conhecemos, quando eu fui promovido na minha empresa, que é uma empresa, multinacional, tradicional, extremamente preconceituosa e eu fui promovido para um cargo de diretoria, ele queria romper, por que ele achou que ia prejudicar minha carreira e assim eu que tive que fazer a cabeça dele de que ele não tinha nada a ver com isso, que a situação era minha. Entendeu... ainda bem que eu tinha ele. (Percyval, 43 anos, filho com dez anos)

Alguns outros participantes, como Pedro José, Nábila e Nivaldo, não estão hoje muito preocupados com a busca de um companheiro, ou de um relacionamento homoafetivo; não há referencia de que hoje isso seja importante para eles. Nivaldo, que é viúvo, diz que o único relacionamento significativo que teve com um homem, com quem coabitou durante cerca de três anos junto com suas filhas, foi já há cerca de cinco anos. Depois e antes disso teve envolvimento fugazes, de pouca importância. Hoje está namorando uma mulher e estão pensando em casamento.

De todos os participantes apenas Newton mora com seu atual companheiro e os filhos que adotou logo que se separou de um companheiro anterior, com quem viveu dez anos e com quem não conseguia mais se relacionar numa dinâmica conjugal satisfatória depois da vinda dos filhos. Afirma que quando construiu essa casa já o fez visando a um ambiente em que pudesse estar à vontade com os filhos, mas que também tivesse sua intimidade com o companheiro preservada.

Newton e seu companheiro, juntos há mais de seis anos, são bastante próximos, vivem como qualquer família. Os filhos e o companheiro, que é muito afetuoso, relacionam-se com afinidade e proximidade, conversam, jogam, brincam; Newton diz ser mais autoritário e exigente, mas todas as responsabilidades são dele, que adotou, e ambos preferem que seja assim. Pudemos constatar essa característica de seu relacionamento familiar no dia em que realizamos a entrevista em sua casa. Durante todo o tempo em que estivemos lá, seu companheiro e os dois filhos jogavam vôlei aquático na piscina e Newton, atento às brincadeiras, chamava a atenção dos três para que a bola não acertasse suas plantas, tendo mesmo ameaçado num tom autoritário, embora carinhoso, de tirar-lhes a bola, e brincando diz:

Você vê, eu tenho três crianças em casa, aqui é assim, eu faço o papel de quem toma conta e ele é mais o que brinca. (Newton, 45 anos, filhos com nove e onze anos)

Para a maior parte de nossos participantes, mesmo que o filho não saiba que aquele é um namorado ou companheiro de seu pai, o companheiro em geral é referido como alguém que ajuda na relação com o filho e que apoiaria no caso da revelação. Para os filhos (que ainda não foram informados abertamente da homoafetividade do pai), o companheiro é um grande amigo que divide o apartamento com o pai, que também viaja junto e participa de grandes datas comemorativas. Os namorados também são apresentados como amigos. Não há demonstração de nenhum tipo de afeto na frente dos filhos que possa explicitar a homoafetividade, embora para três deles os filhos percebam que essa pessoa é diferente dos outros amigos, mais próxima e presente.

Um aspecto que observamos neste estudo, que está consoante com alguns trabalhos sobre companheiro do parental cuidador (SOUZA & LIMA, 2007), é que os companheiros desses pais não desempenham necessariamente funções de responsabilidade no cuidado das crianças.

Destoando desse mesmo estudo, e segundo o relato dos pais, eles não manifestam desejo de co-dividir a responsabilidade legal nas duas situações de adoção. Isso também é referido por aqueles outros companheiros que se relacionam com os pais biológicos das crianças. Mesmo assim, eles não se furtam aos cuidados que podem direcionar às crianças, fazem serviço de motorista quando necessário, saem para fazer compras, viajam todos juntos, se divertem em casa com filmes, jogos, brincadeiras. Tivemos a oportunidade de constatar essa situação enquanto realizávamos a entrevista na casa de um dos participantes, seus dois filhos adotivos brincavam animadamente com seu companheiro na piscina da casa.

Os companheiros – ou “namoridos” como denominam – e namorados não são referidos como fonte geradora de conflitos. Quando os conflitos surgem os companheiros se afastam ou são afastados, o pai opta por não se afastar dos filhos. Eles parecem fazer parte dessa família de uma forma pouco atuante e mais neutra, porque na realidade não dividem como casal o cuidado dos filhos, mesmo porque apenas quatro pais estão exercitando esse cuidado direto através da guarda que assumiram e destes apenas dois têm companheiro. Newton, o único que co-habita com o companheiro e os filhos, embora em quartos separados, não tem intenção de revelar sua homoafetividade aos filhos, tampouco

pretende contar sobre seu companheiro. Sob essa ordem privilegiada, mantida dentro dos padrões tradicionais hegemônicos para a paternidade e masculinidade, parece que de fato nenhum tipo de incômodo ameaça concretamente a harmonia de sua família não convencional.

Ser homem com relacionamento homoafetivo e ser pai de homem

Esta é uma discussão interessante, que emerge como um dos pivôs de nosso trabalho. Considerando o peso dos valores heteronormativos que permeiam a masculinidade, pode haver alguma diferença no processo de revelação da homoafetividade de um pai dependendo se ele é pai de homem ou de mulher. A diferença não teria apenas relação com o que a literatura aponta (BAILEY & DAWOOD, 1998), que é o mito de que os pais gays poderiam abusar de seus filhos homens, embora eles também levantassem esse aspecto de seu cotidiano. Esse tipo de reflexão sobre sua própria concepção de masculinidade, quando de sua revelação para os filhos, é feita pelos participantes no grupo e também pelo *e-group*. Eles acreditam que há exigências internas diferentes para se revelar, falar de sua própria homoafetividade com filhos homens:

Ser pai de um homem exigia que eu me conhecesse e me definisse como homem. Tirar a homossexualidade daquele lugar escondido. Reconhecer que sou um homem que tem esse relacionamento homoerótico. (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

Eles acreditam que é responsabilidade do homem que é pai a transmissão de valores do masculino para o filho homem, ou seja, que devem educar e ajudar a formar outro homem; que existe um peso maior e diferente do que está implicado na formação das meninas. Essa sua preocupação reforça nossa análise. Há aspectos heteronormativos que sustentam a paternidade; os valores internalizados são os heterossexistas, que promovem e mantêm privilégios do masculino hegemônico.

Eles se orgulham de que seus filhos poderão ser menos homofóbicos, mais flexíveis e receptivos com relação à aceitação das diferenças. Acreditam que poderão se tornar homens mais afetuosos e que as antigas regras machistas poderão ser quebradas porque procuram educá-los para uma realidade menos rígida, que leva em conta e respeita as diferenças.

Mas, para eles mesmos, homens e pais que cresceram, foram educados e se tornaram homens segundo essa ideologia heteronormativa, parece que fica difícil pensar e agir de outra maneira. Ao tentar criar um filho diferentemente disso, podem cair na mesma rede que os aprisiona, já que diferenciam os cuidados devidos à criação de homens e de mulheres e ainda por um sentimento de “respeito” – provavelmente também às mesmas regras heterossexistas internalizadas que obedecem – não demonstram seu homoafeto diante dos filhos.

Nossa análise sugere, e nisso Gary Sanders (1994) nos respalda, que a herança patriarcal e os valores e os ensinamentos tradicionais nos quais eles, como homens, foram educados engendram dificuldades no enfrentamento da homofobia internalizada e no processo de se assumir homoafetivamente.

Não sei ainda se essas minhas visões de tragédia são uma herança da minha mãe..., se são causadas ainda por problemas de aceitar minha condição de homossexual, se são resquícios do processo depressivo pelo qual passei, ou uma soma dessas razões e de algumas outras. (Percyval, 43 anos, filho com dez anos)

O grupo reconhece que há grande dificuldade em passar valores, que existem os estereótipos negativos associados à homoafetividade, embora acreditem que seu próprio exemplo seja o melhor caminho. Eles desejam e procuram agir com sinceridade e lealdade na relação com seus filhos, revelando que gostam de homens mas que são íntegros, honestos e pais amorosos. Ainda assim persiste a necessidade de o filho discernir entre o que o pai é, mostra e fala, daquilo que vê lá fora: em geral, pode não ser isso que a mãe fala, nem o que a sociedade prescreve, sendo ainda bastante raro ver o próprio pai num relacionamento com manifestação natural e espontânea do afeto que sente por outro homem. Neste grupo de homens pais, nenhum consegue agir dessa forma diante do filho, embora tenham essa vontade.

Nesta discussão, parece-nos que eles apontam a própria necessidade de questionar e revisar os valores da família e da sociedade apoiados na heteronormatividade e no heterossexismo. Eles ainda supõem que os valores são mais severos quando se trata deles como homens e pais de homens. E, indecisos, não sabem como trabalhar a educação de homens, desnudar seus filhos homens desse pesado manto que o torna homem mas também o enfraquece; é nosso entendimento que eles não conseguem diferenciar o lugar

do homem se não tiverem a concepção de masculinidade e hegemonia. Por que seria diferente “ser pai de homem”?

Aquele pai sabe que existem dois longos processos, o dele como pai e o do filho porque tem um pai que se revela homoafetivamente. Não basta a sinceridade e a coragem para se assumir e se revelar para seu filho, já que ele sabe que este terá de enfrentar a crueldade do ambiente homofóbico, preconceituoso e pode sim sofrer. Apesar de seu filho ter a chance, como homem, de crescer sem essa rígida concepção heterossexista de masculinidade, ser um homem e pai que se identifica homoafetivamente, pressupõe uma grande revisão das próprias definições do que é masculinidade, para que ele possa como pai que mantém relacionamento homoafetivo, se assumir, se revelar e conversar sobre isso com o filho

Lidando com masculinidades

O excerto da fala de um dos participantes exemplifica os pontos cruciais de enfrentamento típico de um pai que mantém relacionamento homoafetivo e como essa essência de sua natureza masculina deve ser trabalhada na relação com seu filho.

...tive de me confrontar conscientemente com o que sou, com o que é meu desejo, com o que é minha natureza (ou essência), passar pela dor do auto-conhecimento, e não simplesmente aceitar aquilo que os outros dizem que devo ser. Esse exercício difícil e permanente de consciência define (constrói, molda, dá identidade) a minha masculinidade, que é minha mesmo, e não dada pela sociedade. E sem ela não é possível, pra mim, ser um bom pai. (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

Como pode ser apreendido, é o peso da ideologia heteronormativa com o qual esse homem foi educado, cresceu e viveu, que engendra seu estilo de ser pai e também do cuidado que realiza. É no âmbito do privado, da vida familiar, que se forjam os principais organizadores da vida humana e, conseqüentemente, da masculinidade, daquilo que um homem aprende que deve ser. A vida diária familiar é um espaço de troca de cuidados, de transmissão de valores morais e sociais, de relações e afetos. É esse também o espaço em que se constrói e molda o masculino sob a égide da heteronormatividade. Como assinala Sue Kentlyn “o domínio privado é considerado como o contexto mais adequado para expressões de relações *queer* – que rompe com a prescrição heterossexual e aceita

diferentes expressões de sexualidade e gênero – mas é também o lócus embrionário da ideologia e da prática heteronormativa” (KENTLYN, 2007: 66).

Neste estudo isso é evidenciado nas relações tradicionalistas de uma típica família nuclear. A família nuclear é a instituição heteronormativa padrão, sendo responsável pela reprodução da espécie, tanto biológica como cultural, e também pela formação da prole, daqueles filhos(as) gerados(as) que deverão ser os homens e as mulheres da futura sociedade. Existe um *script* que como homens e pais eles devem seguir.

Nada mais terrível que o fantasma que um pai gay pode vislumbrar do que não ser aceito / respeitado pelo filho. Eu tenho esse medo e acho que todos têm. Eu poderia ser discriminado por 99,9% do mundo, mas seria muito doloroso não vir a ser respeitado por meus próprios filhos e por isso tenho grande preocupação de transmitir, agora mais do que nunca, por ser homossexual, valores humanos, principalmente voltados a minorias (gays, deficientes físicos, negros e etc). Olha, a principal característica de ser pai e homossexual está em ser um ser humano ainda mais humano. (Paulo Rubens, filhos com seis e sete anos)

Nessa fala, a nosso ver, fica claro que um dos principais desafios de ser um pai que tem relacionamento homoafetivo é lidar com essa realidade junto ao filho, tentando manter os privilégios da condição masculina hegemônica. Parece-nos que, embora os homens de nosso estudo desejem trabalhar em seus filhos outros *scripts*, diferentes possibilidades de um homem ser homem, considerando também a homoafetividade e não apenas a heterossexualidade como expressão de masculinidade, nem sempre eles conseguem realizar isso de forma explícita.

Como contar ao próprio filho que seu pai é um homem “não heterossexual”?

Embora isso permaneça como um desejo e até como necessidade, visto que eles são exemplos vivos desse homem, eles não estão seguros de como travar essa temida conversa; pode ser que não tenham sido forçados para realizar esse feito e teriam de criar seu próprio jeito de fazer isso. Talvez, por esse motivo, justifiquem sua revelação para os filhos como um dos pontos cruciais de resolução de seu masculino: com o pai que tiveram, do pai que são para seu filho e da relação que têm com outro homem. São relações de homem com homem. Falar com o filho sobre isso, viver isso com ele, é ter isso muito bem resolvido internamente como homem que eles são.

Fui percebendo aos poucos que assumir a homossexualidade estava intimamente ligado com assumir a paternidade. É mais fácil ser um pai “normal”, né? É mais fácil para um heterossexual assumir a paternidade, porque isso vai ao encontro do que espera a sociedade, e pode ser feito até de modo mais ou menos inconsciente. No nosso caso, isso exige um enorme esforço plenamente consciente, temos de nos inventar e reinventar diariamente, não dá pra fazer”como todo mundo faz”. Não sei se estou explicando bem... Não acho que sejamos pais diferentes de qualquer outro pai, a designação “pai homossexual” só tem sentido para mim mesmo, não para a relação com meu filho. Eu sou pai dele, ele é meu filho, com todos os direitos, deveres. (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

Podemos perceber que não existe para eles um sentido nessa nomenclatura “paternidade homoafetiva”; nisso entendemos que eles são pais como qualquer outro “pai moderno” que desde Michael Lamb (1986) vem sendo dessa forma denominado. A homoafetividade é sem dúvida um diferencial, mas que nosso participante entende que não o torna nem mais nem menos pai do que ele já é, embora o obrigue, como pai, a trabalhar isso na relação com seu filho.

Aquele pai que não se revelou e não quer fazê-lo pode não experimentar esse desafio junto ao seu filho, embora um segredo por muito tempo guardado possa ser usado por terceiros como uma ameaça e a revelação da homoafetividade para o filho acaba permanecendo como uma possibilidade que a qualquer momento deverá ser enfrentada. Vimos na história de Renato, que acreditou que não seria necessário se revelar ao filho, que este, quando estava com 22 anos, o questionou e finalmente tiveram aquela conversa descrita por ele como muito temida.

Ele soube pela mãe aos 22 anos que tentou jogar sujo, num momento de ira, pois achava que iria conseguir afastá-lo de mim contando da minha homossexualidade... (Renato, 45 anos, filho com 23 anos)

Podemos compreender que para alguns de nossos participantes uma conversa de “homem para homem” que pode ser levada a cabo com seu próprio filho e que vai tocar no substrato da definição de sua própria masculinidade – hegemônica – pode ser difícil e por muito tempo adiada, ou talvez mesmo nunca acontecer.

Uma discussão levantada recentemente no *e-group* e no grupo de pais³³ e que causou bastante mobilização abordou o tema masculinidade, homoafetividade, família e

³³ Que se encontra mensalmente sob nossa coordenação e que se originou no encontro da entrevista em grupo para esta pesquisa.

educação recebida, enfocando principalmente a relação com o próprio pai. Para grande parte dos participantes essa é, sem dúvida, uma das relações mais marcantes, significativas para sua construção do masculino, para o homem que se tornou hoje.

Eles contam que seu pai era distante, participava pouco de sua educação, rotina de vida e teria deixado um vazio que eles expressam na frase “meu pai não deu conta de mim”. Para alguns essa atitude do pai que não era próximo, que não lhes transmitia segurança, pode hoje se relacionar à sua própria insegurança, às suas dificuldades para enfrentar as situações como um homem, sem ter receio ou se intimidar, apesar de suas “diferenças” com relação à própria homoafetividade. Para o grupo o pai mais presente – mesmo que fisicamente distante – é sinônimo de confiança e segurança:

Lembro-me que na formação da minha identidade afetivo-sexual sentia-me muito magoado por ser “diferente” dos meus amigos e ao avaliar as inúmeras variáveis (já pensava pra cacete naquela época), percebia a diferença que existia na presença constante dos pais dos meus amigos na vida deles. E isso não tem nada a ver com distância, pais separados, etc. Quer dizer CUMPLICIDADE quando se está junto. Passar confiança, segurança... (Pierre, 35 anos, filhos com nove e catorze anos)

A manutenção de sua própria imagem como pai e homem – hegemônico – é uma constante fonte de negociações, revisões, desconstruções e reconstruções; é como se ele travasse um embate diário tentando manter-se com essas prerrogativas que a hegemonia lhe confere. É na relação *pai e filho* que essa dinâmica se evidencia e se acentua. Pierre descreve como sua imagem internalizada negativa de seu próprio pai poderia ser associada ao caráter frágil que diz ter, bem como à sua necessidade de se mostrar agressivo confrontando as regras e os costumes de sua família, embora isso lhe cause culpa, sofrimento e mágoa. Ele nos faz compreender como a educação que teve engendrou o homem que é; para ele não dá para não enxergar que o homem que seu pai, sua família gostaria que ele fosse não se envolve homoafetivamente. Ele, como homem, precisa conviver com isso, precisa enfrentar isso e confrontar as prescrições heteronormativas que teriam forjado o “homem que mantém relacionamento homoafetivo” que ele é.

Meu pai vive com minha mãe, mas de certo modo, pelo seu perfil introvertido, foi sobremaneira um “pai ausente” para mim e meus dois irmãos... Este fator não foi determinante para minha sexualidade, pois o único homossexual em minha casa sou eu. O que quero discutir aqui não é o que faz um indivíduo ser gay, mas uma vez sendo, como estes fatores

familiares influenciam na dinâmica da sua psique e como lidar com suas conseqüências. (Pierre, 35 anos, filhos com nove e catorze anos)

O grupo entende que revisar a relação com o próprio pai tem uma conotação de ter de compreender e enfrentar aspectos típicos de relações masculinas. E isso terá uma repercussão maior porque, além de também serem pais, mantêm relacionamento afetivo com homens. Eles não têm como escapar dessa necessidade de rever sua concepção das relações entre homens.

Minha homossexualidade não tem nada a ver com o fato de ter tido um pai que não deu conta de mim, mas as escolhas que fui fazendo e as minhas reações às coisas da vida sim. E cheguei a um ponto em que pensar nisso é crucial, porque as principais relações de agora são em um âmbito masculino: eu e meu pai, eu e meu filho, eu e um namorado, eu e eu mesmo... (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

Para o grupo, o pai mais presente – mesmo que fisicamente distante – é sinônimo de confiança e segurança. Os participantes que referem um bom relacionamento com o próprio pai, com troca afetiva e que não se queixam de sua ausência, também falam da importância dessa relação em sua vida atualmente, e no próprio relacionamento com o filho:

Fomos grandes companheiros e fui eu a última pessoa que o viu com vida, numa despedida sem palavras, onde só nossos olhares se cruzaram e toda a cumplicidade que você cita, veio a tona, quase como uma passagem de bastão numa corrida de revezamento. Acho que o nosso convívio se refletiu muito em minhas ações com meus filhos e quero acreditar que a cumplicidade entre eu e eles é tão forte ou mais que a que tive com meu pai. (Nardini, 48 anos, filhos com treze e dezesseis anos)

Entendemos que para ser homem, namorar homem e ter filho homem é necessário ter seus “assuntos com homens” muito bem trabalhados ou “revisados”, o que requer um movimento interno, psíquico, nem rápido tampouco fácil de ser empreendido, para uma ressignificação de seus relacionamentos:

A revisão que pude fazer do que foi minha relação com o T (namorado) também passa por aí ... O melhor de tudo é poder perceber que algo mudou, que ter conseguido pensar nessas coisas e alterar meus sentimentos em relação a meu pai podem me fazer um homem melhor, um homem

melhor pra mim mesmo e para os homens da minha vida: pai, filho, namorado... (Patric, 42 anos, filho com seis anos)

Compreender o que está implicado na discussão sobre um pai revelar a homoafetividade para seu(ua) filho(a) pressupõe adentrarmos esse campo muito vasto sobre o masculino, que vem sendo hoje investigado por alguns autores que já enunciamos, como Robert Connell (1995; 2000; 2005), Michael Kimmel (1991; 2008), Tim Edwards (2004), e também no Brasil por Plínio de A. Maciel Jr (2006; 2007; 2008), para mencionar apenas alguns. Tratamos neste trabalho de uma pequena parte desses “assuntos de homens” cuja discussão encerramos aqui sem necessariamente esgotar o tema. Entendemos, entretanto, que os tópicos que levantamos possam fazer coro enquanto corroboram uma discutida asserção desses referidos autores, que falam da estreita relação entre homossexualidade e masculinidade e, para este trabalho, também com a paternidade.

O “respeito” de um pai: omitindo o afeto em suas relações homoafetivas

Esta é outra reflexão interessante a ser feita, que está intimamente relacionada à anterior e diz respeito à ausência de manifestações de afeto de nosso participante e seu companheiro/namorado na frente do filho. Já assinalamos que um facilitador para conversar com o filho sobre sua homoafetividade é a existência de alguém, no caso um namorado, companheiro; alguém com quem esteja de fato homoafetivamente envolvido. Eles têm um desejo idealizado de que “se tivesse” um relacionamento poderiam sim mostrar aos filhos como é natural esse carinho e afeto:

...qualidade de vida, qualidade de vida homossexual... Achei o meu objetivo, o que eu estou buscando falar com a criançada é isso, por que eu quero viver isso, eu quero, lógico eu não vou ficar de agarro com o meu namorado em casa, com a criançada lá, mas, pô uma demonstração de carinho, um abraço um beijo, não é um beijo romântico, mas o cara deitar no meu colo assistir televisão. Eu quero isso, qual é o problema? (Pery, 42 anos, filhos com doze e nove anos)

Entretanto, mesmo tendo esse “alguém” – que facilitaria mostrar que eles têm um relacionamento, um afeto e que sua relação não é apenas sexo – nossos participantes não demonstram, não manifestam esse (homo) afeto aos filhos. Constatamos que muito pouco,

ou poderíamos dizer quase nada, do (homo) afeto desses pais fica visível. Seria muito difícil os filhos perguntarem ou perceberem, já que os pais não falam e não demonstram nenhum tipo de afetividade por seus companheiros ou namorados. Os pais que não pretendem falar sobre sua homoafetividade (iniciais N) não a expressam de qualquer outra forma, não deixam transparecer quem eles são, de quem gostam.

*...sem transparecer e sem jogar na cara deles que era a minha condição...
Sem afrontá-los. (Nardini, 48 anos, filhos com treze e dezesseis anos)*

Outros pais que ainda não falaram, mas que pretendem fazê-lo, também não se expressam. Não há beijo, carinho explicitado, como abraço e afago; não andam de mãos dadas, nem ficam juntinhos, ou seja, não expressam o (homo) afeto pelos companheiros, namorados diante dos filhos. Eles dormem em quarto separados e apenas se permitem maior liberdade em viagens, férias, longe da rotina e dos “olhos” dos filhos.

Não é transparente, exatamente a situação que eu tenho. Eu vivo com um companheiro, que tem um quarto dentro do meu apartamento, dele, por que meu filho passa fins de semana e alguns períodos, e assim, quer dizer, enquanto meu filho está em casa, meu companheiro é o companheiro que eu divido o apartamento... (Percyval, 43 anos, filho com dez anos)

A ausência de expressão da (homo) afetividade é algo observável na maioria dos participantes de nosso estudo. Mesmo Reynaldo, Renato e Rodrigo,³⁴ que se revelaram para família de origem, ex-mulher e filhos e, supostamente, “não teriam o que temer”, já que não têm mais segredos e caminharam a passos largos pela revelação, também mantêm aspectos (a troca afetiva) de sua homoafetividade no âmbito privado.

Eles justificam pela sexualidade, que sendo vista como não convencional e não sendo aceita pela sociedade, suas manifestações de afeto poderiam expô-los, ser alvo de crítica, ou de olhares de recriminação. Eles temem conseqüências indesejáveis aos filhos e assim, para evitar confrontos, acreditam que devem restringir suas manifestações de afeto.

³⁴ Um fato curioso, que reforça esta nossa análise, aconteceu recentemente com Rodrigo, que concedeu uma entrevista para um importante jornal local, no dia dos pais, mas solicitou que fossem usados nomes fictícios para seus filhos, porque queria preservá-los de exposição desnecessária, embora seu próprio nome pudesse sim ser divulgado.

No entanto, confessam seu desejo de que pudessem exhibir a si mesmos e aos namorados ou companheiros publicamente, sem que isso chamasse atenção, ou fosse alvo de olhares depreciativos.

Eles sabem que existem diferenças, “que não se comportam como se fossem heterossexuais”, um pouco porque não seriam vistos com naturalidade, mas também porque não agiriam com naturalidade, porque seriam alvo de olhares intrigantes, depreciativos, como se também não sentissem naturalidade nesse gesto.

Cada um de um jeito, mas ninguém dormiu na mesma cama como se fosse uma namorada. Se fosse uma namorada, eu dormiria na mesma cama e meu filho ali. Eu beijaria na boca dela, e nenhum de nós tem esta vivência da absoluta pertinência, normalidade. Ela (a intimidade exposta aos filhos) não é igual como se eu tivesse uma namorada ou se fosse hetero. (Nábila, 60 anos, filhos com 21, 24 e 28 anos)

Destacamos aqui duas reflexões. Primeiro qual a repercussão dessa atitude de não transmitir ao filho que a expressão de seu afeto pelo mesmo sexo é algo positivo; outro aspecto é o que pode estar subjacente a essa ausência de expressão de afeto. Numa discussão do grupo, os pais disseram não se sentirem confortáveis, acreditam que não faria bem aos filhos vê-los numa atitude mais íntima – de carinho, de troca afetiva – com um homem. Entretanto, parece-nos que o que mais pesa nessa atitude é sua própria avaliação de “não pertinência, não normalidade”, que permanece em seu íntimo como uma ponta de iceberg da heteronormatividade internalizada que regulamenta seu comportamento de pai e de homem: *as regras para o masculino hegemônico são claras, um homem não acaricia ou beija outro homem e, se o fizer, corre o risco de perder essa prerrogativa.*

Sua preocupação é que outras pessoas poderiam entendê-los erroneamente, julgá-los, prejudicando seus filhos, afastando-os deles. Assim, alguns de nossos participantes concebem a relação com o companheiro e o filho compartilhando sua vida como algo “muito respeitoso”, sem demonstração de que existe alguma outra coisa que não seja amizade entre eles. Essas justificativas também se respaldam na ideologia heteronormativa e garantem a manutenção dos privilégios do masculino hegemônico.

...cada um tem sua vida sua responsabilidade, morando juntos, se respeitam, compartilham de momentos juntos. Não como um casal hetero, como se fossem marido e mulher. (Renato, filho com 23 anos).

Cabe-nos refletir que esse risco de que podem prejudicar os filhos é real para esses homens. Dois desses pais responderam processo judicial que a mãe perpetrara por suspeita de atitude imoral e abusiva com os filhos (de terem sido expostos). Embora tenham saído vitoriosos do processo, esse temor tem raízes marcantes para o grupo. Tem-se de considerar que de fato existe um mito de que filhos de pais homossexuais correm risco de sofrerem abusos, ou que teriam seu desenvolvimento prejudicado pela ausência de um modelo heterossexual, embora os estudos de Judith Stacey e Timothy Biblarz (2001) comprovem que o que existe mesmo é uma gama de preconceitos institucionais acerca da presumida inadequação da homoparentalidade.

Contudo, não é apenas nas instituições sociais e legais que reside uma suspeita de que a paternidade homoafetiva pode ser prejudicial às crianças. Esse mito, que tem suas raízes na ideologia heteronormativa, também está presente como um temor nas justificativas dos pais. Existem conteúdos negativos internalizados questionando sua própria adequação como pai e homem que mantém relacionamento homoafetivo que sustentam sua justificativa do distanciamento afetivo.

Nunca quis envolver a minha filha na minha sexualidade, isso também acaba atrapalhando... (Nando, 32 anos, filha com nove meses)

E assim esses pais garantem, com a abstenção da demonstração do afeto pelo mesmo sexo, a manutenção de uma ordem que rege a paternidade: família é heterossexual, um pai não mantém relacionamento homoafetivo.

As pessoas não estão preparadas pra ver dois caras se beijando, se abraçando, se pegando. Então isso eu sinto muita falta, muita falta. Vou num shopping e vejo um casal ali, puxa, isso faz falta! (Renato, filho com 23 anos)

O que coloca esse homem pai diante daqueles inegáveis sentimentos de que existem aspectos seus, de sua vida afetiva e sexual que são diferentes do que é apregoado e aceito como natural e normal. Ou seja, a obediência à internalização da ideologia heteronormativa os compele a um enfrentamento contínuo dos ataques mais ou menos homofóbicos à sua forma de ser, aos aspectos de sua personalidade.

Fabiana Noda (2005), que estudou famílias de mães homossexuais, também encontrou essa mesma justificativa de não expressar afeto para manter o “respeito” diante

dos filhos. A homossexualidade para as mães de seu estudo só existia em sua própria casa, melhor dizendo, só tem um lugar: seu próprio quarto. Fora dali não há homossexualidade, porque não há nenhuma manifestação de que existe algum tipo de relacionamento de casal. A autora discute que a homossexualidade cria fronteiras rígidas, e podemos acrescentar que uma delas é estabelecer o lugar, distante, apenas confinado a dois, que o (homo) afeto tem nas relações familiares, entre pais e filhos.

Neste estudo com pais isso é bastante nítido. Há fronteiras que não são de fato ultrapassadas: se eles são uma família – companheiro do pai, pai e filho – não cabe demonstração de carinho desse pai com outro homem, portanto a ordem a ser mantida é heterossexista, porque a família padrão que forja a heteronormatividade é a nuclear heterossexual. Renato explicita que de fato *não gosta* desse tipo de manifestação afetiva pública, que, para ele, “casal, pai e mãe, tem de ser heterossexual”; apesar de querer e apreciar, não se imagina de mãos dadas com seu companheiro e com o filho num passeio pela praia, por exemplo. Isso também é expresso por outros participantes. Durante as discussões no *e-group* e na entrevista de grupo eles também deixam claro que não existe um comportamento homossexual de casal, porque de fato o modelo de casal é heterossexual.

Gostaria de ter uma vida normal, entre aspás, queria ter mulher, filhos, queria passear no shopping, ir pra praia, sabe, queria..., queria..., porque no fundo é uma coisa que eu acho gostoso. É diferente, eu não posso andar de mão dada, eu não posso andar abraçado... Eu não posso dar um beijo, não posso demonstrar essa afetividade. (Renato, 45 anos, filho com 23 anos)

As discussões que os participantes levantam não se fecham, e para esses pais não existe uma só forma de demonstrar que mantêm relacionamentos homoafetivos, sendo que o que é mais importante é o companheirismo, a amizade, o respeito, além da fidelidade, que é a tônica principal de seu relacionamento. A fidelidade, para todos necessária, embora difícil de ser atingida, é vista como uma necessidade pessoal quando a relação é de casal ou de um compromisso mais sério como namoro. Entretanto, a maioria concorda que diante dos filhos há, sim, uma restrição em seus comportamentos e manifestações de afeto. Mesmo quando os filhos sabem que eles são um casal, eles não se permitem se comportar como tal, e as trocas de carinho só acontecem “a dois”.

As restrições de manifestação de carinho de casais homoafetivos e pais sob o enfoque da heteronormatividade pressupõem que o comportamento afetivo e erótico de um casal, de um pai, de uma mãe, de um homem, de uma mulher não pode ser com o mesmo sexo. Ainda preconiza que o normal para um homem e pai é a heterossexualidade, esta sim esperada, aceita e que pode ser exibida, ainda que restritas a certas normas morais (OSWALD et al 2005). Beijos em público, andar de mãos dadas, fazer carinho, dançar e ficar abraçado é socialmente esperado apenas para casais heterossexuais.

Alguns desses aspectos já foram apontados nos trabalhos de Miller (2004) e Flávio Tarnoviski (2004), que observaram que é comum os homens e pais que mantêm relacionamento homoafetivo se manterem de certa forma pouco visíveis, camuflando ou não expressando seu homoafeto, não “dando bandeira” e dessa forma mostram também que são respeitosos. Essa é uma forma de “respeitar” o próprio filho, não exibindo seu afeto que também serve sem dúvida para manter a ordem vigente.

Para nosso participante, que não admira ou não se vê como aquele homossexual que “dá bandeira” – não se identifica com o homossexual afeminado, que exhibe no visual sua orientação sexual e valoriza a aparência de “macho de respeito” –, se exhibir em público numa demonstração de afeto por outro homem pode ser uma contradição, o que não deixa de ser coerente com as premissas do masculino hegemônico com as quais se identifica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

...porque eu sei, pode ser que pra um monte de gente o cara pode ser o melhor cara do mundo, num monte de sentido, um bom pai, um bom profissional, enfim fazer alguma coisa extremamente importante pra nação..., mas a partir do momento que ele é gay aquele valor vai, vai..., não tem valor....(Pery, 42 anos, filhos com nove e doze anos).

Com o objetivo de compreender os *processos subjacentes à manutenção de segredo e à revelação para os filhos do relacionamento homoafetivo por parte do pai*, realizamos um estudo qualitativo por meio de entrevistas individuais e em grupo com dezessete homens pais, entre 32 e sessenta anos, que mantêm envolvimento homoafetivo.

Nossos participantes formam um grupo bastante heterogêneo com relação ao tema que nos propomos analisar, se posicionam de forma distinta com relação à opinião sobre revelação e segredo, são diferentes ao se definirem homoafetivamente; alguns nem mesmo acreditam na existência dessa nomenclatura. Como grupo têm ainda profissão, faixa etária, nível socioeconômico bastante diversos. Essas diferenças, ao contrário de dificultar, somam e enriquecem nossas considerações, nos dão a dimensão de como não há mesmo uma só forma de ser homem e pai com relacionamento homoafetivo. Tampouco há apenas uma atitude diante do segredo e da revelação: sequer existe uma revelação total e amplamente procedida e nem mesmo alguém que se mantenha em absoluto segredo.

A masculinidade, a paternidade e a ideologia heteronormativa são aspectos inseparáveis neste trabalho sobre revelação da homoafetividade do pai para seu filho. Esta é uma das linhas-mestre de nosso estudo.

Diante de uma constatação inegável de envolvimento amoroso e afetivo com o mesmo sexo, os homens deste estudo passam a perceber que não é mais possível continuar com a vida heterossexual que até então levavam.

Para a maioria de nossos participantes essa tomada de consciência veio de forma mais tardia, na idade adulta, quando já eram pais.

A despeito de identificarem algum interesse pelo mesmo sexo em sua juventude, atribuíram-no a uma fantasia natural aos homens. Eles seguiram o que é esperado para

todos os rapazes, cresceram, foram educados e partilharam do ideário heteronormativo na construção do masculino: se interessaram, namoraram e se apaixonaram por mulheres. Eles afirmam que foram felizes com a família que construíram, foram apaixonados pela mulher mãe de seus filhos. A tomada de consciência de sua orientação homoafetiva surge tardiamente e de forma intensa, quando se percebem novamente envolvidos e apaixonados, mas desta vez por um homem.

Alguns outros participantes, os dois pais que adotaram, disseram que se tornaram conscientes de sua orientação homoafetiva um pouco mais cedo, na fase de adulto jovem. Embora também tenham tido envolvimento e namoros com mulheres na juventude, se dão conta que não devem se casar, pois se percebem apaixonados por um homem.

Os participantes que se assumem mais tardiamente, depois de concretizarem sua paternidade em relações heterossexuais de envolvimento e paixão, se orgulham da família que constituíram, e não referem envolvimento heterossexuais como uma forma de camuflarem sua homoafetividade, ao contrário: esta, quando surge, deflagra um período de intensa crise interna e conflitos em sua vida afetiva, amorosa e familiar. Se divorciam (alguns imediatamente, outros mais tarde), o que desencadeia, por sua vez, outras consequências – conflitos a serem administrados – em suas relações com os filhos e familiares. Até então ele esteve emocional e afetivamente envolvido numa troca afetiva satisfatória com a mãe de seus filhos; seu casamento e parentalidade foram percebidos como atitudes naturais, já que se trata de um homem. Ser pai nessas condições é poder realizar seu desejo e destino de homem indo além disso, já que possibilita o cuidar de outro, este sim seu grande projeto como homem.

Parece-nos inquestionável que um homem possa querer ser pai, e nos parece também irrefutável que a homossexualidade não seja impeditivo para a paternidade. Atualmente, os homens podem até prescindir de uma relação heterossexual e tornarem-se pais, via inseminação, barriga de aluguel ou adoção. Assim a paternidade, a realização do desejo de ser pai, presente nos homens de qualquer orientação sexual, transcende e independe disso ser ou não um atributo da heterossexualidade, ou dos aspectos prescritos de valores heteronormativos da sociedade e da família.

Compreendemos com este estudo que este homem é simplesmente e antes de tudo pai, como muitos outros homens de sua mesma posição e nível. Não há nada de diferente na forma como ele exerce essa paternidade, nada o difere de outros pais, são “pais modernos

atuais”. Mesmo porque o que pode se destacar é que a homoafetividade é um aspecto de sua sexualidade, de sua masculinidade e até de certa forma cindida de sua relação com os filhos, pelos próprios temores homofóbicos internalizados, pela constante necessidade de se defender por sentir-se ameaçado da perda daqueles privilégios do masculino hegemônico e porque sua própria imagem de homem e de pai foi construída dissociada de sua homoafetividade.

Esta constatação é válida para os dezessete homens e pais deste estudo, até mesmo para os que adotaram, já que eles também afirmam que seus primeiros anos de vida como homem foram marcados pela mesma luta interna, buscando não perder aqueles privilégios heterossexistas da masculinidade hegemônica. Sua orientação homoafetiva foi um aspecto pessoal a qual resistiram, sofreram para integrar em sua personalidade, à medida que se percebiam diferentes do que era prescrito para os homens e pais em seu grupo, em sua família e mesmo internamente.

Existem numerosas prescrições com as quais esse homem depara internamente para que proceda a uma profunda revisão de suas relações com homens: com o homem que seu pai representou no decorrer de sua vida e desenvolvimento como homem; com o homem que ele pensa que deve ser para os filhos que tem e com o homem com o qual se relaciona homoafetivamente. Sua existência, sua experiência o faz perceber que deve ir contra a ordem, que é heterossexual para a masculinidade e parentalidade.

Perceber-se diferente ameaça algo que é naturalizado para ele, homem das camadas dominantes; ele depara com uma condição que precisa ser sistemática e internamente negociada. Esse é um confronto interno bastante marcado por aspectos próprios da construção da masculinidade e sua superação deve forjar novos caminhos, ressignificações e redefinições dele mesmo, que não acontece sem sofrimento, sem luta interna.

Entendemos que um homem que toma consciência de sua homoafetividade deve fazer uma revisão de sua própria concepção de masculinidade e paternidade. Esse movimento, embora não prescindia dos demais atributos a ele associados, é interno, pessoal, psíquico. Ser um homem que se mantém num relacionamento homoafetivo, ter de se ver como um homem e transmitir ao filho essa constituição masculina da qual se vê um modelo confronta os valores internalizados que o definiam como um homem, que até então era sua essência. Ele derruba crenças, perde convicções, revê seus valores e apegos, mas também amplia, cresce, ganha, porque se fortalece indo contra o preestabelecido, fazendo

valer quem é de fato. É um auto-reconhecimento, um processo de auto-aceitação, bastante intenso e com nuances de cada personalidade.

A ideologia heteronormativa e a tentativa de garantir a manutenção dos privilégios do masculino hegemônico são componentes observáveis em toda dinâmica de revelação e manutenção de segredos. O grande temor na revelação da homoafetividade de um homem que é pai e desponta como um dos resultados mais específicos desta pesquisa é o medo da perda de seu valor como um homem, de seu *status* naturalizado.

A dinâmica de manutenção de segredos e revelação para os filhos da homoafetividade por parte do pai é um dos pontos cruciais de convergência de seus assuntos masculinos, está por isso carregada de significados interiorizados sobre o que é a essência de sua masculinidade, que, por sua vez, foi engendrada na ideologia heteronormativa que prescreve como devem ser as relações familiares, a parentalidade e a educação de filhos.

O caminho desse pai desde se perceber, se aceitar, se assumir, para então se preparar para se revelar ou não aos filhos é um processo longo e, em geral, marcado por sofrimento psíquico. É individual e pessoal, passa pelo assumir a própria homoafetividade para depois caminhar em direção à revelação. Compreender a dinâmica de manutenção de segredos e revelação nos dá um pouco da dimensão dessa luta interna, dos medos que são mobilizados e de como cada pai vai encontrando suas saídas e se reorganizando.

Falar ou não para os filhos sobre sua homoafetividade pode ser uma decisão definitiva ou temporária, que pode ou não estar pautada em segredos ou ser entendida como privacidade. Alguns pais avaliam como desnecessário contar, revelar; aparentemente não guardam segredos, porque não se preocupam com essa informação, não têm receio de seu conteúdo, embora também não se revelem. Eles auferem uma conotação privativa ao conteúdo dessa informação. Os segredos pressupõem que existe algo a ser escondido, que não pode ser revelado, porque engendra vergonha, ao passo que a privacidade diz respeito à proteção e à exposição desnecessária.

Alguns pais se mantêm em vida dupla, permanecem casados com mulheres, porque acreditam que devam preservar sua própria homoafetividade e vivê-la de forma clandestina. Não conseguem se abrir sobre isso, o que gera muito sofrimento, apesar de ser plenamente possível uma criança crescer e se desenvolver de modo satisfatório independentemente da estrutura que a família possa ter. O motivo que apontam para esse confinamento numa homoafetividade clandestina, para manterem segredo sobre ela, é a

necessidade de protegerem a si mesmos, mas sobretudo à prole, dos ataques homofóbicos. Esse confinamento, entretanto, pode ser temporário e ter um caráter de instrumentalização, de capacitação: deles como homens e pais que tiveram uma tomada de consciência tardia sobre sua homoafetividade; das esposas que também resistem a aceitar a homoafetividade do homem que escolheram para marido.

A manutenção de segredos sobre conteúdos que envergonham e que envolve o outro pode ser prejudicial para um desenvolvimento integral e harmônico, entretanto decorre um tempo relativamente longo entre a tomada de consciência da homoafetividade, a decisão de revelá-la e a revelação, período esse permeado de medos, temores, informações sigilosas e ou privadas, que permeiam todo processo.

Existe uma repercussão na vida familiar, dos pais, dos filhos, do entorno; não há como se abster do impacto da revelação. As crianças desses pais que assumem sua homoafetividade e se revelam para elas deverão conviver diariamente com essa realidade, interna e externamente; precisam lidar com o ambiente externo homofóbico na escola e em eventos sociais, ou encontros familiares. Os pais temem que seus filhos possam sofrer quando ficam sabendo de sua homoafetividade.

Os enfrentamentos, que se interpõem aos filhos de pais que mantêm relacionamento homoafetivo – e aos próprios pais –, antes, durante e após a revelação fazem parte de um processo e não se constituem num motivo para que esta seja evitada. Isso pode implicar momentos difíceis para uma criança, ela pode passar por dúvidas quanto à lealdade para com o pai que ela ama, caso seja exposta aos preconceitos em seu cotidiano. Embora haja unanimidade teórica quando trata de revelação – recomendável, pois segredos têm um peso sinistro e negativo nos relacionamentos –, há outros aspectos que fazem que esse evento seja um processo complexo marcado por nuances pessoais do relacionamento pai--filho com seus respectivos mundos interno e externo.

Um dos grandes empecilhos para que as famílias homoafetivas conquistem a almejada e necessária igualdade e respeito numa comunidade sem preconceito está associado à não revelação, à invisibilidade delas, entretanto, como demonstramos neste trabalho, há uma resistência por parte dos pais em revelar sua homoafetividade. Há complexidades nesse processo, que não se restringe a um simples gesto de contar uma verdade, que para muitos pode ter o sentido mais forte de privacidade e proteção, superando a vergonha subjacente ao que é mantido em segredo. Para os homens pais deste

estudo que mantêm relacionamento homoafetivo a visibilidade não é uma necessidade porque, justificam, afetaria não apenas sua vida mas também atingiria seus filhos.

Assumir e revelar a própria homoafetividade é aquilo que libertaria esses pais de serem diariamente escrutinados pelo ambiente hostil e homofóbico, e, ao mesmo tempo, é exatamente isso – o medo disso vir à tona – o que os aprisiona.

Diante dessa ordem social que estigmatiza os indivíduos que são diferentes das prescrições heteronormativas para seu gênero, que lhes impõem envergonhar-se e guardar segredo sobre aspectos de sua própria identidade, cabe a nós, pesquisadores e profissionais responsáveis pelo atendimento e promoção de saúde, estar mais atentos às suas reais demandas. Didier Eribon (2000) pontua em sua obra *Identidades*, que “é urgente e necessário que estudiosos subsidiem os governos de pesquisas e investigações que respaldem leis e políticas para acabar com as injustiças que todos nós vimos cometendo contra os homossexuais”.

Entendemos que este nosso trabalho possa ter contribuído para começarmos a sanar essa lacuna, à medida que aprofundamos nosso conhecimento sobre a complexidade dos processos que estão subjacentes à paternidade homoafetiva. O que os sustenta psicologicamente para que superem as vicissitudes desse importante momento que é carregado de sofrimento psíquico? Cabe a nós psicólogos oferecer o suporte necessário a essa superação.

A demanda por esse suporte específico torna-se flagrante quando nos remetemos ao grupo de pais³⁵ que vêm se encontrando mensalmente desde aquele primeiro momento no dia da entrevista de grupo em agosto de 2007, bem como outros eventos relativos à sua permanência até hoje. A nosso ver essas considerações expressam um dos pontos centrais desse impasse sobre segredos e revelações de sua homoafetividade para seus filhos.

O título do livro que idealizaram produzir, naquele momento de seu primeiro encontro³⁶, trata de suas incertezas, seus tabus, seus anseios, seus conflitos em torno da revelação para os filhos: ***‘Ser ou não ser’ pai heroína: Preciso te contar?***

Esse título, um tanto incerto, mostra o que eles temem sobre sua revelação aos filhos. De um lado, enaltecem suas qualidades como pais mais sensíveis às necessidades dos filhos e que conseguem expressar seu afeto por eles, diferentemente de outros pais que

³⁵ Que nasceu de um movimento dos participantes da entrevista em grupo, facilitada pela dinâmica de simular a elaboração de um livro sobre a revelação da homoafetividade para os filhos.

³⁶ A proposta da dinâmica que foi facilitadora da entrevista do grupo foi escrever em conjunto um livro sobre revelação de sua homoafetividade para seus filhos.

são fechados, afetivamente distantes. Entretanto, o título também deflagra que existe um conteúdo ameaçador porque feminino (pai heroína e não pai herói) em sua personalidade, e quando riem dessa ambigüidade que o título desvela deixam claro que desse lado não se orgulham muito e que seria difícil explicar aos filhos.

Uma mensagem subliminar a que o título também remete diz respeito à expressão “*Preciso te Contar?*”. Esse foi um nome atribuído a um dos capítulos, tendo sido bastante discutido no decorrer do encontro, e se refere tanto a uma dúvida sobre a necessidade de um pai revelar sua homoafetividade para o filho quanto à suposição de que esse filho pode não querer receber essa informação por parte de seu pai.

Argumentam que os cuidados que um pai dedica a um filho, o amor que lhe tem não pressupõe conversar sobre sua privacidade e sexualidade; nunca quiseram conversar com seus próprios pais sobre o que eles faziam quando iam para o quarto e, portanto, seus filhos podem também não querer falar com eles sobre isso. Mas não há um consenso sobre precisar ou não, já que o grupo também argumenta que nem todos pensam da mesma forma e existem relacionamentos entre pais e filhos que podem, sim, permitir uma expressão de afetividade entre dois homens e isso não é tratar da atividade sexual de dois homens.

Depois de transcorridas duas horas de discussão não tinham ainda se decidido por um título, queriam tornar o livro comercial, de auto-ajuda, para pais que tivessem os mesmos conflitos que eles estão vivenciando; pais que também se sentissem sós, sem ter com quem conversar sobre isso. Estavam muito animados, exaltados até, não queriam se afastar uns dos outros e aventaram patentear o livro, produto de seu encontro e visto como o guardião de seus segredos.

É interessante perceber que esses homens não se conheciam, estavam se vendo pela primeira vez, entretanto havia uma sintonia muito forte entre eles e em suas conversas; havia afinidade no envolvimento com as discussões que teciam e nos argumentos que se complementavam. Percebemos que eles sabiam do que estavam falando. Estavam eufóricos, como se tivessem descoberto caminhos, solução para seus questionamentos e expressavam um grande alívio, alegria de fato, porque não se sentiam mais os únicos, diferentes: tinham uns aos outros, se conheciam afinal. De alguma forma o que os unia era aquele segredo que os aprisionava, era sua homoafetividade, que, a partir daquele encontro, não era o segredo de um, mas a verdade desse grupo.

Hoje entendemos que naquele dia conseguiram começar a desvelar alguns de seus segredos sobre sua homoafetividade e ver que suas diferenças não eram apenas aspectos pejorativos de uma sexualidade – e masculinidade – tida como inferiorizada porque não heterossexual, que os desqualificava, os envergonhava.

Eles só foram embora depois de transcorridas outras duas horas do encerramento do horário da entrevista e depois de marcarmos um novo encontro para dali a quinze dias. Esse dia não apenas marcou fortemente o cerne desta pesquisa, que agora se encerra, mas foi também o berço de um grupo mensal de pais, que começou com seis integrantes muito animados, e até hoje está ativo, cresceu e tem agora 22 participantes. Com este trabalho de pesquisa conhecemos e atingimos até agora, um ano depois, 34 homens e pais com envolvimento homoafetivo, com quem mantemos contatos periódicos, seja direto, com encontro presencial, psicoterápico individual ou grupal, seja por e-mail ou telefone.

A revelação da homoafetividade por parte do pai começou a ser uma possibilidade a partir desse dia. Durante esse período de um ano dois dos pais se revelaram para seus filhos e outros para irmãos, pai ou mãe; alguns também voltaram a ter contato com os filhos de que estavam afastados. O apoio mútuo do grupo tem-se constituído um necessário reforço que promove fortalecimento e confiança, a ponto de eles conseguirem aos poucos se libertar de seus segredos.

A existência e a permanência desse grupo confirmam o que este trabalho de pesquisa expressa: essa demanda por suporte para esse processo de revelação, tanto diretamente com os pais como também junto às famílias. Essa é uma repercussão que o nosso trabalho vem tendo antes mesmo de sua conclusão. Fomos ainda solicitadas a fazer parte de diversas atividades envolvendo o tema paternidade homoafetiva durante o período de elaboração desta tese.

A despeito do fortalecimento do movimento LGBTTT, que busca reivindicar direitos e políticas, a visibilidade que nosso trabalho vem obtendo demonstra que esses pais estão de fato solitários, isolados, escondidos e também ameaçados. Essa sua expressão de diferença e qualidade – porque são pais e mantêm envolvimento homoafetivo – também é vista como uma limitação intransponível devida a seu confinamento.

Os temores sombrios de que são errados, desqualificados, malvistas, ou pouco homens persistem e se expressam, na forma do preconceito que os atinge e aos filhos. Eles precisam ainda superar seus desafios, que é encontrar respaldo para o sentimento de ameaça de perda do masculino hegemônico que valorizam e para a ordem heterossexista

dos modelos internalizados de masculinidade, parentalidade e afetividade que compartilham. O caminho é muito pessoal, longo e, quando partilhado, como esse grupo está nos mostrando, pode oferecer insumos internos para essa superação.

Esse trabalho contribuiu assim não apenas para ampliar nossa compreensão sobre os processos subjacentes à dinâmica dos segredos e revelação para os filhos da homoafetividade por parte do pai, como também para disparar um processo em direção à promoção de saúde e redução de sofrimento psíquico, abrindo espaços de discussão e de atendimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBERT, Anne-Marie – **Same-sex couples and same-sex-parent families: relationships, parenting, and issues of marriage.** York University, The Vanier Institute of the Family in Canada, *Contemporary Family Trend*. Revised 2005.

ANTONIAZZI, Adriane S.; DELL'AGLIO, Débora D.; BANDEIRA, Denise R. - **O conceito de coping: uma revisão teórica.** Estudos de Psicologia (Natal) 3(2):273-294, 1998.

BARBERO, Graciela H. – **Homossexualidade e perversão na psicanálise: uma resposta aos gay & lesbian studies.** Editora Casa do psicólogo, São Paulo, 2005.

BAILEY, J.M., BOBROW, D., WOLFE, M., & MIKACH, S. – **Sexual orientation of adult sons of gay fathers.** *Developmental Psychology*, 31, 124-129, 1995.

_____ & DAWOOD, K. – **Behavior genetics, sexual orientation, and the family.** In C. Patterson and A. R. D'Augelli (Eds.), *Lesbian, gay, and bisexual identities in families: Psychological perspectives.* New York: Oxford University Press, 1998.

BARRET, Robert & ROBINSON, Bryan – **Gay fathers: encouraging the hearts of gay dads and their families.** Jossey Bass editors, São Francisco, 2000.

BIGNER, J.J. & JACOBSEN, R.B. – **Parenting behaviors of homosexual and heterosexual fathers,** *Journal of Homosexuality*, n.18, 173-186:1989.

BORRILLO, Daniel – **Homofobia,** Ediciones Bellaterra, Barcelona, 2001

BOWLBY, John – **Apego e perda.** Ed Martins Fontes, vol 1, São Paulo, 1990.

BOZETT, Fredrich W – **Gay fathers: evolution of gay father identity.** *American Journal of Orthopsychiatry*, 51 (3), 552-559, 1981.

BOSCO FILHO, João – **Papai é gay!** Artigo disponível site <http://www.artnet.com.br/~marko/papagay.htm>, (consulta 02/12/2007).

BRICKEY, Margie & GELNAW, Aimee – **Talking to the children about our family**, Family Pride Coalition Publication. Consulta 18/05/2007.
<https://www.completecampaigns.com/public.asp?name=FamilyPride&page=4>

BRONFENBRENNER, Urie – **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

BUXTON, Amity Pierce – **The other side of the closet: the coming-out crisis for straight spouses and families**, San Francisco, 1994.

CANCISSU, Cynthia P – **Uma escolha possível: lésbicas, família de origem e família de escolha**. Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC SP, 2007.

CHAUNCEY, G.– **Why marriage? The history shaping today's debate over gay equality**, by New York: Basic Books, 2004. Consulta 20/09/05, site http://www.psychpage.com/gay/gay_marriage.html

CHERNIN, Jeffrey N; JOHNSON, Mellissa R – **Affirmative psychotherapy and counseling for lesbians and gay men**, Sage Publications, USA, California, 2003.

CONNELL, Robert W. –**The social organization of masculinity**, In Masculinities: knowledge, power and social change, University of California Press, Berkeley / Los Angeles, p 67-86, 1995a.

_____ – **Four studies of the dynamics of masculinity**. In: Masculinities: knowledge, power and social change, University of California Press, Berkeley / Los Angeles, 87-181, 1995b.

_____ – **Hegemonic masculinity: rethinking the concept**. Gender & Society. V. 19, n.6, p. 829-859, dec. 2005.

COOPER, Marianne – **Being the “go-to-guy”: fatherhood, masculinity, and the organization of the work in silicon valley**, in Men’s Lives, compiled by Michael S. Kimmel and Michael A. Messner, 6th. edition, Pearson Education, Inc, USA, Article 22, 268-288, 2004.

CORELEY, Rip – **The final closet**, Edicted Press, Miami, 1990.

COSTA, Jurandyr F. – **A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II** – Ed Escuta, São Paulo, 1995.

DAMATTA, Roberto – **Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina**, 1997.

DUNE, E. J. – **Helping gay fathers come out to their children**, Journal of Homosexuality, 14 (1/2), 213-222, 1987. Consulta 29/06/05 Site: <http://www.apa.org/pi/1&gbib.html>

DUNNE, Gillian A. – **The different dimensions of gay fatherhood** - Report to the Economic and Social Research Council, The Gender Institute, London School of Economics, UK London, Nov 1999. Consulta internet: 10/08/2008 http://www.marriedgay.org/pdf/gillian_dunne_different_dimensions-of-gay-fatherhood.pdf

DUPUIS, Jacques – **Em nome do pai**. Ed Martins Fontes, São Paulo, 1989.

EDWARDS, Tim – **Queering the pitch? Gay masculinities**, in Handbook of studies on Men and Masculinities. Editors Michael S. Kimmel, Jeff Hurn, Richard W. Connell, Sage Publications, California, 2005.

EPSTEIN, Rachel & DUGGAN, Scott - *e-bulletin* VOLUME 1, NUMBER 3, NOVEMBER 2006. Web Site: <http://www.fira.uoguelph.ca/home/>©University of Guelph

ERIBON, Didier – **Identidades**, ed Bellaterra, 2000

ERIKSON, Eric– **Identidade juventude e crise**. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 2^aed. 1987.

FARIA, Durval L. – **O pai possível: um estudo dos conflitos da paternidade em um grupo de homens**. Tese de doutorado em Psicologia Clínica, PUCSP, 2001.

_____ – **O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea**. EDUC, FAPESP, 2003.

FÈRES-CARNEIRO, Terezinha – **Escolha amorosa e relação conjugal, na homossexualidade e na heterossexualidade: um estudo sobre namoro casamento, separação e recasamento**, em *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal*. Coletâneas ANPEPP, vol.1, nº 1, setembro, p 71-100, Rio de Janeiro, 1996.

_____ – **Escolha amorosa e interação conjugal na hetero e na homossexualidade**. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 10, n. 02, p. 351-368, 1997.

FLICK, Uwe – **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Bookman, Porto Alegre, 2004.

FOLKMAN, S., & LAZARUS, R. S. – **If it changes it must be a process: a study of emotion and coping during three stages of a college examination**. *Journal of personality and Social Psychology*, 48, 150-170, 1985.

FOUCAULT, Michael – **Sexualidades ocidentais**, Contexto Editora Ltda, Lisboa, 1983.

GATES, Gary J.; JASON, Ost. – **The gay and lesbian atlas**, Urban Institute Press. Washington, D.C. 2004.

GARNER, Abigail –**Families like mine: children of gay parents tell it like it is**. Perennial Currents Ed Publish, New York, 2005.

GOMES, Purificacion Barcia (Org.) – **Vínculos amorosos contemporâneos – Psicodinâmica das novas estruturas familiares**. São Paulo: Callis, 2003.

GONSIORREK, John C. & WEINRICH, James D – **Homosexuality, nature, and biology: is homosexuality natural? Does it matter?** in *Homosexuality: research implications for policy*. Edited by Jonh C. Gonsiorek & James D Weinrich, Sage Publications, Califórnia, 1991.

_____ – **Gay male identities: concepts and issues**, in *Lesbian, gay an bisexual identities over the lifes pam*, A. R. D’Angeli & C.F. Patterson (Ed), pp 24-47, NY Oxford Un. Press, 1995.

GONZÁLEZ, Maria Del Mar; SANCHEZ, Maria Angeles. **Las famílias homoparentales y sus redes de apoio social**. *Portulária 3*, Universidade de Huelva. 207-220:2003.

_____ – **Dinámicas familiares, organización de la vida cotidiana y desarrollo infantil y adolescente em famílias homoparentales**, Madrid, 2005. http://estaticos.elmundo.es/documentos/2005/04/21/Estudio_adolescentes_en_familias_homoparentales.pdf, acessado em 28/10/2007.

GOULD, R. L.– **Transformations during early and middle adult years**. In: Smelser, N. J. & Erikson, E. H. (eds.) – *Themes of Work and Love in Adulthood* , pp: 213-236, London, Ed. Grant McIntyre, 1980.

GRANDESSO, Marilene A. – **Para uma epistemologia da pós-,odernidade**, In *Sobre a reconstrução do significado*, Casa do Psicólogo, São Paulo. 49-104:2000a.

_____ – **Significado e linguagem: um enfoque hermenêutico**, In *Sobre a reconstrução do significado*, Casa do Psicólogo, São Paulo, 147-194:2000b.

GREEN, Robert-Jay– **Sexual identity of 37 children raised by homosexual or transsexual parents**. *American journal of psychiatry and law*, 135, 692-697, 1978. Consulta 29/06/05 Site: <http://www.apa.org/pi/1&gbib.html>

_____ ; BETTINGER, M. & ZACKS, E– **Are lesbian couples fuse and gay male couples disengaged? Questioning gender straightjackets**. In *lesbian and gays in couples and families, a handbook for therapists*. Joan Laird and Robert-Jay Green Editors, ch 8, Jossey-Bass Publishers, San Francisco, 298-432, 1996.

GREEN, Dorsey; BOZZET, Frederich W. – **Lesbian mothers and gay fathers**, in *Homosexuality: research implications for policy*. Edited by Jonh C. Gonsiorek & James D Weinrich, p 197-214, Sage Publications, Califórnia, 1991.

GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna A. – **Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes**, in Denzin, Norman. K.; Lincoln, Yvonna S. e colabs – *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa, Teorias e Abordagens*. 2ª. Edição, Bookman Artmed, Porto Alegre. 2006.

GUIRAO JUNIOR, Leonardo – **Vulnerabilidade e resiliência entre adolescentes e jovens vivendo com HIV/SIDA em Moçambique: Kuhanya, o contágio da vida**. Tese

de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade de Brasília, DF, 2007.

HALE, N. (1980) – **Freud's reflections on work and love**. In: Smelser, N. J. & Erikson, E. H. (eds.) – *Themes of Work and Love in Adulthood*. London, Ed. Grant McIntyre, pp: 29-42.

HETHERINGTON, E. M & HAGAN, M.S.- **Divorced fathers: stress, coping and adjustment**, in Lamb, M. E (org) *The father's role; applied perspectives*, New York, John Wiley & Sons, New York, 1986.

HETHERINGTON, E. M. – **Should we stay together for the sake of the children?** In: *Coping with divorce, single parenting and remarriage: a risk and resilience perspective*, LEA Publishers, USA, 93-116:1999.

HOWEY, Noelle & SAMUELS, Ellen (ed) – **Out of the ordinary: essays of growing up with gay, lesbian and transgender parents**. St Martin's Griffin, New York, 2000.

IMBER-BLACK, Evan – **Segredos na família e na terapia familiar: uma visão geral**, in *Os segredos na família e na terapia familiar de Evan Imber-Black e col*, cap 1, 15-39:1994.

ISAY, Richard A. – **Being Homosexual: gay men and their development**. HarperCollins Publications, 2005

JENNY, C.; ROESLER, T. A.; POYER, K. L – **Are children at risk for sexual abuse by homosexuals?** *Pediatrics*, 41-44:1994.

KAUFMAN, Michael – **The 7 p's of men's violence** Toronto 1999. Consulta site: 05 de abril, 2008, <http://www.michaelkaufman.com/articles/7ps.html>

KENTLYN, Sue – **Psychology's new (old) str8jacket**, in *Gay & lesbian issues and psychological review*, the Australian psychological society ltd, Editors, Liz Short & Damien W. Riggs, ISSN 1833-4512, vol 3, n. 1, 65-103: 2007.

KIMMEL, Michael – **Rethinking “Masculinity”: new directions in research**, in Changing Men: new directions in research on men and masculinities, edited by Michael, Kimmel SAGE Publishers, London, New Delhi, 1991.

_____ – **The gendered family**, in The gendered society, chapter 6, Oxford University Press, New York, 2000a.

_____ – **Gendered sexualities**, in The Gendered Society Oxford University Press, New York, 2000b.

_____ & MESSNER, Michael – **Men’s lives**, Sixth Edition, Pearson Education, Allyn and Bacon, Boston, 2004.

_____; HEARN, Jeff; CONNELL, Robert W. (eds). **Handbook of studies on men and masculinities**. Thousand Oaks: Sage Publishers, New York, New Delhi, London, 2005.

_____ – **Guyland: the perilous world where boys become men**. By Harper Collins Publishers, New York, 2008.

KLAUSS, Marshal H.; KENNEL, John H.; KLAUSS, Phillis H – **Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência**. Artmed, Porto Alegre, 2000.

KOHN, Michael L. – **Job complexity and adult personality**. In: Smelser, N. J. & Erikson, E. H. (eds.) – Themes of work and love in adulthood. London, Ed. Grant McIntyre, pp: 193-210: 1980.

KOTLINSKI, Kelly et al. – **Legislação e jurisprudência LGBTTTT**. Brasília: Letras Livres, 2007.

LA ROSSA, Ralph; SIMONDS, Wendy; REITZES, Donald C. – **Culture, cognition and parenthood** in Sourcebook of family theory & research. BENGTSON, Vern. L. et. al. (eds.) Thousand Oaks: Sage Pub., pg 423-445:2005.

LAMB, Michael E – **The changing roles of fathers**, in Michael Lamb (org) The father’s role: applied perspective, New York, John Wiley & Sons, pg 3-27, 1986.

LAMB, Michael E. – **Parental behavior, family processes, and child development in nontraditional and traditionally understudied families**. In: Parenting and child development in “nontraditional” families, edited by Michael E Lamb, chapt 1, USA, LEA Publishers, pp: 1-14, 1999.

LAIRD, Joan – **Lesbian and gay families**. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes*, New York: Guilford Press, 2nd Ed, pg 282-328:1993.

_____ – **Segredos das mulheres: os silêncios das mulheres**, in Os Segredos na Família e na Terapia Familiar de Evan Imber-Black e col, cap 13, 245-268, 1994.

LIMA, Maria Thereza de A. – **Ser ou não ser: a experiência do homem nos cuidados dos filhos da companheira**. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica – PUCSP, São Paulo, 2003.

MACIEL JR, Plínio de A. – **E agora, José? Um estudo exploratório sobre a concepção masculina de intimidade no relacionamento conjugal**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUC-SP, 1999.

_____ – **Tornar-se homem: o projeto masculino na perspectiva de gênero**, tese de Doutorado em Psicologia Clínica, na PUC-SP, 2006.

_____ & SOUZA, Rosane Mantilla - **Homem entrevista homem, mulher entrevista homem: questões de gênero nos procedimentos de pesquisa**, trabalho apresentado no Simpósio Temático sobre Sexualidade Gênero e Subjetividade, do 8º Simpósio Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis, 2008.

MASON, Marilyn J. – **Vergonha: reservatório para os segredos na família**, in Os Segredos na Família e na Terapia Familiar de Evan Imber-Black e col, cap 2, 40-56:1994.

MATTHEWS, John D – **A qualitative study of the lived experience of single, gay adoptive fathers**. Dissertation for partial requirements for the degree of doctor of philosophy at Virginia Commonwealth University, Virginia, 2004

MAYSELESS, Ofra – **Studing parenting representations as a window to parent’s internal working model of caregiving**, in parenting representations: theory, research and

clinical implications. Ed by Ofra Mayseless, cap 1, 03-40, Cambridge University Press, New York, 2006.

MEIRELLES, Valéria M. – **Feminino Superlativo: mulher, família e carreira.** São Paulo, Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUCSP, 2001.

MELLO, Luiz – **Novas Famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo.** Ed Garamond Universitária, Rio de Janeiro, 2005.

MILLER, Brian – **The life-styles of gay husbands and fathers,** In Men's Lives, 6 th KIMMEL, M. S. & MESSNER, M. (eds.), Pearson Education, Allyn and Bacon, Boston, USA, 476-483:2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza – **Pesquisa social, teoria, metodo e criatividade.** Ed Vozes, 1996.

MONDIMORE, Francis M. – **Una história natural de la homossexualidad,** Ediciones Paidós Ibérica, Barcelona, 1998.

MORIS, Vera – **Um Amor e uma Cabana: a função conjugal masculina na perspectiva do homem pobre,** dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, sob orientação de Dra Rosane Mantilla de Souza, PUC-SP, 2002.

_____ ; DEFENDI, Edson; ROSSI, Mara – **Revelação da homossexualidade e suporte da internet.** Trabalho apresentado no XI Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, Recife, outubro de 2007.

_____ & SOUZA, Rosane Mantilla – **Famílias homoafetivas e a parentalidade homossexual masculina** artigo dos Anais do Simpósio Temático 21 - Masculinidades e paternidade: leituras feministas e de gênero, do 8º Simpósio Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis, 2008.

MOTT, Luis, CERQUEIRA, Marcelo – **Causa Mortis: homofobia.:** Editora Grupo Gay da Bahia, Salvador 2001.

NIOLAN, R – **Issues for same-sex couples.** Fonte (17/09/05) Site http://www.psychpage.com/gay/gay_marriage_stand.html

NODA, Fabiana S. – **Família de Mães Homossexuais: relatos das mães.** Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, sob orientação de Dra Rosane Mantilla de Souza, PUCSP, 2005.

NUNAN Silva, Adriana. & JABLONSKI, B – **A Homossexualidade e Preconceito: aspectos da subcultura homosexual no Rio de Janeiro.** *arquivos brasileiros de psicologia*, v. 54, n. 1, p. 21-32:2002.

OSWALD, Ramona F.; BLUME, Libby B.; MARKS, Stephen R. – **Decentering Heteronormativity: A model for family studies**, in In: BENGTON, Vern. L. et. al. (eds.). *Sourcebook of family theory & research*. Thousand Oaks: Sage Pub., p.143-165, 2005.

PAPP, Peggy – **O Caruncho no Broto: segredos entre pais e filhos**, in *Os Segredos na Família e na Terapia Familiar de Evan Imber-Black e col*, cap 4, 76-93:1994.

PASSOS, Maria C. – **Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família.** In *Psic Clin.*, Rio de Janeiro, ISSN 0103-5665*31, vol. 15, n. 2 P. x-y, 2003.

PATTERSON, Charlotte J – **Lesbian mothers, gay fathers, and their children**, in *Lesbian, Gay and Bisexual identities over the Lifespan*, A. R. D'Angeli & C.F. Patterson (Ed), pp 24-47, NY Oxford Un. Press, 1995.

_____ & CHAN, Raymond W. – **Families headed by lesbian and gay parents** - In: *Parenting and child development in “nontraditional” families*, edited by Michael E Lamb, chapt 10, pp: 191-219, USA, LEA Publishers, 1999.

_____ – **Lesbian mothers and gay fathers, and their children**, in *Lesbian gay, and bisexual identities over the lifespan*, edited by Anthony R. D'Augelli and Charlotte J. Patterson, Oxford University Press, p 263-290, N.Y, 2001.

PERELSON, Simone – **A parentalidade homossexual: uma exposição do debate psicanalítico no cenário francês.** Revista estudos feministas, 14(3):272, setembro/dezembro 2006.

SAMARA, Eni de Mesquita – **A família brasileira**, Editora Brasiliense, 2004.

SANDERS, Gary L – **O amor que ousa declarar seu nome: do segredo à revelação das afiliações de Gays e Lésbicas**, in Os segredos na família e na terapia familiar de Evan Imber-Black e col, cap 12, 219-244:1994.

_____ & KROLL, Ian T – **Generating stories of resilience: helping gay and lesbian youth and their families**, in Journal of marital and family therapy, Volume 26 Issue 4 Page 433-442, October 2000.

SANT'ANNA, Marcio Stefanini – **A Influência dos padrões sexuais e afetivos de gênero na construção dos relacionamentos do mesmo sexo: masculino.** Dissertação (Mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica)) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

SAVIN-WILLIAMS, Ritch C. – **Self-labeling and disclosure among gay, lesbian and bisexual youth.** In Lesbian and gays in couples and families: a Handbook for Therapists, Joan Laird and Robert-Jay Green Editors, Jossey-Bass Publishers, San Francisco, 1996.

SCHWALBE, Michael L. & WOLKOMIR, Michelle. **Interviewing men.** In: HOLSTEIN, James A. & GUBRIUM, Jaber F. (eds). Inside interviewing: new lenses, new concerns. Thousand Oaks: Sage Pub., p. 55-71, 2003.

SEDGWICK, Eve Kosofsky – **Epistemology of the closet**, University of California Press, Berkley, Los Angeles, 1990.

SILVA JR, Enézio de Deus – **direito à livre orientação afetivo-sexual e à transgeneridade**, 2007, disponível: <http://www.periodicoedireito.com.br/index.php> Consulta 19/02/2008.

SIMMONS, Tavia; O'CONNELL, Martin – **“Married-couple and unmarried-partner households: 2000.”** Census 2000 Special Reports, Census Bureau, Washington, D.C.: U.S. 2003

SNOW, Judith E. – **How it feels to have a gay or lesbian parent.** Harrington Park Press, NY, 2004.

SOUZA, Érica Renata – **Necessidade de Filhos: maternidade, família e (homo)sexualidade** Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil, 2005.

_____ – **Família e Parentalidade Homossexual: revendo teorias, repensando práticas.** Revista brasileira de sexualidade humana, v. 17, p. 283-297, 2006.

SOUZA, Rosane M.- **Paternidade em transformação: o pai singular e sua família,** Tese Doutorado em Psicologia Clínica PUCSP, São Paulo, 1994.

_____ – **Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos.** Psicologia teoria e pesquisa. Vol 16, 203-211:2000

_____ & LIMA, Maria Thereza A. – **Eu e minha mulher e os filhos dela.** Psicologia revista, v 12, p 41-61:2001.

_____ RAMIRES, Vera Regina R. – **Amor, casamento, família, divórcio...e depois, segundo as crianças.** Summus Editorial, São Paulo, 2006.

STACEY, Judith . – **Gay and lesbian families: Queer like us.** In M.A. Mason, A. Skolnick, and S.D. Sugarman (Eds.), *All our families: New policies for a new century* (pp. 117-143). New York: Oxford University Press, 1998.

STACEY, J & BIBLARZ, T.J. – **(How) does the sexual orientation of parents matter?** *American Sociological Review*, 66, 159-183:2001.

STACEY, J. & DAVENPORT, Elizabeth - **Queer families quack back.** In Handbook of lesbian and gay studies, p 355-374, 2002.

TARNOVISKI, Flávio L.– **Pai é tudo igual? O significado da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais**, in Sexualidade, gênero e sociedade de Adriana Pscitelli; Maria de F Gregori; Sérgio Carrara, Ed Garamond, SP, 2004.

TREVISAN, João S. – **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade**, Ed Record, Rio de Janeiro, 2002.

UZIEL, Anna P. – **Da intenção ao direito da homossexualidade e adoção no Brasil**, in Gênero e Matizes, organização: Heloisa B de Holanda, Rally G Costa, Marta C Ramirez, Érica R. de Souza, Edit Universidade São Francisco, Bragança Paulista, SP, 2002.

VON-SMIGAY, Karin Ellen – **Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia clínica**, in Psicologia em Revista, v.8, n.11 Belo Horizonte, 32-46:2002.

VONDRAS, Jack - **Coming out to our kids**. Artigo disponibilizado 06/05/07 no site: <http://www.gayfathersboston.org/articles/jackv.html>

WELZER-LANG, Daniel – **A construção do masculino; dominação das mulheres e homofobia**, in Revista de Estudos Feministas, ano 9, v. 9, n. 2, 460-481:2001

WHITEHEAD, Denise L – **Gay fathers: specific issues and politics**, in Anne Marie Ambert Contemporary family trends: Same-sex couples and same-sex-parent families: Relationships, parenting, and issues of marriage. Available at The Vanier Institute of the Family, California, 2005 - Disponível Web site: <http://www.vifamily.ca>

ZAMBRANO, Elizabeth (org). – **O direito a homoparentalidade** – Cartilha sobre famílias constituídas por pais homossexuais, IAJ, Porto Alegre, 2005.

_____ – **Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 26, p:123-147, jul./dez. 2006.

Outras referências

Brasil Sem Homofobia: CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

Bibliografia consultada

ARIÉS, Phillipe – **Reflexões sobre a história da homossexualidade**, in Sexualidades Ocidentais, Ariès, P. & Béjin, Contexto Editora Lda, Lisboa, 1983.

BOWLBY, John – **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 3a ed. Martins Fontes, São Paulo, 1997.

BROD, Harry; KAUFMAN, Michael (Ed) – **Theorizing masculinities; research on men and masculinities**, Sage Publications, USA, Califórnia, 1994.

CODERCH, Juan – **Psiquiatria dinâmica**, Editorial Herder, Barcelona, 1975.

_____ – **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. rocco, rio de janeiro, 1999.

DANTAS, Cristina Ribeiro ; JABLONSKI, Bernardo ; FÉRES-CARNEIRO, T. . **Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal**. Paidéia. Cadernos de Psicologia e Educação, Ribeirão Preto, v. 29, n. 14, p. 347-357, 2004.

DENZIN, Norman. K.; LINCOLN, Yvonna S.; DENZIN, S.– **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, California, Sage Publications. 1994.

_____ e colabs – **O planejamento da pesquisa qualitativa, teorias e abordagens**. 2ª. Edição, Bookman Artmed, Porto Alegre. 2006.

FEENEY, Judith A.; NOLLER, Pao – **Adult attachment**. Sage Publications, California, 1996.

FÈRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.) – **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

_____ & PONCIANO, E. T. – **Modelos de família e intervenção terapêutica**. Interações (Universidade São Marcos), São Paulo, v. 8, n. 16, p. 57-80, 2004.

FREUD, Sigmund – **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. in Obras Completas edição Standard, (1905), vol VII, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1972a.

_____ – **Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo**, in Obras Completas edição Standard, (1922), vol XVIII, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1972b.

GARCIA, Marcos R. Vieira et. al. “**Não podemos falhar**”: **A busca pela normalidade em famílias homoparentais**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.

LOURO, Guacira L – **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**, in Revista Estudos Feministas, vol 9, no. 2 Florianópolis, 2001.

_____ – **Um corpo estranho, ensaios sobre a teoria queer**. Ed Autêntica, Belo Horizonte, 2004.

MACEDO, Rosa M. S; KUBLIKOWSKI, Ida; GRANDESSO, Marilene – **A Interpretação em pesquisa qualitativa: a construção do significado**, In 1ª. Conferência Internacional do Brasil em Pesquisa Qualitativa, Taubaté, 2004.

MCLANAHAN, S. & TEITLER, J.– **The consequences of father absence**. In: Lamb, M. (ed.) – Parenting and Child Development in “Nontraditional” Families. USA, LEA Publishers, pp: 83-102: 1999.

MEAD, Margaret – **Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1971.

MOREIRA, Nuno – **Conjugalidade homossexual masculina** – dinâmicas de relacionamento. IV Congresso Português de Sociologia, Lisboa, 2005.

MORRIS J. F., BALSAM, K. F., & ROTHBLUM, E. D. 1 – **Lesbian and bisexual mothers and non mothers: demographics and the coming-out process.** *Journal of Family Psychology*, 16, 144-156:2001.

MOSSE, George L – **The image of man.** Oxford University Press, New York, Oxford, 1998.

NUNAN Silva, Adriana – **Homossexualidade e discriminação : o preconceito sexual internalizado;** orientador: Bernardo Jablonski. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA Daniela Bogado Bastos de - **Homoparentalidade: um novo paradigma de família.** Artigo 382 do site <http://www.ibdfam.org.br/?artigos&artigo=382> IBDFAM Instituto Brasileiro de Direito de família, consulta dia 19/02/2008

O'NEIL, J. M. & GOOD, G. E. – **Men's gender role conflict, personal reflections and overview of recent research.** *SPMSMM Bulletin*, 3 (1): 10-15:1997.

PARKER, Richard G – **Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil.** Record, Rio de Janeiro 2002.

PATTON, Michael Q.– **Qualitative research & evaluation methods**, 3rd Ed Thousand Oaks Sage Publications, New York, New Delhi, London, 2002.

PLATÃO – **O Banquete**, 1999.

POLLAK, Michael - **A homossexualidade masculina ou a felicidade do ghetto?** in Sexualidades Ocidentais, Contexto Editora Ltda, Lisboa, 1983.

PONCIANO, Edna ; FÉRES-CARNEIRO, T.1 – **Estudos sobre família e terapia de família no Brasil.** *Psicologia. Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 19, p. 252-260, 2006.

RUSSEL, Graeme – **Primary caregiving fathers**, In: Parenting and Child Development in “Nontraditional” Families, edited by Michael E Lamb, chapt 4, pp: 57-81, USA, LEA Publishers, 1999.

SPERLING, Michael B. & BERMAN, William H. – **The structure and function of adult attachment.** In: Attachment in adults: clinical and developmental perspectives.: The Guilford Press, p. 01-29, New York, 1994.

UZIEL, Anna P – **Homossexualidade e adoção.** Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.

TASKER, F. L.& GOLOMBOK, S.p – **Growing up in a lesbian family: effects on child development.** Guilford Press, New York ,1997.

VARELLA, Luiz S.; VARELLA, Irene I. S. – **Companheiros Homossexuais Perante a Previdência Social.** Edit CID, São Paulo, 2000.

VEYNE, Paul – **A homossexualidade em Roma,** in Sexualidades Ocidentais, Contexto Editora Ltda, Lisboa, 1983.

WEINBERG, George – **Society and the healthy homosexuality,** St. Martins' Press, New York, 1972.

WIZIACK, Júlio – **Abrindo o armário: encontrando uma nova maneira de amar e ser feliz,** Ed Jaboticaba, São Paulo, 2006.